

# ABELTERIVM

REVISTA ONLINE DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO  
MUNICÍPIO DE ALTER DO CHÃO

IV



NOVEMBRO | 2018

Ponte dos Mendes  
(MIP, Chancelaria, Alter do Chão)

# ABELTERIVM

VOLUME IV | NOVEMBRO | 2018

**Título:** Abelterium  
Revista Online de Arqueologia e História  
do Município de Alter do Chão

**Propriedade e Edição:** Município de Alter do Chão

**Comissão Editorial:** Jorge António  
Luís Santos  
Maria Cecília Rosalino

**Periodicidade:** Anual (Dia do Município)

**Temas:** Arqueologia e História

**Concepção Gráfica e Paginação:** Jorge António

**Contactos:** abelterium.revista@cm-alter-chao.pt  
245 610 000 / 328

**Textos:** Filomena Barata  
Tomás Vélez López  
Carlos Eduardo da Cruz Luna

**ISSN:** 2183-3052

**Nota:** Todos os direitos reservados de acordo com  
a legislação em vigor.

O Município de Alter do Chão respeita integralmente os textos originais dos autores pelo que os mesmos são da exclusiva responsabilidade dos signatários.



Editorial	5
Tânia Maria Falcão Vice-Presidente do Município de Alter do Chão	
As espécies vegetais de Miróbriga e a mitologia: referências literárias e arqueológicas	9
Filomena Barata	
Espécies animais de Miróbriga e suas referências bibliográficas e mitológicas	81
Filomena Barata	
De <i>Abelterium</i> a Alter	169
Entresijos de una evolución secular	
Tomás Vélez López	
Estado Novo e Olivença	185
Carlos Eduardo da Cruz Luna	



*“A Revista Abelterium é um dos exemplos das boas práticas culturais que o Município de Alter do Chão adotou...”*

A *Revista Abelterium* é um dos exemplos das boas práticas culturais que o Município de Alter do Chão adotou a partir de maio de 2014. Através dela os investigadores do património histórico e arqueológico podem divulgar os seus trabalhos e fazer chegá-los ao grande público. Esta iniciativa permite levar o nome de Alter do Chão e o seu património a todas as pessoas que se interessam por estas temáticas.

O Município de Alter do Chão está empenhado em valorizar o seu património histórico e arqueológico, sendo que para esta demanda, o primeiro objetivo é o reconhecimento pela nossa comunidade. Foi com este propósito que se implementou em 2017 o Clube de Arqueologia no Agrupamento de Escolas de Alter do Chão, direcionado para as crianças do 1º Ciclo.

Este Clube é um trabalho de parceria entre o Município, Agrupamento de Escolas o Museu Nacional de Arqueologia. Trata-se de um projeto que tem como principais objetivos divulgar o trabalho arqueológico realizado no Concelho, divulgar o espólio do Centro Interpretativo da Casa da Medusa e dar a conhecer todo o património arqueológico através de um conjunto de iniciativas e atividades que passam pela criação de exposições temporárias, criação de materiais didáticos, visitas orientadas, Arqueologia Experimental e Património em Família. Pretende-se assim que através do Clube de Arqueologia e das crianças participantes, a comunidade em geral, começando pelos encarregados de educação, assumam um papel de interesse, valorização e preservação ativa do património arqueológico do Concelho.

Esperamos que as nossas crianças e a restante comunidade de Alter do Chão sejam “embaixadores” da nossa região e que sintam orgulho das suas raízes e da sua história.

Esta IV Edição conta a colaboração da Dra. Filomena Barata, ex-Diretora Regional do IPPAR – Évora, arqueóloga, com vários trabalhos publicados com destaque aos dedicados à religião/mitos romanos; um artigo sobre *Abelterium/Alter*, do Professor Tomás Vélez López, ex-docente da Universidade de Sevilha e a lecionar atualmente no Instituto de Educación Secundaria Professor Tierro Gálvan (Sevilha) e ainda um trabalho de Carlos Eduardo da Cruz Luna, historiador e defensor da causa de Olivença.

A todos Boas Leituras.

Tânia Maria Falcão  
Vice-Presidente do Município de Alter do Chão







# AS ESPÉCIES VEGETAIS DE MIRÓBRIGA E A MITOLOGIA: REFERÊNCIAS LITERÁRIAS E ARQUEOLÓGICAS

Filomena Barata

(técnica superior do Museu Nacional de Arqueologia, investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, barata.filomena@gmail.com)

## RESUMO:

Pretendeu-se com este trabalho, iniciado já em 2007, a partir do levantamento efectuado pela empresa “Mãe d’Água” das espécies animais e vegetais actualmente existentes em Miróbriga e dos estudos publicados relativos a determinados achados arqueológicos florísticos e faunísticos, fazer um elenco das mesmas e das referências escritas relativas às mesmas, na literatura latina, e ainda tentar encontrar associações com as divindades romanas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Miróbriga, espécies vegetais, mitologia, referências latinas

## ABSTRACT:

The aim of this Project, initiated in 2007, was to match the archaeological inventory of the fauna and flora of Miróbriga, created by company created “Mãe d’Água”, and that of other archaeological findings in the region with references to these species in Latin scripture. In doing so, we hoped to find associations between these fauna and flora and roman divinities.

## KEY WORDS:

Miróbriga, flora, mythology, latin scriptures

*“Ó deusa, de um deus compadece-te, suplico! Só tu podes dar-me alívio nesta minha paixão, caso eu pareça digno dele. Ninguém sabe melhor que eu, ó filha do Titã, quão grande é o poder das plantas, eu que, por meio delas, mudei de forma.*

(...)

*Mas, se algum poder há nas fórmulas mágicas, uma fórmula recita nos teus lábios sacros; se forem mais potentes as ervas, lança mão do poder comprovado de uma planta eficaz”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XIV, Ed. Cotovia, 2017



Fig. 1:

Mosaico de um *Cubiculum* (quarto) da *Villa Romana* do Casale na Piazza Armerina, Sicília. Fotografia a partir de *Arqueología Romana*





Fig. 2: Fresco em habitação (zona residencial), Ruínas Romanas de Miróbriga

Fig. 3: Recolhendo frutos, mosaico do Museu do Bardo, Tunes. Datado do século III. Imagem de legenda a partir de Ermitiella: <https://www.facebook.com/384147545051594/photos/a.387593661373649.1073741828.384147545051594/679584132174599/?type=1&theater>



*“Foi ela que deu o germe das plantas e das árvores, foi ela que reuniu nos laços da sociedade os primeiros homens, espíritos ferozes e bárbaros, foi ela que ensinou a cada ser a unir-se a uma companheira. Foi ela que nos proporcionou as inúmeras espécies de aves e a multiplicação dos rebanhos. O carneiro furioso luta, às chifradas, com o carneiro. Mas teme ferir a ovelha. O touro cujos longos mugidos faziam ecoar os vales e os bosques abandona a ferocidade, quando vê a novilha. O mesmo poder sustenta tudo quanto vive sob os amplos mares e povoa as águas de peixes sem conta. Vénus foi a primeira em despojar os homens do aspecto feroz que lhes era peculiar. Dela foi que nos vieram o atavio e o cuidado do próprio corpo”.*

Ovídio, *Metamorfoses*

*“Observar as famosas ervas que nossa mãe terra Tellus produz apenas para medicamentos enche-me de admiração pelo bom senso dos nossos pais, que não deixaram nada inexplorado, nada por experimentar, e, portanto, descobriram coisas que beneficiam os seus descendentes.”*

Plínio, *História Natural*, XXV, 1

Desenhos utilizados neste texto: Marcos Oliveira.

Ao Marcos Oliveira agradeço a cedência dos restantes, para efeito de publicação. A todos que comigo partilharam de trabalhos em Miróbriga.

Aos que me animaram a continuar esta recolha o meu agradecimento.

Pretendeu-se com este trabalho, iniciado já em 2007, a partir do levantamento efectuado pela empresa “Mãe d’Água” das espécies animais e vegetais actualmente existentes em Miróbriga e dos estudos publicados relativos a determinados achados arqueológicos florísticos e faunísticos, fazer um elenco das referências escritas relativas às mesmas, na literatura latina, e ainda tentar

encontrar associações com as divindades romanas. Pese o trabalho ainda não se poder dar por concluído, pois muito vasta é a tarefa e inúmeras são as referências e infundável o mundo de saberes, não posso deixar de o partilhar, na esperança que, todos os dias, o venha, doravante, continuar.

Partimos do princípio que a Mitologia, essa narrativa que atravessa o Tempo milenar, revelando-nos crenças; histórias; saberes; divindades, e, através delas, é também um sistema ecológico único em que Deuses, Homem e Natureza se abraçam. De uma forma quase natural, na senda das referências bibliográficas, nos fomos também acercando gradualmente aos atributos medicinais das espécies vegetais, conhecidos desde épocas remotas, ao qual dedicámos já uma publicação e que aqui, pontualmente, referiremos.

Também as espécies vegetais e os óleos obtidos a partir deles foram fundamentais para os perfumes que o Mediterrâneo Oriental conhece desde remotas épocas, a partir da Idade do Bronze, e que nos deixou testemunho arqueológico.

Roma vem fazer da arte da perfumaria um comércio alargado com fragâncias de todas as partes do Império.

No que respeita a este aspecto, remeteremos para a consulta de um trabalho fundamental, “Le corps Soins, rituels et symboles” de Christian Malet.

Entre um número vasto de escritores que nos descrevem espécies vegetais e características destacaremos alguns que marcaram sobremaneira o decurso deste trabalho: Virgílio nas suas *Geórgicas* e *Bucólicas*; Plínio, no que se refere ao espaço geográfico da Lusitânia, tratado por Amílcar Guerra; Ovídio e as suas *Metamorfoses*, onde deuses e natureza se mesclam





Fig. 4: Madresilva, Miróbriga. Desenho Marcos Oliveira

de forma inseparável e Apício, apresentando-nos alimentos, modos de fabrico e qualidades nutritivas e medicinais dos mesmos.

A ideia de o fazer não surgiu isolada, mas no contexto do estudo acima referido da fauna e flora de Miróbriga, e não posso assim deixar de apresentar, em primeiro lugar, o conceito que o precedeu, tanto mais que a primeira parte do que aqui se agora publica teve como base um trabalho efectuado por dois autores, designadamente: Maria Filomena Barata<sup>1</sup>, Renato Neves<sup>2</sup>, sob o título “Miróbriga: Uma Nova Maneira de Olhar o Património<sup>3</sup>”.



Fig. 5: Papoila em Miróbriga, onde na Primavera se pode ver as ruínas repletas desta flor

<sup>1</sup> Responsável pelo Programa de Valorização de Miróbriga até 2008. Actualmente Técnica Superior do Museu Nacional de Arqueologia.

<sup>2</sup> Responsável pela coordenação do estudo da fauna e da flora de Miróbriga, através da empresa Mãe d’Água.

<sup>3</sup> O estudo da fauna e da flora foi iniciado em 1998, pela empresa *Topiaris*, a expensas do IPPAR, entidade a que estava afecto o Sítio Arqueológico de Miróbriga. Para a sua execução contaram os signatários com a colaboração do arquitecto paisagista Mário Fortes, da D.R. Lisboa do ex-IPPAR.





Fig. 6: Fotografia aérea de Miróbriga. Filomena Barata, 1995



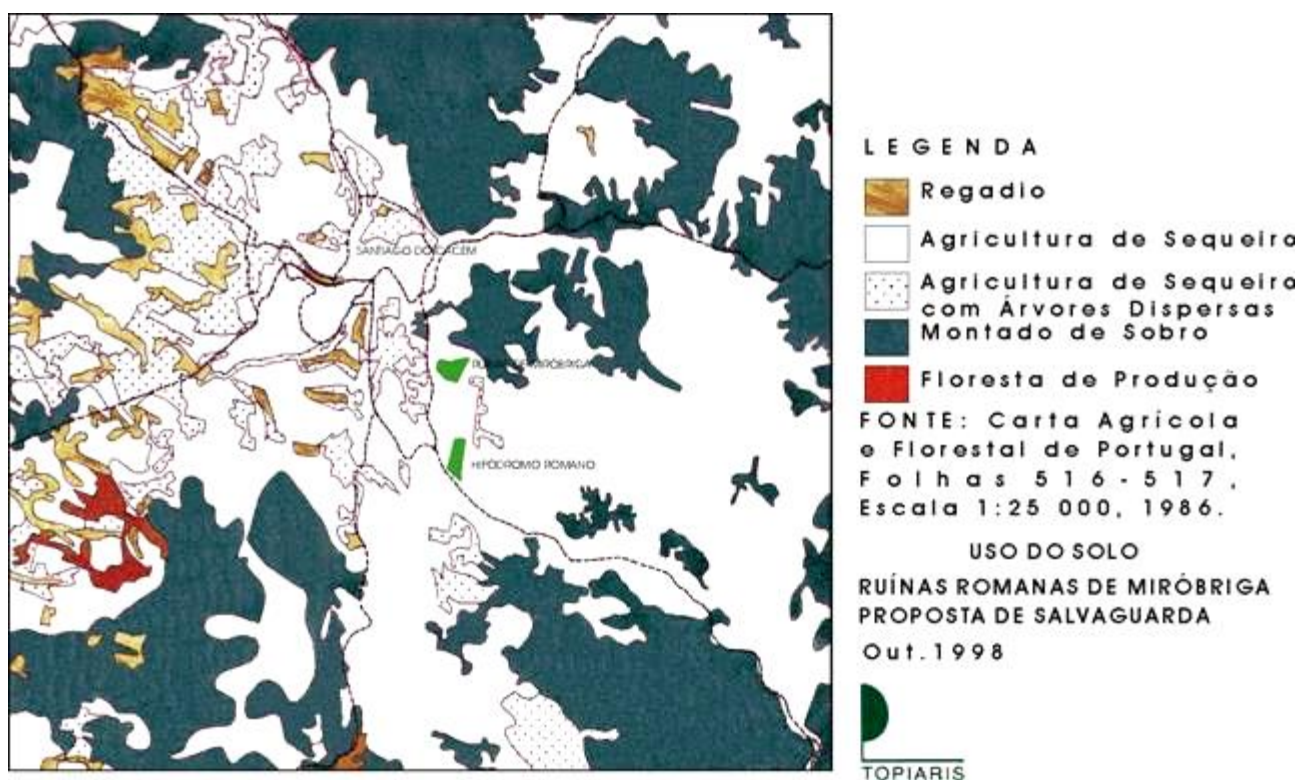
Fig. 7: Estudo de Impacto Visual de Miróbriga, efectuado na sequência do levantamento da Fauna e Flora. Empresa Mãe d'Água

“Conscientes de que umas ruínas devem, para além do seu intrínseco valor científico e patrimonial, como testemunhos do Passado, assumir, no Presente, uma estreita relação com o meio e o ambiente onde se inserem, decidiram os autores deste trabalho promover um conjunto de estudos que pretendem realçar a importância paisagística e paleo-ambiental de um Sítio Arqueológico com as características de Miróbriga. Isto porque, pese o reconhecido valor de um bem cultural como é Miróbriga, é fundamental não encarar hoje esses vestígios arqueológicos como meros “fetiches da memória” ou apenas como um objecto passível de estudo por parte de um grupo de especialistas, que será posteriormente musealizado ou museografado, mas também como um local de silêncio, de lazer, de bem-estar, onde a paisagem, também ela humanizada, nos murmure a relação estreita que sempre existiu entre o Homem e a Natureza. Temos presente que essa íntima relação sofreu grandes ameaças, - podendo-se quase falar de ruptura, como bem o

demonstraram alguns dos desastres ecológicos a que assistimos - devido ao acelerado crescimento demográfico e económico a que, desde o século passado, se assistiu. Assentando o seu desenvolvimento na consolidação de uma forte produção industrial com o conseqüente exacerbado consumo de bens, colaborou no esgotamento de muitos dos recursos naturais.

Por outro lado, as perturbações políticas, sociais e ideológicas que atravessaram todo o século XX contribuíram também para uma instabilidade galopante, tão, ou mesmo mais, intensa do que o bem-estar produzido pela democratização dos valores ou dos bens de consumo. Isto porque, nem qualquer dos regimes políticos conhecidos, nem os novos avanços tecnológicos conseguiram ainda resolver totalmente duas questões fundamentais: a partilha mais equitativa dos recursos e um crescimento mais concertado, que permita uma convivência mais harmoniosa entre os seres orgânicos ou inorgânicos que partilham a vida na Terra.

Fig. 8: Estudo de impacto visual da zona envolvente de Miróbriga. Proposta de Salvaguarda. Empresa Topiariis





É assim que o Passado, a História e, portanto, o Património Cultural e Ambiental se tornaram como que uma espécie de “valor vital”, com uma importância imprescindível para o equilíbrio de uma sociedade em permanente mutação. Desde sempre, é óbvio que sim, o Homem interferiu na Natureza.

A cidade romana de Miróbriga e o aglomerado pré-romano que a precedeu são disso um exemplo. Do xisto e no xisto os Homens proto-históricos construíram um povoado fortificado, erguendo muralhas. Dentro dos seus muros edificaram casas, aproveitando as pedras que havia nas zonas limítrofes. Em época



Fig. 9: Vista geral dos Balneários de Miróbriga

É aliás essa intervenção que o distingue dos outros animais, moldando a Cultura. O desenvolvimento das sociedades alterou em muito os ecossistemas outrora implantados, originando aquilo a que se pode chamar o “Ecossistema Humano”. Só que esse processo viveu durante milénios de um maior equilíbrio entre os Homens e as regiões onde habitavam, pois constituía a base da sua sobrevivência, embora se possam ainda reconhecer na paisagem actual marcas dessa herança milenar.

posterior, os Romanos ocuparam esse mesmo local, tornando-se incomparavelmente maior a área edificada. Cortando e aplanando a rocha edificaram patamares artificiais sobre os quais se construiu uma cidade em socacos. Na zona mais baixa, e aproveitando possivelmente os recursos hídricos, implantaram uns balneários para homens e mulheres, pois os artefactos encontrados assim permitem pensar. Estruturaram bairros onde os habitantes viviam e as zonas comerciais onde se transacionavam os

produtos. Intervieram e transformaram o território envolvente, fomentando uma produção agrícola mais intensiva e introduzindo novas espécies. Desenvolveu-se o cultivo das oliveiras, cuja descoberta os Romanos, alterando a versão do mito grego, atribuem à deusa Minerva, das árvores de fruto e da vinha. À volta de Miróbriga, cujos vestígios dispersos ocupam uma área de aproximadamente 10ha, instalaram-se casas agrícolas, mantendo uma exploração agrícola que se pode assemelhar à de uma pequena *uilla* romana.

Desenvolveu-se a exploração mineira e a actividade metalúrgica, como se pode comprovar da concentração de escória de ferro em quase todo o aglomerado urbano. De Miróbriga ou da sua vida nos falam agora os seus vestígios arqueológicos, as suas construções arruinadas, os textos gravados em inscrições e ainda algumas possíveis reminiscências na paisagem que a envolve. Mas cada uma das suas pedras, cada fragmento de telhado, um pequeno objecto cerâmico ou metálico, cada pássaro que canta empoleirado nos seus muros derruídos ou nas árvores, cada serpente que se esconde ou aranha que partilha dos seus recantos ou a vegetação que aí foi crescendo é mais um testemunho que contribui para melhor conhecer o aglomerado urbano, bem como a dinâmica que se gerou em seu redor, ao longo dos séculos, após o seu abandono. É, portanto, partindo do princípio que todos esses vestígios patrimoniais poderão contribuir, por um lado, para a sobrevivência das memórias e, por outro, colaborar na vivificação das paisagens humanizadas e na recriação/requalificação dos espaços e dos ambientes em que se inserem, que tentaremos que Miróbriga assuma uma outra dinâmica. Neste sentido, e inserido num conjunto mais vasto de acções que têm em vista a valorização do Sítio Arqueológico, realizou-se um estudo detalhado da fauna e flora que incluiu, numa primeira fase, a inventariação das espécies presentes e a sua relação com a área actualmente propriedade do Estado Português.

Este estudo pretendia identificar eventuais pontos de conflito entre os trabalhos arqueológicos, a gestão do sítio e as espécies presentes, salvaguardando os locais de ocorrência, abrigo ou criação. Por outro lado, esta inventariação possibilita que, pelo menos ao nível das espécies mais facilmente observáveis, seja viável disponibilizar meios informativos que divulguem a temática ambiental de uma forma directa, tendo sido para o efeito produzidas ilustrações e textos de divulgação que, no futuro, apoiarão os visitantes no local. Durante os trabalhos verificou-se uma diversidade faunística notável do sítio, particularmente ao nível das aves, que beneficiam da existência e interpenetração de ambientes diversificados, pertencentes ao domínio do montado, prados, horta, silvados e meio saxícola constituído pelas estruturas rochosas das ruínas. Sendo a paisagem envolvente a Miróbriga o resultado de uma longa intervenção humana, o estudo não poderia deixar também de abordar a sua evolução histórica, bem como algumas das suas consequências, cujos exemplos mais eloquentes serão o desaparecimento do lobo, na alvorada do nosso século, e a presença reliquial do lince nos dias de hoje, cuja sobrevivência é duvidosa. Deste modo, o visitante ao dominar a paisagem do alto da colina do *forum* tomará também consciência que, dos fundadores da Cidade Antiga até si, grandes transformações atravessaram o Sítio, e que actualmente, mais do que nunca, é necessário olhar os recursos naturais como um bem colectivo. O estudo contribuirá ainda para apoiar a elaboração de propostas de promoção da biodiversidade no local, com o recurso à reconversão da área hortícola actualmente abandonada, para a qual se prevê a recuperação das estruturas de rega tradicionais, bem como o plantio de árvores de fruto típicas das áreas adjacentes aos Montes e Casais da Serra e Charneca de Grândola, as quais constituem um recurso alimentar importante para as comunidades de aves frugíferas e micromamíferos.

Paralelamente, foi efectuado um levantamento bibliográfico dos autores latinos que se referiam a espécies animais e vegetais com características das que actualmente sobrevivem no território de Miróbriga, bem como das divindades greco-latinas que tinham como atributo algumas dessas entidades naturais e/ou na história mitológica relações íntimas com elas.

Está também em curso um levantamento comparativo dos materiais arqueológicos encontrados em território nacional, em cuja iconografia se encontram representadas essas espécies. Assim se conhecerá algumas das raízes insuspeitas que nos ligam ao Mundo Antigo: os Mochos (*Athene noctua*) que se abrigam nas oliveiras de Miróbriga foram o símbolo da deusa Atena, divindade da inteligência ponderada, introdutora da oliveira na Grécia Antiga, árvore da paz, que simboliza o triunfo da Civilização. A

Cobra que gozou o sol sobre a ara de Esculápio encontrada em Miróbriga e que era símbolo dessa mesma divindade, o patrono da Medicina; o touro, representado num silhar de uma das tabernas de Miróbriga, que nos fala de um poder fertilizante milenar que os romanos tão bem souberam adaptar às exigências de uma nova civilização, cuja ideologia imperial necessitava de símbolos eternos. Cremos que numa perspectiva regional seria de todo o interesse transportar o exemplo de Miróbriga para outros sítios.

*“Observar as famosas ervas que nossa mãe terra Tellus produz apenas para medicamentos enche-me de admiração pelo bom senso dos nossos pais, que não deixaram nada inexplorado, nada por experimentar, e, portanto descobriram coisas que beneficiam os seus descendentes.”*

Plínio, *História Natural*, XXV, 1

Fig. 10: Pintura con flores, casa de Livia en Prima Porta, Museo Nacional de Roma. *Hortus*, hierbas y frutas en el jardín romano





## A Natureza

Entre os muitos deuses da Natureza, temos o mundo das divindades da Floresta, dos Faunos, dos Sátiros, de Dioniso/Baco, das Bacantes, das Ninfas, de Pomona, também uma ninfa dos bosques que protegendo os jardins e as árvores de fruto, foi amada por Vertumno, como Ovídio tão bem nos descreve nas suas *Metamorfoses*, Livro XIX. Mas também a miríade de deidades dos bosques, das montanhas, dos mares, das propriedades agrícolas e dos ciclos do ano; de Fauno e Fauna; de Flora; de Pã e de Silvano, esse deus de origem itálica que em si reúne a natureza animal e vegetal.

Nesta primeira parte do trabalho, vamos dedicar-nos à Flora, existindo uma segunda parte, cuja edição nos dedicaremos de seguida, dedicada à Fauna.

É a todas estas divindades associadas à Natureza que nos dedicaremos, certos não conseguiremos fazer neste trabalho senão uma pequena abordagem, e usemos, assim, como desabafo as palavras de Santo Agostinho na sua *Cidade de Deus*, “não enumero a todos porque me aborrece”:

*“Acharam que nem sequer deviam  
confiar a  
um só deus os trabalhos de campo mas  
entregaram os  
plainos à deusa Rusina (ms — campo),  
os cumes (juga) dos  
montes a Jugatino, as encostas (collis) à  
deusa Collatina, os  
vales a Valónia. Nem mesmo puderam  
reservar só para*



Fig. 11: Gema representando Ceres. Museu de Vila Viçosa (Fotografia gentilmente cedida por Graça Cravinho)



Fig. 12: Flora. Divindade itálica. Flora ou a Primavera. Fresco, Século I. d. C. Castellammare di Stabia (Stabiae). Museo Archeologico Nazionale, Nápoles

*Segetia as ceifas (segetes) — mas puseram a deusa Seia a presidir às sementes, enquanto estão debaixo da terra; a deusa Segetia, quando já estão acima da terra até à ceifa; a deusa Tutilina, à conservação do grão colhido e recolhido para se conservar em segurança (tuta). A quem é que não pareceria suficiente aquela Segetia a todo o desenvolvimento da messe desde que nasce até que a espiga amadureça? Tal não bastou porém a homens amantes de uma multidão de deuses — e assim prostituíram a sua mísera alma à turba de demónios, desprezando o casto abraço do único Deus verdadeiro. Puseram por isso Prosérpina a presidir à germinação do trigo, o deus Nóduto aos gomos e nós (nodus) dos caules, a deusa Volutina ao involtório das folhas; a deusa Patelana à abertura dos folículos para que a espiga passe; a deusa Hostilina, quando as espigas vão igualando suas barbas, pois os antigos para “igualar” (aequare) usavam o verbo hostire; a deusa Flora à floração do trigo; o deus Lactumus quando está leitoso; a deusa Matuta à maturação; a deusa Runcina quando se arrancam (iruncare), isto é, quando o levam da terra. E não enumero a todos porque me aborrece o que a eles não causa vergonha”.*

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro IV, Capítulo VIII

*“Julgam que na própria terra uma coisa é a Terra, outra Telure outra Telumão e que cada um destes deuses tem os seus próprios nomes, distingue-se pelas suas funções e é venerado em altares e com ritos próprios.*

*A esta mesma Terra chamam também a mãe dos deuses, e assim já as ficções dos poetas se tomam mais toleráveis, pois não é nos seus poemas mas nos livros sagrados que é chamada não só a “irmã e esposa” mas também a mãe de Júpiter. Querem ainda que a mesma Terra seja Ceres e também Vesta. Mas é frequente apresentarem*

*Vesta como o fogo dos lares, sem o qual a cidade não poderia existir. E por isso eram virgens que costumavam consagrar ao seu serviço, porque, assim como nada nasce do fogo, também nada nasce de uma virgem”.*

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro IV, Capítulo X



Fig. 13: Verão fazendo-se representar como Deméter/Ceres. Palácio Nacional de Queluz

Artemisa/Diana era a deusa virgem da mitologia grego-latina. Era a padroeira dos animais selvagens e da caça, dos bosques e da natureza em geral. Protegia também a



maternidade e a saúde das mulheres. Artemisa/Diana era também a deusa da Lua. Filha de Júpiter-Zeus e de Latona e irmã gémea de Apolo que os tempos quiseram associar fundamentalmente à lua e à magia, bem como aos animais selvagens, à virgindade, e às parturientes.

Era representada geralmente como uma caçadora levando um arco e flechas. O cervo e o cipreste estavam-lhe consagrados, mas ainda a papoila que também simbolizava Perséfone/Prosérpina e Deméter/Ceres.

Ao que diz a Mitologia, numa das suas aventuras, Artemisa/Diana transformou em cervo o caçador Acteão, porque a viu nua enquanto

tomava banho.

Distante do amor era esta caçadora infatigável, sendo cultuada em templos rústicos nas florestas, onde lhe eram oferecidos sacrifícios.

Irmã gémea de Apolo, obteve do pai permissão para não se casar e manter-se sempre casta. O pai dos deuses forneceu-lhe um séquito de sessenta oceânides e vinte ninfas que, como ela, renunciaram ao casamento.

Diana, homóloga latina da deusa grega Artemisa, absorveu também a identificação de Artemisa com Selene (Lua) e Hécate (ou Trívia), de que derivou a caracterização “*triformis dea*” (“deusa de três formas”), como era referida na



Fig. 14: Mosaico proveniente de um *Triclinium* da Villa Adriano no Aventino. Costuma denominar-se este tema como “chão sem varrer”. Atente-se, para além dos alimentos que espelham uma casa farta, o pormenor do ratinho e da noz. Museu do Vaticano





Fig. 15: Mosaico proveniente de um *Triclinium* da Villa Adriano no Aventino. Costuma denominar-se este tema como “chão sem varrer”. Atente-se, para além dos alimentos que espelham uma casa farta, o pormenor do ratinho e da noz. Museu do Vaticano

literatura. Um dos seus santuários, o mais famoso, localizava-se no bosque junto ao lago Nemi, perto de Arícia.

Também o cão era seu símbolo, mas a eles nos dedicaremos no artigo dedicado à Flora que aqui se publica.

Artemisa recorda-nos ainda a célebre noqueira que, de acordo com Plínio, teria sido introduzida em Itália vinda da Pérsia, remetendo-nos para a importância que a noz teve na alimentação da Antiguidade, especialmente através do seu óleo, já não falando da dimensão

medicinal que Dioscórides lhe atribui, contra os venenos, provocando o vômito, ou contra as gangrenas.

Do ponto de vista simbólico representa a profecia, uma vez que Artemisa - que tinha o dom da clarividência - foi transformada numa noqueira.

A sua importância atravessou os séculos e na iconografias cristã a noqueira simboliza Cristo, cuja casca representaria a sua carne, a madeira a cruz em que foi imolado e o seu interior o seu mistério sagrado.



Fig. 16: Lucerna com representação da deusa Diana. Villa romana de Freiria, Cascais (Fotografia: Guilherme Cardoso)

Existem inúmeras representações de Artemisa Diana e, em Santa Bárbara, Castro Verde, recolheram-se seis exemplares de lucernas com a sua iconografia (MAIA, 1997, 46).

Entre as divindades da Natureza, recordemos ainda *Bona Dea*, relacionada com fertilidade feminina. Associada à cura, muitos pacientes eram tratados no seu templo com ervas medicinais. Era venerada com grande fervor quer por plebeus, escravos, libertos e mulheres. Invocavam-na para pedir saúde e libertação da escravatura. As mulheres pediam fertilidade.

O seu culto era muito antigo e incluía ritos reservados exclusivamente às mulheres. A divindade era adorada num templo no Monte Aventino, mas os ritos secretos em sua honra praticam-se num local indicado por um magistrado, na sua própria casa, a 4 de Dezembro. Eram dirigidos pela mulher do magistrado, ajudada pelas virgens vestais, sendo proibida a

participação dos homens, nem se permitiam pinturas com figuras masculinas, fossem humanas ou animais. A habitação deveria ser ornamentada com flores e plantas, excluindo-se a o mirto, já que, segundo a mitologia, *Bona Dea* havia sido golpeada até à morte por Fauno com um ramo de mirto, por teu ousado beber vinho.

A cerimónia é mal conhecida, mas sabe-se que está relacionada com a Agricultura.

Virgílio na sua obra didáctica sobre a agricultura, *As Geórgicas* que é um elogio da vida campestre, símbolo da paz e da serenidade que se instala com a "*Pax Romana*" com o imperador Augusto que reconciliou Roma a vida agrícola e a história dos seus antepassados, inicia o seu Livro I do seguinte modo:

*"CANTAREI, doravante, o que leva a abundância às terras lavradas; sob que astro convém, ó Mecenas, revirar a terra e casar a vinha com o ulmeiro; que cuidados cumpre dispensar aos bois; que tarefas requer a formação de um rebanho; e que saber exige a criação das industriosas abelhas. Vós, ó brilhantes luminares do Mundo, que guiais nos céus a marcha do ano; vós Baco e alma Ceres, por cuja mercê à lande Caónia sucedeu a pingue espiga e se misturou o sumo das uvas com a água Aquelóia; vós também Faunos, protectores sempre vigilantes da grei rural, avançai, e convosco as virgens Driades: eu canto os vossos dons! E tu, Neptuno, a cuja ordem a terra, golpeada pela vez primeira com o teu magno tridente, lançou do seio o fremente corcel! E tu, habitante dos bosques, em honra de quem trezentos novilhos brancos como a neve tosam as fartas devezas de Ceos! E tu, Pan, guardião dos rebanhos, que com tanto carinho olhas para o teu Ménalo, favorece-me, ó Tegeu! Tu, Minerva, que nos deste a oliveira; tu, moço inventor do curvo arado; tu Silvano, que usas em guisa de cajado um tenro cipreste arrancado com as raízes! E vós todos, deuses e deusas a quem cabe o cuidado de proteger os campos, que alimentais as plantas que o homem não semeou, e*

derramais do céu, sobre as que ele cultivava, a chuva benfazeja.

(...)

Quando renasce a Primavera, e frios regatos correm das montanhas cobertas de neve, e o Zéfiro desagrega as leivas, é chegada a ocasião dos bois começarem a gemer sob o peso do arado tanchando a fundo, e de rebrilhar ao sol a relha desgastada pelo roçar nos sulcos.

(...)

Mãos à obra, portanto! Comecem os teus robustos bois, desde o primeiro dia do mês, a revolver a terra feraz, para que o poeirento Verão recoza com raios ardentos de sol as glebas que se lhe oferecem;

(...)

O pai dos deuses, o próprio Jove, determinou que fosse árduo o cultivo das terras, pela primeira vez as mandou fabricar obedecendo a uma arte, e aguilhoou com preocupações o coração dos mortais, não consentindo que os seus domínios entorpecessem numa pesada modorra. Antes do reinado de Júpiter não havia agricultores em luta com os campos; não era permitido dividir a terra, e assinalar extremas; os homens buscavam o proveito para o bem comum, e o próprio solo produzia mais liberalmente, sem nada se lhe solicitar. Foi Júpiter que deu às negras serpentes o veneno maléfico, quem mandou que os lobos fossem depredadores, quem ordenou que o mar se agitasse, quem, sacudindo as folhas, fez cair delas o mel; quem retirou aos homens o fogo, e estancou os vinhos que corriam. Tudo para que o homem, à força de experiência e constante exercício, forjasse pouco a pouco as várias artes, alcançasse, abrindo sulcos, as messes de trigo, e fizesse brotar das veias da pedra o fogo que se lhe havia ocultado.

(...)

Foi Ceres quem primeiro ensinou os mortais a revirar a terra com o ferro, quando já lhes faltava as landes, e Dodona recusava o alimento fácil”.

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro I, Ed. Sá da Costa, 1948

“CANTEI! até aqui, o amanhã dos campos e os astros do céu; cantar-te-ei a ti, Baco, e contigo as

árvores silvestres e a prole da oliveira, lenta no crescer. Vem, ó pae Leneu! Tudo aqui está cheio dos teus dons; em tua honra floresce o campo, carregado de pântanos outonais, e a vindima espuma nos lagares atestados. Vem ó pae Leneu! Descalça os coturnos e tinge comigo as pernas nuas no mosto novo! Antes de mais nada, direi que a natureza varia quanto modo por que cria as árvores. Na verdade, umas, sem intervenção humana, nascem espontaneamente, e cobrem ao longe os campos e as margens sinuosas dos rios, como o vime flexível, a branda giesta, o choupo, e os salgueiros brancos, coroados de verde folhagem; outros brotam da semente colocada pela mão do homem, como os altos castanheiros, o roble, que, sobranceiro às mais árvores, se veste de folhas em honra de Júpiter, e as carvalheiras que serviam de oráculos aos Gregos; a outras rebenta da raiz densa mata de pôlas, como sucede às gingeiras e aos ulmeiros, e também ao loureiro do Parnaso, que, pequeno ainda, se desapega da vasta sombra da mãe. Tais são os meios por que a natureza forma primitivamente as árvores: destarte verdeja toda a raça que povoa as florestas, os matagais de arbustos e os sagrados bosques”

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro II, Ed. Sá da Costa, 1948

Deméter era na Mitologia Grega filha de Crono e de Reia, segundo Hesíodo, assumindo-se como Ops, Vesta, ou Cibele, noutras versões do mesmo mito.

Assim nos refere Hesíodo que Zeus

“depois ocupou também o leito de Deméter criadora, que gerou Perséfone de alvos braços, que Hades arrebatou de junto de sua mãe; mas o prudente Zeus concedeu-lha”

Hesíodo, *Teogonia*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2014

Deméter e a sua homóloga latina Ceres é a deusa da agricultura e das colheitas. Ensinou aos



homens a arte de cultivar a terra, de semear, de fazer a colheita do trigo, e com ele fabricar o pão.

Ceres surge em Roma, a par de Perséfone/Prosérpina e Dioniso/Baco, por volta do século V a. C., sendo-lhe conferidos amplos poderes: deusa da Terra, a “Deusa-Mãe”, da Natureza, protectora das mulheres e dos partos, e do amor maternal.

Dá-nos conta Eurípedes, no século V a. C. que *“Existem duas divindades (...) que ocupam o primeiro lugar no meio dos homens. Uma é a deusa Demetra ou Terra, seja qual for o nome que lhe deres, pois ela sustenta os mortais com alimentos sólidos. A outra divindade vem competir com esta e é o filho de Sémele. Ele descobriu uma bebida, o sumo de uva, e introduziu-a no meio dos mortais para libertar os infelizes humanos dos seus padecimentos, embriagando-nos com o néctar da videira. O seu presente é o sono, o esquecimento dos males de cada dia e não há outro remédio para as penas humanas. Ele, que é deus, oferece-se nas libações aos deuses; a ele, portanto, devem os homens todos os bens”*.

Eurípedes, *Bacantes*, Clássicos Inquérito, Edição nº 16



Fig. 17: Relevo de Terracota com representação de Ceres. Século I d.C. Museu Kircheriano. Roma

Fig. 18: Cornalina alaranjada com representação de Ceres - *Fides Publica* ou *Fides Augusti*, “divindade segurando espigas e um prato com frutas (...) que talvez simbolizasse a fé dos cidadãos na actividade



do Imperador é, no fundo, uma personificação de símbolos agrícolas". Séculos II-III (CRAVINHO, 2015, Espólio Funerário da Ammaia, a Joalharia, p. 105)

Segundo a Mitologia, Perséfone/Prosérpina, filha de Deméter/Ceres e de Zeus/Júpiter, era uma das mais belas deusas e seduziu Hades-Plutão, senhor dos mortos e do submundo.

Deméter-Ceres não queria essa união, mas, um dia, Perséfone/Prosérpina, que estava colhendo flores do campo, narcisos ou lírios, ou mesmo violetas segundo a versão do mito de Claudiano, ao tomar conhecimento do rapto, deixou de cuidar das plantações, originando a fome.

Zeus/Júpiter, que havia permitido o rapto do seu irmão Hades-Plutão, resolveu o impasse, determinando que Perséfone vivesse uma parte do ano com sua mãe e outra parte com Hades no inferno.

Os *Ludi Cerialis* ou *Cerealia* festividades em honra de Ceres foram instituídos, na altura do equinócio da Primavera, e homenageava-se assim a Fertilidade e o renascer da Natureza.

Durante *Ludi Cerialis* mulheres vestidas de branco com tochas acesas simulavam a procura de Prosérpina.

O regresso de Prosérpina à Terra marcava, assim, o início da Primavera e o regresso das plantas e da vida à terra.

*"E o Zéfiro sacode as asas de um novo néctar impregnadas e fecunda a terra com um fértil rocío. Para onde quer que voe segue-o o rubor primaveril. Toda a terra rebenta em ervas, e a abóbada celeste descobre-se num sereno céu aberto. Pinta as rosas com sanguíneo esplendor, veste de negro os mirtilos e pinta as violetas com uma aprazível cor escura".*

Claudiano, *O Rapto de Prosérpina*, Clássicos Inquérito, 1991

Os mistérios de Elêusis eram os grandes ritos de iniciação ao culto centrado nas deusas agrícolas Deméter/Ceres e Perséfone/Prosérpina,

que presidiam aos pequenos e aos grandes mistérios.

Na Grécia Antiga, celebravam-se em Elêusis, localidade próxima de Atenas, sendo considerados os de maior importância entre os que se celebravam na Antiguidade.

Neles se reflete o culto da Grande Mãe, trazido do Egito através de Ísis.

Estes mitos e mistérios de Ísis foram adoptados pelo Império Romano e tiveram uma grande expansão atingindo os pontos mais distantes do império e penetrando profundamente em todas as classes sociais, desde o próprio imperador, às elites, como o demonstram a presença de templos privados dedicadas ao culto de Isis nas propriedades aristocráticas, em Pompeia e diversas cidades romanas.

Mas, sabe-se que também era cultuada entre os escravos.

O culto mistérico de Ísis, no qual o escritor Apuleio parece ter sido iniciado, alcançou seu esplendor na época dos Imperadores Antoninos e Severos, passando a integrar a ideologia dominante, conhecendo-se, no século II d. C., entre seus adeptos, magistrados, funcionários imperiais e outros representantes do poder público.

Os ritos, realizados à noite, e as crenças eram guardados em segredo, só transmitidos a novos iniciados, ou neófitos.

Ísis assim nos é retratada por Apuleio, no seu "Asno de Ouro":

*"Uma coroa multiforme de diversas flores lhe cingia o alto da cabeça e, no meio dela sobre a fronte, um disco plano, à maneira de espelho (...); dos lados direito e esquerdo, víboras entoadas a cingem com suas roscas, e por cima se estendem também espigas de cereais. Seu*



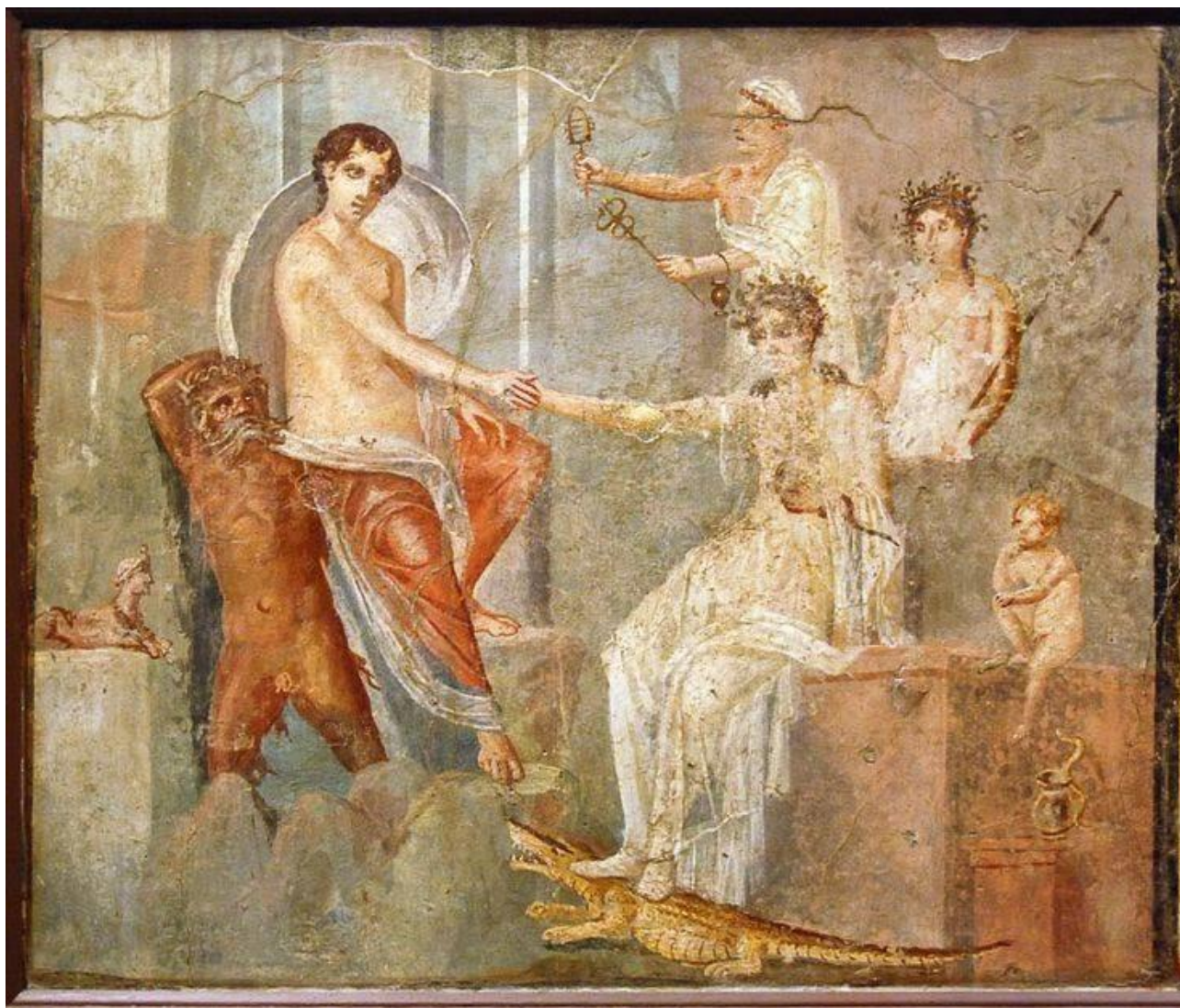


Fig. 19: Na imagem: Fresco da Casa de Ísis e Io, Pompeia, Fotografia a partir de: [https://domus-romana.blogspot.com/2015\\_02\\_01\\_archive.html](https://domus-romana.blogspot.com/2015_02_01_archive.html)

*vestido era de muitas cores e tecido do mais fino linho (...). Pela orla bordada do manto e por toda a sua superfície cintilavam estrelas dispersas, e no meio delas a Lua dardejava seus chamantes fogos. Também por toda a borda deste insigne manto corria, aplicada com inseparável união, uma grinalda construída de todas as flores e de todos os frutos”*

Apuleio, *Asno de Ouro*, Publicações Europa-América, p. 221

Também a associação de figuras femininas com as coroas de flores remonta à mais remota Antiguidade, sendo Ísis representada com elas.

Sabemos que no Egito, Ísis, era também a protectora da Natureza, da Maternidade e da Fertilidade, tendo o hibisco, conhecido como o “Mimo de Vénus”, como seu símbolo.

Era cultuada como exemplo da mãe e da esposa ideais, e integrava a magia entre os seus atributos. Era ainda defensora dos escravos, pescadores, artesãos e dos oprimidos em geral, mas também lhe eram também devotadas as preces dos opulentos, das donzelas, aristocratas e governantes.

O culto desta divindade egípcia está atestado na Hispânia, no anfiteatro romano de Itálica (Santiponce, Sevilla), em *Clunia* (Peñalba de Castro), em *Baelo Claudia* e em Molinete de Cartagena.

Também no Santuário de Panóias se confirma o culto à dupla Serápis e Ísis. Em *Baelo Claudia* e Cartagena identificaram-se templos dedicados a Ísis. Ainda em Itálica há placas com os pés de Ísis, hoje pertencentes ao acervo do Museu Arqueológico de Sevilha. Em *Clunia* existe uma estátua da deusa, que actualmente pertence ao Museu de Burgos.

De Mérida pertence um belíssimo exemplar com a representação de Ísis, actualmente no Museo Arqueológico Nacional, Madrid.

Recordemos novamente o que nos diz Apuleio, na sua obra “Burro de Ouro” (ed. Estampa, 1978), sobre o sincretismo de muitas divindades ligadas à Natureza, onde se identifica uma prece do asno que suplica à Lua “resplandecente de admirável brilho, emergindo então das ondas do mar”, apelando a atributos que lhe foram conferidos ao longo dos tempos:

*“Rainha dos céus, ou tu sejas Ceres criadora, primeira mão dos frutos, que alegre com o achado da filha removeste o alimento da antiga bolota própria das feras, e ensinaste uma comida mais suave, e agora habitas o terreno de Elêusis; ou tu sejas a celeste Vénus, que na primeira origem das cousas ajuntaste os diferentes sexos gerando amor, e propagaste a espécie humana de eterna descendência (...) que, favorecendo o parto das mulheres com brandos remédios, tens dado à luz tantos povos e agora és venerada nos sumptuosos templos de Éfeso; ou tu sejas Prosérpina, horrível pelos uivos nocturnos, que reprimes com a triforme face os ímpetos dos espectros, e encerras os arcanos da terra e, vagueando por diversos bosques, és aplacada com diferentes modos de culto: tu que alumias os muros de todas as cidades com a tua feminina luz, que crias as alegres sementes com teu húmido fogo e esparges uma luz incerta segundo as revoluções do Sol: por qualquer nome, quaisquer ritos e debaixo de qualquer forma que*

*é lícito invocar-te, tu me socorre agora em minha extrema calamidade, tu consolida minha fortuna desbaratada, tu dá-me paz e repouso depois de tão cruéis desgraças sofridas. Basta de trabalhos, basta de perigos”.*

(...)

*Cheguei aos confins da morte e, tendo marchado sobre o limiar de Prosérpina, voltei dali através de todos os elementos. À meia-noite vi o sol cintilando com cândida luz, cheguei à presença dos deuses celestes e infernais e adorei-os de perto. Tenho-te feito a narração, mas estas cousas, ainda que as ouviste, é necessário que as ignores.*

(...)

*A este vestido chamam os iniciados Olímpico. Mas eu levava na mão direita uma tocha ardendo em chamas e a cabeça elegantemente cingida com folhas prominentes de cândida palmeira à maneira de raios. Assim ornado à semelhança do sol, e colocado em vez de uma imagem, corridas de repente as cortinas à vista do povo, eu corria tudo com os olhos. Depois celebrei o festivo dia da ninha iniciação como se fora do meu nascimento. Houve agradáveis banquetes e joviais festins.*

*Finalmente, prostrando-me na presença da Deusa, banhado em lágrimas e limpando por muito tempo seus pés com a minha face, assim lhe digo com palavras sufocadas e interrompendo o discurso com frequentes soluços; ó Santa e perpétua Salvadora do género humano, sempre munificente em favorecer os mortais, tu mostras a doce afeição da mãe nos infortúnios dos desgraçados.*

(...)

*A ti os Deuses supremos te reverenciam e os infernais te respeitam, tu fazes girar o Orbe, iluminas o Sol, governas o Mundo e pisas aos pés o Tártaro. A ti obedecem os astros, a teu aceno voltam as estações, os Deuses se alegram em ti e os elementos te estão sujeitos”.*

É exactamente no Livro XI do *Asno de Ouro* que Apuleio, que parece ter sido também iniciado nos mistérios de *Liber*, uma das denominações de *Baco*, faz uma minuciosa descrição de um ritual

de iniciação aos mistérios de Ísis, cultuada em todas as partes do mundo greco e romano, onde lhe foram erigidos templos e obeliscos, quer em toda a Península Itálica e nas províncias. É através das suas capacidades mágicas que Ísis devolve a vida ao seu irmão Osíris, pois reuniu as diferentes partes do seu corpo que tinham sido despedaçadas e espalhadas sobre a Terra por Seth, deus egípcio da violência e da desordem, da traição, do ciúme, da inveja, do deserto, da guerra, dos animais e serpentes.

Lembremos ainda que a expressão “Cultos Mistéricos” se refere, normalmente, ao culto de Ísis, *Mater Magna* ou particularmente Mitra e ainda de Dioniso/Baco, bem como ao culto de Elêusis, representantes dos “mistérios” propriamente ditos, ou seja, às entidades que fortemente representam a Natureza.

Cibeles, uma divindade introduzida na Grécia através da Ásia Menor, era considerada a “Mãe dos Deuses”. Simbolizava também a fertilidade da natureza, e era a divindade do ciclo de vida-morte-renascimento. Era representada como uma mulher madura, coroada por muralhas ou flores, nomeadamente rosas, bem como espigas de cereais, trajando uma túnica multicolorida e com um molho de chaves na mão.

Cíbele apresenta a par de Júpiter/Zeus o poder da reprodução de plantas e animais.

Associada à Primavera, era também Clóris, divindade de origem grega das flores, equivalente à ninfa de origem latina Flora, que deriva da palavra latina *flos* (flores) e *Floralia* era o seu festival.

Por seu lado, as Maias constituem um ciclo de festivais que, em Roma, se relacionavam com o despertar da natureza, lembrando antiquíssimos cultos agrários.

Para os gregos, Maia era a mais velha das Plêiades, uma das sete filhas de Atlas, que, unida

a Zeus, foi mãe de Hermes, o mensageiro dos deuses que era ancestralmente considerado uma divindade agrária e da pastorícia.

Assim se lhe refere Hesíodo, na sua *Teogonia*:

*“De Zeus ainda, Maia, a filha de Atlas, gerou o ilustre Hermes,  
arauto dos imortais, tendo-se deitado no seu leito  
sagrado”*

Já na mitologia romana, Maia surge-nos como uma antiga divindade itálica, filha de Fauno e esposa de Vulcano, o deus romano do fogo (Hefesto na mitologia grega).

Deusa da Primavera, deu nome ao mês de Maio, que lhe era consagrado. No primeiro dia de Maio, o flâmine de Vulcano sacrificava-lhe uma porca grávida.

Era essencialmente venerada por mulheres sendo os homens excluídos do perímetro sagrado dos seus templos.

No templo dedicado a Maia, guardavam-se ervas medicinais de todos os tipos, juntamente com cobras, já que a serpente é um símbolo medicinal.

O dramaturgo Ésquilo (525 – 456 a. C.) identifica Maia “a mãe cuidadora” com Gaia, a “Terra”.

Em várias ocasiões a designa como a deusa da Terra Gaia (Mãe Terra).



Fig. 20: Hermes e Maia, detalhe de uma ânfora ática, 500 a. C., Coleções Estatais de Antiguidades (Inv. 2304)



Maia era também identificada em Roma com: *Bona Dea*, filha de Fauno, divindade da fertilidade e da virgindade, também considerada deusa da cura, como acima referimos.

*Ops*, cuja palavra latina significa riquezas, bens, abundância, era a mulher de Saturno, também ele a divindade da Natureza e da Agricultura.

Personificava para os Romanos o despertar da natureza na Primavera e seria a mãe ou mentora de Mercúrio, responsável pela fecundidade e da projeção da energia vital.

Embora não estando relacionadas originalmente, as duas divindades de origem grega e romana acabaram por ser identificadas uma com a outra.

Em Roma *Opalia* ou *Opiconsiva*, no dia 25 de Agosto, era o nome do festival em honra da deusa *Ops*, e marcava o fim do período das colheitas.

Também na Grécia Antiga, duas mulheres, Circe e Medeia, têm poderes mágicos ou sobrenaturais que espelham, de algum modo, a memória de um mundo arcaico, onde a Natureza era soberana.

Circe era uma feiticeira, com inúmeros poderes que, com a ajuda de ervas e de encantamentos, ou fazendo preces aos deuses, poderia transformar os homens em animais. Mas são-lhe atribuídos muitos outros prodígios, como fazer mover a floresta e escurecer o céu, escondendo a lua ou o sol atrás das nuvens, e destruir os seus inimigos com preparados venenosos, chamando em seu auxílio Nyx (Noite), Chaos ou Hécate, deusa das encruzilhadas.

A bela Maga Circe, loira porque é “filha do Sol brilhante, embora com tal poder pelos encantamentos, tal poder pelas ervas”, como a nomeia Ovídio, e

da ninfa Pérsia, emanava uma luz ténue e fúnebre que a identificava como a “Deusa da Morte”.

Circe acaba por ser castigada pelos seus próprios poderes, e por ter envenenado o seu marido.

Era associada aos voos mortais dos falcões, pois tal como eles, Circe circundava suas vítimas para as enfeitiçar.

A “Circe das Madeixas Trançadas”, como a descreveram alguns autores gregos, podia manipular as forças da criação e destruição através de nós nas tranças dos seus cabelos. Por isso era também a tecelã dos destinos.

Em resumo, Circe era considerada a deusa da Lua Nova, da feitiçaria, dos encantamentos, dos sonhos premonitórios, maldições, vinganças, magia negra e da bruxaria. Era ela a que melhor dominava os segredos das espécies vegetais.

Mais do que uma divindade, prefigura-se mais como uma espécie de maga ou “saga”, detentora de “saberes” e conhecimentos mágicos.

Ovídio, nas suas *Metamorfoses*, Livro XIV, assim a descreve:

*“Ó deusa, de um deus compadece-te, suplico! Só tu podes*

*dar-me alívio nesta minha paixão, caso eu pareça digno dele.*

*Ninguém sabe melhor que eu, ó filha do Titã, quão grande*

*é o poder das plantas, eu que, por meio delas, mudei de forma.*

*(...)*

*Mas, se algum poder há nas fórmulas mágicas, uma fórmula*

*recita nos teus lábios sacros; se forem mais potentes as ervas,*

*lança mão do poder comprovado de uma planta eficaz”.*

Por seu lado, Hécate, a mãe de Circe, tem múltiplas representações na Antiguidade: é a deusa da magia e dos caminhos, das encruzilhadas e da noite e do mundo da morte, dos espectros e dos fantasmas, da juventude, da lua, do Céu, da Terra, do Mar e do Mundo Inferior, também protectora das crianças e curandeira de jovens e mulheres. Embora Hécate não seja uma deusa originariamente grega e a sua origem exacta não seja conhecida, sendo atribuída à Ásia Menor, acaba por ser considerada uma das grandes deusas (junto a Deméter e Perséfone) que preside os Mistérios de Elêusis. Assume também, de alguma forma, o papel que Cibele desempenhava na Frígia, como protectora da cidade. (JOHNSTON, 1999, p. 206).

É uma Divindade tríplice, ou seja, possui três aspectos: anciã; deusa mãe e ao mesmo tempo virgem. A sua tríplice divindade manifesta-se através do domínio do céu, do mar e da terra e também do infra-mundo, Uma das importantes referências sobre a divindade deve-se a Hesíodo na sua *Teogonia*,

*“(...) Hécate, aquela que de entre todos Zeus Crónida mais honrou, concedendo-lhe o admirável dom de partilhar, ao mesmo tempo, da terra e do mar estéril, ela que também no céu coberto de estrelas detém honras e é a mais respeitada entre os deuses mortais”*

Retomada, séculos mais tarde, nas *Metamorfoses* de Ovídio, (Livro VI) que refere o seu poder sobre as ervas, designando-a a “deusa triforme” (Ovídio, *Metamorfoses*, Liv. VII, 95).

*“O Noite, fidelíssima para os nossos mistérios, e vós, estrelas douradas, que com a lua sucedeis aos fogos do dia, e tu, Hécate, das três cabeças, que conheces os meus intentos e vens ajudar com fórmulas mágicas e as artes dos feiticeiros*

*e tu, ó Terra, que forneces aos feiticeiros poderosas ervas e vós, brisas e ventos, e montanhas e rios e lagoas, e todos vós, deuses dos bosques e deusas da noite, vinde!”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Liv. VII, pp. 192-198

Também o Prado e a vegetação em geral aparecem associado a Ceres, mas ainda a Marte e Adónis, simbolizando, no último caso, o repouso invernal das plantas e a sua morte. Na Primavera dá-se a sua “ressurreição”, numa renovação incessante de ciclos.

Cibele, a divindade que já acima referimos, importada do Próximo Oriente Antigo e da Grécia para Roma, personifica sob o epíteto “Grande Mãe” a força da natureza.

Ao que diz a mitologia, Cibele ter-se-á envolvido com Átis.

Pela sua força anímica e genésica, aparece também associada à fundação das cidades, motivo pelo que surge representada a suster muralhas, essas cinturas entre o Sagrado e o Profano que no Mundo Antigo não é senão a continuação um do outro.

N' *O Rapto de Prosérpina* de Claudiano (ca. 370 – Roma, 404) pode ler-se:

*“Ó caríssimo pai da Primavera, que sempre reinas através dos meus prados com sopro folgazão e refrescas a estação com o teu contínuo hálito, observa a reunião das ninfas, a excelsa descendência do Tonante, pelos nossos campos dignando divertir-se (...) E o Zéfiro sacode as asas de um novo néctar impregnadas e fecunda as terras com um febril rocio. Para onde quer que voe segue-o rubor primaveril. Toda a terra rebenta em ervas, e a abóbada celeste descobre-se num sereno céu aberto. Pinta as rosas em sanguíneo esplendor, veste de negro os mirtilos e pinta as violetas com uma aprazível cor escura”.*



Fig. 21: Flora e Zéfiro (1875) William Adolphe Bouguereau (1825-1905).  
Fotografia a partir de: [https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:William-Adolphe\\_Bouguereau\\_\(1825-1905\)\\_-\\_Flora\\_And\\_Zephyr\\_\(1875\).jp](https://ca.wikipedia.org/wiki/Fitxer:William-Adolphe_Bouguereau_(1825-1905)_-_Flora_And_Zephyr_(1875).jp)

## Cipreste

O Cipreste é árvore sagrada para numerosos povos, dada a sua longevidade e à sua verdura persistente, ou seja, é a árvore da vida.

Artemisa/Diana tem o cipreste como atributo, a par do cervo.

É um dos atributos de Silvano (do latim *Silvanus*), deus das florestas (do latim *silva*, “selva” – donde vem-lhe o nome – protector das actividades pastoris, facilitando a fertilidade do solo e a procriação dos animais; e dos bosques; da vida rural e da prodigalidade dos campos, bem como da caça e dos limites das propriedades (*limes*).

Tem características do deus Fauno ou do Pã grego, se bem que alguns autores o tenham descrito como seu filho ou de Saturno.

Para os gregos e romanos, o cipreste assumia-se como estando em comunicação com as divindades do inferno. Por isso, é natural a sua associação a Hades/Plutão, deus dos infernos. E,

quem sabe, talvez por isso continue a ornar os cemitérios.

O cipreste associava-se ainda a Esculápio e a Saturno/Cronos e a Apolo, o deus solar, pela sua copa em forma de chama. Também era uma das árvores que se encantavam com a música de Orfeu.

Já no séc. I d. C., o médico grego Dioscórides mencionava as propriedades curativas do cipreste como diurético, contra a disenteria e as hemorragias.

Ovídio dá-nos, através dos seus versos, uma das melhores narrativas da metamorfose de Ciparisso, o jovem rapaz a quem Apolo oferecera um cervo manso como companheiro, mas que acidentalmente foi morto com um dardo. Desgostoso de tal acontecimento, Ciparisso pede a Apolo para deixar suas lágrimas caírem para sempre.

É assim que Apolo o transforma em cipreste, cuja seiva forma no tronco gotas semelhantes a lágrimas.

*“À multidão juntou-se o cipreste com a sua forma de cone.*

*Hoje é uma árvore; outrora foi um rapaz, amado pelo deus*

*que dominou a cítara com as cordas e com a corda e o arco.*

*Ora, é que tinha havido um veado, um veado enorme, sagrado para as ninfas que vivem nos campos de Carteia.*

*Tinha vastas hastes, bem abertas, que à própria cabeça davam sombra profunda. Refulgem de ouro tais hastes, e do pescoço bem torneado pendiam uns colares de jóias,*

*caindo sobre o peito. Na frente, presa nuns cordelinhos, baloiçava uma conta de prata, e das duas orelhas luziam,*

*ao nível das fontes cavas, brincos iguais de bronze.*

*Sem qualquer receio e desprovido da timidez natural, ele costumava frequentar as casas e oferecer o pescoço a mãos, mesmo que desconhecidas, para o acariciarem.*



Fig. 22: Apollo e Ciparisso - dalle "Metamorfosi" di Ovidio - Amsterdam, P. et J. Blaeu, 1702.jpg (395 × 300 pixels, file size: 138 KB, MIME type: image/jpeg). A partir de: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Apollo\\_e\\_Ciparisso\\_-\\_dalle\\_%27%27Metamorfosi%27%27\\_di\\_Ovidio\\_-\\_Amsterdam%2C\\_P.\\_et\\_J.\\_Blaeu%2C\\_1702.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Apollo_e_Ciparisso_-_dalle_%27%27Metamorfosi%27%27_di_Ovidio_-_Amsterdam%2C_P._et_J._Blaeu%2C_1702.jpg)

Mas mais que a qualquer outro, Ciparisso, ó mais belo das gentes de Ceos, era a ti que era ele caro. Tu levavas o cervo aos novos pastos, tu, às límpidas águas da fonte; ora entrançavas coloridas grinaldas de flores nas hastes, ora montavas o seu dorso alegremente por toda a parte, e conduziás-lhe a boca macia com purpúreas rédeas. Era meio-dia. Estava um calor sufocante e fervilhavam as curvas pinças do Caranguejo costeiro do ardor do sol. Fatigado, o veado estirou o corpo sobre a terra relvada, colhendo a frescura das sombras das árvores. Eis que, sem querer, o jovem Ciparisso o trespassa com afiado dardo. Ao vê-lo morrendo da cruel ferida, resolveu morrer. Que palavras de consolo não lhe disse

Febo, aconselhando-o a entregar-se à dor com brandura, na proporção do caso! Mas ele desfaz-se em gemidos e roga aos deuses do céu o dom supremo de o chorar eternamente. Já pelo choro sem fim se esvaíra, quando o corpo começa a esverdear-se, e os cabelos, que há pouco pendiam da nívea fronte, se transfiguram em cabeleira encrespada. Por fim, ficou todo rígido, a contemplar o céu estrelado do seu delgado cimo. Então, desolado, o deus soltou um gemido e disse: "Por nós serás chorado. Tu chorarás os outros e serás sempre presente aos tomados pela dor".

Ovidio, *Metamorfoses*, Livro X. Cotovia Clássicos, 2007





Fig. 23: Fresco com representação de Cipariso e cervo na presença de uma ninfa. Pompeia, Pompei, Casa dei Vettii. Imagem a partir de: <http://www.icons.it/le-metamorfosi-di-ovidio/libro-x/apollo-e-cipariso/immagini/01-cipariso/>

## Oliveira

A oliveira aparece associada a Atena/Minerva e a Zeus/Júpiter.

Era a árvore da civilização, da fecundidade, da paz e da vitória sobre as forças obscuras, esterilizantes e injustas. O Triunfo da civilização.

A deusa Atena fez brotar a oliveira por detrás do Erectéion, como o mais belo presente que podia oferecer aos Atenenses. Atena zela pelo Estado e pela prosperidade do mesmo. Vela também pela agricultura.

Na pátera do Tesouro da Lameira Larga, publicada pela signatária sobre o “Tesouro da Lameira Larga” na Revista de Arqueologia, Madrid, com edição acrescentada na Revista “*Ebrobriga*”, IX, Fundão, 2018, são bem visíveis a oliveira e o mocho, atributos de Atena. Catão

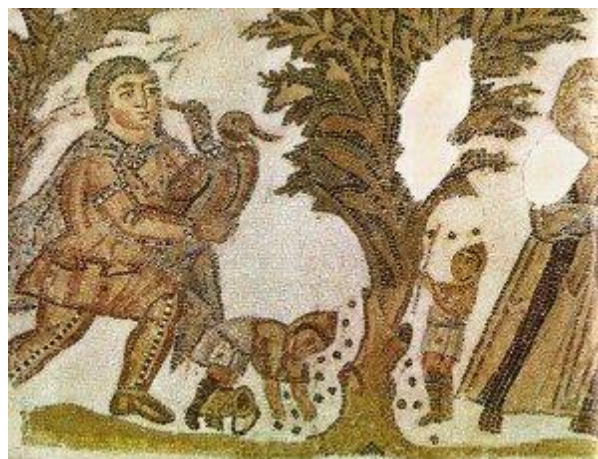


Fig. 24: Mosaico com representação da apanha da azeitona (Cartago, Tunísia). Fotografia André Martin

considerava suficientes 13 trabalhadores para se ocuparem de uma propriedade de 240 judera (60 ha) de olival, número que para 100 *jugera* de vinha subia para 18.

Segundo Plínio, “Há também azeitonas muito doces que se secam por si, mais doces que uvas passas; são bastante raras e produzem-se na África e próximo de Emérita, na Lusitânia”, Plínio, *Naturalis Historia*, XV, 17. Este autor latino refere ainda que a Bética obtinha as suas mais ricas colheitas das oliveiras e que o solo cascalhoso era muito apto para plantar olivais.

É sabido que a oliveira, a par da videira, foi uma das primeiras árvores a ser cultivada, há mais de 5.000 anos, no Mediterrâneo Oriental e Ásia Menor, sendo os Fenícios, Sírios e Arménios os primeiros a consumir azeite.

Era utilizado na alimentação, higiene e beleza e ainda com fins medicinais.

Durante o Período Romano, o azeite foi muito utilizado para tratamentos capilares, sendo também aproveitado para a iluminação, designadamente nas lucernas, ou candeias, como lubrificante de ferramentas e alfaia agrícola, impermeabilizante e ainda em rituais religiosos, tendo mantido, contudo, o seu tradicional uso na alimentação e para efeitos medicinais.

Ao que se sabe, “a oliveira mais antiga conhecida até ao momento em Portugal tem 2210 anos, datados segundo um método desenvolvido pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Situa-se em Pedras d’el Rei em Tavira/Algarve. Por ela passaram romanos, muçulmanos, ainda nem sequer se imaginava vir a existir o Reino de Portugal e ainda mais longe estava a conquista do Algarve, quando pela primeira vez deu frutos. Classificada como árvore de interesse público em 1984 a oliveira das Pedras d’el Rei, tem de dimensão o abraço de seis homens, a copa possui mais de 9 metros e a árvore encontra-se em bom estado vegetativo, de acordo com a última “vistoria” da Autoridade Florestal Nacional, entidade encarregue da classificação deste património natural. O tronco oco assemelha-se a uma catedral viva, permitindo que lá dentro haja um banco, quicá de madeira da própria árvore, onde se pode ficar a apreciar as volutas do tronco retorcido”.

Informação a partir de:

[http://www.observatoriodoalgarve.com/cna/noticias\\_ver.asp?noticia=42632](http://www.observatoriodoalgarve.com/cna/noticias_ver.asp?noticia=42632)

Virgílio, o autor latino do século I que heroiciza o prestígio da vida agrícola, como um dos pilares da época de Augusto, n’*As Geórgicas* faz várias referências às oliveiras, afirmando logo no seu Livro I:

“Tu, Minerva, que nos deste a oliveira; tu moço inventor do curvo arado; tu, Silvano, que usas em guisa de cajado um tenro cipreste arrancado com as raízes! E vós todos, deuses e deusas a quem cabe o cuidado de proteger os campos, que alimentais as plantas que o homem não semeou, e derramais do céu, sobre as que ele cultivava, a chuva benfazeja!”

Também o geógrafo Estrabão se refere à riqueza agrícola e mineira da Turdetânia do seguinte modo:

“trigo, muito vinho e azeite; este de grande quantidade, e de qualidade insuperável» e adianta ainda que grande parte da costa atlântica e mediterrânica estava coberta de arvoredo: oliveira, vinha, figueira e outras árvores semelhantes e que a região entre o Tejo e o Cantábrico “era naturalmente rica e frutos e gado”. (3, 3, 5)

Fig. 25: Desenho Marcos Oliveira





Fig. 26: Oliveira em Miróbriga

Encontramos várias outras referências à oliveira em Virgílio, n'*As Geórgicas*, (Ed. Sá da Costa, 1948), pp.25; 45; 63; 65, 69; 75; 89; bem como em Plínio, *História Natural*, XV, 1, 8; 17; XVII, 93; XV, 17; Estrabão, III, 4, 16. Catão, *De Agr.* 10-11.

### Louro/loureiro

Aparece associado a Febo/Apolo, Dioniso, Dafne e Liberdades.

O loureiro queimado, consagrado a Febo-Apolo, possuía qualidades divinatórias, motivo pelo qual a Pítia e os adivinhos o utilizavam quer queimado, quer mascado, antes de profetizar (GHEVALIER, Jean e CHEETBRANT, Alain, 1982, *Diccionario dos Símbolos, Teorema*). Os que obtinham uma resposta favorável regressavam a casa usando uma cora de louros na cabeça.

O loureiro, em Roma, mantendo-se associado a Apolo, representava a vitória e a glória. Os romanos acreditavam que os ramos de folhas de louro protegiam quem os usava contra os relâmpagos e contra as intempéries. Os sacerdotes utilizavam os ramos para borrifar água ou sangue de sacrifícios de animais nas cerimónias nos Templos, havendo quem defenda que essa é a origem cristã de borrifar a água benta nas missas.

A coroa de louros é um dos atributos de Vitória e simboliza triunfo. Foi oficialmente atribuída a César, que a usava com frequência.

O loureiro está ligado ao símbolo da imortalidade, motivo pelo que deve ter sido eleito pelos Romanos como emblema da glória. Foi consagrado a Apolo, exactamente nessa acepção, da imortalidade adquirida pela vitória. A sua folhagem não é apenas utilizada para coroar os heróis, mas também os génios e os sábios. E não se conota somente com a vitória material ou física, mas também com a espiritual (GHEVALIER, Jean e CHEETBRANT, Alain, 1982, *Diccionario dos Símbolos, Teorema*).

A coroa de folhas simboliza a vitória, a glória, por imitação à coroa que distingue os reis.

Também o deus romano Fauno se fazia representar com uma coroa de folhas.

Ao que se sabe, a origem do uso da coroa de louros, como acima referido, pode remeter-se ao mito de Dafne, uma ninfa que se transformara em pé de louro para fugir de Apolo. A divindade, executou assim com as folhas uma coroa, passando a ser seu atributo.

Na Grécia Antiga, os atletas eram premiados com as coroas de pequenos ramos de oliveira entrelaçados, que representavam a suprema glória para a alma grega.

Na mitologia grega este era um dos símbolos usados por Apolo, deus da Luz, da Cura, da Poesia, da Música e da Profecia, protector dos atletas e dos jovens guerreiros.

Em Atenas, a utilização da oliveira substitui a coroa de louros como símbolo de glória, pois esta era a árvore protectora da cidade, sendo realizadas festas em honra dos vencedores.





Fig. 27: Mosaico com representação de folhas de louro. Foto Jean-Louis Bellurget, Inrap. [https://latunicadeneso.wordpress.com/2017/07/17/descubren-en-francia-los-esplendidos-mosaicos-de-una-residencia-aristocratica-romana/mosaicosauch9\\_ng/](https://latunicadeneso.wordpress.com/2017/07/17/descubren-en-francia-los-esplendidos-mosaicos-de-una-residencia-aristocratica-romana/mosaicosauch9_ng/)

A coroa de louros, ou láurea, então, passou a associar-se à ideia de vitória, motivo pelo que foi usada pelos próprios imperadores.

<http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf>.

Inúmeras são as referências ao loureiro entre os escritores da Antiguidade. Assim nos diz Virgílio:

*“O inverno, temporada festiva” (...)* *“É, todavia, este o tempo em que se colhem as landes nos montados, as bagas de louro, as bagas cor-de-sangue da murta, e o fruto da oliveira”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Sá da Costa 1948, 45

Segundo a Mitologia, Febo-Apolo, considerado o deus da juventude e da luz, irmão gémeo de Artemisa, apaixonou-se pela ninfa Dafne que não lhe correspondeu. Dafne não aguentava mais a perseguição do belo deus Apolo e pediu ao seu pai Peneu que lhe mudasse a forma. O pai atendeu ao seu pedido e transformou-a num loureiro. Com as folhas desta árvore Apolo teceu uma coroa. Passou a ser o símbolo desta divindade, representando a vitória e a glória.

*“Para o tempo não poder apagar a memória deste feito, institui jogos sagrados com uma grandiosa competição, chamados píticos, do nome da serpente que ele subjugará.*

*Neles, todo o jovem que vencesse por mão, por pé, ou carro, ganhava a título honorífico um ramo de folhas de carvalho.*



O loureiro não existia ainda e Febo cingia ainda as  
frontes  
graciosas e o longo cabelo com folhas de qualquer  
árvore.  
“O PRIMEIRO amor de Febo foi Dafne, filha de  
Peneu. Não foi  
o acaso ignaro a induzir-lho, mas a cólera cruel de  
Cupido.  
(...)  
Logo este se enamora, a outra foge à ideia de um  
amante;  
rejubila ela com esconderijos nas florestas, com os  
troféus  
dos animais que caça, rivalizando assim com a inupta  
Febe.  
(...)  
Febo está apaixonado. Ao ver Dafne, deseja desposá-la,  
e tem esperança no que deseja: os seus oráculos iludem-  
no.  
(...)  
“Ninfa do Peneu, suplico pára! Não te persegue o  
inimigo!  
Pára, ninfa! Assim, foge o cordeiro ao lobo, assim a  
cerva  
ao leão, assim fogem à águia as pombas de trémulas  
asas,  
cada qual ao inimigo! O amor é a razão de te  
perseguir.  
Ai de mim! Temo que caias de cara ao chão, que as  
sebes  
arranhem as inocentes pernas, te magoes por minha  
culpa!  
Os locais por onde vais são acidentados. Corre mais  
devagar,  
suplico, abranda a tua corrida. Eu seguir-te-ei mais  
devagar.  
Mas pergunta a quem seduziste; eu não vivo nos  
montes,  
eu não sou um pastor, eu não vigio, abrutalhado,  
manadas  
e rebanhos. Não sabes, temerária, tu não sabes, não,  
de quem tu foges, por isso, foges. Eu sou o senhor da  
terra  
de Delfos e de Claro, de Tenedos e do palácio de  
Pátaros.

Júpiter é meu pai. Eu sou quem revela o que será, o que  
foi  
e o que é; eu sou quem harmoniza o canto com a cítara.  
A minha flecha é, de facto, certa, mas há uma flecha  
mais certa, aquela flecha que feriu o meu coração  
vazio.  
A medicina é uma invenção minha, e pelo mundo fora  
chamam-me Auxiliador, e tenho sou dono do poder das  
ervas.  
Ai de mim! Não há erva alguma para curar o meu  
amor,  
nem minhas artes úteis aos outros são úteis ao seu  
senhor!”  
(...)  
Ia a dizer mais coisas quando a filha de Peneu se afasta,  
assustada, em corrida, deixando-o com as palavras a  
meio.  
(...)  
vencida pelo cansaço, fitando as ondas do Peneu,  
“Ajuda pai”, gritou, “se vós, os rios, tendes poder  
divino!  
Extingue e transforma esta figura, demasiado atraente”  
Mal termina a prece (Dafne), um pesadelo torpor  
invade o corpo.  
O macio peito da jovem é envolto por uma fina casca,  
os cabelos alongam-se em folhas, os braços em ramos,  
os pés, há pouco tão lesto, fixam-se em indolentes  
raízes;  
o rosto faz-se copa: só o seu esplendor permanece nela.  
Ainda assim Febo a ama. E apoiando a mão no tronco,  
sente o peito ainda a palpitar debaixo da casca recente.  
Abraça nos braços os ramos, como se membros fossem,  
cobre de beijos o lenho; mas o lenho aos beijos se  
esquiva.  
Então o deus disse: “já que minha esposa não podes ser,  
serás ao menos a minha árvore. Os meus cabelos  
sempre  
te terão, e a minha cítara, ó loureiro, e a minha aljava.  
Tu estarás com os chefes do Lácio, quando a voz cantar  
alegre o Triunfo, e o Capitólio assistir aos longos  
cortejos.  
Tu, fidelíssima guardiã, estarás no umbral de Augusto,  
diante da porta, de guarda às folhas de carvalho ao  
meio”

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro I, Livros Cotovia, 2007

Também no Livro X das *Metamorfoses*, o loureiro é referido entre as árvores onde Orfeu desolado descansa.



Fig. 28: Dafne e Apolo. Painele VI (Mosaico das Musas). Museu Nacional de Arqueologia. Museu Nacional de Arqueologia, Inv. 999.149.1. Fotografia: DDF/DGPC

A propósito do loureiro citemos ainda as *Bucólicas* de Virgílio:

*Menalcas*

*“A mim Febo me adora, sempre ofertas  
de Febo estão comigo; são os louros,  
são jacintos<sup>4</sup> dum rosa delicado.*

*Dametas*

*Me atira uma maçã a Galateia<sup>5</sup>,  
menina meio tonta e logo foge para o salgueiro, que eu,  
porém a veja.*

<sup>4</sup> “Tal como os narcisos, os jacintos aparecem associados à mitologia, pois, segundo a lenda, Jacinto fora incautamente morto por Apolo, quando este lançava o disco. Do sítio onde jorrou o sangue do moribundo, nasceu uma flor, segundo alguns carmezim e outros púrpura. Há também aqui outra versão do mito que diz que o culpado da sua morte não foi Apolo, mas o Vento Zéfiro, que enciumado, pois amava Apolo e via em Jacinto um rival, teria impelido o disco violentamente.” (Nota do editor)

<sup>5</sup> Segundo a mitologia, o Ciclope monstruoso Polifemo nutria por Galateia, a bela ninfa marinha filha de Dóris e de Nereu, uma incontrolável paixão de que a Nereide

(...)

*Dametas*

*Prontos estão presentes para a Vénus  
A quem adoro; e sei onde ela está,  
Lá no lugar dessas aéreas pombas. Menalcas  
Para o meu jovem, de árvore dos bosques,  
enviei, todas de ouro, dez maçãs,  
amanhã outras tantas mandarei”.*

Virgílio, *Bucólicas*

Talvez pelo mesmo motivo, associado à glória ou à vitória, no fantástico mosaico recentemente descoberto em Alter do Chão, o escudo que tem na sua figura central a Medusa é cercado por folhas de louro. Górgona é esse monstro que tem o poder de transformar em pedra todos aqueles que a olham directamente.

Na mitologia grega tardia, havia três górgonas: Medusa, Esteno e Euriale. Ao contrário das outras duas, Medusa era mortal e, por isso, foi decapitada por Perseu. Este utilizou a sua cabeça como arma que foi oferecida à deusa Atena, motivo pelo que aparece representada no seu escudo. Também por esse motivo, a imagem da cabeça da Medusa aparece nos amuletos e, certamente, é por essa mesma razão que aqui se faz representar, rodeada de folhas de louro.

Num outro mosaico tardio de Idanha-a-Velha, Justino Maciel dá-nos conta na sua publicação “A propósito de um mosaico egitaniense, dionisismo, geometrismo e cristianismo” que: “dois filetes

troçava. Sempre que ele revoltado se insurgia contra ela, Galateia aproximava-se furtivamente. Mas quando ele ia no seu encalço do céu choviam maçãs sobre o rebanho do pastor e a ninfa desaparecia de novo, deixando-o só na praia cantando-lhe canções de amor. No entanto, existem outras versões do mesmo mito, dando-nos conta que Galateia até se teria condoído pelo hediondo Ciclope ao tomar consciência de que ele era o filho predilecto do deus dos mares, Posídon. Segundo a mitologia apaixonou-se da ninfa Dafne que, para lhe escapar, foi transformada em loureiro. Com as folhas desta árvore Apolo teceu uma coroa.” (Nota do editor)





Fig. 29: Mosaico da Casa da Medusa, Alter do Chão. Fotografia gentilmente cedida por Jorge António (Câmara Municipal de Alter do Chão)

*ondulados, linhas sinusóides ou espirais enquadram a figura de (uma) silhueta humana. E um pequeno ramo com frutos de oliveira, hera ou loureiro torna presente a simbologia vegetalista já sugerida pela ambiguidade dos hexafólios”*

<http://iha.fcsh.unl.pt/uploads/RHA-6-16.pdf>

E citemos novamente Virgílio “Antes de mais nada, direi que a natureza varia quanto ao modo por que cria as árvores. Na verdade umas, sem a

*intervenção humana, nascem espontaneamente, e cobrem ao longe os campos e as margens sinuosas dos rios, como o vime flexível, a branda giesta, o choupo, e os salgueiros brancos, coroados de verde folhagem; outros brotam de semente colocada pela mão do homem, como os altos castanheiros, o roble, que, sobranceiro às mais árvores, se veste de folhas em honra de Júpiter, e as carvalheiras que serviam de oráculo aos Gregos; as outras rebenta da raiz densa mata de Pôlas, como sucede às gingeiras e aos ulmeiros, e também ao*



*loureiro do Parnaso, que, pequeno ainda, de despega da vasta sombra da mãe”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, Ed. Sá da Costa 1948, 15

O louro também é referido pelo gastrónomo Apício. Usava-se, entre outras receitas para condimentar o *liquamen* pasta feita com base de vísceras de peixe que se usava para temperar os alimentos, “Se o liquamen tiver ganho mau cheiro, fumigue com louro e cipreste um recipiente vazio voltado para baixo e deite aí o *liquamen* previamente arejado” (Livro I - VIII).

Tão comuns como as referências escritas, são os testemunhos arqueológicos com representação de loureiro. Em Santa Bárbara, Castro Verde, foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de coroas de louro (MAIA, Manuel e MAIA, Maria, 1997, *Lucernas de Santa Bárbara*, Castro Verde, Cortiçol).

## Vinha

*“Bebe deste vinho  
originário das vinhas de Taigeto  
que o velho Teotimo favorito dos deuses  
plantou nas colinas  
e regou com a água fresca de um ribeiro  
Bebendo-o afugentarás as tristezas  
e armado de uma couraça de vinho  
sentir-te-ás mais leve”*

Teógnis Mégara, século IV  
*O Vinho e as Rosas*, Assírio e Alvim, Ed. 1995

Festa *dies Veneremque vocat cantusque merumque.*

Ovídio, *Amores*, 3.10.47

O dia de festa convida Vénus, o canto e o vinho.

*“Musgosas fontes, vós, e tu, ó relva mais repousante que o melhor dos sonos, e tu, ó verde arbusto que proteges, que a vós protege com a breve sombra, defendei o meu gado do calor pois chega o Verão, tórrido tempo, e já nas vinhas, nas tão tenras vinhas incham rebentos”.*

Virgílio, *Bucólicas*

Inúmeras e constantes são as referências literárias ao vinho, ao longo de toda a obra de Virgílio, bem como de muitos outros escritores da Antiguidade de que aqui destacamos Plínio, *História natural*, XIV, 29-30, 41, 71, 91, 97 127; XV, 25; XVII, 170; XVIII, 336; XXXVII, 203 Espasa-Calpe. S.A., Madrid, 1947, Catão, *De Agricultura e Virgílio, As Geórgicas*, Sá da Costa, Lisboa, 1948: 47 65; 67; 73; 77; 79; 81; 85; 89; 95.

Já citado nas Sagradas Escrituras, conhecido entre Egípcios e Mesopotâmicos, o vinho chegou ao sul da Itália através dos gregos, cerca de 800 a.C.

No entanto, os etruscos, já viviam ao norte, na região da actual Toscana, e elaboravam vinhos, que comercializavam até na Gália e provavelmente na Borgonha. Não se sabe, no entanto se eles trouxeram as videiras de sua terra de origem, provavelmente da Ásia Menor ou da Fenícia, ou se cultivaram uvas nativas da Itália, onde já havia videiras desde a pré-história. Deste modo, não é possível dizer quem as usou primeiro para a elaboração de vinhos. A mais antiga ânfora de vinho encontrada na Itália é etrusca e data de 600 a. C.

Ao que se sabe, o início do plantio de videiras deu-se na Ásia Menor, na região do Mar Negro, e de lá se difundiu por todo o mundo, inicialmente entre Fenícios e Egípcios, depois pelos Gregos e, mais tarde, pelos Romanos.

Os vinhos gregos foram louvados e imortalizados pelos seus poetas, historiadores e artistas.

O ponto crítico da história do vinho em Roma foi a vitória na longa guerra com o Império de Cartago no norte da África para controlar o Mediterrâneo Ocidental entre 264 e 146 a. C.

produção e também as castas. Assiste-se assim à diferenciação social dos seus compradores.

Os romanos começaram então a investir intensivamente na agricultura e a na vitivinicultura.

O estudo de Marie-Adeline Le Guennec, “Les femmes et le vin dans la Rome antique. Bilan



Fig. 30: Skyphos de prata com duas asas. Século I a. C. - I d. C.. Christie's

Gradualmente assiste-se à difusão do cultivo das uvas por boa parte da Europa e Oriente Médio. O consumo massificado do vinho originou que, paralelamente, se apurassem as técnicas de

documentaire et historiographique» que vem equacionar muitos das ideias convencionadas sobre o consumo do vinho pelas matronas romanas, assim se refere à introdução do vinho em Roma:

“Du reste, c’est justement à la période des VIIIe-VIIe s. que les historiens anciens (ayant il est vrai reconstruit a posteriori l’histoire de l’Urbs pour ces périodes pour lesquelles aucune source textuelle directe n’a été conservée) assignent la diffusion de la culture de la vigne dans la cité romaine, en l’associant en particulier à l’action du roi Numa, dont le règne se serait déroulé, selon la chronologie traditionnelle, entre 715 et 672 (voir en particulier Piccaluga 1962 et Gras 1983). Ainsi, selon les auteurs anciens, c’est Numa Pompilius qui aurait réglementé la taille de la vigne et introduit certaines interdictions religieuses en matières de libations (interdiction de faire des libations avec des vins issus de vignes non taillées). Selon Pine L’Ancien, c’est d’ailleurs lui qui a fortiori aurait introduit les libations par le vin, quand l’usage était, sous Romulus, de les faire avec du lait: Romulus faisait des libations de lait, non de vin, comme le prouvent les cérémonies religieuses qu’il institua et dont le rite demeure aujourd’hui. Une loi du roi Numa, son successeur, porte : « N’arrose pas de vin le bûcher. » On ne peut douter que le motif d’une telle prescription n’ait été la rareté de cette denrée. Dans la même loi, il déclara impie les libations faites aux dieux avec des vins de vigne non taillée, moyen de contraindre à la taille ces purs laboureurs peu désireux de se risquer sur les arbres qui la portent.”

Plínio, *História Natural*, 14, 88, trad. J. André, CUF, 1958

Na análise acima mencionada de Marie-Adeline Le Guennec, refere-se os preconceitos associados tradicionalmente ao consumo do vinho pelas mulheres, designadamente atribuindo-lhe características adúlteras, informando-nos a autora que outras bebidas com base no vinho, as *dulcia* que eram permitidas às matronas.

“Certes, on pourrait penser qu’il s’agit d’un aménagement postérieur à l’interdit original, d’une concession faite aux usages du temps (tout comme Pline évoquait rapidement en h. n. 14, 89 la possibilité faite aux femmes au IIe s. av. J.-C. de boire du vin valetudinis causa, pour se soigner). Et puis, dira-t-

on, ne s’agissait-il pas de boissons moins alcoolisées, plus « politically correct », à l’égal de notre panaché contemporain, et donc moins susceptibles de provoquer chez les femmes avortements ou dérives sexuelles ?”.

Segundo João Pedro Bernardes e Luís Filipe Oliveira, referindo-se ao actual Algarve:

“A importação de vinho grego na região está testemunhada em variadíssimos fragmentos de vasos gregos de verniz negro ou de figuras vermelhas que ocorrem em povoados algarvios nos séculos V/IV a. C. (Alcoutim, Castro Marim, Faro, Cerro da Rocha Branca-Silves) e que se relacionam com o consumo de vinho, como é o caso de Krateres e Kylikes (Arruda, 1997). Nesta altura, a importação de vinho e de vasos relacionados com o seu consumo insere-se num comércio a longa distância protagonizado pelas aristocracias indígenas que viam nessas importações e consumos símbolos de poder e de manifestação do seu status social. Paralelamente iniciam-se as primeiras experiências de cultivo da vinha na região. A videira selvagem crescia de forma espontânea em território português, como é demonstrado por análises polínicas efectuadas no estuário do Tejo, mas só sob as influências de Fenícios e sobretudo Gregos se passará a fazer o seu cultivo a par do da oliveira. A generalização do consumo e cultivo da vinha na região algarvia ocorrerá nos séculos seguintes, com a chegada das legiões romanas. De acordo com o testemunho de Políbio (XXXIV, 8) para a Lusitânia, dado a conhecer por Athenaeus de Naucratis (VIII, 330c), parece poder inferir-se que, em meados do século II a. C., já existiriam vinhas no sul de Portugal que produziriam vinho suficiente para manter um preço bastante acessível”. (p. 13)

Ainda os mesmos autores debruçando-se sobre a qualidade e a conservação do vinho da Lusitânia, assim se referem: “Columela faz a partir do processo utilizado num lagar que o seu tio possuía na região de Cádiz, de onde era natural. Diz-nos o agrónomo, nascido igualmente



em Cádiz, que se adicionava ao mosto 1/48 de *defrutum* (espécie de vinho abafado ou moscatel) obtido pela redução a 1/3, por ebulição, de uma porção de mosto, com o objectivo de aumentar o teor alcoólico e contribuir para a conservação do vinho. Acrescentavam-se ainda pequenas porções de ervas aromáticas que, para além de apaladar o vinho, tinham função anti-séptica. O sal, numa proporção de 0,7 gr. por litro, permitia, segundo os antigos, acentuar o gosto e cor do vinho levando ainda à sua clarificação. Finalmente, acrescentava-se, na mesma proporção do sal, gesso que tinha a função que hoje tem o ácido tartárico, essencial à conservação do vinho, sobretudo em climas quentes onde a percentagem de acidez das uvas é reduzida” (p. 16)

Embora o conhecimento do vinho remonte a Épocas muito remotas, as evidências do uso do vinho na medicina parecem ser bem mais recentes. O primeiro registo escrito que refere a sua utilização para fins medicinais é uma tábua de argila de escrita cuneiforme, encontrada em escavações na antiga cidade Suméria de Nippur (Babilónia), datado de 2100 a. C.

Entre os Gregos, encontramos muitas referências ao vinho para fins medicinais, pois empregavam o vinho nas feridas, como auxiliar terapêutico.

Sabe-se que a maioria das doenças gastro-intestinais e das vias urinárias eram tratadas com uma variada gama de substâncias à base de plantas e preparados minerais e que eram produzidos unguentos à base de vinho, para tratar dermatoses.

De seguida, daremos uma pequena síntese dos escritores da Antiguidade que se referiram aos aspectos medicinais do vinho, baseando-nos fundamentalmente no trabalho publicado por José Carlos Torres Dias Ferreira “O Vinho e a Medicina”.

Hipócrates (460 – 377 a. C.), pai da Medicina, refere na sua “História da Medicina” usos do vinho como suplemento dietético, purgativo, como diurético e anti-séptico (em emplastos), e até como anti-depressivo, nas convalescenças.

Sócrates (470 - 399 a. C.), dizia que “o vinho molha tempera os espíritos, e acalma as preocupações da mente”; reaviva as nossas alegrias e é o óleo para estabelecer chama da vida que se apaga.

Platão (427 - 347 a. C.), distinguia as doenças do corpo e da alma. Nas suas obras *Timeu* e *República* dá-nos várias informações sobre os tratamentos empregues na Grécia do século IV a. C. explicitando para quais doenças eles devem ser indicados. Dizia que “o vinho é medicamento que rejuvenesce os velhos, cura os enfermos e enriquece os pobres”; referia ainda que “o vinho é o mais belo presente que Deus fez aos homens”.

Ésquilo ca. 525 a. C. (ou 524 a. C.), o dramaturgo, referia que “... o bronze reflete a aparência, o vinho é o espelho da alma”. Talvez daí venha a origem da famosa máxima latina, “*in vino veritas*”, ou seja, no vinho a verdade.

Já Dioscórides (c. 40 – 90 a. C.), cirurgião do exército de Nero na sua obra intitulada “*Matéria Médica*”, descreve cerca de 600 produtos vegetais, animais e minerais. Dióscorides prescrevia vinho, e parece ter sido o primeiro a usá-lo para anestesia. Provocava um estado letárgico nos seus pacientes mediante o uso de “vinho de mandrágora”, fazendo uso dessa planta com efeitos narcóticos, e também tratava feridas com ele.

Celso (25 a. C.- 37 d. C.), escreveu sobre as diferentes propriedades terapêuticas dos diversos tipos de vinho, como por exemplo: os vinhos secos e leves para doenças do estômago; os encorpados para nervosismo e os salgados para efeito purgativo na icterícia. Foi o primeiro a estabelecer os sinais da inflamação, defendendo a limpeza rigorosa das feridas com compostos de óleo e vinho.

Galeno (Pérgamo, 130 – Roma ca. 216 ?), o célebre médico e filósofo romano de origem grega, autor de uma vasta obra, a exemplo de *De anatomicis administrationibus* (em quinze volumes) e *De usu partium corporis humani*, especializou-se em cirurgia e dietética. Ocupou em Pérgamo o cargo médico da escola de gladiadores e foi médico particular e conselheiro de Marco Aurélio, sendo uma das suas atribuições proteger o imperador de envenenamento. Escreveu um tratado denominado *De antidotos*. Elaborou uma lista de remédios vegetais, conhecidos como “galénicos” e fez inúmeras considerações sobre os vinhos, tanto italianos como gregos. Cuidava da dieta e dos ferimentos dos gladiadores e gabava-se que nenhum deles havia morrido nas suas mãos, algo pouco provável, já que o único recurso de que dispunha para tratar dos ferimentos era lavá-los com vinho. Concluiu assim que os ferimentos não sofriam putrefação quando assim tratados.

Catão na sua obra quase enciclopédica *De Agri Cultura*, sobre a forma como se deve dirigir uma propriedade rural dá múltiplas orientações para os cuidados médicos que deviam ser adoptados para com os escravos e para o gado.

Para dores abdominais e problemas intestinais causados por ténias e lombrigas Catão recomendava:

*“Pegue 30 romãs ácidas, esmaque, coloque em uma jarra com três congii [Congii = plural de congius = medida de volume romano que corresponde a cerca de 3,25 litros actuais.] de vinho preto forte e feche o recipiente. Trinta dias depois abra e use. Tome uma hemina [Hemina= medida de volume romana que correspondia a cerca de 270 ml] antes de comer. Com uma receita com folha de romã, vinho envelhecido, raiz de funcho, incenso, mel cozido e vinho de manjeriço, era possível eliminar os vermes. Era necessário, entretanto que o paciente subisse a uma pilastra e pulasse para baixo dez vezes”.*

Com uma receita com folha de romã, vinho envelhecido, raiz de funcho, incenso, mel cozido e vinho de manjeriço, era possível eliminar os vermes e tratar a dispepsia. Era necessário, entretanto que o paciente subisse em uma pilastra e pulasse para baixo dez vezes.

Embora inúmeras divindades sejam associadas ao vinho, é, sem dúvida, o deus Dioniso/Baco quem mais o irá glorificar.

Baco, deus do vinho, cujo culto parece ter penetrado em Roma no século IV a. C., foi também considerado pelos romanos como um amante da paz e promotor da civilização.

De acordo com a mitologia atribui-se a Baco a forma de extrair o sumo da uva e produzir o vinho. Com inveja, a deusa Juno (Hera no panteão grego) transforma Baco num louco a vagar pelo mundo. Ao passar pela Frigia, foi curado e instruído nos rituais religiosos pela deusa Cibele.

Dioniso ou Baco, filho de Zeus e da princesa Sêmele, era o deus grego das festas, do vinho, da fecundidade, do lazer e do prazer, símbolo do desencadeamento ilimitado dos desejos e da libertação de qualquer inibição.

*“(…) Que Sêmele guardava no ventre e que, nas dores do parto, ao faiscar o relâmpago (de Zeus), tirou do próprio seio e pôs no mundo, perdendo ela a vida sob o golpe do trovão. Mas logo Zeus, filho do Cronos, o recolheu do seio da parturiente. Ocultou-o na sua coxa e protegeu-o com fivelas de ouro para o defender de Hera. Zeus o deu à luz quando as Parsas concluíram o seu trabalho. Era um deus ornado com chifres de ouro. Pôs-lhe uma coroa tecida de serpentes, razão por que as Ménades portadoras do tirso, capturam as serpentes e cingem com elas as tranças”.*

Eurípedes, *As Bacantes*

É representado geralmente como um jovem imberbe, risonho e de ar festivo, de longa cabeleira, pegando um cacho de uvas ou uma taça numa das mãos e empunhando na outra um tirso (bastão envolvido em hera e ramos de videira e

encimado por uma pinha). Tem sido sugerido o carácter fálico do tirso, no qual a pinha seria o símbolo do sémen. Dioniso é por vezes figurado com o corpo coberto por um manto de pele de leão ou de leopardo, com uma coroa de pâmpanos na cabeça e conduzindo um carro puxado por leões. Pode igualmente ser apresentado sentado num tonel, segurando numa das mãos uma taça donde absorve a embriaguez que o faz cambalear. Dioniso é normalmente representado de vários elementos do seu séquito.

*“Vamos, mulheres do meu tiaso (...) mulheres que eu trouxe das terras bárbaras para me acompanharem em cortejo e caminharem comigo! Pegai nos pandeiros trazidos da cidade dos Frígios, invenção minha e da grande mãe Rea”*

Eurípedes, *As Bacantes*

Sileno – Tutor de Dioniso, companheiro fiel e o mais velho, sábio e beerrão dos seus seguidores, que embriagado tinha o poder da profecia. Representado quase sempre bêbado, amparado por sátiros ou carregado por um burro.

Sátiros – divindades menores da natureza com aspecto humano, cabelos eriçados, com grande cauda e orelhas bicudas de bode, pequenos cornos na testa, narizes achatados, lábios grossos, barbas longas e órgãos sexuais de proporções sobre-humanas, frequentemente mostrados em estado de erecção. Viviam nos campos e nos bosques, onde tinham relações sexuais frequentes com as Ninfas e as Ménades, que a eles se juntavam no cortejo de Dioniso, além de copularem com mulheres e rapazes humanos, cabras e ovelhas. O estado de embriaguez era da sua força anímica.

Dioniso, nas palavras de Eurípedes, na sua obra *Bacantes* diz a Penteu, rei de Tebas, que se mostrara reticente quanto à sua divindade e decretara mesmo proibir o seu culto, “Não, não penses em derrubar os santuários das Ninfas e os recônditos de Pã onde este deus toca a flauta.”

Fig. 31: Sileno reclinado. Teatro Romano de Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia







Fig. 32: Jaspe negro com representação de Sátiro. Século I a. C.. Fundação Calouste Gulbenkian. Agradecemos a Graça Cravinho a fotografia e legenda



Fig. 33: Fauno e Bacante da Casa dos Dioscuri, em Pompeia. Século I d. C. Museo Archeologico Nazionali di Napol

Ménades (ou Bacantes) – mulheres entregues ao culto de Dioniso/Baco. Levadas à loucura pelo deus do vinho, que provocava nelas um estado de êxtase absoluto, entregavam-se, em estado de embriaguez, ao sexo, e à violência, praticando a auto-flagelação, ou mesmo flagelação dos homens.

Representadas nuas ou vestidas com véus ligeiros, coroadas de hera e segurando um tirso ou um cântaro, por vezes tocavam flauta de dois tubos ou tamboril e entregavam-se a uma dança sensual (orgia ou menadismo), em total sintonia com as forças mais primitivas da natureza. Vagueavam por montanhas e campinas e entregavam-se aos sátiros que também integravam o cortejo de Dioniso.

Assim nos descreve Eurípedes as Bacantes “Abalaram para o meio das florestas dançando e invocando o deus Brómio. As cadeias que lhes prendiam os pés caíram por si mesmas; os gonzos e os batentes das portas abriram-se sem ajuda de mão humana

“(…) *Oh! ide Bacantes! (...) Com os vossos tambores de graves sons estrondosos, cantai o vosso Dioniso, celebrai com evoés o deus Évio no meio dos gritos e dos clamores da Frígia, enquanto a harmoniosa flauta, a flauta sagrada faz ressoar as sacras melodias que vão juntar-se aos vossos arrebatamentos. Para a montanha! Para a montanha!*». Então, alegre como a poldra que segue a mãe pelo nutritivo prado, ágil, a Bacante pula e baila”.

Eurípedes, *Bacantes*

Ninfas – jovens mulheres que povoavam o campo, os bosques e as águas. São os espíritos dos campos e da natureza em geral, personificando a fecundidade e a graça. Apesar de serem consideradas divindades secundárias, a elas se dirigiam orações e por elas se nutria temor. Eram frequentemente alvo da luxúria dos sátiros.

“Os festivais realizados em homenagem do deus eram basicamente festas da Primavera e do vinho. As danças frenéticas a que se entregavam as mulheres, davam-lhes uma sensação de liberdade e força, sendo-lhes atribuídos actos impressionantes como desenraizar árvores. Os Gregos consideraram este culto nocivo e muitos governantes das cidades-estado procuraram proscrevê-lo. Em 370 a. C., o culto a Dioniso (Baco) penetrou em Roma e tinha sacerdotisas conhecidas por bacantes. As festas, de natureza ritual, em homenagem ao deus Baco, conhecidas por bacanaís eram nocturnas, secretas e frequentadas exclusivamente por mulheres durante três dias no ano (...). Ao invadirem as ruas de Roma, dançando, soltando gritos estridentes e atraindo adeptos do sexo oposto em número crescente, os bacanaís tornaram-se factor de desordem e de escândalo, o que levou à publicação de um decreto por parte do Senado, em 186 a. C., proibindo as bacanaís em toda a Itália. Contudo, mesmo com a proibição, o culto não desapareceu naquele tempo”.

Hernâni Matos, *O Vinho na mitologia Greco-Latina*, em <http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.com/2010/07/o-vinho-na-mitologia-grego-latina.html>

Assim se refere Hesíodo na sua *Teogonia*:

Zeus “E também a cadmeia Sémele lhe gerou um filho ilustre, unida a ele com amor, Diónisos que traz muitas alegrias, um imortal nascido de uma mortal; agora são ambos deuses.

(...)

Diónisos de cabelos de ouro tomou a loira Ariadne, a filha de Minos, para sua feliz esposa e o Crónida tornou-a imortal e isenta de velhice.”

Hesíodo, *Teogonia*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2014

“Mas Alcítoe, a filha de Míniás, julga que não se deve aceitar os ritos mistéricos do deus, e continua a dizer, a temerária,

que Baco não é filho de Júpiter. E as suas irmãs partilham desta impiedade. Ora, o sacerdote ordenara que um festival fosse celebrado, e que as servas e as matronas, dispensadas dos seus afazeres, cobrissem o peito com peles de animais, soltassem do cabelo as fitas, e, de grinaldas na cabeça, tirsos frondosos empunhassem. Vaticinara ainda que a ira do deus, se ofendido, seria terrível. Obedecem matronas e jovens. Pousam os teares e os cestos e os novelos deixados a meio, queimam incenso, invocam Baco: chamam-lhe Brómio, Lieu, Filho do fogo, Nascido duas vezes, Único a ter duas mães. A estes somam o nome de Niseu, o de Tioneu, de cabelo intonso, E, como o de Leneu, o de Plantador da videira festiva, e o de Nictélio e o de sei pai Eleleu, e de Iaco e de Évan, e todos os outros títulos sem conta que os povos da Grécia te conferem, ó Líber. Tu tens uma juventude inesgotável, tu és o menino eterno, tu és admirado nas alturas dos céus como o mais belo; tu, quando estás sem cornos, tens um rosto virginal. Tu conquistaste o Oriente até onde a Índia de tez morena é banhada pelo remotíssimo Ganges. Tu, ó venerável, aniquilaste os sacrílegos Penteu e Licurgo, este armado do machado de dois gumes, e lançaste ao mar os Tirrenos. (...) Seguem-te Bacantes e Sátiros, e o velho ébrio, que sustém o corpo cambalente com bastão e nem se aguenta bem sobre a garupa encurvada de burrico.

Por onde quer que vás, ressoam, com o clamor das jovens, os gritos das mulheres, e os pandeiros percutidos pela palma das mãos, os côncavos bronzes e as longas flautas de buxo”.

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro IV, Ed. Livros Cotovia, 2007

Associado a *Liber Pater* e sua divina esposa *Libera*, gradualmente estas duas divindades relacionadas com a fertilidade e o vinho foram assimiladas por Dionysus/Bacus. Mas a vinha também aparece associada a Saturno e a Príapo.

Assim se lhe refere Santo Agostinho, na sua “Cidade de Deus”:

“Pretende-se que o nome de *Liber* está relacionado com *liberamentum* (livramento), porque com a ajuda dele são os machos, na cópula, libertados do sémen emitido, e o mesmo faz *Libera*, a quem chamam também *Vénus*, às mulheres, porque também elas, conforme pretendem, expulsam o seu sémen. E por isso que nos seus templos se oferecem a *Liber* os órgãos sexuais do homem e a *Libera* os da mulher. A isto acrescentam que a *Liber* são consagradas as mulheres e o vinho, porque provocam a volúpia. Era assim que eram celebradas as *Bacantais*, num arrebatamento de loucura. O próprio *Varrão* confessa que, se não estivessem possuídas de delírio, as *bacantes* não seriam capazes de se entregarem a tais excessos. Mais tarde, porém, estas coisas desagradaram ao Senado, que, mais judicioso, as mandou suprimir. Talvez então se tenha acabado por reconhecer quanto podem sobre a alma humana esses espíritos imundos quando são tomados por deuses. Com certeza que



*estas coisas não se passariam nos teatros: nestes, as  
pessoas  
divertem-se, mas não deliram, se bem que ter deuses  
que  
se deleitam com semelhantes diversões se assemelha ao  
delírio”*

Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livro VI, Capítulo IX  
Fundação Calouste Gulbenkian.  
<http://charlezine.com.br/.../upl.../Cidade-de-Deus-Agostinho.pdf>

Mas, como referimos, outras divindades se associam ao vinho. Saturno parece ter sido o responsável por ter ensinado aos habitantes da Itália a cultura da vinha. Saturno era deus das Sementeiras e dos Grãos. É representado com a foice do ceifeiro e a podoa do vinhateiro. O culto de Dioniso teve tal expressão que Alexandre o Grande teve por ele particular interesse e a sua expansão pode mesmo ter tido como «pano de fundo» a viagem mítica da divindade.

Contudo era em Dioniso - deus do vinho, rodeado por um conjunto de divindades alegres e ébrias – que os Antigos viam a imagem simbólica da força da natureza.

Muitas personagens terrenas a exemplo de Alexandre Magno tiveram Baco como imagem mítica.

Séculos mais tarde, veremos Antínoo, o predilecto do Imperador Adriano fazer-se representar como Baco.

No Museu Nacional de Arqueologia existem vários bustos de Dioniso ou Baco com o cabelo ornado de uma grinalda de cachos de uvas e parras, provenientes respectivamente da *uilla* de Milreu, datável do século II, e de Mértola (MATOS, 1995, p. 56-59). No “sarcófago da vindima”, proveniente de Castanheira do Ribatejo, que tem forma de cuba de vinificação, o retrato de uma jovem inscrito num medalhão centra-se na peça. O medalhão está assente sobre

um vaso com duas asas, donde saem ramos de oliveira, parras e cachos de uvas e, entre as ramagens, aparecem pequenos cupidos, cestas de vindima, aves e animais campestres, como coelhos, cobras, escorpiões, lagartos, caracóis e gafanhotos (MATOS, 1995, 100). No Sarcófago da



Fig. 34: Antínoo representado como Dioniso. (c. 130-138). Palazzo Massimo alle Terme (Roma).

[https://www.pinterest.pt/pin/656892295624150087/?fbclid=IwAR0T0ZEyEUeXh3o2g-AQOFSuC\\_dx0kFx91vXFgSfDBFq7y3xSv3UPDYOckI](https://www.pinterest.pt/pin/656892295624150087/?fbclid=IwAR0T0ZEyEUeXh3o2g-AQOFSuC_dx0kFx91vXFgSfDBFq7y3xSv3UPDYOckI)

Vindima de pequeno tamanho, com as extremidades arredondadas e a forma geral de uma cuba de vinificação (lenós) mostrando a face principal o retrato de uma jovem no interior de um medalhão assente sobre um vaso biansado, donde saem ramos de oliveira, parras e cachos de uvas que vão preencher todo o espaço da face principal e principalmente das laterais. A peça foi concebida para ficar encostada a uma parede, razão pela qual a face oposta ao frontal não mostra qualquer escultura. O busto representa uma menina vestida de um “colobium”, uma túnica pregueada, sem mangas, presa aos ombros por duas fíbulas, cabelos em bandós e atados na nuca, olhos com marca da pupila, estando o busto e a pequena peanha em que assenta inseridos num medalhão côncavo que lhe serve de moldura. Entre as ramagens que saem do vaso, ornado de parras, aparecem pequenos cupidos, cestas de vindimas, aves e animais campestres como coelhos, cobras, escorpiões, lagartos, caracóis e gafanhotos. Por cima do medalhão corre uma feira de pérolas sobrepujada por uma outra de ovas. É evidente o significado báquico ou dionisíaco de toda a composição, relacionado com a felicidade da vida além-túmulo. O sarcófago, um trabalho cuidadoso feito talvez em oficinas do oriente mediterrânico, foi certamente importado com o medalhão por acabar tendo-se no termo da viagem esculpido a efígie da menina depositada no túmulo, o que explicaria também que o retrato se apresente esteticamente menos conseguido que o belo conjunto escultórico envolvente. O penteado da menina e os elementos decorativos, permitem, do ponto de vista técnico e temático, datar de meados do século III d.C. o fabrico da peça». (Segundo ficha do Catálogo de Escultura Romana do MNA, da autoria de José Luís de Matos).

*“...Tradicionalmente considerado como uma produção escultórica do oriente mediterrânico, tende-se hoje a procurar a sua filiação numa oficina ocidental, provavelmente itálica”.* (Segundo ficha de Catálogo da Exposição “Religiões da Lusitânia”, da autoria de José Cardim Ribeiro). Museu Nacional de

Arqueologia proveniência: Castanheira do Ribatejo. Vila Franca de Xira. Lisboa cronologia: Época Romana. Séc. III d.C. tipologia: Sarcófago em mármore.

Os temas báquicos eram muito comuns na decoração das lucernas, como se pode verificar, apenas a título de exemplo, nos exemplares provenientes de Balsa (NOLEN, 40, 94, lu. 2, 4 e 8), datáveis dos séculos I e II e em Santa Bárbara (MAIA, 1997, 45). Deste último local provêm duas lucernas com a representação de Sileno (MAIA, 1997, 77).

Recordo ainda o trabalho publicado por Justino Maciel “A propósito de um mosaico egitanense, dionisismo, geometrismo e cristianismo” que: “dois filetes ondulados, linhas sinusóides ou espirais enquadram a figura de (uma) silhueta humana. E um pequeno ramo com frutos de oliveira, hera ou loureiro torna presente a simbologia vegetalista já sugerida pela ambiguidade dos hexafólios”, bem como outros mosaicos, como o exemplar báquico de Torre de Palma, considerado uma obra de arte de referência entre os mosaicos dionisíacos na Lusitânia (LANCHA, 2000, p. 197-205).

Segundo Estrabão, grande parte da costa mediterrânica e atlântica estava coberta de arvoredo: oliveira, vinha, figueira e que a região entre o Tejo e o Cantábrico “era rica em frutos e gado” (3,3,5). Plínio, por sua vez, informa-nos sobre a qualidade da vide “coccolobis” na Hispânia, cujo vinho “sobe à cabeça” e que existem duas variedades, uma de bago alargado e outra de bago redondo”. (Plínio, XIV, 29-30).

Informa ainda que quando da vitória de César sobre a Hispânia «consta que pela primeira vez se beberam quatro qualidades de vinho»

Segundo informação de Estrabão, “Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável”, bem como cera, mel, pez ... Estrabão III, 2, 613.

São estas as palavras de Virgílio n'As *Geórgicas*:

*“Deitai-vos pois ao trabalho, ó lavradores, e aprendei a arte de cultivar de modo apropriado, amansando à fora do engenho, os frutos bravios. Não deixeis as terras maninhas: é obra deleitosa plantar vinhas no Ismaro e vestir de oliveiras o grande Taburno”. (Sá da Costa: p. 63). E ainda mais: “As oliveiras respondem melhor à esperança do agricultor quando provêm de tanchoeiras, as vinhas quando procedem de alporques, a murta de Pafos quando se planta um tronco inteiro”. Segundo este autor latino “Terra que exala um vapor ténue e neblinas fugazes, que absorve a humidade, mas, quando quer, a lança para fora de si; terra que sempre verdejante, se reveste de ervagem que ela própria cria, que não ataca o ferro com sal ou ferrugem, eis a que te convém para entretecer com os olmos as ridentes videiras; será, também fértil para a oliveira: amanha-a bem, e verás como é propícia para os gados, e como é dócil para a curva relha” (Sá da Costa, 1948: 75). “A árvore que nasceu de sementeira cresce lentamente; não dará sombra senão aos nossos netos remotos. Os frutos degeneram, esquecem os primitivos sucus; a vinha, essa acaba por só dar míseros cachos que se deixam às aves. Assim, a todas as árvores se tem que dispensar cuidados; todas se tem de alinhar em valas e de tratar sem fugir a despesas. As oliveiras respondem melhor à esperança do agricultor quando provêm de tanchoeiras, as vinhas quando se planta um tronco inteiro”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Sá da Costa, 1948, 75

Ainda segundo informação de Plínio-o-Velho, o pintor grego Zeuxis ou Zeuxippos (464 a. C. - 398 a. C), natural de Heráclea, mas que viveu grande parte da sua vida em Atenas, considerado um dos principais pintores da Grécia Antiga terá disputado com outro pintor, Parraso. “Para a disputa, Zeuxis pintou um cacho de uvas. Quando mostrou o quadro, dois passarinhos imediatamente tentaram bicar as frutas. Zeuxis então pediu que Parraso desembrulhasse o seu quadro. Este então revelou que na verdade era a

pintura que simulava a embalagem do quadro. Zeuxis imediatamente reconheceu a superioridade de Parraso, pois se tinha enganado os olhos dos passarinhos, este tinha enganado os olhos de um artista”. (Plínio, o Velho, *História Natural*, Livro XXXV, IV).



Fig. 35: Portadora de oferendas com cacho de uvas na mão. S. Miguel da Mota, Terena. Século I - II. MNA. Museu Nacional de Arqueologia

Em Castro Verde apareceram dois exemplares de lucernas representando Sátiros, símbolos do poder vital da natureza.

Por esse facto, as representações de Sátiros são sempre particularmente zoomórficas, fazendo os cornos do bode parte integrante das figurações.

Pã, deus dos rebanhos e dos pastores, também filho de Hermes/Mercúrio, nasceu igualmente com cornos de bode e muito irrequieto. Os Romanos identificaram esta divindade com Fauno, também com cornos e pés de bode (MAIA, 1997, 75).





Um dos mais belhos mosaicos do “Triunfo de Baco”, proveniente da *Villa Romana de Torre de Palma*, encontra-se também no Museu Nacional de Arqueologia.

Fig. 36: Triunfo indiano de Baco. Villa romana de Torre de Palma. Museu Nacional de Arqueologia

Fig. 37: Mosaico de Baco. Fotografia a partir de: <https://cm-meda.pt/o-q.../sitio-arqueologico-do-vale-do-mouro/>







Fig. 38: Imagem: Mosaico do Outono, *Villa romana do Rabaçal, Penela*

Fig. 39: Mosaico romano com representação de Baco. *Cherchell Museum, Argélia*



Proveniente da *Villa Romana de Vale de Mouro*, na Coriscada, no concelho de Mêda é também um mosaico de Baco, um tema com poucos exemplares em território nacional.

À esquerda da divindade está representada uma figura feminina, que deve tratar-se de uma ménade ou bacante.

A 23 de Abril comemoravam-se as *vinalia*, festa dedicada ao vinho sob a protecção de Vénus (Abril é o mês dedicado a esta divindade) que concedeu aos humanos o vinho corrente *vinum spurcum*. A Júpiter, como deus que regulava o clima, eram-lhe oferecidas libações com vinho benzido pelo sumo sacerdote.

Por sua vez, no templo de *Venus Ericina*, jovens e prostitutas reuniam-se procurando relacionamentos e ofereciam à deusa mirto, menta e juncos entre ramos de rosas, pedindo beleza.

Assim, o calendário romano antigo, havia três festividades ligadas à vinha e do vinho: o *Vinalia Rustica* ou *Altera* (19 de Agosto), quando a safra começava; o *Meditrinalia* (11 de Outubro), quando a primeira libação era derramada; o *Vinalia Urbana* ou *Priora* (23 de Abril), quando o novo

vinho era provado. Tanto o *Vinalia Rustica* como a *Vinalia Urbana* estavam ligados a rituais para proteger as vinhas. No dia do *Vinalia Urbana*, o *Flamen Dialis* oferece uma libação a Júpiter com os primeiros frascos de vinho; só então pode o vinho ser recolhidos por homens. Vénus também é homenageada neste dia como a protectora das dançarinas e prostitutas. Myrtle (mirto), como acima dissemos, hortelã, e incenso são queimados nos altares do templo de Erycinna na parte nordeste da cidade, construída para abrigar a imagem que Marcus Claudius Marcellus recolheu de Eryx na Sicília em 212 a. C. Ramos de rosas e juncos eram-lhe oferecidas.

Já Hipócrates (460-370 a. C.), o pai da Medicina, assim se lhe refere: “O vinho é bebida excelente para o homem, tanto sadio como doente, desde que usado adequadamente, de maneira moderada e conforme seu temperamento.” Hipócrates incorporou o vinho no tratamento da maioria das doenças agudas e crónicas, recomendando-o como suplemento dietético, como diurético, como purgativo, como antitérmico, como antisséptico em emplastos para

prevenir a supuração de ferimentos e ainda na convalescença quando havia depressão.

Refere um preparado que ficaria conhecido como vinho hipocrático (vinho doce com canela, gengibre ou outra especiaria, coado), com qualidades estimulantes e reconfortantes.

Também Plínio se refere às qualidades profiláticas do mel e do vinho:

*“Ao levantar-te de manhã, deves misturar sementes de anis com um pouco de mel, mastigá-las e enxagua a tua boca com vinho.”*

Plínio, *História Natural*, XX, 72



Fig. 40:  
Busto de Dioniso em mármore Séc. II d. C. Milreu, Faro.  
Para melhor conhecer esta peça:  
<http://www.matriznet.dgpc.pt/.../Objeto.../ObjectosConsultar.aspx...>



## Trigo

*“Logo de início temos de ir à eira  
e de com grande rolo a nivelar,  
depois de revolvido o solo à mão  
e de também com greda endurecido  
para que o não domine erva nenhuma  
nem possa o pó vencê-lo e destruí-lo,  
ou possa um rato que não vale nada  
fazer debaixo a toca, com dispensa,  
ou a cega toupeira se abrigo,  
ou em buracos apareça sapo  
e tudo o que de estranho a terra cria  
como o gorgulho com o seu tesouro  
ou formiga com medo da velhice.  
Há que se ver também se no pomar,  
quando a folhagem veste amendoeira  
e ramaria curva, pronta a fruto,  
o não faça de mais pois, quando o faz,  
logo a imita o trigo e se terá  
fatigante debulha no Verão,  
sendo também que, se há folha em fatura,  
a sombra se exagera e só a palha  
nas eiras ficará de trilhar colmo”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, Temas & Debates, 1997

Assim se refere ainda o poeta Virgílio:

*“Terras anegradadas, onde a relha escorrega quase  
sem esforço, mas que se esfarelam - para isso serve o  
charruar - são as melhores para o trigo; de nenhuma  
outras empostas verás recolher ao celeiro mais carros  
puxados por vagarosos bois”.*

*“Pelo meio do dia se ceifa a messe dourada; à hora  
do calor se malham na eira os trigos que o sol tostou”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Edição Sá da Costa, 1948, pp. 290-295

O trigo aparece associado a Deméter/Ceres. Deméter, filha de Crono e de Reia, parece ter dado os primeiros grãos de trigo a Céleo de Elêusis.

É a deusa do trigo, ao qual facilita a germinação, e das colheitas, de que assegura o amadurecimento.

No Museu Nacional de Arqueologia há uma pedra de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresenta gravada um busto de mulher com diadema (Ceres?) voltado à esquerda, que é sublinhado por uma espiga estilizada (ver “Um gosto privado - um olhar público”, p. 130).

Há inúmeras referências ao trigo quer em Virgílio, *As Geórgicas* (29; 31; 39; 45; 47; 73; 75; 95), Ed. Sá da Costa, 1948, Lisboa.

Plínio informa-nos que na Hispânia o trigo se guarda em silos e que “*assim, se não penetra qualquer ar no trigo, é seguro que não haverá qualquer dano.*”

Plínio, XVIII, 306-307

Segundo informação de Estrabão, “*Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável.*”

Estrabão, III, 2, 65

Para além de Zeus/Júpiter e de Deméter/Ceres, o trigo aparece ainda associado a Ísis (ver *Las Religiones mistericas en la España Romana* Bendala Gálan) Sub dirección General de Arqueologia del Ministerio Madrid 1981.

O Verão aparece normalmente associado às espigas.

## Carvalho

*“Mas, antes de tudo, venera os deuses e oferece à magna Ceres os sacrifícios anuais devidos, celebrando-os nos prados ridentes, quando o inverno chegou ao ser termo e a primavera serena já se anuncia. Nessa ocasião estão nédios os cordeiros e os vinhos têm o melhor sabor; o sono é aprazível, e são densas as sombras nos montes. Adore Ceres, por tua intenção, toda a mocidade dos campos; diluam-se, em honra de Ceres, favos de mel em leite e doce vinho; que a vítima propiciadora dê três voltas aos trigos novos, e todo o alegre cortejo a acompanhe, invocando com clamores, para a tua casa, a protecção de Ceres; e que ninguém meta foice nos trigos maduros antes de, com a fonte cingida por uma grinalda de folhas de carvalho, ter honrado a deusa com singelas danças e com cânticos”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Ed. Sá da Costa, 1948.  
Livro I, pp. 335-355, 47-79; 121.

O Carvalho aparece associado às Ninfas Dríades; Zeus/Júpiter e a Febo/Apolo.

Na Antiguidade era um ornamento usado como jóia real. Muito conhecido é exemplar executado com folhas de carvalho, em ouro que parece ter pertencido a Felipe II da Macedónia e que foi encontrada numa sepultura.

*“Para o tempo não poder apagar a memória deste feito, instituí jogos sagrados com uma grandiosa competição, chamados píticos, do nome da serpente que ele subjugara.*

*Neles, todo o jovem que vencesse por mão, por pé, ou carro, ganhava a título honorífico um ramo de folhas de carvalho.*

*O loureiro não existia ainda e Febo cingia ainda as fronte*

*graciosas e o longo cabelo com folhas de qualquer árvore”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro I, Cotovia Clássicos, 2007

Zeus permanece nos carvalhos de Dodona e anima, com o seu sopro, a folhagem que manifesta os seus oráculos. O carvalho fornecia a Zeus a sua coroa.

As Dríades são as ninfas que povoam as florestas de carvalhos, particularmente sagrados na religião grega e que a protegem. As Dríades têm a forma e o tamanho de um tronco com raízes. Filémon foi também transformado em carvalho. O carvalho era protegido pelas Dríades, a mais célebre das quais Eurídice casou com Orfeu. Milão ao tentar abater uma destas árvores ficou com as mãos trilhadas entre as duas partes da árvore que se voltaram a unir. Em Santa Bárbara foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de coroas de carvalho (MAIA, Manuel e MAIA, Maria, 1997, *Lucernas de Santa Bárbara*, Castro Verde, Cortiçol, 112 e 113).



Fig. 41: Júpiter e Mercúrio na casa de Filémon e Baucis. Pintura de Adam Elsheimer(1578–1610).

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fil%C3%A9mon\\_e\\_Baucis](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fil%C3%A9mon_e_Baucis)

Na mitologia grega, Filémon e Baucis era um casal de camponeses frígios, de origem muito humilde. O seu bem mais precioso era uma gansa, criada como animal de estimação.

A uma determinada altura, Zeus e seu filho, Hermes, andavam vagueando sob a forma humana, pela Frígia e pedindo hospedagem, sem que os habitantes lha dessem, e apenas Filémon e Baucis os acolheram. Quando os dois hóspedes revelaram a sua verdadeira identidade o casal sentiu-se envergonhado de lhes ter oferecido um jantar tão pobre e decidem sacrificar a gansa de estimação.

*“Ora bem, mal os seres celestes chegaram ao humilde larzito e, baixando a cabeça, entraram na pequenina ombreira, o velho trouxe um banco, que Báucis, solícita, cobrira com um pano grosseiro, e convidou-os a descansar o corpo. De seguida, ela arreda na lareira as cinzas tépidas e reavive o lime da véspera, alimentando-o de folhas e casca seca, e com o seu sopro de velhinha espevita-o até pegar chama”*

Ovídio, *Metamorfoses*, VIII, 610-715



As sete colinas de Roma também estavam cobertas de bosques de carvalhos dedicados a Júpiter e o fogo sagrado de Roma era mantido pelas Vestais e só podia ser alimentado com madeira de carvalho.

Relativamente à profundidade das valas em que devem ser plantados os carvalhos, diz-nos Virgílio que se tem que “aferrar à terra mais profundamente (do que a videira). É o que sucede com o carvalho, que eleva nos ares o seu cimo tanto quanto mergulha a raiz para o Tártaro; por isso nem as invernais, nem os vendavais, nem as chuvas o desarreigam; permanece inabalável, vendo as gerações a suceder-se; lança ao longe os ramos vigorosos, deita por vários lados as pernas, e, no meio delas, sustenta a copa que espalha vasta sombra” (Edição Sá da Costa, 1948, 79).

### Pinheiro

A pinha, símbolo do renascimento e do sol, associa-se, desde a Antiguidade à Fertilidade e à Abundância, tal como a Romã, razão pela qual foi tão usada em motivos arquitectónicos, ao longo dos tempos. Representa ainda o poder da regeneração, motivo pelo que, ainda nos nossos dias, há festas dedicadas à mesma, sagrando a Primavera, a exemplo das Festas de Estói. (“Manifestação cultural – alterações ao longo do tempo Estudo de Caso – Festa da Pinha”, Laura Neves Carlos. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultura, 2013, Universidade do Algarve pp. 40).

O tirso de Baco, bastão encimado por uma pinha ou cacho de uvas entrelaçado com hera e folhas de videira, simboliza exactamente a energia fertilizante desta divindade.

Fig. 42: Folhas de carvalho





Fig. 43: Pinha, pormenor decorativo de um dos capitéis do templo romano de Évora. Fotografias Esmeralda Gomes

Fig. 44: Capitel romano de Évora. Fotografia de Esmeralda Gomes



O pinheiro e a pinha representavam, já na Antiga Grécia, a masculinidade, relacionando-se com a sua fisionomia erecta e rígida e, talvez por isso, apareça também associado ao deus Pã.

*“Um dia Pã, de cabeça cingida de agulhas de pinheiro, avista-a (Siringe) a retornar do monte Liceu”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livros Cotovia, 2017

A pinha, que também integra a iconografia habitual de Silvano, logicamente herda a simbologia do pinheiro, assumindo Silvano, esse *numen* da Fertilidade da vida campestre, a energia regeneradora.

A pinha era usada por Dioniso/Baco na fronte (em jeito de diadema) e no tirso (encimando o bastão, em alternância com o cacho de uvas entrelaçado com hera e folhas de videira). O mesmo valor teria quando adjudicada a Silvano.

À semelhança dos frutos de outras árvores coníferas, a pinha constituía-se finalmente como imagem da morte, da ressurreição e da imortalidade, sendo, como tal, associada ao mito de Átis e Cíbele.

Os Gregos considerava-no sagrado, associando-o ao deus Neptuno.



Fig. 45:  
Pinheiros  
em  
Miróbriga

O pinheiro simboliza ainda a regeneração e a imortalidade, motivo pelo que se associa também a Átis e Cíbele (Plínio, História Natural, XIV, 127).

*“Também vós viestes, heras de pés retorcidos, com vinhas  
as suas parras, e os ulmeiros por videiras cobertos,  
e freixos do monte e abetos, e o medronheiro carregado de frutos  
e o pinheiro, de hirsuta copa arregaçada no topo, tão caro  
à Mãe dos deuses, se é certo que Átis, o devoto de Cíbele,  
por ele despiu a forma humana e endureceu no alto tronco”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro X, Livros Cotovia, 2017

Segundo o mito, Cíbele apaixonou-se por Átis e não sendo devidamente correspondida, pois o jovem amante, traiu-a com uma ninfa, Cíbele vingou-se, tendo-o endoidecido e provocado um tal frenesi, ao ponto de ter cortado os próprios testículos com uma faca, acabando por morrer sob um pinheiro.

Posteriormente, com remorsos, a deusa acabou por o trazer novamente à vida. Este vínculo ou paixão demonstra a forte ligação entre fertilidade e virilidade. Simbolicamente o sacrifício/morte do Deus da Vegetação para sua ressurreição posterior, representa a morte e ressurreição que a Natureza encena todos os anos.

O pinheiro surge também associado ao deus Silvano.

Sintetizando, o pinheiro simboliza a regeneração e a imortalidade, situação que se verifica nos países nórdicos e que origina a ideia da Árvore de Natal

Em Virgílio, há variadíssimas referências aos pinheiros, passando a citar uma delas:

*“Entretanto, carregam-se também de frutos as matas, e os incultos cerrados que servem de refúgio às aves avermelham-se com as bagas cor-de-sangue; o cítiso ministra pasto ao armentio; os pinheiros dão-nos archotes em que se acendem os lumes que trazem claridade às noites. E ainda os homens hesitarão em plantar arvoredo, e em lhe dispensar cuidados?”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Ed. Sá da Costa, 1948, 89

## Palma

As folhas de palmeira relacionam-se com a Vitória e com a Fortuna. Eram atribuídas aos vencedores.

A Palma simboliza a vitória, a ascensão, a imortalidade ou o renascer.

As folhas de palmeira na mitologia romana relacionam-se com a Vitória que se faz sempre representar como uma mulher alada, tendo como atributos a palma e a coroa que traz na mão, e com a Fortuna de que já aqui falámos. Eram atribuídas aos vencedores.

*“as flexíveis palmeiras, prémios de vencedor”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro X. Livros Cotovia, 2017

Existem inúmeras representações com a palma dos vencedores, quer em vencedores de corridas de cavalos, quer no próprio cavalo, como é o exemplar de Torre de Palma e de muitas outras proveniências, a exemplo de Mérida.

Em Santa Bárbara, Castro Verde, foram identificadas inúmeras lucernas com a representação de palmas (MAIA, 1997, 119-120).



Fig. 46: Mosaico romano da Casa dos Cavalos, Cartago, Tunísia. Fotografia Brian H.

De Torre de Ares provém ainda uma lucerna de finais dos imperadores flávios, onde no disco aparece representado um altar ladeado por duas palmeiras com duas cobras enroladas nelas (NOLEN, 1994, 43, lu. 40).

O Baixo relevo ornamental proveniente da Sé de Lisboa é um exemplo, entre tantos outros, da representação da videira e da palma na iconografia paleocristã e moçárabe (“Lisboa Subterrânea, p. 233). Mas podemos ainda referir

entre tantos exemplos, a decoração tardia de S. Gião da Nazaré e ainda representada em motivos decorativos de inscrições funerárias, a exemplo do que se apresenta, pertencente ao acervo do MNA.

Endovélico também se fazia representar com a palma ou coroa de louros.

Este exemplar de Mérida é particularmente interessante pela sua inscrição.



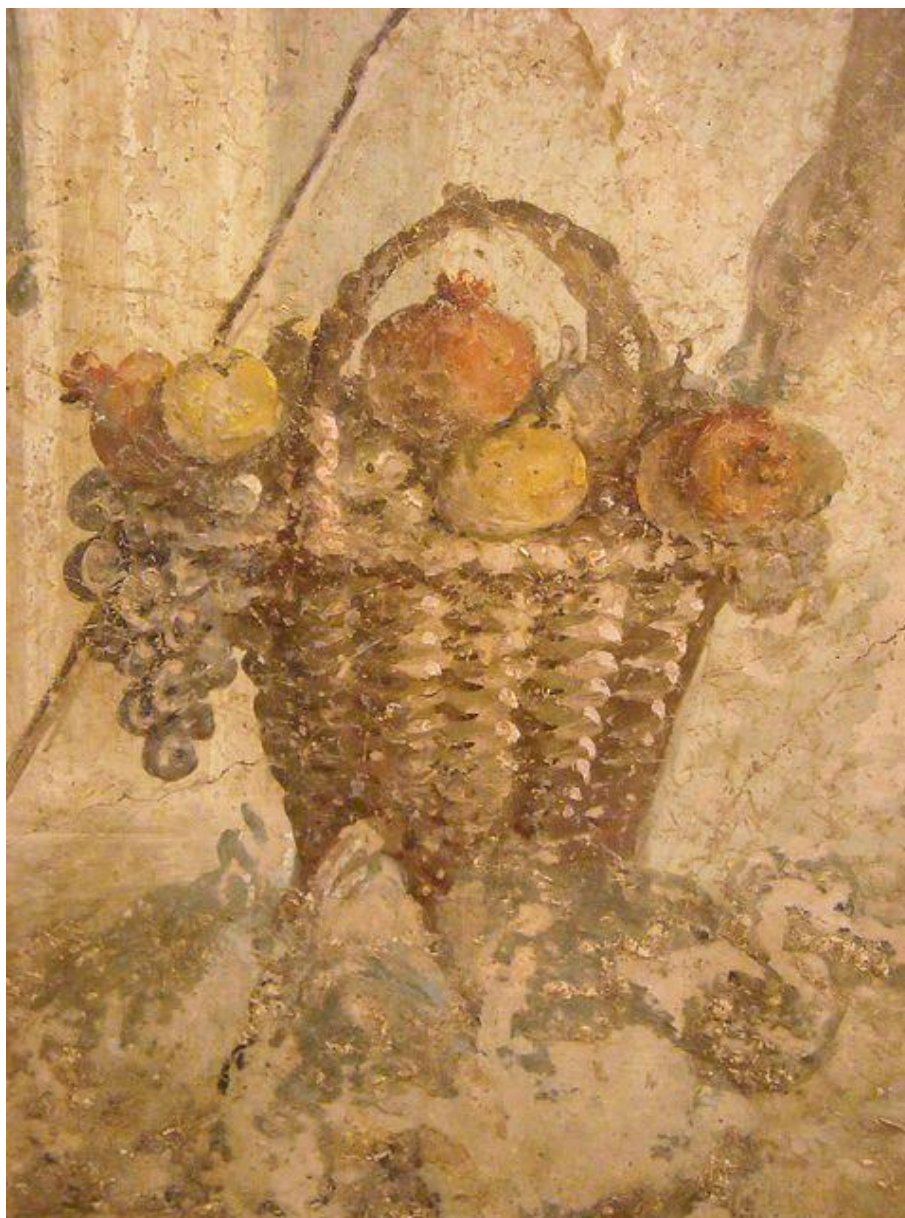


Fig. 47: Fresco proveniente de Pompeia. Museu Arqueológico de Nápoles.  
Fotografia a partir de: <https://www.pinterest.pt/pin/358739926538045583/>

## Frutos

*“E, sobretudo, tu, que ainda não sabemos a que companhia divina irás pertencer: se chamarás a ti, César, a protecção das cidades e dos campos, e o vasto Mundo te receberá como dador dos frutos e árbitro das estações, cingindo a fronte com a murta materna; se te tornarás deus do imenso mar, os navegantes te saudarão como seu único patrono (...) Seja qual for o teu destino (...) facilita o meu comedimento, favorece o meu propósito ousado, e, apiedando-te comigo dos*

*agricultores que não acertam com o bom caminho, vem até mim, e acostuma-te, desde já, a ser invocado pelos mortais”*

*“É a primavera quem traz maior mercê à folhagem dos bosques e matas (...) O solo criador dá à luz os seus frutos; os campos oferecem o seu seio ao bafo tépido do Zéfiro; as moles seivas refluem de todas as plantas, e as ervas ousam, confiantemente, entregar-se a novos sóis (...).”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro I, Ed. Ruy Mayer, Sá da Costa, 1948



Fig. 48: Fresco de *Villa Livia*. Museo Nazionale Romano, Roma

Pomona, uma das Hamadriades do Lácio, ninfa dos bosques e protectora das árvores de fruto, era amada por Vertummo, o deus itálico das estações. *Pomum*, em latim, significa maçã e em geral frutos.

*“nenhuma cuidava mais habilmente do jardim,  
Nenhuma outra houve mais devotada às árvores de  
fruto.  
Daqui deriva seu nome. Não são tanto os bosques nem  
os rios  
que ela ama, mas os campos e ramos carregados de ricos  
frutos.  
Nunca lhe pesara na direita o dardo, mas sim a curva  
foice  
com a qual ora reprime a exuberância vegetal e desbasta  
ramas*

*Que por toda a parte alastram, ora faz uma incisão na  
casca*

*(...)*

*Receando, porém, a brutalidade dos aldeãos, fechara o  
pomar*

*Com vedação, refugia-se e proíbe o acesso ao sexo  
masculino.*

*O que não fizeram os sátiros, jovens e hábeis a dançar,  
E os Pãs, com os chifres engrinaldados de ramas de  
pinheiro,*

*E Sileno, sempre tão jovem apesar da sua longa idade,  
E o deus que amedronta os ladrões pela foice e pelo  
pénis,*

*Para a conquistarem! Na verdade, no amor por ela, a  
todos  
vencia Vertummo: mas não era mais afortunado que  
eles”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XIV, Livros Cotovia, 2017



*“É a primavera quem traz maior mercê à folhagem dos bosques e matas (...) O solo criador dá à luz os seus frutos; os campos oferecem o seu seio ao bafo tépido do Zéfiro; as moles seivas refluem de todas as plantas, e as ervas ousam, confiantemente, entregar-se a novos sóis (...).”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro I, Ed. Ruy Mayer, Sá da Costa, 1948

## Mirto

Aparece associado a Afrodite e, em Roma, a Vénus que recebia o epíteto Murcia, relacionado com esta planta. Os Gregos usavam-na para adornar as grinaldas das noivas, hábito que se manteve até praticamente os nossos dias.

A sua madeira (Mirra) era também utilizada como incenso em cerimónias religiosas na Grécia Antiga, motivo pelo que o Cristianismo a deve ter incluído no presente de um dos reis magos. Mas diz ainda a mitologia clássica a que Fauna (a mulher de Fauno) foi esquartejada pelo marido até à morte com varas de mirto por ter bebido vinho, proibido às mulheres por uma lei arcaica decretada por Numa. Curiosamente, existe uma estreita vinculação entre o vinho e as práticas proféticas (MONTERO HERRERO, p. 21). Nos processos de adivinhação oníricos, sonhar com mirto pode simbolizar a mulher corrupta (MONTERO HERRERO, Santiago, 1994, 203). Mas os ramos de Mirto também coroam a Amizade. No dia 1 de Abril, início do mês de Vénus – “Abril” deriva de “Aprire” -, mês em que a terra “abre”, - celebra-se a Veneralia, consagrada, como o próprio nome indica, a Vénus, Deusa da Fertilidade e do Amor. Por essa altura, as mulheres tomavam banho nos locais públicos, adornando-se com grinaldas de mirto, aproveitando para pedir à Deusa ajuda nas suas vidas amorosas. (*As Geórgicas*, 1948, Lisboa, Sá da Costa. NH; Diosas y adivinas Virgílio; MONTERO HERRERO, Sá da Costa; Editorial Trotta Valladolid 1948; 1994: 20; 21 Diosas y adivinas).

## Silva



Fig. 49: Miróbriga

*“As colinas ingratas, as terras difíceis, em que a argila escasseia e a pedra abunda, e que o mato reveste de moitas, são propícias à silva, grata a Palas, da longeva oliveira; é o que denunciam os zambujeiros crescendo em grande número, e as bagas silvestres espalhadas pelo chão”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro I, Ed. Ruy Mayer, Sá da Costa, 1948

Por sua vez, as silvas também estão associadas na Antiguidade ao amor de Afrodite/Vénus com Adónis., bem como a Silvano, a que nos referimos já, a propósito do cipreste.

Ares/Marte, o deus da Guerra e amante de Vénus não suportou ser atraído e, por esse motivo decide atacá-lo enviando um javali que lhe desferiu um golpe mortal. Afrodite, que corria por entre as silvas para socorrer o amante, feriu-se e o sangue que corria das suas feridas transformou-se em rosas vermelhas.

## Choupo

Ao saberem da morte do irmão, as Heliades, filhas de Hélio, o deus que conduzia o Sol,



choraram durante quatro meses e, compadecidos com a sua dor, os deuses transformaram-nas nestas árvores e suas lágrimas, que continuavam a cair, transformaram-se em âmbar ao atingir a água

O seu irmão, Faetonte, morreu após tentar conduzir a carruagem de seu pai (o Sol).

Ovídio, *Metamorfoses*, Liv. II

### Tília

Pela doçura da sua hospitalidade, Baucis após a sua morte foi transformada pelos deuses em tília.

*“Ora bem, mal os seres celestes chegaram ao humilde larzito e, baixando a cabeça, entraram na pequenina ombreira, o velho trouxe um banco, que Báucis, solícita, cobrira com um pano grosseiro, e convidou-os a descansar o corpo. De seguida, ela arreda na lareira as cinzas tépidas e reavive o lime da véspera, alimentando-o de folhas e casca seca, e com o seu sopro de velhinha espreita-o até pegar chama”*

Ovídio, *Metamorfoses*, VIII, 610-715

### Sobreiro

Segundo Plínio,

*“É coisa certa que mesmo hoje em dia a bolota constitui uma riqueza para muitos povos, mesmo em tempo de paz. Havendo escassez de cereais secam-se as bolotas, monda-se e amassa-se a farinha em forma de pão. Actualmente, mesmo nas Hispanias, a bolota figura entre as sobremesas”.*

Plínio, *Naturalis Historia*, XVI, 15

Segundo Estrabão, a principal base alimentar dos povos do N. e NO peninsular era a bolota, com cuja farinha faziam pão.

*“Em três quartas partes do ano os montanhese não se alimentam de outra coisa senão de bolotas, que, secas e trituradas, servem para fazer pão”.*

Estrabão, *Geografia*, III, 3, 7

O sobreiro era consagrado a Júpiter pelos Gregos e para os Romanos era símbolo de valor (da liberdade e da honra). O sobreiro era designado em Latim SUBER e foi essa a denominação que originou o actual nome. O uso da cortiça para selar contentores já era do conhecimento de Gregos e Romanos.

Fig. 50: Detalhe da orla de folhas de sobreiro e bolotas que rodeia um dos clipeos da coleção do Museu. Pertenceria à decoração arquitectónica do conhecido como pórtico do Forum. Mérida. Fotografia Museo Nacional de Arte Romano, Mérida



A exemplo, pode ver-se nas ânforas utilizadas em Pisa.

Dioscórides cita as bolotas como úteis na cura de chagas, contra inflamações e mordeduras venenosas, tendo um efeito diurético.

### Romã



Fig. 51: Terra sigillata em forma de romã

*“Esta será de origem africana mas as produções hispânicas (TSH) deste tipo de cerâmica seriam as mais comuns. Não existe, no entanto, um claro testemunho de que a produção de TSH fosse originária da província da Lusitânia, conhecendo-se antes concentrações de oleiros nas províncias Tarraconense e Bética.*

*Em termos de forma, conhecem-se até à data apenas 2 peças em “terra sigillata” em forma de romã e uma outra peça de paredes finas, o que faz deste exemplar um objecto único. Foi encontrado em Mérida, num enterramento de inumação, podendo ter contido*

*unguentos propiciatórios de uma boa viagem para a outra vida”*

Fotografia e comentário:  
Lusitânia Romana, Museu Nacional de Arqueologia.

A romã aparece associada a Afrodite (Vénus), Hera e Perséfone/Proserpina.

A romã já era conhecida dos hebreus nos tempos bíblicos, sendo referida uma pintura dessa fruta nos pilares do templo de Salomão. De acordo com as Sagradas Escrituras, o Rei Salomão falava de um pomar de árvores de romã e, quando os filhos de Israel vagueavam pelo deserto, recordavam-se das refrescantes romãs do Egito. A sua simbologia tem analogias com o figo em termos místicos e bíblicos.

A romã era já conhecida de sírios e fenícios, mas é na mitologia grega que passa a ser considerada um símbolo de fertilidade e, por isso a sua associação a Deméter, Perséfone-Proserpina, Afrodite-Vénus e Atena).

Ao que se sabe, os romanos terão importado a romã a partir de uma colónia fenícia de Cartago, no norte de África e, é por isso que eles a denominaram maçã fenícia (*punicum Malum*), ou de maçã semente (*granatum Malum*), por causa das sementes dentro do fruto.

Mas também a Romã nos aparece na mão da deusa Hera/Juno, como um símbolo de fertilidade, mas também de união, pois a árvore, por causa das suas flores vermelhas, representava o amor, o casamento e a fertilidade. As noivas usavam guirlandas feitas com galhos de romã em flor.

Ao que diz a Mitologia, Afrodite, a Vénus romana, tê-la-á plantado em Chipre e Odisseu encontrou-a no palácio de um rei fenício.

Na Mitologia Greco-romana foi usada para simbolizar a alegoria das estações do ano e do

ciclo anual das colheitas. Ainda segundo a mitologia, Perséfone, a Prosérpina dos Romanos, passava forçadamente parte do ano com Hades-Plutão, porque tinha comido algumas sementes de romã durante o tempo em que vivera com ele no mundo dos infernos, quando fora raptada pelo deus.

O acordo que Zeus, o Júpiter dos Romanos, havia feito com Hades-Plutão pressupunha que Perséfone/Prosérpina regressasse sem nada ter comido, ou seja, em jejum. Tal não aconteceu e, de acordo com o relato de Ovídio, comeu sete bagas de uma romã.

*“(…) Ceres estava decidida a tirar de lá a sua filha;  
os fados é que não lhe permitem: é que a jovem quebrara  
o jejum.  
Na sua inocência, enquanto errava pelo jardim bem  
cultivado,  
colhera de um ramo pendente uma romã de cor  
escarlate,  
e da casca amarelada tirara sete grãos que metera na  
boca  
e trincara. Apenas um de entre todos eles a viu fazê-lo,  
Ascálafo, que em tempos se dizia Orfne, bem conhecida  
de entre as ninfas do Averno, grávida do seu Aqueronte  
querido, ter dado à luz no coração de uma escura  
floresta.  
Viu-a e, denunciando-a, impediu-a, cruel, de regressar.  
A rainha do Érebo pôs-se a gemer e transformou o  
delator  
em ave impura: salpicou-lhe a cabeça com água do  
Flegetonte,  
e converteu-a numa criatura com bico, penas e enormes  
olhos.  
Arrebatado à sua forma, ele enverga por manto asas  
fulvas,  
cresce-lhe a cabeça, as unhas recurvam-se bem  
compridas,  
e a custo move as penas nascidas nos vagarosos braços.  
Torna-se na ave pavorosa, mensageira da desgraça  
vindoura,  
a indolente coruja, presságio medonho para os  
mortais”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro V, Livros Cotovia, 2007

Assim, Perséfone-Prosérpina apenas passou a viver metade do ano junto dos pais, assumindo-se como Koré, a eterna adolescente, e o restante com Hades, quando representava a Perséfone-Prosérpina das profundezas.

Mas ainda se encontram mais associações mitológicas à romã, designadamente Dionísio e Cibele. Numa das lendas Dioniso castrou Agdistis, que havia adormecido bêbedo. Do seu sangue teria nascido uma romãzeira e o seu fruto originou a gravidez de Nana e Átis. O seu sumo, tal como o vinho, é considerado o sangue do deus Dioniso.

Durante os cultos Elêusinos também a romã estava presente.

Mas a Romã simboliza ainda a ideia de união e da solidariedade na individualidade de cada grão e é enquanto tal que é usada em muitos rituais místicos e iniciáticos. No fundo, o “Unir o disperso”.

Catão escreveu um tratado, uma espécie de manual chamado *De Agri Cultura* no qual, em alguns capítulos, podem ser encontradas orientações para os cuidados médicos que deviam ser adotados para os escravos e para o gado. Entre os medicamentos preconizados por Catão, destacam-se aqueles que eram preparados com abóbora; crua ou cozida, ingerida ou aplicada nas feridas e lesões.

No *De Agri Cultura*, ele recomendava remédios para vários tipos de afecções e apresentava a receita detalhada para a preparação e uso do *medicamentum*.

### Freixo

O Freixo era a árvore eleita como habitação das Meliades, que simbolizava a durabilidade e a firmeza.



As Melíades eram na mitologia grega um tipo de ninfas, nascidas do freixo - árvore que simboliza a durabilidade e a firmeza. Essas ninfas eram belicosas, isto é, tinham uma vontade nata de guerrear.

Segundo rezam as lendas, teriam nascido do esperma de Urano, tal como Afrodite, a Vénus romana; as Erínias e os Gigantes quando o seu filho Cronos castrou o pai, atirando os seus testículos ao mar.

Algumas das melíades são:

- Ide (visão)
- Adrasteia (inescapável)
- Amalteia (alívio)
- Adamanteia (indomável)
- Kinosoure (guardar)
- Helike (circular)
- Melissa (doçura)

### Alecrim, rosmaninho e alfazema

O alecrim, *Rosmarinus officinalis*, já considerado na Grécia antiga um presente de Afrodite aos humanos, sendo utilizado como substituto do incenso como perfumador. Esta erva aromática e condimentar, foi mencionada por Dioscórides, que o indica contra icterícia, e por Galeno. As suas virtudes foram também descritas por Plínio. Por causa do seu aroma característico, os romanos designavam-no como *rosmarinus*, que significa em latim “orvalho do mar”.

Para os Romanos o alecrim simbolizava o amor e a morte, e por isso era plantada na soleira das portas, hábito que durou até à Idade Média.

A alfazema é associada à franqueza e à serenidade. Pelo seu perfume e qualidades tranquilizantes, era considerado o aditivo de

banho preferido dos gregos e romanos, e o seu nome (*Lavandula*) deriva do latim *lavare* (lavar).

Virgílio, *As Geórgicas*, 1948, 75

### Hera

Esta planta envolve as lanças das Bacantes e, juntamente com as parras, forma a coroa de Dioniso.

Aparece igualmente na coroa de Silvano deus da selva, das florestas (no latim *silva* – donde vem-lhe o nome) que mais tarde passou a ser identificado com o deus Fauno ou o deus de origem grega Pã.

Também a Musa Tália (uma das nove musas, a da comédia), filha de Zeus e de Mnemósine, musa da comédia, era representada com uma máscara cómica na mão e por vezes com uma coroa de hera.

Nas *Metamorfoses* de Ovídio, Livro X, a hera surge relacionada com as vinhas, quando Orfeu desolado se senta.



Fig. 52: Fresco com representação de pássaros. *Triclinium* da *Villa di Livia Drusilla*

## Papoila

As papoilas eram atributo de Hypnos, a personificação do sono, da sonolência e irmão gémeo da morte, a que Romanos fizeram equivaler a “Somnus”, O Sono.

Hypnos, filho de Nix - a noite e de Érebo - a escuridão, era irmão gémeo de Tánatos, a Morte. Hypnos seria o responsável pelo descanso restaurador de todas as criaturas terrestres.

Segundo o escritor Ovídio, poeta latino do século I d. C. (17 ou 18 d. C.), autor de uma vasta obra, mas de que destaco o poema mitológico “Metaformoses”, o deus Mercúrio carregou os sonhos de Morfeu, filho do Sono, do Vale de “Somnus” aos seres humanos dormentes.

*“Perto dos Cimérios, há uma caverna de profundos recessos,  
uma montanha oca, residência e lar do preguiçoso Sono.  
Nela jamais ao nascer, ou a meio do seu curso, ou ao pôr-se,  
logra Febo penetrar com raios. Do chão exalam-se névoas  
à mistura com brumas e crepúsculos de luminosidade dúbia.  
Aí, ave alguma om vigília, crista na cabeça, canta a despertar  
a Aurora, nem é o silêncio rompido pelo ladrar de cães sobressaltados, nem por ganso, mais perspicaz que os cães  
(Não há animal bravio, nem rebanhos nem ramos movidos  
pela brisa, nem algazarra humana que solte um só som)  
Habita ali uma quietude muda, mas da base de uma rocha  
brota um regato vindo do rio Letes, cuja água murmurante,  
deslizando entre o crepitar dos seixos, convida ao sono.  
Diante da entrada da gruta, florescem férteis papoilas e incontornáveis plantas, da seiva das quais a Noite húmida*

*colhe a sonolência que borriфа pelas terras na escuridão.  
(...)*

*No centro desta gruta, está um leito alto de ébano, de colchão*

*de penas, tuso de cor negra, coberto de uma colcha escura.*

*Nele se deita o deus em pessoa, o corpo relaxado, lânguido.*

*À sua roda, por todo o lado, jazem sonhos vazios, imitando*

*formas várias, tantas quantas as espigas que a seara produz,*

*as folhas que o bosque tem, grãos de areia atirados na praia”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XI, Livros Cotovia, 2017

Já muitos séculos antes, Hesíodo, no século VII (?), também ele poeta, dizia que a divindade era filho sem pai de Nix, a Noite, a escuridão, Géia, a deusa das Trevas Primordiais ou da Terra no momento da criação. Teve “Somnus” muitos irmãos, entre os quais o mais importante é seu irmão gémeo Tánatos, a personificação da morte sem violência.

*“O que primeiro existiu foi o Caos; e logo a seguir a Terra de seio fecundo, eterna e segura mansão de todos os Imortais, que habitam os píncaros do Olimpo coberto de neve.  
E depois o Tártaro bolorento, no interior da terra de caminhos amplos,  
e Eros, o mais belo entre os deuses imortais, que amolece os membros, e a todos os deuses e a todos os homens,  
sujeita no peito o entendimento e a vontade consciente.  
De Caos nasceram Érebo e a negra Noite,  
e da Noite, por sua vez, nasceram o Éter e o Dia,  
que ela deu à luz, unindo-se com amor ao Érebo.  
A noite deu à luz o destino assustador e o negro Fim*

*e a Morte, e deu à luz também o sono, e ainda toda a  
raça dos Sonhos.*

*Depois deu à luz o Sarcasmo e o Lamento doloroso,  
a Noite tenebrosa, sem se ter unido a nenhum dos  
deuses,*

*e as Hespérides, que, para lá do Oceano ilustre,  
guardam maçãs*

*de ouro, belas, e as macieiras onde elas nascem.*

*E gerou as Moiras e as Keres, que castigam impiedosas*

*(Cloto, L'quesis e Átropo, que aos mortais,*

*à nascença, concedem o que é bom e o que é mau*

*(...)."*

Hesíodo, *Teogonia*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2014



Fig. 53: Estátua de bronze de Hipnos. Séculos I a.C. - I d.C.. Metropolitan Museum of Art in New York City, New York. Fotografia de: Mary Harrsch. <https://www.pinterest.pt/pin/399413060678440275/>

Fig. 54: Na fotografia; Hypnos (Somnus ?). Escultura em mármore., Época de Adriano, (117–138 d.C). Palazzo Massimo alle Terme



Mas a papoila que o simboliza aparece também associada a Deméter, a Ceres dos Romanos, deusa da fertilidade e do trigo, considerado símbolo da Civilização, enquanto capacidade dos humanos moldarem a Natureza e das Estações do ano. A papoila era, sem dúvida, a sua flor.

Teve Deméter, Ceres romana, uma filha do seu irmão Zeus chamada Perséfone (a Prosérpina romana) que vivia meio ano nas profundezas da Terra e outra metade vinha ajudar a sua mãe. Com o seu regresso inaugurava-se a Primavera, marcado pelo Equinócio da Primavera.

Das suas mãos surgiu também o trigo, considerado o símbolo da Civilização, essa capacidade de os Humanos moldarem a Natureza.

Como era a deusa da agricultura, fez muitas viagens em companhia de Dioniso, deus da vinha e do vinho, para ensinar os homens a cultivarem a terra.



Teve uma filha com seu irmão Zeus chamada Perséfone que vivia meio ano nas profundezas da Terra e outra metade vinha ajudar a sua mãe.

*“De Materia Medica” “La amapola rhoiás se denomina así porque pierde rápidamente la flor. Nace en primavera en campos cultivados, momento en el que se recolecta. Las hojas se parecen a las del orégano, o a las de la oruga, o a las de la achicoria, o a las del tomillo, un tanto hendidas, aunque más largas y más ásperas. Tiene el tallo juncoso, erecto, áspero, como de un codo, la flor bermeja, y a veces blanca, semejante a la de la anémona silvestre, la cabemela alargada, menor que la de la anémona, el fruto rojizo, la raíz alargada, blanquecina, del grosor del dedo meñique, amarga. Cuece cinco o seis de sus cabemelas, en tres cíatos de vino, hasta que se resuelvan en dos, dalas a beber a quienes quieras que se adormezcan. Bebido un acetábulo de su simiente, con aguamiel, ablanda ligeramente el vientre. Se mezcla también en los pasteles de miel y en las tortas con miel y sésamo, para los mismos efectos. Las hojas con las cabemelas, aplicadas como cataplasma, disipan las inflaciones. También su decocción, aplicada como fomento, es un somnífero”.*

Pseudo Dioscórides, *Plantas y Remedios Medicinales*, Libros IV-V

## Amoreira

Segundo Ovídio a cor do fruto das amoras deriva do sangue derramado por dois amantes - Píramo e Tisbe.



## Castanheiro

Associado simbolicamente à Providência, pois o seu fruto serve de alimento para o Inverno, o uso das castanhas é conhecido já desde a Pré-História, expandido entre Gregos e Romanos que a conservavam com mel e a usavam nos seus alimentos e recheios, tendo viabilizado a melhor doçaria medieval com farinha feita de castanhas.

*“Antes de mais nada, direi que a natureza varia quanto ao modo por que cria as árvores. Na verdade umas, sem a intervenção humana, nascem espontaneamente, e cobrem ao longe os campos e as margens sinuosas dos rios, como o vime flexível, a branda giesta, o choupo, e os salgueiros brancos, coroados de verde folhagem; outros brotam de semente colocada pela mão do homem, como os altos castanheiros, o roble, que, sobranceiro às mais árvores, se veste de folhas em honra de Júpiter, e as carvalheiras que serviam de oráculo aos Gregos; as outras rebenta da raiz densa mata de Pôlas, como sucede às gingeiras e aos ulmeiros, e também ao loureiro do Parnaso, que, pequeno ainda, de despega da vasta sombra da mãe”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, Sá da Costa, 1948, 15

Lembro que Marvão, onde ainda há soberanos castanheiros, costuma, em Novembro, fazer homenagem à castanha.

Fig. 55: Amoras-silvestres. Fotografia a partir de: <http://lebucaodevalpacos.blogspot.com/2015/09/a-amora-nasce-da-silva.html>

Fig. 56: Fotografia a partir de Wikipédia



## Figueira



Do ponto de vista simbólico representa, tal como a oliveira e a videira, a abundância, repleto que o fruto é de miríades de sementes. Entre os Gregos aparece associada a ritos místicos de fecundidade. A figueira é a primeira planta bíblica. As suas folhas são usadas por Adão que com elas se veste ao verificar que está nu (Génesis 3, 7). O Novo Testamento a ela se refere várias vezes, chegando a ser amaldiçoada por Jesus (MATEUS, 21; MARCOS, 2, 12s).

Fig. 57: Figos-Mosaico-da-Villa-Romana-del-Casale

Fig. 58: Fresco da luxuosa villa de Popea, mulher de Nero, em Oplontis, perto de Nápoles



Segundo a lenda romana, Rómulo e Remo teriam nascido debaixo de uma figueira e “durante muito tempo, os divinos gémeos foram venerados no *Comicium* sob uma figueira que nascera da primeira por estaca”, segundo o Geógrafo do século II d. C. Pausânias (Pausânias, 7, 44; 8, 23, 4, 9, 22, 2).

Os Romanos alimentavam os porcos com figos de molde à sua carne ficar aromatizada.

Também Apício refere o seu uso na alimentação de gansos, para que se pudesse fazer com o seu fígado o célebre “foie gras”.

Embora sendo conhecido o seu uso deste época anterior, o “foie gras” não era mencionado como iguaria, até que os romanos lhe deram o nome *iecur ficatum*, cujo significado literal é “fígado de figueira”.

Plínio o Velho recomenda a Apício, autor de tratado gastronómico e que consta ter-se morto com veneno por não ter suportado as dívidas contraídas com a alimentação, no século I, a alimentação dos gansos com esse fruto para aumentar os seus fígados, e por isso o termo *iecur ficatum*, “fígado estufado de figo”. A palavra *ficatum* ficou deste modo associada ao fígado do animal que se tornou a raiz etimológica de fígado em português e noutras línguas.

O gastrónomo Apício, no Livro I, da sua obra *De re coquinaria* recomendava também para que o figo fresco, maçã, pera e ameixa se conservem mais “colhe todas com o pecíolo cuidadosamente, e coloca no mel para que não se toquem”.

### Macieira

A maçã associa-se a Afrodite (Vénus).

Não podemos esquecer o papel que a maçã assume na Bíblia. Através da Bíblia, a tradição

cristã e judaica é herdeira da ideia de que a maçã é o símbolo do pecado original pois foi com ela que Adão foi tentado por Eva, pese o aviso divino de que não deveria ingerir o fruto da Árvore do Conhecimento e, por isso, eles foram expulsos do Jardim do Éden, caindo em desgraça.

Para os gregos, a macieira é símbolo de discórdia, reflectido no mito da Maçã Dourada, pois, Páris deveria oferecer uma maçã à deusa mais graciosa e, tendo escolhido Afrodite, enfureceu as outras deusas, dando início a Guerra de Tróia.

Também o gastrónomo Apício nos dá inúmeras receitas utilizando a maçã.

### Rosa

*“Era o primero a colher a rosa na Primavera e no Outono as frutas. E quando o Inverno frio fazia estalar de frio as rochas e parava com o gelo o curso das águas, ele já estava recortando as folhas do jacinto, maldizendo o atrazo do Verão e a demora dos céfiros”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, IV

A rosa é uma das flores de maior simbolismo na cultura ocidental. O seu nome tem origem latina, havendo quem defenda que procede do grego *rhodon* numa referência a Rodes, ilha coberta de rosas.

Considerada “a rainha das flores” pela poetisa Safo no século VI a. C., ela teria sido criada, segundo a mitologia grega, por Clóris, deusa das flores (Flora entre os romanos), com o corpo inanimado de uma ninfa.

Foi consagrada a Afrodite, deusa do amor, a Vénus, da época romana, tendo sido adoptada pelo cristianismo que tornou a Rosa como o símbolo de Maria.



Dioniso, segundo a tradição mais difundida, ofereceu-lhe seu perfume inebriante, e as Três Graças lhe deram-lhe o encanto e o brilho que ela oferecia aos que a contemplavam.

Cupido, filho de Marte, deus da guerra, e de Vénus, usava uma coroa de rosas, bem como Píriapo, deus dos jardins e da fecundidade. Ao que se sabe, um milénio antes da nossa era, a rosa-de-damasco, uma das mais antigas que se conhece, era cultivada na ilha de Samos, no Mediterrâneo, em honra de Afrodite.

De acordo com a mitologia grega, Afrodite quando nasceu das espumas do mar, a espuma tomou forma de uma rosa branca. A rosa branca representa, portanto, a pureza e a inocência. Também a Mitologia nos diz que quando a deusa viu Adónis ferido, a deusa foi socorrê-lo, tendo-se picado num espinho e o seu sangue coloriu as rosas que lhe eram consagradas. Assim, na Antiguidade as rosas eram usadas sobre os túmulos, símbolo de luto, existindo um festival em honra de Flora e Vénus chamado “Rosália”, e todos os anos, no mês de Maio, as sepulturas eram adornadas com essas flores.

Na Mitologia latina, as rosas eram invenção da deusa Flora (deusa da primavera e das flores), que as criou quando uma das ninfas da deusa morreu. Perante a sua tristeza, cada deus contribuiu com um elemento para tornar a rosa a mais bela e desejada das flores; Apolo insuflou-lhe a vida; Baco deu-lhe o néctar; Cupido deu-lhe os espinhos ao tentar espantar abelhas que se apaixonaram por ela.

A 23 de Abril comemoravam-se as *vinalia*, festa dedicada ao vinho sob a protecção de Vénus (Abril é o mês dedicado a esta divindade) que concedeu aos humanos o vinho corrente *vinum spurcum*. A Júpiter, como deus que regulava o clima, eram-lhe oferecidas libações com vinho benzido pelo sumo sacerdote. Por sua vez, no templo de Venus Ericina, jovens e prostitutas reuniam-se procurando relacionamentos e

ofereciam à deusa mirto, menta e juncos entre ramos de rosas, pedindo beleza.

A Rosa é, igualmente, consagrada à deusa Isís que é apresentada com uma coroa de rosas. Em muitas religiões místicas ou iniciáticas, a rosa fechada simboliza o segredo. O valor das rosas é também muito poderoso na Alquimia: uma rosa branca com um lírio era o símbolo da “Pequena Obra”; as rosas vermelhas eram ligadas à “Pedra Filosofal”, o objectivo máximo de um alquimista; a “Grande Obra”.

Durante os rituais fúnebres, as mulheres plantavam sementes de flores e regavam com água morna, para que crescessem mais depressa. E se isso fazia com que as roseiras florescessem rapidamente, também morriam num ápice. Eram os denominados Jardins de Adónis.

*“Ó caríssimo pai da Primavera, que sempre reíñas através dos meus prados com sopro folgazão e refrescas a estação com o teu contínuo hálito, observa a reunião das ninfas, a excelsa descendência do Tonante, pelos nossos campos dignando divertir-se (...) E o Zéfiro sacode as asas de um novo néctar impregnadas e fecunda as terras com um febril rocío. Para onde quer que voe segue-o rubor primaveril. Toda a terra rebenta em ervas, e a abóbada celeste descobre-se num sereno céu aberto. Pinta as rosas em sanguíneo esplendor, veste de negro os mirtilos e pinta as violetas com uma aprazível cor escura”.*

Claudian, *Rapto de Prosérpina*

Contudo há que veja nessa prática uma origem bem mais pragmática, pois seriam usadas com as velas dentro para afugentar possíveis estranhos aos territórios. Em Roma a abóbora era muito consumida e só em Apício encontramos nove receitas.

## Alface

Existem referências à alface desde os antigos persas. Hipócrates e Dioscórides citam-na na antiga Grécia.

Na mitologia grega, a alface é referida quando a deusa Vénus esconde o belo e jovem Adónis, filho de Mirra, num pé de alface. Assim, entre os Gregos, a alface ficou simbolicamente relacionada com a morte, pois segundo a lenda, o amor entre a deusa Afrodite e o jovem Adónis teve um fim trágico, quando este último foi morto por um porco selvagem ou javali, no jardim das alfaces, onde se escondia.

Para os Romanos a alface era consagrada a Vénus e não era comum, até uma certa altura, ingeri-la por ser considerado uma profanação.

No entanto há várias referências relativas ao seu uso, designadamente para evitar a embriaguez. Desde essa altura passou a haver o costume de comer a salada no fim da refeição, e Virgílio diz-nos que esta erva deliciosa finalizava os jantares dos nobres.

Também se sabe que era costume as elites servirem alface como entrada, antes do prato principal, com rabanetes e outros legumes crus. Os Romanos só consumiam as jovens alfaces cruas; por vezes, cozinhavam-nas com um molho com óleo e vinagre quente diretamente sobre as folhas. Também o gastrónomo Apício tem para a mesma várias receitas, usadas para a indigestão.

## Lírio

*“Vem cá, belo menino, as próprias ninfas  
te estão trazendo aqui cesto de lírios  
e colhe para ti a branca náide  
e o goivo e dormideira mais narciso,  
a seu odor ligando com ternura  
o funcho, a maravilha, toda a cor,  
todo o perfume juntos, indo eu mesmo  
buscar maçãs bem alvas e macias e nozes que Amarílis,  
minha cara Amarílis, tanto amava.  
Tudo haverá, em honra dessa fruta:  
te colherei o louro e, perto, o mirto,  
que também o seu cheiro a tudo junto”*

Virgílio, *Bucólicas* (Segunda)

Foi, do que diz a mitologia, como acima se referiu, apanhando um lírio (ou um narciso) que Perséfone/Prosérpina terá sido arrastada por Hades/Plutão, que se havia enamorado dela, através de uma abertura repentina do solo, para seu reino subterrâneo.

E ali passou a viver metade do ano.

É por isso que o lírio tem um significado duplo: por um lado, simboliza a pureza, a brancura, a inocência e virgindade, mas também a tentação do amor, das paixões e do erotismo.

Essa mesma dicotomia está presente na metamorfose de um dos filhos de Apolo, Jacinto, e simbolizaria aí amores proibidos, fazendo-se, nesse caso, de cor rubra.



Fig. 59:  
lírio roxo do  
campo

## Jacinto

A origem do nome Jacinto é Grega. Trata-se de uma personagem da mitologia que foi amada por Apolo e que, depois de morto, foi transformado na flor que tem o mesmo nome.

*“Vem cá, belo menino, as próprias ninfas  
te estão trazendo aqui cesto de lírios  
e colhe para ti a branca náide  
e o goivo e dormideia mais narciso,  
a seu odor ligando com ternura  
o funcho, a maravilha, toda a cor,  
todo o perfume juntos, indo eu mesmo  
buscar maçãs bem alvas e macias e nozes que Amarílis,  
minha cara Amarílis, tanto amava.  
Tudo haverá, em honra dessa fruta:  
te colherei o louro e, perto, o mirto,  
que também o seu cheiro a tudo junto”*

Virgílio, *Bucólicas (Segunda)*, Ed. Temas & Debates, 1997

Também Ovídio, a propósito do mito de Jacinto, assim nos refere:

*“E enquanto tal ia Apolo dizendo nos seus lábios  
verídicos,  
eis que o sangue, que, derramado no chão, tingira as  
ervas,  
deixa de ser sangue e desponta uma flor mais  
esplendorosa  
que a púrpura de Tiro. Esta flor toma o aspecto dos  
lírios,  
caso não fosse da cor da púrpura e aqueles da cor da  
prata.  
Tal não bastou a Febo (foi, de resto, ele desta honra o  
autor):  
ele próprio inscreveu os seus lamentos nas pétalas. E  
“AI AI”*

*passou a flor a ter inscrito, traçadas tais letras de  
lamentação.*

*E Esparta orgulha-se por Jacinto aí ter nascido, e ainda  
hoje  
lhe presta honras: todos os anos lá regressam as  
Jacíntias,  
e celebram-se, segundo antigo uso, começando pela  
procissão”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Ed. Bolso Cotovia, 2004

## Os Morangos

*“Vós que olheis flores e morangueiro  
procurais pelo chão, cuidado moço, que entre as ervas  
se oculta fria serpe”.*

Virgílio, *Bucólicas*, Ed. Temas & Debates, 1997

O morango era, na Época romana, valorizado pelas suas propriedades terapêuticas e praticamente servia para todos os tipos de doenças.

Ao que se sabe, é uma das frutas que mais tem propriedades medicinais, em toda a planta: fruto, raiz e folhas.

Era a fruta da deusa Vénus, e símbolo de fertilidade, tentação e paixão, fruto dos amores perdidos da mesma deusa por Adónis.

Na Mitologia romana os morangos eram chamados de “Lágrimas de Vénus” e do que reza a lenda, quando o mais belo dos homens morreu (Adónis), as lágrimas de Vénus transformaram-se em pequenos corações vermelhos, embora a mesma lenda nos apareça associada a outras plantas, flores, a exemplo da rosa, e animais, designadamente o javali que investiu contra Adónis e a anémoma, ou flor-do-vento, pois o vento é a causa tanto de seu nascimento como de sua morte.



Mas a utilização do morango para poções de amor de que há reminiscências na actualidade, relaciona-se, muito certamente, com este mito.

### Cravo

Derivando da palavra latina *flos* (flores), Flora era uma ninfa romana das flores, intimamente ligada à Primavera.

Porque um novo ciclo começa com a entrada dessa estação, Flora surge ainda mencionada como deusa da fertilidade. Durante os festejos que lhe eram dedicados em Roma, atiravam-se sementes sobre a multidão para atrair a fertilidade e a abundância, situação em que podemos encontrar algum paralelismo no hábito de deitar arroz aos recém-casados. Eram também sacrificadas ovelhas e ofertado mel e sementes de flores. O mel era exactamente considerado um dos presentes que Flora tinha dado aos seres humanos, simbolizando a abelha a força feminina da natureza.

Flora foi inúmeras vezes associada a Deméter, Artemisa e Perséfone e o poeta Ovídio chega mesmo a relacioná-la com a mitologia grega, identificando-a com a ninfa grega *Cloris*, embora a origem da divindade seja itálica.

Ainda segundo Ovídio, na Idade de Ouro,

*“A Primavera era eterna e com tépidas brisas os  
plácidos  
Zéfiros acariciavam as flores nascidas sem semente”*

Virgílio, *Metamorfoses*, Livro I

Segundo a versão do Mito de Ovídio, um certo dia de primavera, Zéfiro, o vento de oeste, também chamado Favónio, avistou a ninfa Cloris, apaixonou-se por ela e transformou-a em Flora.

Como prova de seu amor, Zéfiro nomeou a sua amada como rainha das flores das árvores frutíferas e concedeu-lhe o poder de germinar as sementes das flores de cultivo e ornamentais, entre elas o cravo. Por isso o cravo aparece representado na célebre “Primavera” de Sandro Botticelli.

### Giestas-Maias



Fig. 60: *Genistea*. <https://en.wikipedia.org/wiki/Genistea>

Como acima referimos, para os Gregos, Maia era a mais velha das Pléiades, uma das sete filhas de Atlas e Plêione, que, unida a Zeus, foi mãe de Hermes, o mensageiro dos deuses.

Na mitologia romana, Maia é uma antiga divindade itálica, filha de Fauno e esposa de Vulcano.

Daí provém o hábito de pendurar giestas às portas e janelas em muitas localidades portuguesas, afastando o “burro” ou mau agouro, no início do mês de Maio.

As Maias, meninas vestidas de branco coroadas de flores, ou “marafonas” vão sentar-se à porta de casa, na esquina da rua ou na praceta, pedindo “um tostãozinho para a maia”.

Associada à Primavera e à Fertilidade é a ninfa de origem latina Flora, a que também já nos referimos. As Florálias, as festividades romanas realizadas em honra à deusa Flora, para consagrar as florações da Primavera são um sincretismo romano de uma celebração anterior, consumado ainda nos nossos dias, no ritual da donzela, das bonecas e das giestas afugentando o “maio”, ou o “mau-olhado”.

Ainda hoje as Mais se podem considerar um dos rituais mais expressivos do ponto de vista da história religiosa antiga, que permaneceu praticamente imutável desde o século V, e que se exprime, com variantes, em vários pontos do país, celebrando, tal como acontecia na Roma Antiga o renascer da Natureza, a fertilidade vegetativa.

### Camélia

A camélia aparece associada à deusa Diana, a par de tantas outras espécies vegetais como artemísia; absinto; lírio; salgueiro; azevinho; erva-cidreira; eucalipto; cânfora; rosa; sândalo e o próprio carvalho.

### Girassol

Encontramos na Mitologia Grega uma lenda que explica o aparecimento da flor girassol. Clítia ou Clície era uma ninfa que estava apaixonada por Hélio, o deus do Sol. Quando este a trocou por Leucotéia, Clície começou a enfraquecer, e ficava sentada no chão frio, sem comer e sem

beber, alimentando-se apenas das suas próprias lágrimas. Enquanto o Sol estava no céu, Clície não desviava dele o seu olhar nem por um segundo, mas durante a noite, o seu rosto virava-se para o chão, continuando então a chorar. Com o passar do tempo, os seus pés ganharam raízes e a sua face se transformou em uma flor, e continuou seguindo o sol.

*“Quanto à Clície, embora pudesse justificar o ciúme, e o ciúme a denúncia, nunca mais aquele que nos dá a luz*

*foi ao encontro dela, nunca mais fez com ela amor. A partir*

*dali, ela, que amara de forma demencial, começa a definhar.*

*Suportando a chuva e o céu aberto quer de dia quer de noite,*

*enterrou-se na terra nua, os cabelos sem enfeites, desarranjados.*

*Durante nove dias inteiros, sem tocar água ou alimento,*

*nada mais ingeriu a não ser orvalho puro e as suas lágrimas,*

*e não mais se moveu do chão. Somente observava o rosto*

*do deus que passava, e ia voltando a sua face para ele.*

*Diz-me que, por fim, o corpo se prendeu ao solo; a palidez*

*amarelenta transformou-a numa planta lívida em parte,*

*outra é avermelhada, e uma flor quase igual à violeta cobre-lhe os lábios. E embora as raízes a prendam,*

*volta-se*

*sempre para o seu Sol e na nova forma guarda a sua paixão”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro IV, Cotovia, 2007

### Bibliografia

APULEIO (1978) – *Burro de Ouro*. Editorial Estampa.

- APULEIO (1990) – *Asno de Ouro*, Publicações Europa-América.
- Asociacion de Amigos del Museo de Merida (1993) – *Convivium: el arte de comer en Roma*. Merida.
- BARATA, Maria Filomena (2018) – *O queijo e a alimentação em Roma*. Colóquio «Queijo em Serpa: 5.000 anos de Tradição, Câmara Municipal de Serpa». [https://www.academia.edu/35953174/O\\_queijo\\_e\\_a\\_alimenta%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_Roma](https://www.academia.edu/35953174/O_queijo_e_a_alimenta%C3%A7%C3%A3o_em_Roma)
- BARBOSA, Paulo (2011) – *Um pouco sobre a Gastronomia romana*. <http://civilizacaoambiente.blogspot.pt/2011/01/um-pouco-sobre-gastronomia-romana.html>
- BARROSO, Maria do Sameiro (2015) – *As plantas medicinais entre os Celtas*. [http://revista.triplov.com/Salao\\_do\\_Folhetim/Maria\\_do\\_Sameiro\\_Barroso/plantas.htm](http://revista.triplov.com/Salao_do_Folhetim/Maria_do_Sameiro_Barroso/plantas.htm)
- BERNARDES, João Pedro e OLIVEIRA, Luís Filipe (2006) – *Á descoberta do Vinho*. CCDRA Algarve. [https://www.ccdralg.pt/.../cc.../files/publicacoes/vv\\_livro.pdf](https://www.ccdralg.pt/.../cc.../files/publicacoes/vv_livro.pdf)
- CATÃO – *De Agri Cultura*. [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cato/De\\_Agricultura/home.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cato/De_Agricultura/home.html). [Online] [Citado em: 17 de 08 de 2010.] LacusCurtius • Cato — De Agricultura penelope.uchicago.edu
- CLAUDIANO (1991) – *O Rapto de Proserpina*. Editorial Inquérito.
- DODINET, Elisabeth; FRÈRE, Dominique; GARNIER, Nicolas (2016) – “Archéologie des Huiles Parfumées et Medicinales en Méditerranée Nord-Occidentale Préromaine (VIIIe-VIe S. AV. J.)”. In: *Le corps Soins, rituels et symboles*. Collection Eurasie. Société des Études euro-asiatiques. [https://www.academia.edu/37854245/Arch%C3%A9ologie\\_des\\_huiles\\_parfum%C3%A9es](https://www.academia.edu/37854245/Arch%C3%A9ologie_des_huiles_parfum%C3%A9es)
- CRAVINHO, Graça (2015) – *Espólio Funerário da Ammaia, a Joalharía*. Fundação da Ammaia.
- EURÍPEDES (s/d) – *As Bacantes*. Editorial Inquérito.
- GHEVALIER, Jean e CHEETBRANT, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos*. Teorema.
- FABIÃO, Carlos (1998) – “O Vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico”. In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume I, Número 1. [https://www.academia.edu/1922737/O\\_vinho\\_na\\_Lusit%C3%A2nia\\_reflex%C3%B5es\\_em\\_torno\\_de\\_um\\_problema\\_arqueol%C3%B3gico](https://www.academia.edu/1922737/O_vinho_na_Lusit%C3%A2nia_reflex%C3%B5es_em_torno_de_um_problema_arqueol%C3%B3gico)
- FERNANDES, Amélia; MATOS, José Luís de (1995) – Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: coleção de escultura romana. Instituto Português de Museus.
- FERREIRA, José Carlos Torres Dias Ferreira (2004) – “O Vinho e a Medicina”. In: *Revista Faculdade de Ciências Médicas Sorocaba*. Volume 6, Número 1, pp. 49-52. <http://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/viewFile/300/pdf>
- FRAGA DA SILVA, Luís, (2010) – *Preceitos dos agrónomos latinos sobre as Villas rurais. Comentários sobre a villa rural romana ideal. A propósito de uma leitura dos agrónomos arquitetos latinos*. <http://imprompto.blogspot.pt/2010/07/preceitos-dos-agronomos-e-arquitectos.html>
- GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Edições Colibri.
- HESIÓDO (2014) – *Teogonia*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.



- LE GUENNEC, Marie-Adeline (2017) – “Les femmes et le vin dans la Rome antique”. In: *Bilan documentaire et historiographique*.  
<https://hospitam.hypotheses.org/621>
- MACIEL, Justino (2008) – “A propósito de um mosaico egitaniense. Dionisismo, geometrismo e cristianismo”. Instituto de História da Arte - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL.  
<https://run.unl.pt/handle/10362/16623>
- MAIA, Maria e MAIA, Manuel (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde, Cortiçol.
- MATOS, Hernâni (2010) – “O Vinho na mitologia Greco-Latina”.  
<http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.com/2010/07/o-vinho-na-mitologia-grego-latina.html>
- ORNELLAS E CASTRO, Inês de (2015) – *O Livro de Cozinha de Apício*. Relógio d'Água.
- OVÍDIO (2017) – *Metamorfoses*. Ed. Cotovia.
- PETRÓNIO, *Satíricon* (2000) – Edições Europa América. Livros de Bolso.
- PSEUDO DIOSCÓRIDES (1998) – *Plantas y Remedios Medicinales: (De Materia Medica)*. Libros IV-V. Traducción y Notas de Manuela García Valdés, Editorial Gredos.
- RODRIGUES, Nuno Simões (1998) – “O vinho e a economia agrícola romana. Séculos III a.C. – d.C.”. In: *Douro, Estudo e Documentos*. Vol. 3 (6), pp. 161-174.
- SANTO AGOSTINHO (2006) – *A Cidade de Deus*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, Neemias Oliveira da (2013) – *Comer e Beber no Mundo Antigo: Os Rituais da Gastronomia em Apicius*.  
[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371237049\\_ARQUIVO\\_COMEREBEBERNOMUNDOANTIGO-textocompleto\\_1\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371237049_ARQUIVO_COMEREBEBERNOMUNDOANTIGO-textocompleto_1_.pdf)
- VIRGÍLIO (1948) – *As Geórgicas de Virgílio*. Edições Sá da Costa.
- VIRGÍLIO (1997) – *Bucólicas*. Obras de Virgílio, Temas & Debates.
- V.V.A.A. (1995) – *O Vinho e as Rosas*. Assírio e Alvim.
- Domus romana:*  
*Hortus, hierbas y frutas en el jardín romano*  
<http://domus-romana.blogspot.com.es/2013/04/hortus.html>
- Vinum Amoris, Vino y Placer en la Antigua Roma:*  
<https://domus-romana.blogspot.com/2016/08/vinum-amoris-vino-y-placer-en-la.html>
- Vinalia, Vendimia y Fiestas del Vino en la Antigua Roma:*  
<https://domus-romana.blogspot.com/2017/09/vinalia-vendimia-y-fiestas-del-vino-en.html>
- Sobre a história da gastronomia:*  
[http://www.eixoatlantico.com/\\_eixo\\_2009/subido/Publicacion%20Comisiones/pco20090605100710/nigratea\\_gastronomia\\_pliegos\\_portugues.pdf](http://www.eixoatlantico.com/_eixo_2009/subido/Publicacion%20Comisiones/pco20090605100710/nigratea_gastronomia_pliegos_portugues.pdf)



# ESPÉCIES ANIMAIS DE MIRÓBRIGA E SUAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E MITOLÓGICAS

**Filomena Barata**

(técnica superior do Museu Nacional de Arqueologia, colaboradora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, [barata.filomena@gmail.com](mailto:barata.filomena@gmail.com))

## RESUMO:

Pretendeu-se com este trabalho, iniciado já em 2007, a partir do levantamento efectuado pela empresa “Mãe d’Água” das espécies animais e vegetais actualmente existentes em Miróbriga e dos estudos publicados relativos a determinados achados arqueológicos florísticos e faunísticos, fazer um elenco das mesmas e das referências escritas relativas às mesmas, na literatura latina, e ainda tentar encontrar associações com as divindades romanas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Miróbriga, espécies animais, mitologia, referências latinas

## ABSTRACT:

With this work, started in 2007, based in the survey carried out by the company “Mãe d’Água” of the animal and plant species currently existing in Miróbriga and of the published studies on certain floristic and faunal archaeological finds, cast them and existing written references in Latin literature, and still try to find associations with the Roman Gods.

## KEY WORDS:

Miróbriga, animal species, mythology, latin written references

Fauno era o deus dos bosques e planícies que protege os rebanhos e culturas, cujos oráculos se conhecem através dos murmúrios das árvores, Fauna, sua mulher e filha, é protectora das mulheres contra a esterilidade, e foi tomada pelos Romanos como a mãe do deus Latino, um dos reis lendários do Lácio, divinizado como *Jupiter Latiaris*. Nos lugares onde se faziam os oráculos de Fauno, os ritos observados foram minuciosamente descritos por Virgílio: um sacerdote oferecia uma ovelha e outros sacrifícios e a pessoa que consultava o oráculo tinha que dormir uma noite sobre a pele da vítima, dando então o deus uma resposta através de um sonho ou mediante vozes sobrenaturais. Ovídio descreve ritos parecidos celebrados sobre o Aventino.

Em Roma havia um templo de Fauno de forma redonda, rodeado por colunas, sobre o monte Celio, e construiu-se-lhe outro em 196 a. C. na Ilha Tiberina, onde lhe eram oferecidos sacrifícios em Fevereiro. O escritor cristão Justino Mártir identificou Fauno com Luperco (“o que protege do lobo”), o protector do gado, seguindo T. Lívio, originalmente adorado na *Lupercalia*, celebrada no aniversário da fundação de seu templo (15 de Fevereiro), quando seus sacerdotes (*Luperci*) levavam peles de cabra e golpeavam aos espectadores com cintos de pele de cabra. No festival da *Faunalia*, que se celebrava a 5 de Dezembro, as pessoas do campo com grande alegria e banquetes, rememoravam Fauno como deus da agricultura e do gado.





Fig. 1: Melro azul sobre um capitel do Templo Centralizado de Miróbriga. Desenho Marcos Oliveira

Fig. 2: Altar com a representação do Lupercal, no mito de Rômulo e Remo. Museu do Louvre



Também o deus Silvano (*Silvanus*) divindade das florestas (*lat. silva – donde deriva o nome*), que mais tarde foi identificado com o deus

Fauno ou com o Pã grego, tinha por atribuição proteger as atividades pastoris. Alguns autores descrevem-no como filho de Saturno e outros de Fauno.

Tal como Fauno, era um deus puramente romano e, também como ele, Silvano guardava os bosques e dizia-se que foi o primeiro a separar as propriedades nos campos.

Retomo um trecho de Virgílio já aqui citado d'*As Geórgicas*, Livro I, pois o poeta foi sempre o nosso companheiro desta grande viagem.

*“Vós, ó brilhantes luminas do Mundo, que guiais nos céus a marcha do ano; vós Baco e alma Ceres, por cuja mercê à lande Caónia sucedeu a pingue espiga e se misturou o sumo das uvas com a água Aquelóia; vós também Faunos, protectores sempre vigilantes da grei rural, avançai, e convosco as virgens Dríades: eu canto os vossos dons!”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro I, Ed. Sá da Costa, 1948

Na Mitologia é também uma constante a presença dos pássaros e respectivos atributos, de que recorro a gralha a que aqui nos dedicaremos, bem como a andorinha, o rouxinol e tantas outras aves, provavelmente porque voar sempre foi o sonho dos humanos.

Certamente por esta vontade, pela Liberdade que para todos nós representa, ou quiçá porque estão mais perto do Céu, foi, desde a Antiguidade, atribuída essa capacidade a inúmeras divindades. Mas existem também na Mitologia personagens a quem a possibilidade de voar demasiado alto foi castigada, como Ícaro, filho de Dédalo e de uma escrava de Perséfone, ou de Minos, diferendo as narrativas mitológicas, quando tentava abandonar Creta voando, acabou por sucumbir.

Dédalo tido por grande inventor, um dos homens mais criativos de Atenas, trabalhava com o seu sobrinho Talo, de cuja educação cuidava.

Fig. 3: Fresco de Época Romana. Cerca de 14-62 d. C. Campânia, Villa of the Contrada Bottaro. Museum of Fine Arts, Boston. Fotografia a partir de: <https://www.mfa.org/collections/object/fresco-panel-241935>





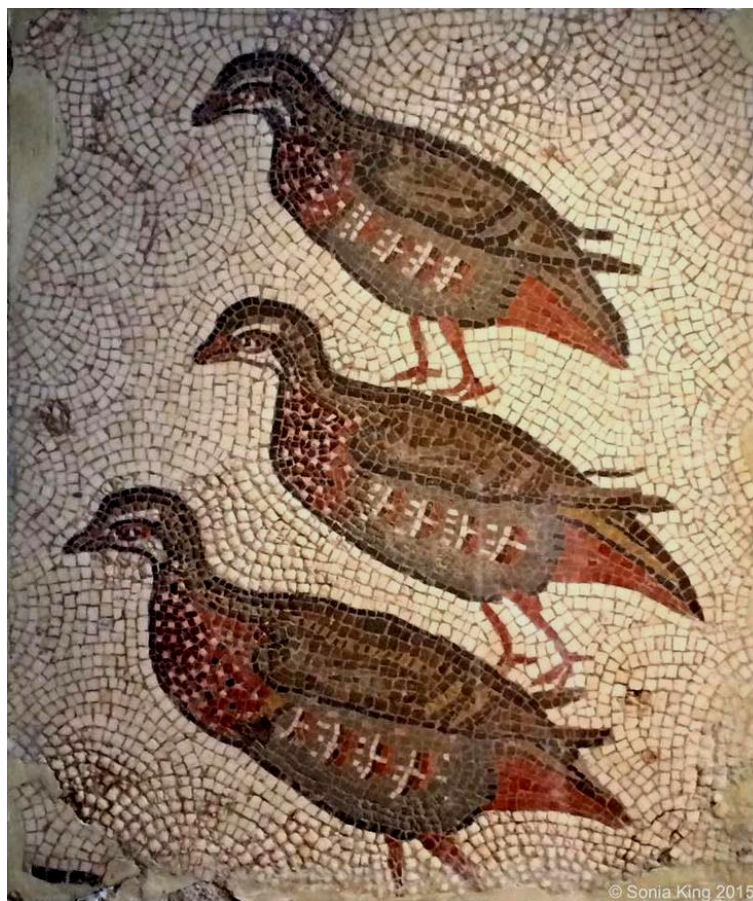


Fig. 4: Mosaico romano com representação de perdizes. Museu Arqueológico Nacional de Madrid

Ao que dizem a Mitologia, Talo, um dia passeando-se pela praia, avistou as espinhas de um peixe e, inspirado pela sua forma, criou a primeira serra. Talvez possuído pela inveja, Dédalos teve a tentação de matar o seu sobrinho Talo, atirando-o de um penhasco. Contudo, antes que ele se estatelasse no solo, os deuses vieram em sua protecção, e o jovem foi transformado numa perdiz, que assim voou.

A observação do voo dos pássaros permite interpretar as vontades dos deuses, estando essa interpretação a cargo dos Áugures, bem como das suas vísceras.

Para a interpretação dos auspícios, a observação dos pássaros em voo e,

principalmente em finais da República, a análise do comportamento dos frangos sagrados eram as técnicas mais utilizadas, existindo mesmo um *ptdlarius* encarregado de observar estes últimos. Nos sacrifícios, o galo era consagrado quer aos deuses solares, como Apolo, quer aos lunares. É também o animal de Mercúrio, que, por vezes, é representado cavalgando um galo. É a ave votiva típica de Esculápio, sendo comumente sacrificada a essa divindade.

Encontramos ainda, em Época Romana, situações fundacionais de enterramento de taças de cerâmica com aves ou pássaros no seu interior.

Acreditamos ainda que possam ter um carácter mágico ou apotropaico, como é o caso





Fig. 5: Tacinha encontrada em Miróbriga, no interior de uma habitação, contendo ossos de galináceo

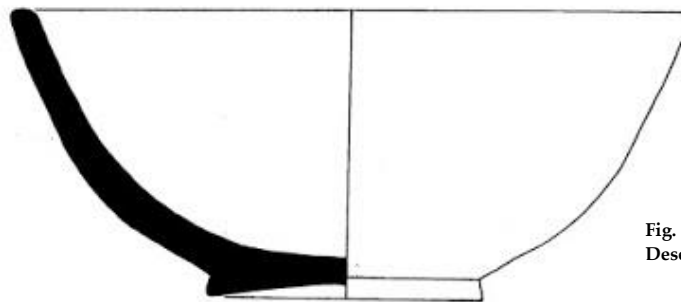


Fig. 6: Tacinha encontrada em Miróbriga  
Desenho: José Carlos Quaresma

da *patella* invertida de Miróbriga enterrada no interior de uma habitação, uma vez que, deste modo, os Romanos tentavam libertar-se da vingança ou maldição dos espíritos irritados dos seus Manes e, assim, proteger as habitações de qualquer influência maléfica.

Esta tradição de proteger a entrada da casa contra as influências nefastas, sobretudo o umbral

da porta, tem em Roma uma tradição arcaica, muito provavelmente de origem etrusca.

As oferendas poderiam ainda contribuir para honrar e apaziguar o *genius*, que, como princípio de fecundidade genésica, assegurava através do indivíduo a que estava vinculado, a perpetuação das gerações.

Se bem que apenas uma das oferendas de cerâmica encontradas em Miróbriga contivesse restos faunísticos de um galináceo, a que atribuímos uma função claramente apotropaica, podemos, no entanto, admitir que os exemplares encontrados contendo apenas terra, poderiam funcionar como uma referência ao *mundus*.

Provenientes de Sardis, Turquia, foram recentemente encontrados exemplares de taças contendo oferendas e ovos, a que os arqueólogos da Universidade de Missouri atribuíram funções mágicas e apotropaicas, datáveis de 65 d. C..

Relembro ainda que, segundo a mitologia Clássica, se considera que o Universo surgiu a



Fig. 7: Fotografia a partir de: <http://archaeology.org/issues/135-1405/artifact/1964-turkey-sardis-egg-bowl-magic>

Outras duas “tacinhas” ou malgas encontradas na zona designada pela equipa luso-americana que escavou em Miróbriga na zona que eles designaram como “templo proto-romano” poderiam tratar-se, também elas, de depósitos votivos fundacionais, até porque embora apenas uma contivesse ossos de ave, ambas se encontravam invertidas e com o fundo partido, situação que aliás é comum a outras deposições, onde foram utilizados vasos usados ou mesmo parcialmente fragmentados.

partir de um ovo Cósmico semelhante ao de um pássaro, mas muitos outros povos, têm a sua cosmogonia derivada do ovo, a que se associa a ideia de fertilidade, nascimento e ressurreição, como se pode confirmar nos tradicionais ovos de Páscoa.

Também essa relação com os ovos da Páscoa não é nova e era comum, em Roma, por altura das Festividades que comemoravam o regresso de Proserpina/Perséfone para junto da Mãe Deméter/Ceres, oferecer-se ovos às crianças.

Mas regressando aos pássaros, recordo que na Antiguidade pássaros considerados mensageiros dos deuses, ou símbolo de verdades ocultas só ao alcance dos iniciados, motivo pelo que o deus dos viajantes, Mercúrio, na mitologia romana, (homólogo do deus Grego Hermes) tem um capacete e pés alados. Esta divindade era mensageiro de Júpiter e deus da venda, lucro e comércio, pelo que é notória a associação do seu nome à palavra Mercadoria (“merx”), mas também dos ladrões. É também a personificação da eloquência e da inteligência. O planeta Mercúrio deve-lhe o nome muito possivelmente porque se move como a divindade rapidamente no céu.

Não é, portanto, de admirar porque tenham sido também atribuídas por outros povos antigos designações de pássaros a muitas constelações como “constelação do Corvo” - no céu austral próximo ao Equador; do “Cisne” que era inicialmente chamada de “Galinha”; da “Águia” - o pássaro de Júpiter; do “Galo”, do “Ganso”, da “Pomba”.

Mas esse desejo dos Homens voarem, originou também outro tipo de mitos, em que a mesma acaba por ser castigada.

Tendo sido culpado de homicídio, Dédalo foi obrigado a deixar a sua cidade natal e refugiou-se em Creta, a célebre ilha do rei Minos. Aí, foi incumbido de construir um labirinto, onde o famoso Minotauro vivia aprisionado.

O labirinto foi elaborado de forma tão perfeita que até Dédalo teve dificuldade em sair dele, quando a ira de Minos contra ele se abateu, por ter ajudado Ariadne, filha do rei, a fugir com Teseu, o herói ateniense, que matou o Minotauro.

Foi assim que ambos decidiram construir asas artificiais com penas de aves de vários tamanhos, fixadas com cera de abelha para que não se descolassem, para dessa forma conseguir fugir.

Pese o alerta do pai para não voasse muito perto do Sol, de forma a que não se derretesse a cera das asas, nem muito perto do mar, porque assim as mesmas poderiam molhar-se e ficar mais

pesadas, Ícaro não acolheu os seus conselhos e acabou por se despenhar no mar Egeu.

Mesmo tendo sucumbido, desse modo, nas águas do mar, nem assim a mitologia deixou de conceder asas a outros deuses, para que pudessem voar.

Entre eles não podemos deixar de referir Hermes, o Mercúrio dos romanos, mensageiro de Zeus/Júpiter e dos deuses, protector dos viajantes, mercadores e ladrões. Mercúrio tem como atributo o capacete, o bastão e as sandálias aladas, servindo-se delas para que pudesse cumprir rapidamente a sua função.

Sabe-se que as estátuas com a representação de Hermes tinham carácter apotropaico, pois a divindade, antes de ser o protector dos comerciantes e viajantes, era um deus associado à fertilidade, sorte, estradas e fronteiras. Serviam de marcos de encruzilhadas ou caminhos. Ao que parece o seu nome deriva da palavra *herma*, uma coluna quadrada ou retangular de pedra, terracota ou bronze, um marco.

Só ao longo do tempo o mito associado a Hermes foi sendo ampliado, tornando-se também patrono da ginástica, dos diplomatas, da astronomia, da eloquência, para além de ser o guia dos mortos para do reino de Hades.

Mas também é sabido que as aves e pássaros são associados a um conjunto enorme de rituais no Mundo Antigo e que a observação do seu voo e das suas vísceras permitia interpretar as vontades dos deuses, estando essa interpretação a cargo dos Águres.

Eles são, tal como Hermes/Mercúrio considerados mensageiros dos deuses ou símbolo de verdades ocultas só ao alcance dos iniciados.

Aladas são muitas das divindades primordiais, a exemplo de Eros.

Também alada é a Fama, ou o desvairado Rumor, que, como nos diz Ovídio nas *Metamorfoses*, habita.

*“NO CENTRO do mundo há um lugar situado entre as terras,  
o mar e as regiões celestes, os limites do tríplice*



*uníversono.*

*Dali se avista tudo o que acontece em qualquer sítio,  
mesmo  
no mais distante, e todas as vozes lhe chegam às orelhas  
ocas.*

*Mora ali o Rumor. Escolhera casa para si no cimo da  
cidadela.*

*À mansão proporcionou entradas sem conta e mil  
aberturas,  
mas com portas nenhuma fechou os umbrais: de noite  
e de dia  
permanece escancarada.*

(...)

*O átrio formiga de gente; vêm e vão, multidão  
insubstancial,  
e por toda a parte vagueiam milhares de rumores,  
falsidades  
à mistura com verdades, e fazem rebolar conversas  
confusas.*

*Estes atafulham os ouvidos ociosos com mexericos,  
aqueles levam aos outros o que ouviram contar, e a  
invenção  
cresce de tamanho: cada um junta algo novo ao que  
ouviu”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro XII, 39-63, Livros Cotovia, 2007



E, certamente não será por acaso que alada é também a deusa Vitória, a quem os generais romanos agradeciam pelas guerras bem sucedidas.

Mas também as aves têm uma presença constante entre os deuses. O galo, o animal do Tempo e da Luz, é atributo de Mercúrio, e o deus mensageiro é, por vezes, representado cavalcando um galo. É o símbolo do Tempo, sendo-lhe, em algumas associações místicas ou iniciáticas, atribuído o papel de vigilante, mas também o do início do caminho da Luz, pois é ele que anuncia o nascer do dia e do Sol. É o Renascer.

Sendo o símbolo solar por excelência, o galo representa a “luz nascente”, era consagrado a Apolo, divindade que também simboliza o dia que se levanta.

Já nos “Versos de Ouro” de Pitágoras se recomenda “alimentai o galo e não o imoleis, pois ele é consagrado ao Sol e à Lua”, fazendo referência à sua associação também a divindades lunares.



Fig. 8: Lucerna de volutas. Disco decorado com representação da deusa Vitória alada segurando numa mão clipeu e na outra uma palma. *Villa Romana da Quinta do Pião, Alter do Chão*

Fig. 9: Pormenor de mosaico representando a Deusa Vitória. Século IV. *Villa Romana de Pesquero, Pueblonuevo de Guadiana. Museo Arqueológico de Badajoz. Fotografia de Vicente Novillo, a partir de: <http://museoarqueologicobadajoz.juntaex.es/web/view/portal/index/standardPage.php?id=114>*

Recordaremos também a coruja, símbolo da sabedoria ou da inteligência desde a antiguidade grega, que é, tal como o galo e a serpente, um dos atributos da deusa Atena, e foi associada ao oculto e ao sobrenatural, possivelmente devido a seus hábitos noturnos e aos pios que emite.

Por tudo isso, damos início à segunda parte do trabalho lembrando as aves e recordando as múltiplas associações mitológicas que adquirem, dando, de seguida continuidade ao conjunto de outras espécies animais representadas em Miróbriga.

Apelamos assim a Orfeu que, com a sua música, encantava os animais, usando, uma vez mais, as palavras de Ovídio:

“(…)

*Também ela (Eurídice), quando, já madura, tiver completado os anos justos será vossa súbdita: peço que ma deis por empréstimo. Mas se os destinos me negam este favor pela minha esposa, estou decidido a não voltar: rejubilai com a morte dos dois”.*

*Enquanto tal dizia, acompanhando as palavras com o tanger das cordas, as almas exangues choravam. Tântalo não buscou apanhar a água fugidia, a roda de Ixíon imobilizou-se de pasmo, as aves pararam de debicar o fígado, as Bélides não cuidaram das vasilhas, e até tu, Sísifo, te sentaste sobre o teu pedregulho.*

(…)

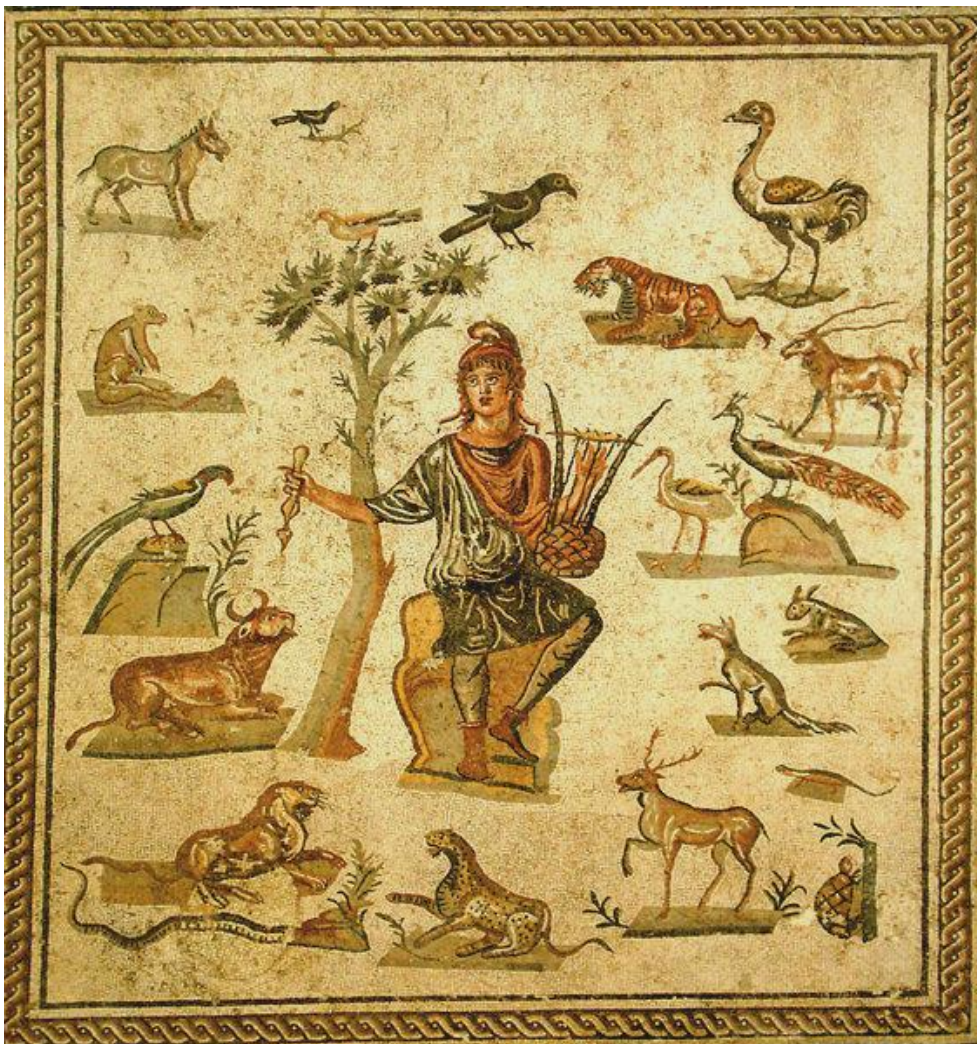


Fig. 10: Mosaico representando Orfeu e os animais. Museu Arqueológico de Palermo



*Tal fora o bosque que o vate reunira, e ele sentava-se a meio  
do bando de aves e da assembleia de animais silvestres.  
Dedilhando com o polegar as cordas para as  
experimental,  
quando sentiu, embora cada um desse um som  
diferente,  
as várias notas em consonância, cantou a seguinte  
canção:*

*“Com Júpiter (tudo se verga ao poder de Júpiter),  
Musa,  
ó mãe, faz iniciar o meu cantar. Já muitas vezes de  
Júpiter cantei o poder; já cantei os Gigantes com plecto  
mais solene  
e os raios vitoriosos espalhados pelas planícies de  
Flegra.  
Agora é preciso lira mais ligeira: pois cantamos os  
rapazes  
pelos deuses amados, bem como as raparigas,  
fulminadas por paixões proibidas, que foram castigadas  
pela sua lascívia”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro X, Livros Cotovia, 2017

### Andorinha

Filomela, filha de Pandión e irmã de Procne, foi transformada por Tereu nesta ave. Ambas eram filhas de Pandión I, um dos antigos reis de Atenas.

Ovídio, contudo, refere que foi metamorfoseada num rouxinol, no seu Livro VI, numa das mais trágicas histórias que a Mitologia nos conta.

Filomela havia sido violentada pelo seu cunhado, Tereu, rei da Trácia, casado com sua irmã, Procne. Para que Filomela não denunciasse a violência sofrida, Tereu corta-lhe a língua. Apesar disso, Filomela consegue contar à sua irmã o acontecido, bordando uma mensagem numa tela. Ao saber do crime do marido, Procne mata o filho do casal, Ítis e serve sua carne a Tereu.

Para escapar da perseguição de Tereu, as duas pedem ajuda aos deuses, que as transformam em pássaros. Filomela é transformada em rouxinol e a sua irmã numa andorinha, embora haja versões do mesmo mito que as troquem. Por seu lado, Tereu é transformado numa poupa.

Em Plínio, na sua *História Natural*, encontramos várias referências a estas aves (*História Natural*, XXX, 45 47).

### O Corvo



Fig. 11: Corvos. Câmara Municipal de Lisboa

Consagrado a Febo/Apolo entre os Gregos, segundo Estrabão eram os corvos que determinavam o lugar do ônfalo, ou centro do mundo, de Delfos. Eram também os atributos de Mitra, a divindade da Luz, e acreditava-se que eram dotados de poder esconjurar a má sorte.

Segundo as lendas de origem persa, Mitra terá recebido uma ordem do deus-Sol, seu pai, através de um seu mensageiro, na figura de um corvo. Deveria matar um touro branco no interior de uma caverna. O próprio ritual de iniciação nos mistérios de Mitra era o Taurobólío, que exigia o sacrifício do touro.

Embora muitas culturas lhe atribuam atributos maléficis e de mau agouro, é um facto que o corvo é um símbolo solar e representa a



perspicácia, sendo referido no Génesis (8, 7) como a ave que após o Dilúvio vai verificar se a terra reaparece: “Decorridos quarenta dias, Noé abriu a janela que havia feito na arca e soltou um corvo, que saiu repetidas vezes, enquanto iam secando as águas sobre a terra”.

Na Grécia Antiga o corvo aparece associado a Apolo, “a ave de Febo”, segundo Ovídio, nas *Metamorfoses*, sendo mensageiro dos deuses e são-lhe atribuídos poderes divinatórios.

Segundo a lenda, havia uma donzela, a mais bela em toda Tessália, chamada Corónis, por quem Apolo estava apaixonado, tendo-se tornado amantes. O corvo do deus descobriu que ela o havia atraído e voou até Apolo para lhe relatar o facto.

*“A sua desgraça foi a língua: por causa da língua tagarela,  
a sua cor, que era o branco, é agora a cor oposta ao branco”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II

Enfurecido com a notícia de ter sido traído, ao decidir casar-se, mesmo estando grávida de Apolo, com um jovem chamado Ischys, “um rapaz da Hemónia” o deus.

*“De coração a ferver, inchado de cólera,  
agarra nas armas habituais e retesa o arco, encurvando-o  
nas pontas. Aquele peito, que tanta vez unira ao peito seu,  
ele o trespassa com uma flecha impossível de evitar.  
Ferida, ela deu um gemido e, arrancando o ferro do corpo,  
inundou os alvos membros com sangue de cor escarlate,  
e disse: “Eu podia sofrer o castigo, Febo, que me infligiste,  
Mas ter dado à luz antes. Agora morremos juntos!””.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II

E com estas palavras morreu. Apolo sentiu um profundo arrependimento e raiva de si mesmo, e o corvo portador da notícia foi amaldiçoado e as suas penas que eram brancas foram transformadas em negras.

*“... Odeia a ave que o forçou a ouvir contar o crime,  
A causadora da sua dor, odeia também o arco e a sua mão,  
E, juntamente com a mão, as flechas, armas irreflectidas”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II

Apolo condoído desceu do Olimpo e tomou o corpo da falecida amada nos braços, mas seus poderes divinos não foram suficientes para o devolver ao mundo dos vivos. No momento em que ia ser cremada Apolo, possuído pela dor, e após ter feito libações sobre o seu peito e deu início aos ritos fúnebres, mas retirou o filho ainda vivo do corpo de Corónis antes que fosse engolido pelas chamas, e levou-o para Quíron, o centauro sábio que havia educado vários heróis, para que o criasse.

*“Febo não suportou que o seu rebento se desfizesse em cinzas.  
Então, arrebatou às chamas, e ao ventre da mãe, o seu filho,  
E transportou-o para a caverna do biforme Quíron.  
Quanto ao corvo, proibiu-o de residir entre as aves brancas,  
Ele que aguardava uma recompensa por ter dito a verdade”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II

Ocirroé, filha do Centauro, que tinha poderes de prever o futuro, ao ver chegar a criança à caverna de seu pai, disse:

“Cresce menino, portador da saúde  
ao mundo inteiro! Muitas vezes os mortais te serão da  
vida  
devedores. A ti será lícito devolver as almas já  
roubadas”.

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II

Em épocas mais recentes, o árabe Idrisi e outras fontes medievais descrevem a existência de uma “Igreja do Corvo” situada no Cabo de S. Vicente, e alguns autores quiseram ver nesse culto associado aos corvos uma remota relação com o seus celta *Lug*, também ele paralelamente senhor das trevas e da luz.

Contudo, embora improvada essa estreita relação naquele local, é um facto que os corvos irão acompanhar o S. Vicente na barca que o traz para Lisboa, motivo pelo que ainda hoje são os símbolos da cidade.

A gralha-preta, *Corvus Corone*, ocorre em Miróbriga.

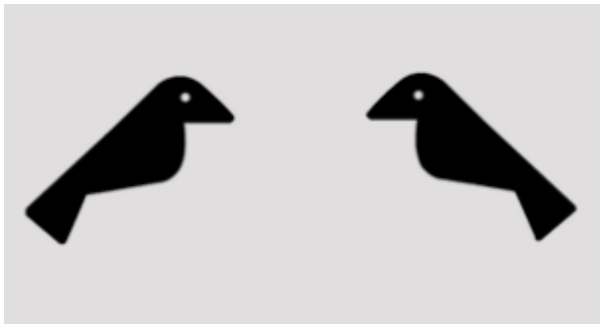


Fig. 12: Imagem a partir de:  
<https://amarcalisboa.wordpress.com/2013/06/14/a-bandeira-de-lisboa/>

Fig. 13: Lucerna com representação de Leda e o Cisne. Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia de José Pessoa.

Localização: DDF/DGPC  
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118560>

## Cisne

Aparece associado a Zeus que se transforma nesse animal quando se enamora de Leda.

Na Mitologia grega, Leda, a rainha de Esparta, era noiva de Tíndaro. Mas Zeus, com a sua enorme capacidade de se transmutar nos seus múltiplos disfarces zoomórficos, seduziu Leda.

Dessa união amorosa Leda chocou quatro ovos. Daí nasceram Cástor e Pólux, heróis guerreiros e laureados discóbolos olímpicos. Do outro ovo nasceu Helena de Tróia. E do último ovo nasceu a irmã de Helena, Clitemnestra, a esposa verdadeira de Agamenón.

Embora Helena e Pólux fossem filhos de Zeus, Tíndaro adoptou-os, tratando-os como seus filhos.

Os filhos de Leda tornam-se as divindades protectoras dos marinheiros.

As referências que sobre eles chegaram aos nossos dias são um pouco contraditórias. Por vezes, apenas Pólux é considerado como divino, enquanto Castor não passa de um simples mortal, devendo uma espécie de meia imortalidade ao



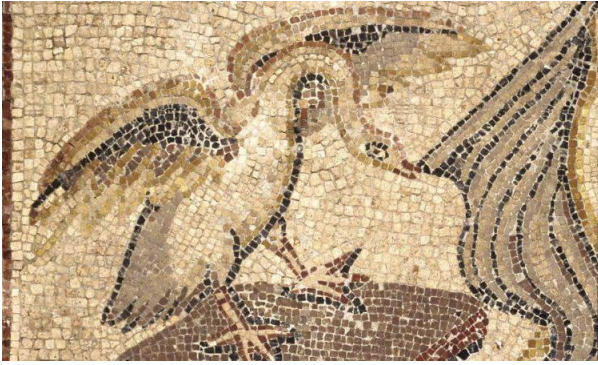


Fig. 14: Mosaico com representação de Leda e o Cisne. Museo Arqueológico Municipal de Madrid



Fig. 15:

Leda e o Cisne. Cesare Sighinolfi, 1869.  
Palácio Nacional da Ajuda. A partir de:

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=990438>

facto de o seu inseparável irmão Pólux não ter suportado a sua morte e ter resolvido partilhar com ele a imortalidade. Nessa versão, Leda, a mãe, e o seu esposo Tíndaro, rei de Esparta, terão tido dois filhos, como quaisquer outros mortais, um deles Castor. Só que o deus Zeus, disfarçado sob a forma de um belo cisne, terá cortejado Leda e desta relação teriam nascido outros dois filhos, estes sim imortais: Pólux e Helena, a bela heroína de Tróia. No entanto, e apesar de filhos de pais diferentes, é comum referi-los como nados de um ovo de Leda e filhos de Zeus ou Dióscuros.

Enquanto Castor era considerado um exímio domador de cavalos, Polux celebrizou-se como bom lutador. Na maior parte das histórias consta que estas duas divindades viviam metade do tempo na Terra e outra metade no Céu, denotando bem a ambivalência com que foi tratada a essência destes dois irmãos que são considerados gémeos.

Esta cena mitológica é inúmeras vezes representada, designadamente em mosaicos,

muitos deles objecto de estudo de José María Blazquez referido na Bibliografia.

Mas o mito continuou a acompanhar-nos ao longo dos séculos, como se pode confirmar nesta extraordinária escultura de Cesaredo Sighinolfi, datada de 1869, visitável no Palácio Nacional da Ajuda.

### Pavão

*“OS DEUSES do mar anuíram; a filha de Saturno  
viajou de novo  
pelo límpido céu no maneável carro de coloridos  
pavões,  
pavões coloridos há pouco pela morte de Argo, tal como  
tu,  
ó corvo tagarela, que, embora tivesses sido outrora  
branco,  
de repente, há pouco, te tornaste um pássaro de asas  
negras”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro II, Livros Cotovia, 2007





Fig. 16: Museo Arqueológico de Tarragona. Fotografia a partir de: <https://villadematernoencarranque.blogspot.com/2015/04/aviarium-consumo-y-caza-de-aves-en-roma.html>

Na Grécia Antiga, o pavão era o animal sagrado de Hera.

Hera, a Juno entre os Romanos, era uma das deusas mais importantes da Mitologia Greco-latina, Rainha do Olimpo, ao lado do seu irmão e marido Zeus/Júpiter. Filha de Cronos e Reia era considerada a deusa que protegia o casamento. Do casamento com Zeus teve quatro filhos: Ilítia, deusa do parto; Ares, deus da guerra; Hebe, deusa da juventude, e Hefesto, deus do fogo e do artesanato.

Hera era, como é conhecido, ciumenta, pois Zeus não lhe dava tréguas, mas também vaidosa, motivo pelo que passava a maior parte do tempo ferindo as amantes de Zeus, exibindo sua beleza como um pavão e punindo as amantes de Zeus.

Os Gregos acreditavam que por essa ligação à deusa o seu corpo não se corrompia após a morte, crença que perdurou até à Idade Média, à época de Santo Agostinho.

Não deixa de ser interessante que, durante o Inverno, as penas do pavão caíam dando lugar a outras novas, recuperando seu esplendor durante a Primavera.

Por este motivo, a ave representa a renovação e as mudanças favoráveis, bem como a imortalidade e o renascimento.

Diz-nos a Mitologia que Io, que em algumas versões aparece como irmã de Europa, também uma jovem princesa e sacerdotisa de Hera teria sido seduzida por Zeus que havia coberto o mundo com um manto de nuvens escuras para esconder da esposa Hera a sua paixão.



Fig. 17: Lucerna com Pavão. Museu Nacional de Arqueologia. Século I d.C. "Lucerna de volutas, de tipo itálico Dres.15. De bico redondo, orla lisa. Decoração moldada no disco representando um pavão de frente, de cabeça virada para a esquerda e cauda aberta. Pasta bege com engobe castanho. No fundo, marca MVN.TREPT."

Fotografia e comentário a partir de:

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=139704>

Fig. 18: Mosaico com representação de pavão, proveniente de Stobi. Stobi foi uma cidade muito importante, durante o Império romano tardio, localizada na actual Macedónia. Fotografia a partir da página Ostia Antiga.

<https://www.facebook.com/ostia.antica/photos/a.10153885782334768.1073741846.108582434767/10154390565379768/?type=3&theater>



Ao que rezam as lendas, Zeus havia transformado a amante numa belíssima novilha branca, havendo, contudo versões que dizem ter sido Hera a obreira desse castigo, sem que, contudo, lhe conseguisse apaziguar os ciúmes, tendo acabado por a colocar à guarda do gigante de cem olhos, Argos Panoptes, fiel servo da divindade.

Embora Zeus tenha encarregado Hermes, o mensageiro dos deuses, de libertar a amada matando o monstro Argos, nem assim ela se livrou da vingança de Hera, transformando-a num cisne e originado um périplo entre Micenas e a Trácia, pelo que percorreu as planícies da Ilíria; galgou o Monte Hemo e atravessado o estreito da Trácia, que a partir daí ficou chamado de Bósforo (rio da vaca), vagou pela Cítia e pelo país dos cimerianos e chegou, afinal, às margens do Nilo.

Também a ela se deve a denominação de Mar Jónio (Ionio), o braço do mar Mediterrâneo, a sul do Mar Adriático. A Mitologia narra-nos que Hermes teria usado a flauta de Pã para adormecer Argos, tendo-lhe cortado a cabeça.

Hera desolada, recolheu os olhos de Argos e colocou-os como ornamentos na cauda do pavão, animal que lhe era consagrado, onde até hoje permanecem.

Em território nacional, há variadíssimas representações de pavões, a mais comum em lucernas. Só em Santa Bárbara dos Padrões, foram identificadas quatro lucernas com a representação de pavões e três exemplares de pavoas com pavõezinhos (MAIA, 1997, pp. 106-107).

### Mocho/Coruja

A coruja simboliza a reflexão que domina as trevas, sendo, por isso um dos atributos da deusa Atena.

Amplamente representada na iconografia Greco-romana, até pela associação com a deusa, encontramos recorrentemente numismas de ambas as épocas.





Fig. 19: Coruja em Miróbriga. Desenho Marcos Oliveira

Fig. 20: Mocho (*Athene noctua*). Casa dos pássaros. Itálica (Santiponce-Sevilla). Fotografia a partir de Traianvs Ingenieria Romana. <https://www.facebook.com/Traianvs-Ingenier%C3%ADa-Romana-151487124895824/>





“(…)

*Ceres estava decidida a tirar de lá a sua filha;  
os fados é que não lhe permitem: é que a jovem quebrara  
o jejum.*

*Na sua inocência, enquanto errava pelo jardim bem  
cultivado,*

*colhera de um ramo pendente uma romã de cor  
escarlate,*

*e da casca amarelada tirara sete grãos que metera na  
boca*

*e trincara. Apenas um de entre todos eles a viu fazê-lo,  
Ascálafo, que em tempos se dizia Orfne, bem conhecida  
de entre as ninfas do Averno, grávida do seu Aqueronte  
querido, ter dado à luz no coração de uma escura  
floresta.*

*Viu-a e, denunciando-a, impediu-a, cruel, de regressar.*

*A rainha do Érebo pôs-se a gemer e transformou o  
delator*

*em ave impura: salpicou-lhe a cabeça com água do  
Flegetonte,*

*e converteu-a numa criatura com bico, penas e enormes  
olhos.*

*Arrebatado à sua forma, ele enverga por manto asas  
fulvas,*

*cresce-lhe a cabeça, as unhas recurvam-se bem*

*compridas,*

*e a custo move as penas nascidas nos vagarosos braços.*

*Torna-se na ave pavorosa, mensageira da desgraça*

*vindoura,*

*a indolente coruja, presságio medonho para os  
mortais.”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro V, Livros Cotovia, 2007

Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dioniso, Leucipe foi transformada por Hermes em Mocho e Arcipe em Coruja.

A coruja foi sempre companheira inseparável da feiticeira, motivo pelo que os romanos lhe deram o mesmo nome com que designavam a feiticeira: *striga*. Símbolo da sabedoria ou da inteligência desde a antiguidade grega, a coruja é, tal como o galo e a serpente, um dos atributos da deusa Atena, e foi associada ao oculto e ao sobrenatural, possivelmente devido a seus hábitos noturnos e aos pios que emite.

Na célebre Pátera da Lameira Larga, onde se representa O Mito de Perseu, a presença de Atena é destacada, podendo ver-se ao alto a oliveira e o mocho que são seus símbolos (BARATA, 1995).



Fig. 21: Pátera da Lameira Larga, Museu Nacional de Arqueologia. Ainda no Museu nacional de Arqueologia. Fotografia Paulo Oliveira

Proveniente da Anta do Espadanal, Estremoz, há uma placa votiva em grés com uma representação que parece tratar-se um mocho.

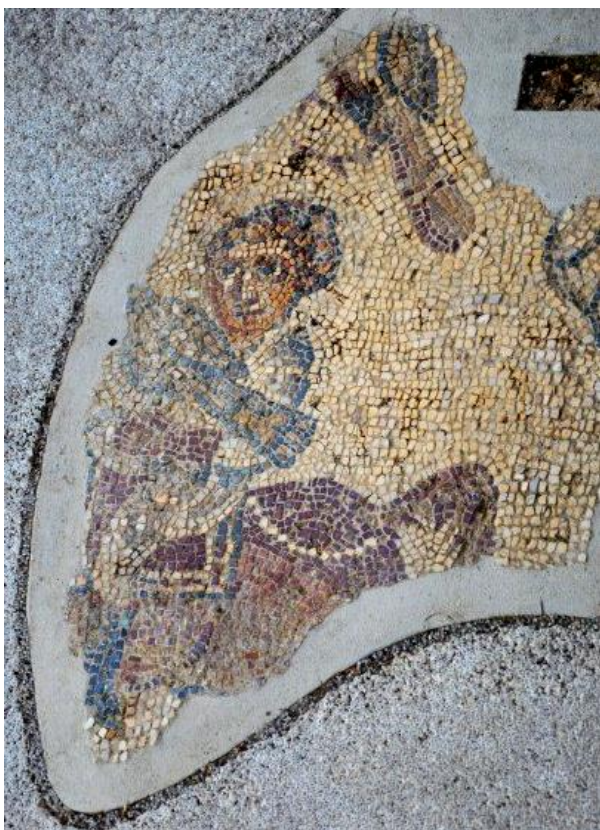
### Falcão (e gavião)

Símbolo solar, na tradição egípcia e greco-romana, entre os primeiros era considerado o “príncipe celeste” e atributo do deus Rá, ou Sol Nascente.

Na Mitologia Greco-romana aparece associada à maga Circe de que aqui já falámos.

Quer em materiais cerâmicos, quer em painéis musivários do período romano, encontramos representações de aves de caça, a exemplo de um mosaico tardio de Mértola, onde um falcão incompleto está bem identificado com os contornos do corpo e a asa desenhados a cinzento (LOPES, 2008).

Fig. 22: Mosaico romano com a representação de um falcoeiro a cavalo. Fotografia a partir de: <https://falcoariapatrimonio.pt/mosaico-romano-de-mertola/>



Também datável do século IV, existe uma tijela decorada com uma peça de caça gravada à mão, da *uilla* de Mileu (MATOS, 1995, pp. 56-59).

### Águia

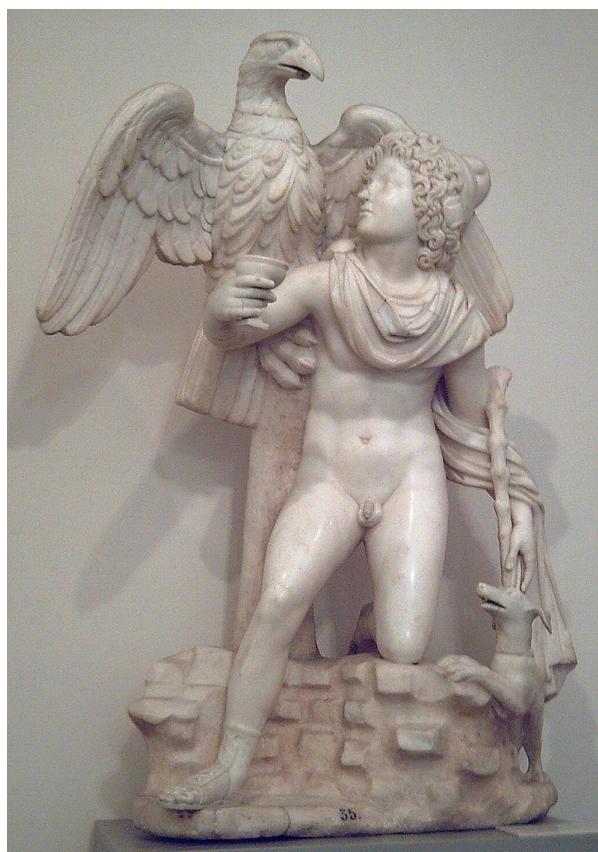


Fig. 23: Escultura romana que representa el rapto de Ganimedes. Real Academia de Bellas Artes de San Fernando (Madrid). Fotografía: Luis García

A águia aparece conotada com a ressurreição e a imortalidade. A águia por ter a capacidade de voar muito alto é símbolo do Sol e do céu (morada dos deuses), e é conotada com a nobreza, a elevação espiritual e o poder divino. A águia simbolizava o poder de Roma e por isso era usada nos estandartes das legiões a partir de 104 a. C., após a reforma de Mário. Com Gaio Júlio César era executada com prata e ouro e, a partir de Augusto, passou a ser só de ouro. A águia era custódia da primeira coorte e só saía do





Fig. 24: Fotografia e comentário a partir de: Excepcionales hallazgos de época romana en Inglaterra. [http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/8745/excepcionales\\_hallazgos\\_epoca\\_romana\\_ingles.html](http://www.nationalgeographic.com.es/articulo/historia/actualidad/8745/excepcionales_hallazgos_epoca_romana_ingles.html)

Fig. 25: Mosaico com águia e cobra, detalhe do lado nordeste. Palácio de Constantinopla. Fotografia a partir de: [http://www.wikiwand.com/pt/Grande\\_Pal%C3%A1cio\\_de\\_Constantinopla](http://www.wikiwand.com/pt/Grande_Pal%C3%A1cio_de_Constantinopla)

acampamento romano em ocasiões especiais, quando se mobilizava toda a legião.

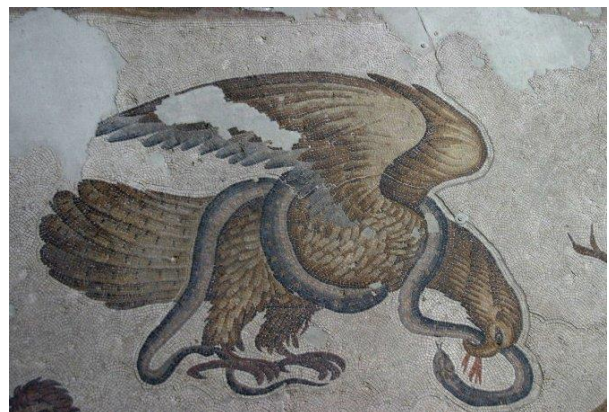
Em Londres, em Outubro de 2015, foi encontrada uma águia de grandes dimensões, com 65 cm de altura e 55 de largura. Neste contexto, porque possui uma serpente na boca, simboliza a luta entre o bem (a águia) e o mal (a serpente), um tema recorrente em contextos funerários de Época Romana.

Segundo os arqueólogos muito possivelmente seria pintada com diferentes cores e deveria adornar um mausoléu.

Para garantir a sua segurança havia um legionário, denominado “*aquilifer*”.

A águia aparece associada a Zeus/ Júpiter. Símbolo majestoso do poder supremo, sempre associado a Zeus. Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dioniso, Alcítoe foi transformada neste animal.

Em Santa Bárbara foram identificadas seis lucernas com a representação de Júpiter com a águia, datáveis do século I d. C. e seis exemplares ostentando a águia isolada sobre o disco (MAIA, 1997, 58, 104). De Torre de Ares provém uma tijela



decorada com bandas de elementos vegetais e animais, salientando-se o javali, a cobra e a águia, datável do reinado de Trajano (NOLEN, 1994, 73, ss. 39). Existe ainda a representação de uma Águia numa Epígrafe Romana, proveniente do Torrão, consagrada pela flamínia Flavia Rufina (ENCARNAÇÃO, 1994-1995).

É também transformado em Águia que Zeus rapta o belo Gamedes, tendo substituído a sua própria filha, a deusa Hebe na função de escanção do Olimpo e passou a servir o néctar aos deuses.



## Rouxinol

Aédon foi transformada por Zeus nesta ave, como forma de a apaziguar da sua dor por um crime que inadvertidamente cometeu.

## Picanço

Era considerado o pássaro-profeta e era o pássaro sagrado de Marte.

Aparece associado a Marte, Circe, a maga a que nos referimos quando tratámos as espécies vegetais de Miróbriga.

Pico, rei do Lácio, filho de Saturno, foi transformado nesta ave porque não quis aceder aos amores da maga Circe.

*“Pico era filho de Saturno e rei dos territórios da Ausónia, e um apaixonado por cavalos, desses adestrados para a guerra.*

*(...)*

*“Oh! Pelos olhos teus*

*Que conquistaram os meus, por essa beleza, ou rapaz lindíssimo,*

*Fz com que eu, uma deusa, te suplique, cuda das chamus*

*da minha paixão e aceita para sogro o Sol, que tudo perscruta,*

*não sejas insensível desdenhando de Circe, filha de um Titã”.*

*Assim dissera. Ele afastou-se feroz dela e das suas preces,*

*E retorquiu “Quem quer que sejas, não sou teu. Uma outra*

*Tem-me por cativo, e ter-me-á para sempre, faço eu votos.*

*Nem violarei os pactos do matrimónio com um amor de fora,*

*Enquanto os fados me conservarem Canente, a filha de Jano”.*

*Em vão reiterou, vezes sem conta, as suas preces a filha do Titã.*

*“Não te sairás impune”, exclamou, “nem voltarás para Canente!*

*Aprenderás o que pode uma mulher, despeitada, apaixonada*

*(...)*

*Então, duas vezes se virou para poente, duas para nascente,*

*três vezes tocou o jovem com a varinha, três fórmulas recitou.*

*Ele desata a fugir, mas com espanto vê-se a correr mais veloz*

*do que de costume; viu também asas a saírem-lhe do corpo,*

*e, furioso por, de súbito, ir somar-se aos bosques do Lácio*

*como nova ave, esburaca com duro bico o carvalho silvestre,*

*e, na sua cólera, inflige ferimentos aos longos ramos.*

*As suas penas assumiram a cor purpúrea do manto dele,*

*o ouro, que inicialmente fora fíbula e que mordida a veste,*

*transforma-se em plumas, e a nuca cinge-se de fulvo ouro.*

*E nada do que era antigamente restou a Pico, senão o nome”.*

No entanto, para os Gregos e Romanos ouvir um picanço era um bom presságio para os caçadores. Era a metamorfose do rei *Picus*, célebre pelos dons divinatórios.

O Picanço-real, *Lanius Excubitor*, é um residente comum em Miróbriga, onde deverá existir também, como estival, o picanço-barreteiro, *Lanius Senator*.

## Grou

O assassinio de Íbico foi presenciado por um bando destas aves que posteriormente denunciaram os assassinos.

## Morcego

Por se ter recusado a participar nos mistérios de Dioniso, Alcítoe foi transformada neste animal. O morcego é conotado com a longevidade, porque vive nas cavernas, esse lugar que é uma passagem para o domínio dos imortais.

Na mitologia grega, os morcegos eram sagrados para Perséfone, a Prosérpina romana, mulher de Hades/Plutão, o deus do submundo.

Talvez por isso mesmo, Plínio refere que, à época, se pregavam morcegos de cabeça para baixo, à porta das casas, para afastar os espíritos maus e os azares, portadores de desgraças (*História Natural*, livro XXIX, 26).

## Cegonha

A cegonha também aparece associada à piedade e a fidelidade era um dos seus atributos. Em Santa Bárbara dos Padrões, foram identificadas duas lucernas com a representação da cegonha isolada sobre o disco (MAIA, 1997, pp. 104-105).

Fig. 26: Mosaico do Verão, com representação de cegonhas. *Villa Romana de Pisões*. Fotografia gentilmente cedida por Maria Jesus Duran Kremer

Fig. 27: Mosaico representando cegonha (?). Aquileia, Itália. Fotografia a partir de: <https://www.facebook.com/Traianvs-Ingenier%C3%ADa-Romana-151487124895824/>. Traianvs. Ingeniería Romana





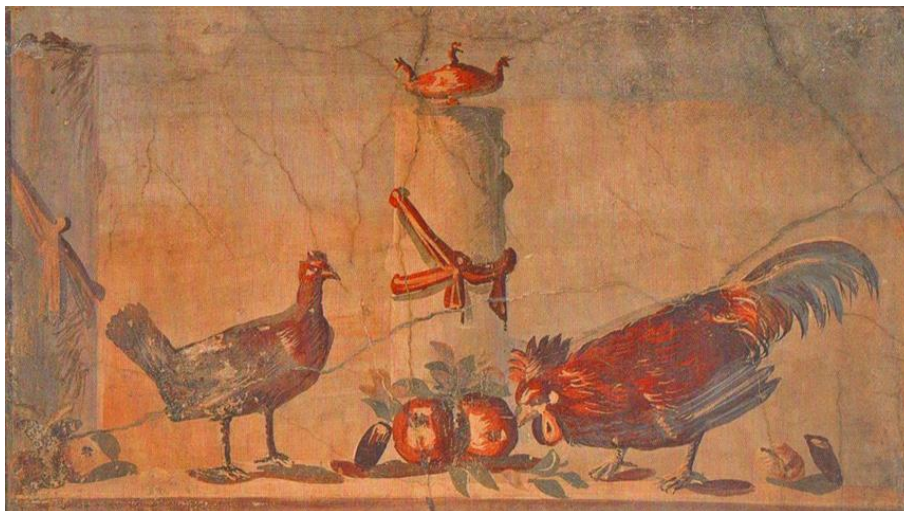


Fig. 28: Fresco proveniente de Herculano

Fig. 29: Mosaico policromo com representação de galo. Museu Nacional de Roma, Termas de Diocleciano. Fotografia Follow Hadrian

## Galo

O Galo aparece associado a Apolo, Esculápio, Mercúrio.

Sendo o símbolo solar por excelência, representando a “luz nascente”, era consagrado

aos deuses solares como Apolo, divindade que também simboliza o dia que se levanta, mas aparece outrossim associado a divindades lunares.

É também o animal de Mercúrio, o deus mensageiro, que, por vezes, é representado



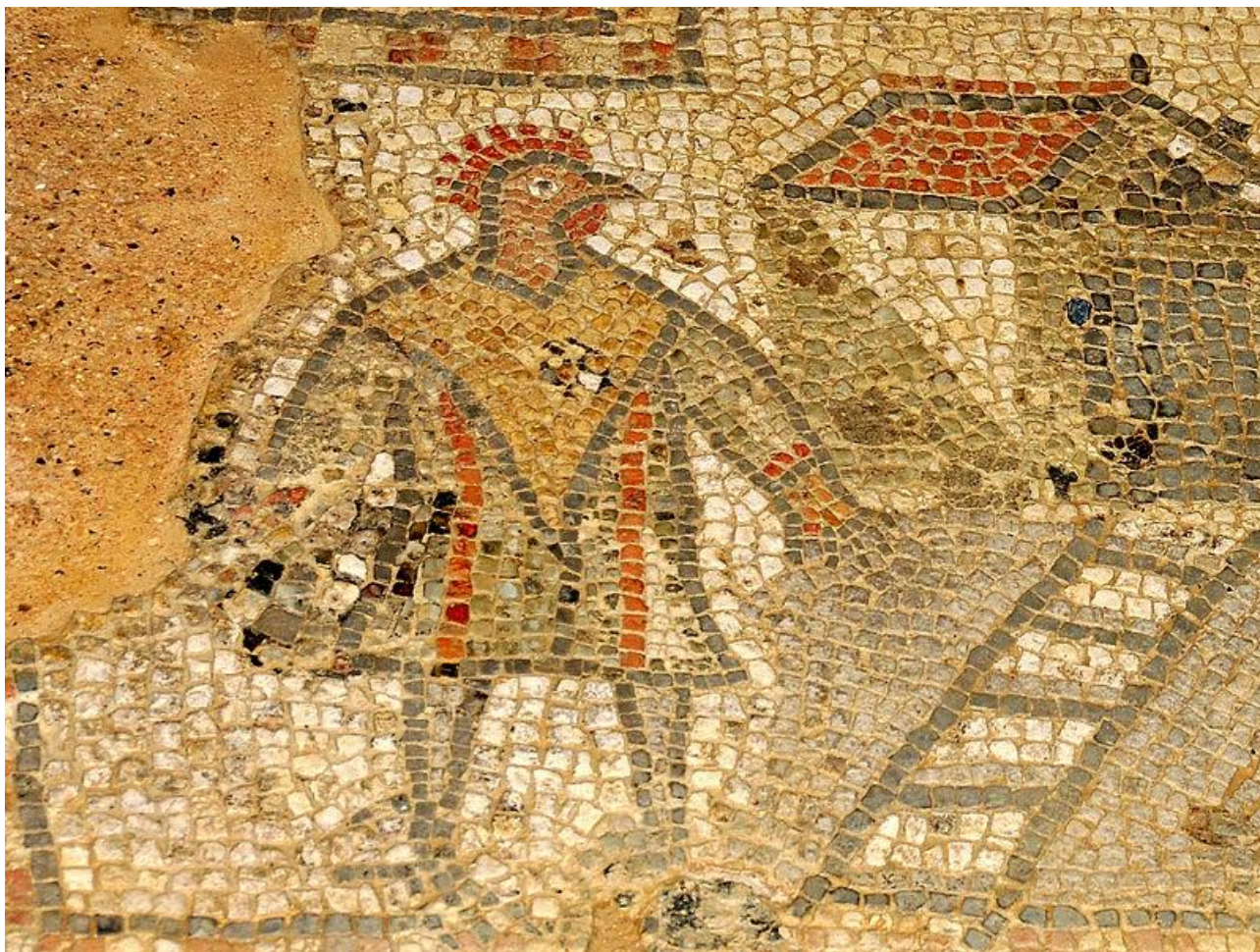


Fig. 30: Mosaico de Homem com cabeça de galo. Brading Roman Villa. Fotografia a partir de: [https://en.wikipedia.org/wiki/Brading\\_Roman\\_Villa?fbclid=IwAR2qKtFUe2Wt6G\\_OaEPDfTdwnc3McQZDzkLI-StVuOsPuA8RqIDtnSmcfRg#/media/File:Cockereel\\_Headed\\_Man\\_-\\_Brading\\_Roman\\_Villa\\_7.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Brading_Roman_Villa?fbclid=IwAR2qKtFUe2Wt6G_OaEPDfTdwnc3McQZDzkLI-StVuOsPuA8RqIDtnSmcfRg#/media/File:Cockereel_Headed_Man_-_Brading_Roman_Villa_7.jpg)

cavalcando um galo. Não esqueçamos que Mercúrio tem como atributo um caduceu, símbolo que concentra toda a natureza dualista (noite-dia; luz-trevas; feminino e masculino; racional-irracional) e os pés alados que o permitem ser muito rápido e, portanto, mensageiro do Olimpo.

Contudo, em Roma, é a ave sacrificada a Esculápio, deus da saúde e da medicina e filho de Apolo.

Também ainda, segundo a Mitologia, a beleza de Vénus despertava inúmeras e arrebatadoras paixões no seio dos deuses, motivo pelo que

Zeus/Júpiter decidiu casá-la com Hefesto/Vulcano, seu filho e da deusa Hera/Juno, o defeituoso deus do fogo e das forjas. Contudo, o casamento não a impediu de manter ligações amorosas com vários deuses, entre eles Marte, o deus da guerra.

Para se poder encontrar com Marte, a divindade havia escolhido Alectrião para sentinela que deveria acordar os amantes antes do sol nascer, de forma aos seus encontros amorosos não serem descobertos. Um dia, Alectrião adormeceu e Hélio, o deus sol, rapidamente foi





Fig. 31: Mosaico com representação de luta de galos, proveniente de Pompeia, Museu de Nápoles



Fig. 32: Lucerna do Museu de Sines com representação de galo e palma no disco. Fotografia Luis del Rey

avisar Hefesto/ Vulcano que enfurecido e enciumado decidiu enxovalhar o par apaixonado.

Dada a sua profissão, foi-lhe fácil forjar uma corrente de ferro para os amarrar, tento chamado todos os deuses do Olimpo para testemunhar os amores ilícitos de Vénus e de Marte.

Humilhado, o deus da guerra Marte jura vingança e transforma Alectrião num galo para que este anuncie o nascer do sol diariamente.

Na festividade “la “laginoforias”, celebrada em Alejandria, donde todas las clases sociales incluidos los esclavos, lisiados y mendigos, bebían y realizaban ritos. Era una fiesta con fines políticos, alegrar a los más desfavorecidos. Se honraba al dios Dyonisos como favorecedor de los desamparados. Durante estas fiestas cada cual traía su Lagynos o botella para el vino y se hacían ofrendas al dios, especialmente el gallo, que era muy apreciado por los pobres.”

Em Roma, foram comuns as lutas de galos, ao ponto de Petrónio, no seu Satíricon assim ironizar, a propósito de determinado tipo de atitudes:

*“Vamos lá, (...) ponham de lado as birras; cara alegre é bem melhor. E tu, Hermeros, deixa o rapazola. Ferve-lhe o sangue na guelra; tem tu mais juízo. Sempre nestas coisas quem é vencido sai vencedor.*

*Também tu, quando eras um galaroz, — cocorocó cocorocó — não tinhas tento na cabeça. Vamos então — o que é bem melhor — alegrar-nos de novo e prestar atenção aos homeristas.”*

Petrônio, *Satíricon*

Existem inúmeras representações de galos, na Época Romana, quer em esculturas, quer em mosaicos ou mesmo frescos, mas também em lucernas, como o exemplar acima.

Um exemplar com características muito similares ao do Museu de Sines é o de Ossoy, uma lucerna de bico redondo, tendo no disco uma representação de um galo segurando uma folha de palma com a pata esquerda, publicada por Carlos Pereira. Também no depósito votivo de Santa Bárbara apareceram cinco lucernas com galos a decorar o disco (MAIA, 1997, p. 105).

Lembramos ainda um exemplar de lucerna romana com o disco decorado com representação de um galo rodeado de orla com corações relevados. Mas é uma lucerna de canal aberto do século II d.C. cujo original se encontra no Museu Arqueológico do Cerro da Vila, em Vilamoura.

## Pato

O Pato é considerado o animal que se relaciona com três elementos: Terra; Água e Ar, motivo pelo que lhe é conferida alguma transcendência.

Nesta caso concreto, não nos prenderemos tanto à componente mitológica associada aos patos, mas trataremos de outro tipo de fontes, designadamente as gastronómicas, pois também elas são fundamentais para o conhecimento das mentalidades. Seguiremos assim as informações que nos são dadas pelo grande gastrónomo Apício (25 a. C. – 37 d. C.), o suposto autor do tratado de culinária *De re Coquinaria*, entre outros.

É sabido que em Roma, o ideal da culinária tradicional era uma dieta vegetariana, com base

nos produtos da terra, socorrendo-se dos frutos, sendo os mais comuns o figo, as romãs, laranjas, peras, maçãs e uvas, e nas papas (*puls*) de cereais torrados ou em farinha (*elaseram*), simplesmente cozidas ou enriquecidas com favas, lentilhas, hortaliças ou outros produtos, como falaremos de seguida. Somente os mais ricos comiam carne, geralmente de carneiro, burro, porco, ganso, pato ou pombo.

Os Romanos alimentavam os porcos com figos para que a sua carne ficasse perfumada e criavam os gansos de maneira especial para com eles preparar patês.

Faziam o mesmo com os frangos, alimentando-os com anis e outras especiarias.

Do que se sabe, acerca de uns 3 mil anos a. C., os egípcios ter-se-ão apercebido que os gansos



Fig. 33: Mosaico com patos Villa Romana de Carranque. Fotografia a partir de: <https://villaromanacarranque.blogspot.pt/2015/04/aviarium-consumo-y-caza-de-aves-en-roma.html>





Fig. 34: Mosaico com pássaros. Cartago, Tunísia

selvagens que imigravam para o Nilo tinham o fígado muito maior, mais gorduroso e com uma textura diferente dos fígados de outros gansos. Percepcionaram ainda que os gansos que imigravam tinham ingerido demasiada comida para aguentar o inverno e isso afectava seus fígados. Assim começaram a desenvolver a engorda das aves, motivo pelo que há inúmeras representações destes animais que circulavam livremente pelos pátios e jardins

O hábito da engorda parece ter sido comum aos Judeus que necessitavam de gordura alimentar e não ingeriam porco.

Em Roma, o "*foie gras*" (que ainda não se denominava assim) tornou-se um ícone nos banquetes, sendo acompanhado com figos.

Aliás, a origem da palavra "fígado" e "foie" é latina "*ficatum*", que significa exactamente figo.

A Gália, província romana, torna-se um dos locais de grande produção o que deve ter contribuído para que se tornasse um alimento tão utilizado.

Inúmeras são as referências a gansos na Literatura, em Plínio, Juvenal e Marcial.

O seu fígado, após o ganso ter sido engordado com figos, por exemplo, para obter uma carne suave e um fígado apropriado para com ele fazer o que está na origem do "*foi gras*".

### Pega

Porque desafiaram as Musas para um concurso de canto as Piérias foram transformadas nestas aves.



## Serpente



Fig. 35: Hígia, en el museo de Cirene (Líbia)



Fig. 36: Medusa, pavimento musivo policromo do I-II século d.C. Museo Nazionale Romano delle Terme di Diocleziano a Roma

“Antes do reinado de Júpiter não havia agricultores em luta com os campos; não era permitido dividir a terra, e assinalar as extremas; os homens buscavam o proveito para o bem comum, e o próprio solo produzia mais liberalmente, sem nada se lhe solicitar. Foi Júpiter que deu às negras serpentes o veneno maléfico, quem mandou que os lobos fossem depredadores, quem ordenou ao mar que se agitasse, quem sacudindo as folhas, fez cair delas o mel; quem retirou aos homens o fogo, e estancou os vinhos que corriam em regatos. Tudo para que o homem, à força da experiência e constante exercício, forjasse pouco a pouco as várias artes, alcançasse, abrindo sulcos, as messes de trigo, e fizesse brotar das veias da pedra o fogo que se lhe havia ocultado.”

Virgílio, *As Geórgicas*, I, 135, Ed. Sá da Costa, 1948, Lisboa

*“Vós que olheis flores e morangueiro  
procurais pelo chão, cuidado moço,  
que entre as ervas se oculta fria serpe”.*

Virgílio, *Bucólicas*

As serpentes foram consideradas, desde a mais remota Antiguidade, como um símbolo da vida e daí a sua associação à água, também como fonte de vida. Veremos como as curas atribuídas ao deus grego da saúde Asclépio, Esculápio entre os Romanos, de que falaremos de seguida, estavam associadas à água.

Mas, paralelamente, porque conhecem as entranhas da Terra, também são conotadas com o Inframundo onde reina Hades/Plutão, pois é um animal que estabelece a comunicação entre o mundo inferior e a superfície da Terra, entre o mundo visível e o invisível, ou seja, com a própria morte, são temidas por muitos. O seu próprio veneno, em muitos casos fatal, colabora para essa relação estreita com a deusa da morte.

Não é pois de estranhar que a simbologia associada à serpente assumia significados tão diversificados.

Temidas, amadas ou idolatradas, é um facto que as serpentes acompanham a trajetória humana desde sempre, variando o seu simbolismo nas várias culturas.

Presente em todas as épocas, a sua imagem mitológica assume sempre um papel essencial em todas as culturas, associada que está à essência primordial da natureza, e à ideia de um conhecimento profundo e de transmutação.

Outras vezes, como acontece no Egipto com a serpente-*uraeus*, representa a soberania.

Mas pode também ter uma função protectora, sendo usada sobre a cabeça da Deusa Ísis, no Egipto, ou, como acontece na Grécia Antiga com a Medusa, no escudo de Atena.

A visão bíblica espelha, de algum modo, a ideia maléfica com que alguns povos encaram a

serpente, dando-nos o Génesis testemunho da palavra de Deus que assim terá dito:

*“Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem do mal não deves comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás.”*

(...)

*Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?*

*“De modo algum morreréis. Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que comerdes da árvore, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal.”*

Génesis 3:1-5

Mas como causou o Pecado Original foi castigada:

*“Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.”*

Génesis 3:14

Mas recordaremos também a associação da serpente tanto aos seres primordiais, a Tétis, unida ao Oceano, aos Gigantes; a Tifão e seus filhos, bem como à geração dos deuses: Zeus/Júpiter que se metamorfoseou em serpente para possuir a sua sobrinha Perséfone, esposa de Hades e rainha do Inferno. Dessa união, nasceu Sabázio.

Com Asclépio, Esculápio, a serpente, enrolando-se no seu bordão, dá-lhe a Sabedoria e a capacidade de curar.

Já Corónis, sua mãe, amada por Apolo a quem traiu, como lembrámos ao tratar do corvo,



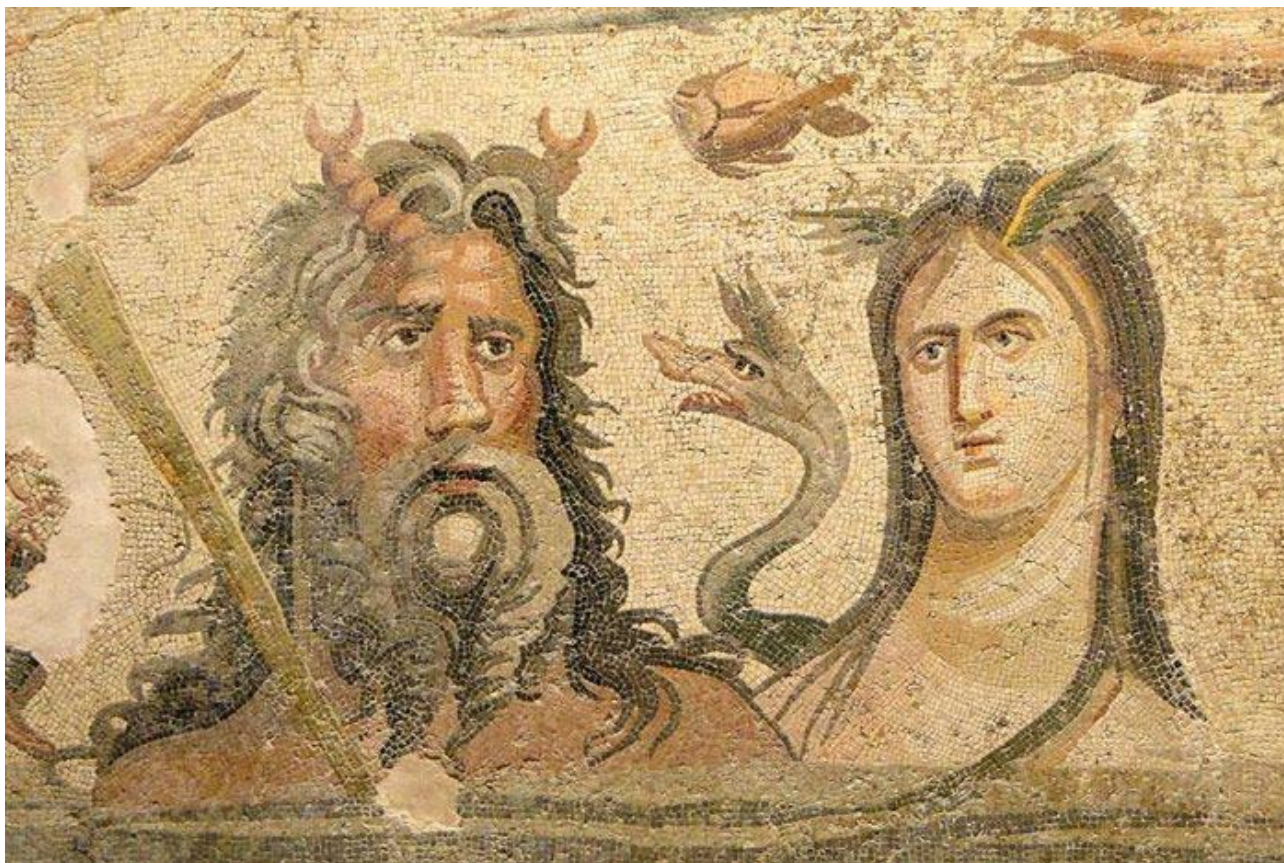


Fig. 37: Mosaico com representação de Oceano e Tétis, Zeugma, Turquia. Fotografia a partir de: <https://casasincreibles.com/se-descubren-en-turquia-mosaicos-con-mas-de-2000-anos-de-antiguedad/>

delator dessa traição, dizem algumas lendas que terá nascido de um ovo sob forma de serpente e não fazia parte dos deuses do Olimpo.

Na mitologia greco-romana, a figura da serpente tem uma miríade de significâncias e aparece associada a muitíssimas divindades, manifestando simbolismos diferenciados, de acordo com os atributos do próprio deus, sendo umas vezes poderosa, outras temível ou mesmo monstruosa; outras ainda, detentora da Sabedoria; e ainda é o monstro que se torna protector, como a Medusa, assumindo, de certa forma, a “sabedoria feminina”, um simbolismo que ao que parece foi importado da Líbia, onde as amazonas a cultuavam como a Deusa Serpente.

A referência mais antiga que existe sobre Asclépio, encontra-se na *Ilíada* de Homero, onde

ele é descrito como um médico. Asclépio teria aprendido com o centauro Quíron, encarregado da sua educação, a conhecer os poderes medicinais das ervas existentes no vale em que habitava.

Numa das suas lendas, Asclépio, o Esculápio latino, estava atendendo Glauco que já estava morto. Ele viu uma serpente que o ameaçava e matou-a com o seu bastão. Em seguida uma segunda serpente apareceu com a boca cheia de ervas e colocou-as na boca da cobra morta que imediatamente renasceu. Então Asclépio /Esculápio usou essas ervas, colocando-as na boca de Glauco e ele reviveu. A capacidade de ressuscitar mortos o tornou semelhante aos deuses, por isso Zeus matou-o com um raio. Atendendo a um pedido de Apolo, o deus supremo do Olimpo colocou-o entre as estrelas



Fig. 38: Esculápio e Hígia/Salus. Museu do Louvre. Séculos I- II d. C., restaurado em meados do século XVIII. Site oficial do Museu do Louvre Fotografia a partir de: <https://i.pinimg.com/originals/d7/af/09/d7af093a27e2c0f04cb04afd930d0e7f.jpg>

como *Ophinchus* que significa o portador das serpentes.

A serpente passou, assim, a ser associada ao deus Esculápio no que respeita ao seu poder curativo, pois ela tem capacidade de e rejuvenescer a si própria, mudando periodicamente de pele e estavam presentes nos processos de cura.

Mas também o cão, o cavalo, a górgona (Esculápio havia recebido o sangue vertido das veias da Górgona Medusa e usava-o para “devolver a vida aos mortos”) eram auxiliares significativos de Esculápio na realização das suas curas. Também a sua esposa Epione, e os seus filhos, designadamente Hígia ou Higeia - deusa da prevenção das doenças, que deu origem ao

termo higiene que em Roma tem como homóloga a deusa *Salus* - o acompanhavam e tinham características curativas.

Também vemos as serpentes associadas a Apolo; Hermes/Mercúrio que apazigua a luta de duas serpentes; a Laocoonte, sacerdote de Apolo, mas ainda aos grandes heróis da mitologia grega, Hércules - que enfrentou o monstro Hidra, animal com corpo de dragão e nove cabeças de serpente - e a Perseu que matou a Medusa, monstro com serpentes no cabelo. Mas a serpente é também um dos atributos de Mitra, essa divindade importada da Pérsia. As serpentes são marcantes nos mitos gregos muito arcaicos: o mito-elemento de Laocoonte, a antiga Hidra de Lerna, que com que Hércules lutou, a serpente do mais velho oráculo de Delfos, etc...

Os ofídios aparecem inúmeras vezes associados a Figuras Mitológicas, de que se destaca a fraude, “uma divindade alegórica infernal, encarnação do perjúrio, que vivia nas águas do Cocito, onde escondia o seu corpo monstruoso em cauda de serpente. Só mostra o rosto hipocritamente amável e doce” (Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Jel Schmidt), motivo pelo que a fraude é muitas vezes representada com duas cabeças e a máscara do engano.

A Quimera, um monstro invencível e assustador, era filha de Tifon e Equidna. Tinha como irmãos o Leão de Nemeia, a Hidra de Lerna, Orto, Cérbero.

Tifão era filho de Gaia (a Terra) e Tártaro. Ao perceber que estava grávida, Gaia transformou-o numa semente e deu-a a Hera que a plantou no jardim do Olimpo. Assim nasceu um monstruoso dragão de cem cabeças, cercado de víboras, da cintura para baixo e maior do que as montanhas. O Tifão era um gigante que simbolizava a grandeza das forças naturais, a quem os gregos atribuíram a paternidade dos ventos ferozes e violentos. Para vencer este rebelde Júpiter/Zeus só

dispôs da ajuda de Atena, a Razão, sua filha, enquanto os demais deuses olímpicos, apavorados se refugiaram no Egito, onde se transformaram em animais.

Hesíodo, na sua *Teogonia*, descreveu Tifon do seguinte modo:

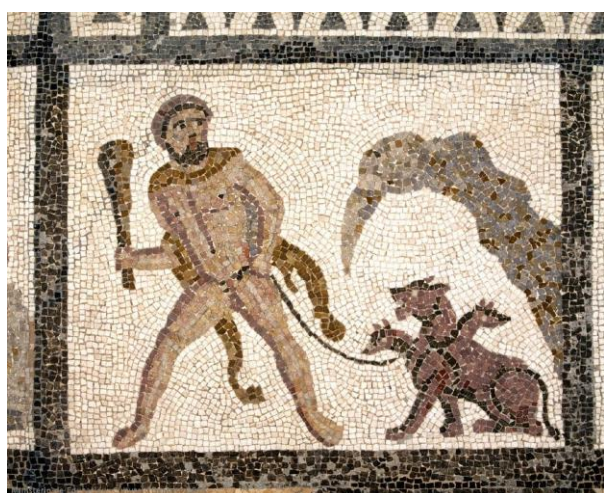
*“Mas quando Zeus expulsou do céu os Titãs,  
A Terra enorme gerou um último filho, Tifeu,  
Pelo amor do Tártaro, por obra da áurea Afrodite.  
Os seus braços foram feitos para obras de força  
E os pés do poderoso deus nunca se cansavam; dos seus ombros  
Saíam cem cabeças de serpente, de terrível dragão,  
Que aguilhoavam com línguas escuras; dos olhos  
de todas estas prodigiosas cabeças, sob as pálpebras,  
faiscava o fogo  
(...)”*

*De todas essas cabeças terríveis se ouviam vozes,  
numa fala variada e prodigiosa: ora se ouviam  
sons inteligíveis apenas aos deuses; ora, por outro lado,  
mugidos de touro, forte e indômito,  
ora, ainda, rugidos de leão, de ímpeto selvagem;  
ora latidos semelhantes aos de cachorrinhos, admiráveis  
de ouvir,  
ora silvos que o eco das altas montanhas repetia”.*

A própria natureza infernal de Tifon (ou Tifão) é confirmada pela sua descendência:

- Os ventos fortes de sopro húmido.
- A Hidra de Lerna - filha de Tifão e Equidna, metade mulher, metade serpente, era um monstro que tinha corpo de dragão e várias cabeças de serpente. Segundo a lenda, as cabeças da Hidra podiam-se regenerar. Matar a Hidra de Lerna foi o segundo trabalho do herói Hércules, que, segundo Hesíodo, era “conhecadora de obras funestas”;





- A Quimera – “que sopra fogo invencível, terrível, grande, rápida e violenta” usando novamente as palavras de Hesíodo, era um ser monstruoso que expelia fogo pela boca e pelas narinas, também filha da união entre Equidna e Tífon. Tinha três cabeças, uma de leão,

Fig. 39: Mosaico dos Gigantes. Villa Romana del Casale. Fotografia a partir de:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Villa\\_Romana\\_del\\_Casale](https://en.wikipedia.org/wiki/Villa_Romana_del_Casale)

Fig. 40: Hércules e Cérbero. Mosaico romano “Os doze trabalhos de Hércules”. Liria, Valencia. Museu Arqueológico Nacional. Madrid

Fig. 41: Hércules e a Hidra de Lerna. Mosaico romano “Os doze Trabalhos de Hércules”. Liria, Valencia. Museu Arqueológico Nacional. Madrid



outra de cabra e outra de serpente, de poderoso dragão”:

Dois cães:

- Ortos - considerado o cão de guarda mais feroz da antiguidade, a sua cauda era uma serpente. Também foi morto por Hércules.
- Cérbero, «o cão de voz de bronze de Hades, com cinquenta cabeças, implacável e feroz», segundo Hesíodo, cauda de dragão, pescoço e dorso eriçados de serpentes, guardião do reino de Plutão e Perséfone, guardava a entrada do mundo inferior, o reino subterrâneo dos mortos, deixando as almas entrar, mas jamais saírem.

Por sua vez, Alpo era um Gigante natural da Sicília, que foi derrotado por Dioniso durante a gigantomaquia.

Como a maioria dos gigantes, Alpo era filho de Gea e Urano, tendo-se rebelado com os seus irmãos contra os deuses. Eram colossos de um tamanho imenso com um tronco terminado em serpente.

Alpo tinha numerosos braços e sua cabeleira era constituída de cem serpentes.

Vivia numa montanha deserta porque costumava atacar e devorar caminantes. Alpo atacou o deus Dioniso usando como uma espécie de escudo uma enorme lasca de rocha e como lanças árvores inteiras. Dioniso atirou contra ele o seu tirso e matou-o.

Ladon/Ladão era, por seu lado, o nome atribuído à serpente/dragão guardião da árvore que protege a fruta dourada no Jardim de Hespérides, situado na extremidade ocidental da Grécia Antiga, nas margens do grande rio Oceano, havendo que considere que ficava no Sul da Península Ibérica.

O Jardim das Hespérides, na mitologia grega, foi a morada das ninfas com o mesmo nome. A lenda narra que Hera recebera de Gaia lindas maçãs (*pomos*) de ouro como presente de seu casamento com Zeus e que as mandou plantar no seu longínquo jardim, no extremo Ocidente. Ela deu às Hespérides, ninfas do entardecer e filhas de Atlas, a função de proteger este jardim. Quando as ninfas começaram a usar os frutos de ouro para próprio benefício, Hera teve de procurar um guardião mais confiável. Assim Ladão, o dragão com um corpo de serpente e cem cabeças, passou a proteger o jardim.

A Ouroboros ou Oroboros é uma criatura mitológica em forma de serpente, minhoca, cobra ou dragão que engole a própria cauda formado um círculo e, por isso, simboliza o ciclo da vida, a eternidade, a mudança, o tempo, a evolução, a fecundação, o nascimento, a morte, a ressurreição, a criação, a destruição, a renovação. Além disso, muitas vezes, Ouroboros está associada à criação do Universo e será também o símbolo do deus *Janus*, o das entradas, das portas e dos inícios, motivo pelo que Janeiro lhe foi dedicado.

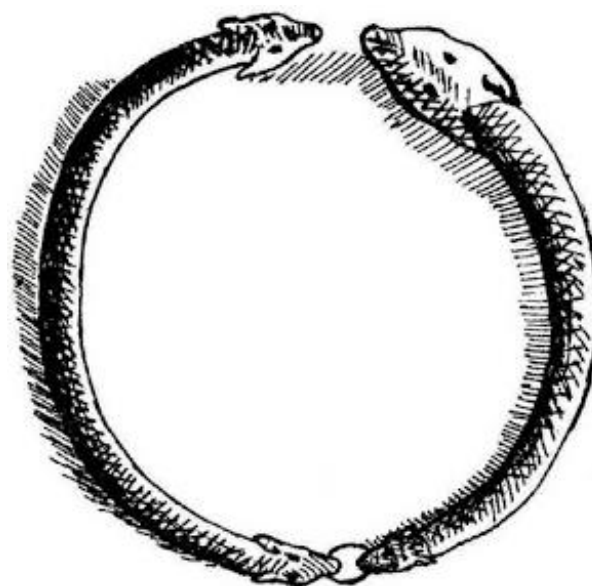


Fig. 42: Desenho do séc. XVIII do bracelete de bronze com extremidades serpentiformes, achado na escavação de Frei Manuel do Cenáculo na necrópole do Raco (Cercal). Seg. Delgado, 1946-1949

Já em pleno Mundo Romano, o grande Virgílio lembrando a “Idade de Ouro” assim nos refere:

“Antes do reinado de Júpiter não havia agricultores em luta com os campos; não era permitido dividir a terra, e assinalar as extremas; os homens buscavam o proveito para o bem comum, e o próprio solo produzia mais liberalmente, sem nada se lhe solicitar. Foi Júpiter que deu às negras serpentes o veneno maléfico, quem mandou que os lobos fossem depredadores, quem ordenou ao mar que se agitasse, quem sacudindo as folhas, fez cair delas o mel; quem retirou aos homens o fogo, e estancou os vinhos que corriam em regatos. Tudo para que o homem, à força da experiência e constante exercício, forjasse pouco a pouco as várias artes, alcançasse, abrindo sulcos, as messes de trigo, e fizesse brotar das veias da pedra o fogo que se lhe havia ocultado.”

Virgílio, *As Geórgicas*, I, 135, Ed. Sá da Costa, 1948 Lisboa

Mas também Ovídio nos recorda que Apolo matou a monstruosa serpente Píton, filha de Geia, que atemorizava as pessoas e que habitava as entranhas do Monte Parnaso.

“ORA BEM, quando a terra, lamacenta pelo recente dilúvio,  
reaqueceu pelos raios do sol do éter, pelo calor lá do alto  
gerou espécies sem conta, em parte reproduzindo  
antigas  
formas, em parte criando assombrosos seres jamais  
vistos.  
Ela, é certo, não teria querido, mas também então te  
gerou,  
ó gigantesco Píton, serpente desconhecida, tu, o terror  
dos novos povos, tanto espaço da montanha ocupavas  
tu.  
Este, o deus senhor do arco, que suas armas mortíferas  
nunca antes usara a não ser em gamos e corços em  
fuga,  
carregou-o de mil setas, esgotando quase a aljava toda,  
e matou-o, o veneno derramando-se das negras feridas.  
Para o tempo não poder apagar a memória deste feito,

*instituiu jogos sagrados com uma grandiosa  
competição,  
chamados Píticos, do nome da serpente que ele  
subjugara.  
Neles, todo o jovem que vencesse por mão, por pé, ou  
carro,  
ganhava a título honorífico um ramo de folhas de  
carvalho.  
O loureiro não existia ainda e Febo cingia ainda as  
frontes  
graciosas e o longo cabelo com folhas de qualquer  
árvore.”*

Ovídeo, *Metamorfoses*, Livro I, Cotovia Clássicos, 2007



Fig. 43: Na imagem: Apolo com a cítara e serpente Píton. Obra romana, século II a.C., procedente do templo de Apolo em Cirene, hoje no Museu Britânico, Londres. Fotografia a partir de: [http://osdeusesehomem.blogspot.pt/.../05/culto-de-apolos\\_29.h...](http://osdeusesehomem.blogspot.pt/.../05/culto-de-apolos_29.h...)



O próprio deus Apolo também se transformou em serpente para se unir a Dríope, filha do rei Dríops.

Mas a Mitologia também nos remete aos maiores castigos aplicados a humanos e deuses, como é o caso da tortura de Ixíon, filho de Flégias, descendente do deus-rio Peneu, de cujos amores com Hera nasceram os Centauros. Essa paixão valeu-lhe ter sido amarrado com serpentes a uma roda que girava sem parar, no fundo do Tártaro.

Nos rituais de iniciação ao culto de Dioniso/Baco as serpentes eram guardadas na Cista Mística, ou o cesto onde os objectos místicos do deus ficariam guardados.

Assim vemos a serpente, a par do tigre, da pantera, do lince, do touro, do bode ou do cabrito associar-se ao deus, quer sendo a ele consagrados, ou nas metamorfoses que assume o próprio deus Dioniso/Baco. Também as máscaras utilizadas no teatro, arte que lhe era dedicada, aparecem como seus símbolos, bem como taça ou cálice de onde o a divindade bebe e distribui vinho.

Por sua vez, o mito de Príapo representa o nascimento de heróis provindos da fecundação de uma mulher por uma Serpente o que determina não apenas o seu simbolismo fálico, mas também genésico, embora as versões do mito sejam diferentes, ora apresentando-o como filho da relação de Dioniso/Baco com Afrodite/Vénus, ora como filho de Ariadne. A característica desse deus era o pénis exageradamente grande e sempre erecto.

A sua função era guardar pomares em geral, vinhedos e jardins, desviando os malefícios dos olhares invejosos. Símbolo da fertilidade, participava do cortejo de Dioniso em companhia dos sátiros e de Sileno e, tal como este último, muitas vezes nas proximidades de um burro.

A serpente aparece ainda associada ao Génio, na Religião Romana, simbolizando a força espiritual e vivificante dos homens, pois todos se fazem acompanhar dessa divindade individual que o acompanha e protege até à morte, dos imperadores e dos deuses, a exemplo do Génio de Júpiter, ou do *Genius Loci*, o “espírito do lugar”.



Fig. 44: Lucerna com cena ritual. Torre d’Ares. MNA. Fotografia: Mathias Tissot Localização: MNA. A partir de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=144822&EntSep=5#gotoPosition>

Sobre o papel apotropaico da Medusa, recordei que muitos imperadores a usaram como elemento decorativo das suas armaduras e de Itália provém um busto de Adriano que tem na couraça uma representação de uma Górgona, publicada por Pilar León, “Esculturas de Itália”. De Tarragona provém um outro busto semelhante, publicado na obra “La Mirada de Roma”, p. 12, e de Mérida há uma estátua onde está também representada na couraça (idem, p. 186).

No Museu Nacional de Arqueologia podemos testemunhar o quão antigo é o relacionamento e representação de ofídios, a exemplo de uma estatueta de bronze, proveniente de Ferragudo com a forma de serpente, datável dos séculos IV-II a. C. Também no Museu de Arqueologia há um pingente de vidro, proveniente de Comôros da Portela (Silves) com a forma da cabeça de uma serpente, datável dos séculos VII-V a. C.

Com motivos onde as serpentes estão representadas enroladas nos troncos de árvores, é um conjunto de lucernas provenientes de Santa Bárbara, bem como seis exemplares onde está

representada a Medusa (MAIA, 1997, pp. 61-62 e 74-75).

De Torre de Ares provém ainda uma lucerna de finais dos imperadores flávios, onde no disco aparece representado um altar ladeado por duas palmeiras com duas cobras enroladas nelas (NOLEN, 1994, 43, lu.40).

Ainda no Museu Nacional de Arqueologia há uma pedra de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresenta gravada a Medusa, publicada na obra “Um gosto privado – um olhar público”, p. 133.

A “Ora Maritima”, de Avieno, escrita no século IV d. C., mas que se baseia fundamentalmente em périplos fenícios e gregos com quase mil anos (do século VI a. C.), se bem que com posteriores acrescentos fundamentados em informações gregas e latinas, continua a ser o texto mais antigo que se conhece descrevendo a costa do Sudoeste e Sul peninsular. Apesar de continuar a levantar questões de vária índole, que se prendem com aspectos geográficos, etnológicos, gentílicos, e outros, ela é ainda uma fonte importante de informações sobre esta zona. Nessa obra, o nosso território é designado com o nome de Ophiussa, como “terra de serpentes”, e o seu nome viria de uma grande invasão de serpentes que fizera fugir os antigos habitantes da terra. Os seus actuais habitantes chamavam-se Sefes (Serpentes) e Cempso (Saefes e Cempsi), e habitavam as colinas e os campos de Ophiussa.

Às Terríveis Górgonas foi dada como habitação o Oceano ocidental, a região da “meia-luz”, onde se situava a Ibéria e o “luminoso Ocidente” (Ésquilo, ed. s/d, 61). Os escritores Pomponius Mela e Plínio (século I) apontavam para a morada das mesmas as ilhas Górgades – *Insulae Gorgades* (Pompónio Mela, III 9, 89-96, 99; Plínio VI, 200), situadas em frente ao promontório chamado “Hesperu Ceras, a partir do qual a terra firme começa a dobrar-se até ao ocaso e até ao Mare Atlanticum” (Plínio, VI, 200).

Aliás, em Plínio, na sua História Natural, encontramos muitas outras referências sobre as

serpentes (Ver Plínio III, 78; V, 15; XXXV, 202.), dispensando-nos de todas comentar.

Conhecida é também a lenda de Lisboa, onde habitaria uma serpente com um estranho nome: “Ofiusa - que quer dizer “Terra de Serpentes”. As serpentes tinham a sua rainha. Uma rainha muito estranha, metade mulher, metade serpente... senhora de um olhar feitiçeiro, e de uma voz muito meiga.

Às vezes, esta estranha rainha subia ao alto de um monte e gritava ao vento, só para que pudesse ouvir a sua própria voz:

*“Este é o meu reino! Só eu governo aqui, mais ninguém! Nenhum ser humano se atreverá a pôr aqui os pés: ai de quem ousar! Pois as minhas serpentes, não o deixarão respirar um minuto sequer!”.*

De facto, durante muito tempo, ser humano nenhum se aventurou a desembarcar nesta costa que ela pensava que estaria amaldiçoada pelos deuses e também pelos homens.

Porém um dia, vindo de muito longe, um herói lendário chamado Ulisses, famoso pelas suas aventuras guerreiras, atracou na cidade. Ficou deslumbrado com as belezas naturais que viu e ao desembarcar subiu a um monte, e com a sua máscula voz, gritou ao vento:

*“Aqui edificarei a cidade mais bela do Universo! E dar-lhe-ei o meu próprio nome: será a Ulisseia, capital do Mundo!”*

A partir de <http://lisboa.blogs.sapo.pt>

E a sua profecia concretizou-se ... e hoje, embora não tenha o nome dado pelo herói mitológico grego “Ulisseia”, é uma das mais belas cidades do Mundo, e chama-se LISBOA.

Conhece-se ainda o Santuário pré-romano associado ao culto ofiolátrico (de serpentes) “No

concelho de Torre de Moncorvo, no sítio arqueológico do Baldoeiro, sobre o Penedo do Corvo, existem algumas cavidades e entalhes picados na rocha que alguns autores de inícios do século XX (entre os quais Santos Júnior) compararam com o santuário de Panóias. Se bem que seja possível que estes entalhes possam corresponder a uma torre roqueira da Reconquista, eventualmente edificada sobre o penedo, há uma ou duas pequenas cavidades cuja função é inexplicável, pelo que poderá corresponder, efectivamente, a um santuário pré-romano associado ao culto ofiolátrico (de serpentes), devido a uns gravados serpentiniformes que aí também existem. Pelos mistérios que estes sítios encerram, aqui fica uma proposta de visita. Se bem que o Baldoeiro não esteja devidamente valorizado para apresentação ao público. “Esta cobra que mede 1,85m faz parte de um conjunto de seis, das quais, a maior mede três metros. Podem ser observadas no dorso da enorme rocha granítica conhecida localmente por Fraga do Corvo e, também, por Fraga ou Penedo do Cobrão. Santos Júnior adianta que poderá tratar-se de um vestígio remanescente de algum culto ofiolátrico, mas, até ao momento, não se encontrou documentação que comprove a existência de tal culto nesta região. O que se pode afirmar é que se trata de uma zona riquíssima em vestígios arqueológicos que demonstram ter havido uma continuidade de ocupação do local, desde a Pré-História até à actualidade” (*Civitas Baniensium – O culto da serpente*, publicado em “Portugal Romano”).

No Museu Nacional de Arqueologia há um “baixo-relevo de um homem nu, barbado, de pernas abertas levantando uma maça com a mão direita por cima da cabeça enquanto segura com a esquerda o corpo de uma serpente que se enrola na perna esquerda avançada. Trata-se, segundo descrição da peça do MNA, de um “fragmento de uma composição certamente mais vasta. A atitude, a musculatura, os vincos da face coberta de barba intensa pretendem representar o vigor

do personagem combatendo a serpente que o ataca. É a representação de Hércules ou Hércules em luta contra a Hidra de Lerna, a serpente de múltiplas cabeças que renasciam quando cortadas e cujo sopro mortal provocava devastações nas colheitas e nos rebanhos. Representa um dos “doze trabalhos” que o herói realizou com êxito às ordens do seu primo Eristeu. Pode tratar-se do fragmento de um sarcófago, peça que poderia reproduzir em relevo outros trabalhos de Hércules. Apesar de ser desconhecida a sua proveniência, as características patentes na execução da peça, as escaras e mutilações sofridas, a própria pátina, militam em favor da sua autenticidade” (Segundo ficha de Catálogo de Escultura Romana do MNA, da autoria de José Luís de Matos).

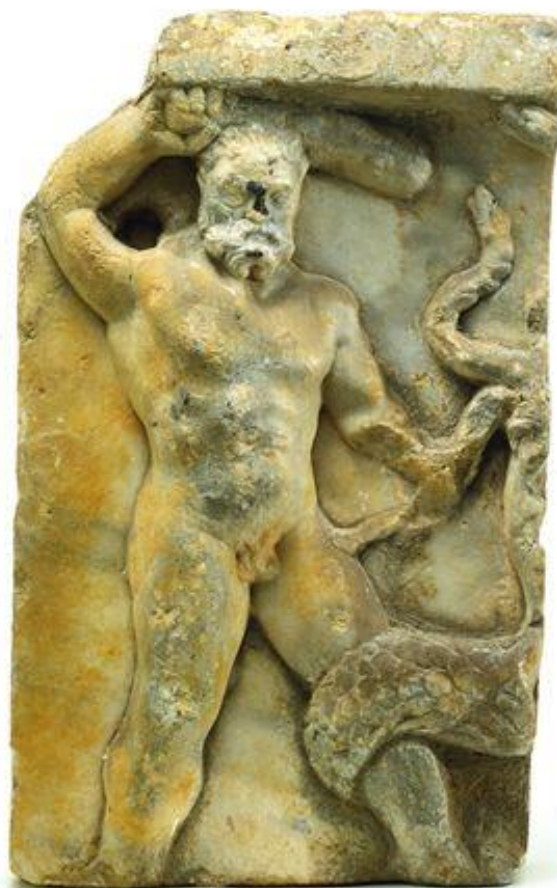


Fig. 45: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Fotografia José Pessoa Localização: DDF. A partir de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=110161&EntSep=5#gotoPosition>



Segundo afirma Virgílio, numa das múltiplas referências à serpente, n' *As Geórgicas*:

*“Aprende a queimar nos estábulos o oloroso cedro, e a enxotar as cobras malignas com o fumo do gálbano. É frequente esconder-se debaixo das manjedouras a que há muito se não deu volta uma víbora, perigosa quando se lhe toca, que foge, espavorida, da luz; ou uma cobra, inimiga cruel dos bois e portadora de venenos para o gado, useira em penetrar nos tectos escuros, anichar-se no chão. Se assim acontecer, pastor, deita a mão a uma pedra, deita a mão ao cajado, e prosta-a à pancada, quando ela se ergue ameaçadora e incha o colo, a sibilar. Já foge ... já escondeu na terra a cabeça assustada ... ainda as curvas do meio do corpo e da cauda se desenroscam ...; numa convulsão final, arrasta lentamente os últimos anéis”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, Ed. 1948, 420

*“Há também, nas charneças da Calábria, uma serpente malfazeja que, erguendo o peito, rola um dorso revestido de escamas e um comprido ventre, sarapintado de grandes manchas. Quando os rios saem dos álveos e as terras estão encharcadas pela primavera húmida e pelos Austros pluviosos, frequenta as margens dos chaboucos: aí, insaciável, atafulha a negra guelra com peixes e palmeiras rãs. Quando os charcos enxaguam e as terras abrem gretas com o ardor do sol, vai para os sítios, e, assanhada pela sede, exasperada pelo calor, lança-se furiosa pelos campos, revolvendo os olhos inflamados. Não seja eu nunca ter tentado a entregar-me a um sono ameno ou a reclinar-me na relva, na encosta de um bosque, na ocasião em que esta serpente, tendo largado a pele e a reluzir com um novo vigor, desenrola os anéis, e, deixando no ninho os filhos ou os ovos, se empina para o sol e dardeja a língua trifurcada!”*

Virgílio, III, 425

A serpente aparece ainda associada ao Génio, simbolizando a força espiritual e vivificante dos homens, pois todos se fazem acompanhar dessa

divindade individual que o acompanha e protege até à morte, dos imperadores e dos deuses, a exemplo do Génio de Júpiter.



Fig. 46: Serpente Apotropaica num larário. Casa di Vetii. Pompeia

Hermes usava um bastão com uma serpente enrolada (Plínio III, 78; V, 15; XXXV, 202).

*“Estes animais (as lebres), como se alimentam de raízes, destroem plantas e sementes”. (...) uma invasão (de lebres) deste género ultrapassa as suas proporções habituais e propaga-se como uma peste, ao modo das pragas de serpentes ou de ratos campestres”*

Estrabão, *Geografia*, III, 2, 66

A serpente é um dos animais associados com o culto de Mitra, sendo também o que Esculápio tem a seus pés ou enrolada no seu caduceu, motivo pelo que ainda hoje as farmácias tenham como símbolo este animal, pois Esculápio é a divindade da saúde.



Fig. 47: Laocöonte, por Hagesandro de Rodas, Polidoro y Atenodoro, 242 cm altura, Mármol, año 50 d. C., Estilo Grecia Clásico, Museos Vaticanos, Roma (ITA)-495 DEFs

O envolvimento da Árvore da Vida pela serpente tem o mesmo significado simbólico do que o bastão de Esculápio onde se enrola o mesmo ofídio.

Seja qual a forma que adquira, a lenda da cidade de Lisboa que a relaciona com as serpentes e, mais especificamente com Ofiusa, a sua rainha, é comum a outros locais: “a rainha-serpente-

réptil, representando a deusa-terra-mãe ser vencida por um herói, um Deus ou um Santo. É algo que os estudiosos da mitologia conhecem e que se aproxima do conhecido mito de Adão e Eva”.

<http://cronicas-portuguesas.blogspot.pt/2007/09/etimologias-populares-ii-lenda-da.html>





Fig. 48: O Phanes Mitraico, Exposição Lusitânia Romana - Origem de Dois Povos. Museo Nacional de Arte Romano, Mérida

*“Uma das peças mais enigmáticas e com maior impacto na exposição Lusitânia Romana. Origem de Dois Povos é a imagem de um jovem desnudado, enrolado por um enorme ofídio, com uma cabeça de leão no peito e outra de bode aos pés. Esculpida em mármore, à escala humana, apresenta algumas lacunas que terão implicado a perda de importantes atributos e dificultam a sua identificação. Embora dada como efigie de Mitra, não detém os elementos mais característicos*

*desta divindade de origem oriental, ligada ao culto solar, nem parece ter integrado as cenas principais da sua iconografia no Ocidente. Com efeito, em termos visuais e simbólicos será mais próxima de Phanes (deus alado, da vida e da criação, referenciado no Eros grego e no Osíris-Chronocrator egípcio, e contemplado no culto órfico), de Arimanius (deus leontocéfalo, que poderá representar a faceta mais agressiva deste antropocéfalo e que era venerado no culto mitraico) e ainda de Aion (deus do tempo cíclico e eterno, que não seria estranho ao culto mitraico). Os atributos animais remanescentes reiteram-no como divindade temporal: o felídeo poderá indicar o tempo presente, solar; o ofídio o tempo eterno, lunar; o caprídeo o tempo cíclico, sobretudo se tiver estado em oposição a um ovídeo. Parecendo resultar de um sincretismo religioso, a figura provirá do Mithræum de Mérida e pertence ao Museo Nacional de Arte Romano.”*

Cátia Mourão

Segundo a Teogonia de Hesíodo, nove espiras cercam o círculo do mundo, enquanto a décima, furtivamente introduzida por baixo da criação, forma o Estige, rio serpente, habitat de serpentes, o caminho dos *inferius*.

Os infernos e os oceanos, a água primordial e a terra profunda formam apenas a primeira matéria, uma substância primordial – a da serpente. Enquanto espírito da água primeira, a serpente primordial é o espírito de todas as águas, as que correm debaixo ou na superfície da terra e as que vêm de cima.

No Mito de Orfeu e Eurídice esta sucumbe com a picada de uma serpente.

Também *Bona Dea*, (“a Boa Deusa”) divindade romana da fertilidade dos campos e dos bosques, acreditando os seus devotos que habitava todas as árvores. O seu culto aparece associado ao culto de Baco que também se relaciona com a serpente.

Foi muito venerada pelas matronas romanas, pese a divindade estar associada à virgindade.

Numa das muitas versões da lenda, a deusa aparece como filha de Fauno, motivo pelo que,



muitas vezes, é designada de Fauna. O seu pai apaixonou-se por ela, e face à resistência da filha, embriagou-a com vinho, mas nem assim conseguiu violá-la. Então agrediu-a com ramos de murta e, mais tarde, transformou-se em serpente para satisfazer o seu desejo sexual.

Era também era uma deusa da cura e do Bem-estar, sendo retratada sentada num trono, segurando uma cornucópia. A cobra é também seu atributo, um símbolo de cura, tal como acontece com Esculápio.

Os seus rituais eram secretos, reservados apenas às mulheres e interditos aos homens. Até os animais eram afastados e as estátuas masculinas, como não podiam ser deslocadas, eram cobertas. Os encontros tinham lugar na casa de uma matrona rica com a presença de vestais, sacerdotisas, que conduziam a cerimónia.

Landon é o nome atribuído à serpente guardiã da árvore que protege a fruta dourada no Jardim de Hespérides, situado na extremidade ocidental da Grécia pagã.

Diz-nos ainda a *Teogonia* de Hesíodo que Pandora foi a primeira mulher encomendada por Zeus a Hefesto, deus da forja, para punir o homem. Modelada em argila e animada por Hefesto, para torná-la irresistível, Zeus precisou da cooperação preciosa de todos os deuses: Atena ensinou-lhe a arte da tecelagem, adornou-a com a mais bela indumentária e ofereceu-lhe seu próprio cinto; Afrodite deu-lhe beleza e insuflou-lhe o desejo indomável que atormenta os membros e os sentidos; as Graças divinas e a augusta Persuasão embelezaram-na com lindíssimos colares de ouro e as Horas coroaram-na com flores primaveris; Hermes encheu-lhe o coração de artimanhas, imprudência, astúcia, ardis, fingimento e cinismo, concedeu-lhe o dom da palavra e chamou-lhe Pandora.

Fig. 49: Fotografia: Templo de Ísis. A partir de:  
<https://labirintosdoser.blogspot.com/2011/12/hino-isis.html>  
 Ver: *Snakes of Pompeii*  
<https://seetheworld.travelforkids.com/snakes-of-pompeii/>



Zeus, então, enviou Hermes com o belo presente de núpcias a Epimeteu. Ela levava nas suas mãos uma caixa que nunca poderia abrir. Porém, não resistindo à curiosidade, ela abriu-a no dia do seu casamento. Da caixa saíram todos os males em forma de serpentes, que até hoje atingem a humanidade. No fundo da caixa estava a esperança, o único bem que restou.

Na Grécia antiga, os heróis mortos e os deuses eram adorados sob a forma de uma serpente de barbas. Zeus, em muitas ocasiões aparece desta forma.

Em Pompeia, no templo de Ísis, são várias as representações de serpentes.

## Touro

O Touro aparece associado a Zeus e Europa; a Ariadne; a Posídon, a Dioniso/Baco, a Mitra, entre tantas outras divindades.

Segundo a mitologia grega, Europa foi raptada por Zeus, que se transformou em touro para seduzir a princesa, quando esta se banhava na praia.

A princesa Europa terá nascido no mediterrâneo e era filha de Agenor, o rei fenício de Sídon.

Um dia, a princesa passeava na praia com as suas companheiras, quando Zeus se disfarçou de touro branco, com chifres e cascos de prata, pois sabia que Europa gostava de grandes animais, e assim, mansamente se veio deitar a seus pés.

Europa terá acariciado o animal, e depois deixou-se subir para o seu dorso. O touro, aproveitando-se deste momento, levantou-se impetuosamente e cavalgando as ondas do mediterrâneo, levou-a até à Ilha de Creta e foi depositá-la debaixo de um plátano. Ao que rezam

Fig. 50: Estatueta de Touro. Época Romana. Coleção Bustorff Silva. MNA. Fotografia: José Pessoa Localização: DDF/DGPC. A partir de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=113448&EntSep=5#gotoPosition>



também as lendas, terá sido nessa ilha que Zeus passou a sua infância.

Segundo o poeta Mosco de Alexandria, Europa, rainha de Creta, foi “mãe de filhos gloriosos, cujos ceptros não-de acabar por dominar todos os homens da terra”.

Quando Zeus revelou a sua verdadeira identidade e a tornou rainha de Creta, deu-lhe três presentes:

*“Talos, um autómata de bronze;  
Laelaps, um cão que nunca soltava a sua presa;  
e uma jabalina que nunca errava”*

Os três filhos de Europa foram: Minos, Radamantis e Sarpedón. É por causa disso que o seu mito é indissociável do Minotauro.

Posteriormente ter-se-á casado com Asterión, rei de Creta, que adoptou os seus filhos.

Algumas fontes literárias identificam-na como irmã de Io, também ela uma jovem princesa e sacerdotisa de Hera a quem Zeus havia seduzido, cobrindo o mundo com um manto de nuvens escuras para esconder da esposa Hera a sua paixão.

Durante as suas deambulações, Io terá encontrado, no Monte Cáucaso, Prometeu acorrentado numa rocha e o mesmo profetizou que ela seria libertada e regressaria à sua forma humana, quando chegasse ao Egípto, onde acabou por nascer Éfano. Io acabou por reinar com o nome de Ísis, após o casamento com Telégono.

Agenor teria ordenado ao seu filho Cadmo que saísse à procura da irmã e não regressasse sem ela. Cadmo partiu e procurou a irmã muito tempo e por terras distantes, mas em vão, motivo porque decidiu consultar o oráculo de Apolo, para saber em que país deveria fixar-se. O oráculo respondeu que ele encontraria uma vaca no campo e deveria segui-la, acompanhando-a aonde ela fosse e quando a vaca parasse, ele deveria construir uma

cidade e chamá-la de Tebas, fundação essa que acabou por acontecer após múltiplas deambulações, tendo Cadmo acabado por casar-se com Harmonia, filha de Vénus.

Na *Ilíada*, narra-se, portanto, que a Europa era filha do filho de Agenor, Fénix, e referem-se os seus dois irmãos: Cadmo e Cilix, que fundou a Cilícia, actual Arménia.

A narrativa que a descreve como filha do rei fenício raptada por um touro, divindade cretense, mas igualmente de fenícios e arameus, não ficaria perceptível se não se fizesse uma referência aos sonhos da bela princesa.

Europa teria tido um pesadelo perturbante no dia anterior ao rapto, no qual duas mulheres exigiam a autoridade sobre ela. Uma delas representava a Ásia e dizia ser sua mãe; a outra que simbolizava um continente desconhecido afirmava que Europa lhe tinha sido dada por Zeus.

Assim, nos mitos gerados no mar Egeu, Europa poderá designar um novo continente que tem a Ásia por mãe.

Sabe-se hoje, através do que a própria arqueologia confirmou, que a civilização europeia viajou no mediterrâneo, na proa de embarcações fenícias entre outras, sendo Creta um dos grandes polos.

Mas, é um facto, que esta civilização se desenvolveu igualmente como resultado das ligações terrestres que uniram milenarmente a Europa à Ásia, através da actual Turquia.

Se o que se reconhece como a “civilização europeia” tem origem no Médio Oriente, é através da mitologia e com Ulisses que atravessa o Mediterrâneo até ao Ocidente, e gradualmente até ao território que hoje se designa Portugal, trazida pelas diásporas fenícias, cartagineses e, mais tarde, a ocupação romana.

Do romance que a Europa teve com Zeus, nasceu, como vimos, o filho Minos e deu-lhe a ilha como presente, tendo-se tornado fértil e repleta de touros.

Ao tornar-se adulto Minos desposou Pasifae. Querendo tornar-se ainda mais rico, Minos fez um



pacto com Posídon, o deus do Mar, de forma a triplicar a sua fortuna, prometendo-lhe o seu melhor touro como pagamento.

Contudo, não querendo desfazer-se de nada, resolveu enganá-lo e dar-lhe em troca um touro vulgar.

Quando Posídon percebeu que tinha sido enganado, chamou Vénus para o ajudar na vingança.

À noite, Vénus conseguiu introduzir no coração de Pasífae, mulher de Minos, um amor alucinante por um touro.

Incapaz de conter a sua paixão ardente, ela pediu a Dédalo que construísse uma armadura de madeira na forma de vaca, para que assim disfarçada, se pudesse aproximar do touro.

Desta união nasceu o monstro Minotauro, um humano com cabeça de touro.

Sentindo-se atraído, Minos mandou construir um labirinto, de onde não se encontrasse a saída e ali encarcerou esse ser monstruoso.

Quando invadiu Atenas, Minos subjugou o seu povo, tornando-o escravo. Semanalmente eram-lhe levados 7 rapazes e 7 raparigas virgens, para contentar a fome do Minotauro.

Inconformado com essa prática de Minos, Teseu, o filho do Rei de Atenas, juntou-se a um grupo de jovens, com a intenção de matar o Minotauro e assim salvar os jovens de serem sacrificados.

Em Creta, Teseu encontrou Ariadne, filha do rei Minos, que se apaixonou por ele e lhe deu um novelo de lã que o ajudaria a sair do labirinto.

Teseu matou o Minotauro e, ao que diz a Mitologia, a parte humana do Minotauro foi deixada na terra e a parte animal foi elevada aos céus, onde se tornou a constelação de Touro.

O touro é uma constante em todo o Mundo Mediterrânico, sendo conhecida desde a Idade do Ferro, no território actualmente português, estatuária com a sua representação.

Em território nacional e ao longo de milénios, há testemunhos dessa relação com o touro.

Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde) foi mesmo identificado um exemplar com tema da Europa representado.

No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, proveniente de Vila do Bispo com a forma de touro, datável dos séculos IV-II a. C. e outra de proveniência desconhecida, com chifres e pernas partidas, publicado, em 1996, no catálogo “De Ulisses a Viriato”.

Existe ainda um queimador ritual de bronze, que é rematado por uma figura de touro deitado e uma estátua de touro levantado, de cabeça para a frente, da colecção Bustorff Silva, também publicado num interessante catálogo “Um gosto privado - um olhar público”.

Um touro de bronze tartéssico, provavelmente proveniente de Mourão, datável do século VII a. C. pertence também à colecção desse mesmo Museu Nacional de Arqueologia.

Ainda no Museu e Arqueologia de Montemor-o-Novo, existe um outro exemplar de bronze, proveniente da Herdade de Corte Pereiro, que aponta, segundo os investigadores, para o século V a. C.

Em conclusão, podemos dizer que o Mito da Europa tem como constante essa força genésica associada ao touro, mas também ao mar e à errância ou libertação que o mesmo permite, caminhando como a Io, sem se deter, na busca de um ideal transformador. Por sua vez, o ritual de iniciação nos mistérios de Mitra, essa divindade trazida por Romanos da Pérsia, era o Taurobólío, porque exigia o sacrifício do touro que foi, aliás, uma constante no mundo mediterrânico oriental e greco-latino, onde esse sacrifício assume um carácter fundacional, pois culto deste animal assenta a sua sacralidade no seu vigor e violência cósmica, e num poder fecundante.

É a morte ritual do touro que dá origem à vida com o seu sangue, à fertilidade, à dádiva das sementes que, recolhidas e purificadas pela Lua, dão origem aos “frutos” e das espécies animais, pois a sua carne é comida e o seu sangue é bebido.

Os candidatos à iniciação dos mistérios mitraicos, praticados quer na Pérsia, quer em

Roma, tinham vários graus de iniciação, passando por provas severas e o iniciado, antes de fazer o seu voto sagrado (*sacramentum*) prometia não trair o que lhe havia sido revelado. Depois, o iniciado subia os sete degraus, recebendo em cada um deles um nome diferente. O banquete ritual da morte do touro, o *taurobolium*, sempre em companhia do Sol, viabiliza ainda aos adeptos do culto mitraico o “nascimento para uma nova vida” ou “Renascimento” que o Cristianismo, que banuiu a ideia de sacrifício iniciático, transformou na água do batismo e através da Eucaristia em pão e vinho.

Mas também em Estrabão encontramos várias (Estrabão, III, 2, 4).

A dificuldade fundacional e simbólica da cidade de Roma deve-se à disputa a propósito da localização e das condições da fundação da futura Roma, tendo originado que Rómulo escolhesse o Palatino e Remo o Aventino. Como ambos foram proclamados reis ao mesmo tempo, origina-se o conflito que acabou por conduzir à morte de Remo e à subida ao poder de Rómulo. Segundo uma das lendas da fundação de Roma, Rómulo influenciado pelos oráculos acabou por traçar com



Fig. 51: Denário de prata. Anverso Cabeça de Juno à direita, com pele de cabra. Atrás: I.S.M.R.. Reverso apresenta um touro orientado à direita, a investir. Tem marca de controle Q, em cima: L.THORIVS, no exergo BALBVS. Proveniente de Pancas, Santana da Carnota, Alenquer. Comentário e Fotografia (Julia Redondo) e a partir de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120062>

Mas são inúmeras as referências ao touro na Mitologia e em toda a iconografia Greco-latina, bem como as referências literárias ao mesmo.

Em Virgílio, nas suas *Geórgicas*, são constantes as referências a este animal. (Ed. 1948, *As Geórgicas*, pp. 71; 113; 115; 133)

a charrua um sulco que delimitava o recinto da futura Roma, proibindo Remo de o transpor. Porque Remo não escutou a advertência de Rómulo, acabou por sucumbir às mãos do próprio irmão, que ficou senhor único de todo o território. Pese o assassinio do seu irmão Remo, Rómulo acabou por ser divinizado com o nome de Quirino, tendo ficado eternamente ligado à fundação de Roma. Por vezes são os dois gémeos são representados um com a cabeça de touro, também ele uma força genésica e primordial, e outro com a cabeça de escorpião.

“Já no século XVIII, Félix Caetano da Silva, bejense, autor da *História das Antiguidades de Beja*, o padre Pires Nolasco nas suas memórias paroquiais e o bispo D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas nos falavam da grandeza, quantidade e antiguidade, das cabeças de touro, capitéis, fustes, frisos, escadarias e outras estruturas ainda subsistentes (...). Algumas das cabeças de touro da antiga Pax Julia, referimo-nos às mais monumentais, às duas de maior dimensão que se encontram expostas na galeria exterior do Museu Regional de Beja, entre capitéis compósitos e coríntios e cornijas (...), integram um conjunto de cerca de nove ou dez, dispersas pela muralha da cidade, Igreja de Santa Maria, Ermida de S. Sebastião (depósito de material lítico do Museu), Tanque do Cano e praça de armas do castelo. Algumas das cabeças de touro da antiga Pax Julia, referimo-nos às mais monumentais, às duas de maior dimensão que se encontram expostas na galeria exterior do Museu Regional de Beja, entre capitéis compósitos e coríntios e cornijas de que vos iremos falar, integram um conjunto de cerca de nove ou dez, dispersas pela muralha da cidade, Igreja de Santa Maria, Ermida de S. Sebastião (depósito de material lítico do Museu), Tanque do Cano e praça de armas do castelo. Essas duas cabeças têm sido (...) vistas isoladamente, não se relacionando a sua função estrutural e decorativa com um determinado posicionamento no edifício a que pertenceria. Analisando, mesmo que superficialmente, uma das cabeças, constatamos que houve um desbaste lateral, profundo, sem dúvida muito posterior ao período romano, cuja intenção seria permitir com maior facilidade encaixá-la numa parede – sabe-se que as duas cabeças estavam colocadas na absida da demolida Igreja de S. João, orientadas para a antiga Rua do Touro (cf. “Iconografia Pacense” in *Diário do Alentejo* Setembro/Outubro de 95). A outra mostra-nos uma cabeça quase sem “retoques” posteriores, provida no cimo de saliência rectangular destinada a suportar alguma coisa, talvez uma cornija ou outro elemento arquitectónico; o seu peito e espádua são fortes e bastante relevados do bloco paralelepípedico em que foram esculpidos, notando-se, à direita, boa parte da espádua de uma outra cabeça e peito há muito desaparecidos.”

Borela, *Restos monumentais de Pax Julia I*



Fig. 52: Touro (boi?). Desenho de Marcos de Oliveira

Salientamos que, na Península, os touros são com os leões os animais mais representados na escultura zoomórfica ibérica, quer derivada de uma tradição orientalizante quer de um influxo grego antigo ou de tipo helenístico.

Entre os animais relacionados com as divindades, o touro foi um dos que teve maior expansão.

“Este bovídeo era muito apreciado na Península desde épocas remotas, inserindo-se este culto em raízes comuns a todo o Mediterrâneo. Ao seu inegável valor económico, o touro unia importantes características, como a força, o valor e o poder, sendo amiúde símbolo de deuses guerreiros”

Chapa, p. 261

A chegada dos invasores romanos, e particularmente dos exércitos, deve ter originado, na Península, um novo surto de cultos orientalizantes.

Com o principado de Augusto assiste-se, por um lado, a um retorno dos valores antigos e, por



outro, à oficialização de alguns desses cultos de origem oriental. A “nova ordem” foi assegurada pela “restauração” dos valores ancestrais (WALLACE-HADRILL, 1993, p. 12). Muito provavelmente por isso, na iconografia do século I há tal frequência nas representações de touros, particularmente os bucrânios descarnados.

*“Tendo em conta a extraordinária importância que tinham os sacrifícios e os ritos na vida quotidiana, não surpreende que os signos correspondentes dominassem a nova linguagem das imagens. Praticamente não existe nenhum monumento ou edifício em cuja decoração não figurassem caveiras dos animais sacrificados, mesmo nos que não tinham carácter sagrado. Signos alusivos aos sacrifícios, que no passado serviam apenas como elementos decorativos convencionais, passaram a ser símbolos relevantes da nova pietas imperial”.*

Zanker, 1992, p. 146

Fundando-se o culto deste animal no seu vigor físico e genésico (BLANCO, 1961-1962, p. 171) é natural que tenha sido adoptado pela nova iconografia imperial que pretende assumir uma nova energia vital.

Apenas para exemplificar, referimos o friso pertencente ao acervo do Museu de Évora e que deveria encimar o templo dedicado ao imperador.

No Cabeço das Fráguas, Sabugal, há referência a sacrifícios de animais atestados pela presença de uma *“inscrição rupestre em caracteres latinos mas em língua designada de lusitana, datada do séc. II d. C., referindo um sacrificio suovituma oferenda a divindades indígenas, de uma ovelha, de um leitão, de uma vitela, de um cordeiro de um ano e de um touro de cobrição, feita por alguém em circunstâncias desconhecidas, algures no século II d. C. Transmite-nos o tipo de sacrificio, com raízes indo-europeias, conhecido entre os romanos por suovetaurilia”.*



Fig. 53: Friso com bucrânios descarnados do Tempo de Évora, Museu de Évora

Fig. 54: Imagem da cabeça de Touro de Beja



### Boi

Existem inúmeras referências, quer em Virgílio, n' *As Geórgicas*, como em Columela (Livro IV, *Da Agricultura*), onde são descritas e identificadas as várias espécies de bois, através da coloração das suas pelagens. Também Estrabão refere os sacrifícios (III, 3, 7) a ritualização das cidades.



Fig. 55: Pormenor do Sarcófago das Estações, sendo visível um boi, em primeiro plano. Monte da Azinheira, Évora, Século III d. C., 194 × 64 × 62 cm, Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, Depósito da Câmara Municipal do Porto, Catálogo da Exposição "Lusitânia Romana, origem de dois povos", p. 236

Fig. 56: Baixo relevo de uma sepultura com representação de carro puxado a bois, para venda de vinho. Museu Romano de Augsburg





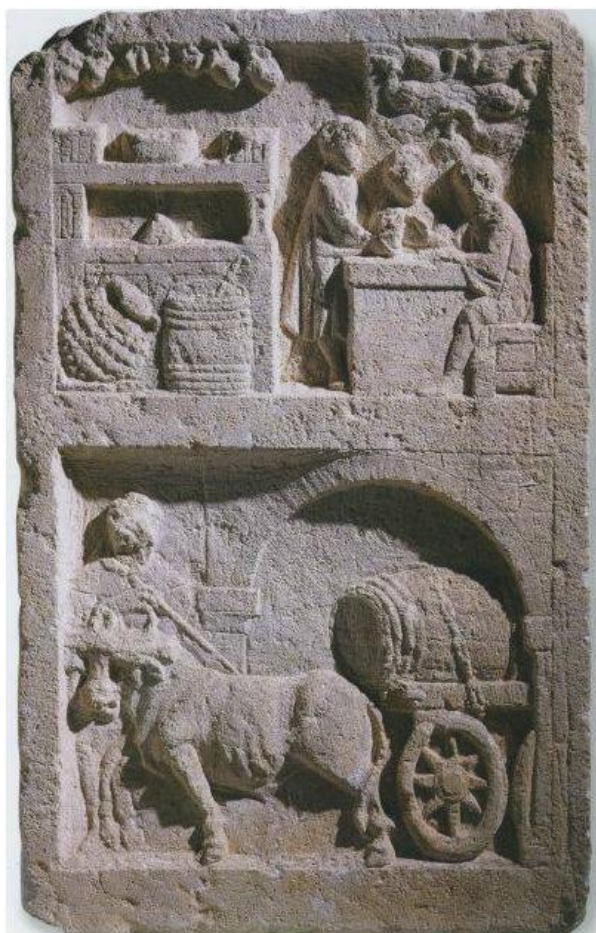


Fig. 57: Representação de *Termopolium*. Saint Maximin, França. Roman Civilisation, Século II, Fotografia: De Agostini Picture Lib.

De todos nós conhecido é o ritual de fundação das cidades romanas “Durante o ritual de fundação, o herói fundador da cidade circundava o território onde ela seria edificada, com o auxílio de um arado de bronze, puxado por um boi, representando a união do céu com a terra e cada vez que esta fosse cultivada a fertilidade da terra, mãe, era ampliada. Acredita-se aos etruscos a influência desse rito sobre os romanos, mas não se descarta a possibilidade de que eles o tenham importado de algum outro povo com o qual tiveram contato” (RYKWERT, 2006, p. 98).

Não podemos esquecer o seu uso doméstico, na alimentação e na lavoura, mas também em contexto processional ou ritual, a exemplo da definição do perímetro das cidades, ou em sacrifícios, tal como refere Plínio (Plínio, *Naturalis Historia*, XXXI, 86) e Estrabão (III, 3, 7).

No Museu Nacional de Arqueologia há duas estatuetas de argila, uma proveniente da necrópole da Fonte Santa, Ourique com a forma de boi, datável da I Idade do Ferro (De Ulisses a Viriato, 1996, p. 218) e uma outra proveniente da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, da II Idade do Ferro (*idem*, p. 254). Existe ainda uma estatueta de bronze, em forma de bovídeo deitado, proveniente de Mourão, datável da I Idade do Ferro (De Ulisses a Viriato, 1996, 247).

### Javali (porco/leitão)

*“Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,  
foram à caça os filhos de Autólico com os seus cães,  
e com ele foi também o divino Ulisses.  
Subiram a íngreme montanha vestida de bosques,  
o Parnaso, e depressa chegaram às ravinas ventosas.  
O sol começava a lançar seus raios sobre os campos,  
erguendo-se do Oceano com fundas correntes de brando fluir.  
Os caçadores chegaram a uma clareira. À frente foram os cães,  
farejando os rastros, e no seu encalço foram os filhos de Autólico;  
atrás deles, seguiu o divino Ulisses, já perto dos cães,  
brandindo a lança que projectava uma grande sombra.  
E ali, nos densos arvoredos, se escondia um enorme javali.  
Por entre estes arvoredos não penetravam os húmidos ventos,  
nem através deles o sol conseguia lançar seus raios,  
nem a chuva lá entrava, tal era a densidade dos ramos.  
E lá dentro havia grande abundância de folhas caídas.  
Em volta do javali ouviram-se os passos de cães e homens,  
que se precipitavam contra ele. Da toca saiu então o javali  
para os enfrentar: as cerdas do dorso estavam eriçadas  
e lançava fogo do seu olhar. E ali estacou, perto deles.  
O primeiro a lançar-se foi Ulisses, levantando a lança comprida*



com a mão possante, desejoso de o trespassar.  
Mas o javali precipitou-se e feriu-o acima do joelho,  
Atirando-se de lado. Com o colmilho arrancou  
um grande pedaço de carne, embora não chegasse ao  
osso.

Mas Ulisses atingiu-o, acertando-lhe na espádua  
direita:

a ponta da lança brilhante trespassou-o completamente  
e caiu no chão com um grunhido; dele se evolou a vida.

Os queridos filhos de Autólico ocuparam-se da carcaça,  
e depois trataram sabiamente da ferida do divino

Ulisses.

Fizeram estancar o negro sangue com uma  
encantação”.

Opiano, *Da caça*, I, 94-95

“No poema dedicado por Opiano ao filho de Septímio Severo e de Júlia Domna, Caracala (imperador entre 211 e 217), redigiu um verdadeiro manual de técnicas de caça e de pesca que, muito provavelmente, terá também sido utilizado como fonte de modelos a aplicar nos opera musiua e noutras manifestações artísticas. Por conseguinte, Opiano, depois do vulgar panegírico à domus augusta, fez uma aproximação entre Ártemis – divindade da caça e deusa lunar – com a minóica deusa da árvore, senhora das montanhas e das feras: afinal Creta tão distante no tempo mas ainda tão próxima no espaço...

No que respeita ao acosso ao javali, e para além de cães impetuosos e valentes que os atacavam e matabam, Opiano referiu que habitava profundos covis praticamente inacessíveis, pelo que o seu acosso costumava efectuar-se por um grupo de homens acompanhados pelos seus cães que iam apertando o cerco até encurralarem o animal que, depois era abatido pelo arremesso de lanças. Face à descrição de Opiano que aqui sumariámos, a caça ao javali resultava do esforço em equipa e não de um acto isolado, como é habitualmente representado na ars musiua, o que só poderá ser apreendido no contexto da exaltação da uirtus.”

Maria Teresa Caetano, pp. 193-194

Em Roma, a sua carne era usada apenas pelas classes mais ricas, como acima dizíamos, e era usado o carneiro, burro, porco, ganso, pato ou pombo.

Em Apício encontramos várias receitas de porco, bem como no Satíricon de Petrónio.



Fig. 58: Lucerna de Ossonoba com representação de javali, datável de meados do séc. I d. C. a finais do mesmo, publicada por Carlos Pereira, *Lucernas romanas de Ossonoba* (Faro, Portugal). Um contexto ambíguo, em *HABiS* 43 (2012) 119-147 – © Universidad de Sevilla – i.S.S.N. 0210-7694, está representado no disco um javali em corrida

O javali aparece associado a Canente, Circe e Endovélico.

Canente era a esposa do rei Pico. O marido foi transformado em javali e em picanço pela maga Circe. O javali está também ligado a Admeto, quer pela sua participação na caçada a estes animais, quer pela condição imposta por Alceste para o seu casamento, que exigia que Admeto atrelasse um destes animais ao seu carro. A captura do javali constitui um dos doze trabalhos de Hércules. No Museu Nacional de Arqueologia existe uma ara

onde numa das faces laterais está representado, sob uma pequena árvore, um javali (MATOS, 1995, 92). Proveniente de S. Miguel da Mota, existe a estátua de um porco ou javali, associado ao culto de Endovélico (MATOS, 1995, 172). O javali era símbolo do mundo funerário. Endovélico também se fazia representar com a palma ou coroa de louros. Também proveniente de S. Miguel da Mota é uma ara com inscrição ao deus Endovélico numa das faces e, nas restantes, com relevos de uma palma, uma coroa e um javali (MATOS, 1995, 176).

Também no mito de Orfeu é comumente representado um javali, entre tantos outros animais.

Fig. 59:  
Ara com relevo de palma, coroa e javali,  
proveniente de S. Miguel da Mota, Alandroal



Fig. 60: Pormenor do Mosaico de Orfeu, Museu Arqueológico de Badajoz







Fig. 61: Garrafa de vidro proveniente do Campo da Trindade, Faro. MNA. Fotografia: José Pessoa Localização: DDF. A partir de: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=130667&EntSep=3#gotoPosition>

Proveniente de Vila do Bispo e pertencente ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia, existe uma estatueta em bronze com forma de javali, datável dos séculos IV-II a. C. Do Campo da Trindade, Faro, provém um frasco de vidro com uma decoração zoomórfica, com a técnica de abrasão, representando um javali, datável de 2ª metade do século III- século IV.

De Torre de Ares é uma lucerna onde está representado um javali a ser atacado por um cão, datável do século I (NOLEN, 40, lu-6).

*“Tipo Isings 104. O reservatório é esférico, o gargalo é afinado, o fundo é ligeiramente côncavo, o bordo é de arestas aparentemente polidas ao torno. O bojo apresenta decoração executada à roda por abrasão, composta por três medalhões circulares separados por elementos estilizados com braços curvilíneos. Cada um dos medalhões apresenta, no seu interior, a representação de um animal: urso, touro e javali. O primeiro virado à direita, os outros dois para a esquerda. Os contornos do urso e do javali são parcialmente desenhados por pequenas linhas oblíquas e os pêlos por linhas em ziguezague. O touro apresenta uma linha cruzada entre os chifres, tem uma coleira à volta do pescoço e três estrelas gravadas. Os olhos são representados por losangos atravessados por uma linha pelo diâmetro. (Segundo Alarcão, 1970). Vidro verde com numerosas bolhas de ar, algumas impurezas negras e ligeiras estrias da soflagem.”*

Fig. 62: Porca amamentando os seus filhos. Procede da colina del Viminale en Roma. Museu do Vaticano





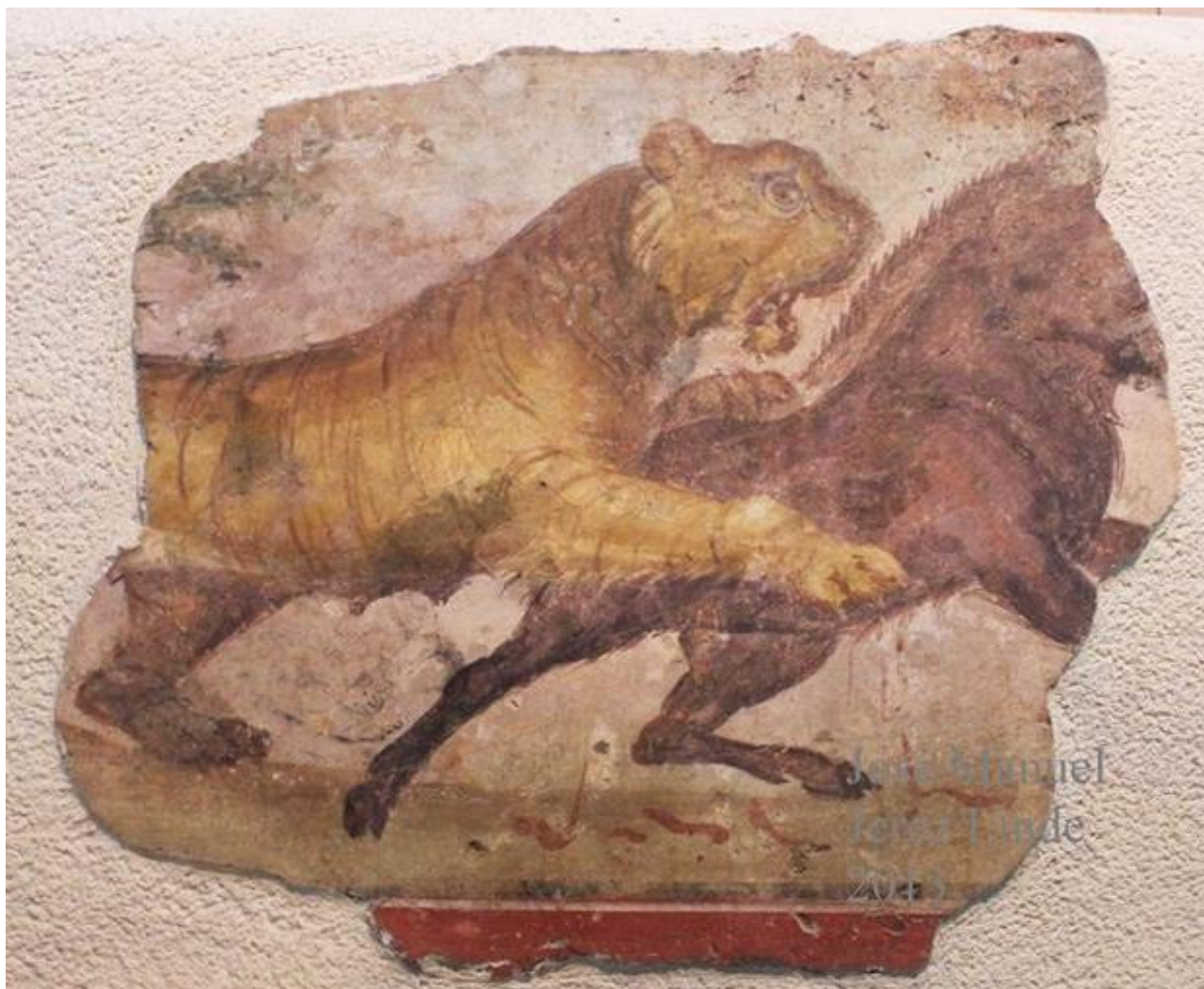


Fig. 63: Leoa atacando um javali. Museu Nacional de Arte Romano. Mérida. Fotografia José Jerez Linde

Cito Ovídio, apenas a título de curiosidade, pelas comparações feitas:

*“Nem todas as mulheres experimentam os mesmos sentimentos. Encontrareis mil almas com mil maneiras diferentes. Para as conquistar, empregai mil maneiras. A mesma terra não produz todas as coisas: tal convém à vinha, tal à oliveira; aqui despontarão cereais em abundância. Há nos corações tantos caracteres diferentes, quantos rostos há no mundo. O homem prudente acomodar-se-á a estes inumeráveis caracteres; novo Proteu, tão depressa se diluirá em ondas fluidas para logo ser um leão, uma árvore, um javali de*

*eriçadas cerdas. Os peixes apanham-se aqui com o arpão, ali com o anzol, acolá com as redes puxadas pela corda estendida. E o mesmo método não convirá a todas as idades: uma corça velha descobrirá a armadilha de mais longe; se te mostrares experiente junto de uma noviça, demasiado petulante junto de uma recatada, ela desconfiará que a vais tornar infeliz. Assim é que a mulher que às vezes teme entregar-se a um homem honesto, caiu vergonhosamente nos braços de alguém que a não merece.”*

Ovídio, *A Arte de Amar*

Não podemos ainda esquecer os célebres berrões, “verracos” ou verrascos de origem proto-histórica, “as típicas esculturas de granito do ocidente da Península Ibérica que representam toiros, porcos e javalis. A sua distribuição coincide em grande parte com o território dos Vetões”.



Fig. 64: Mosaico proveniente de Mérida

Na Roma Antiga a grande base da gastronomia baseava-se nos vegetais e nos frutos. Os romanos apreciavam alho, cebola, nabo, o rábano, o figo, romãs, laranjas, peras, maçãs e uvas. As hortaliças eram também muito utilizadas, quer as cultivadas, quer as selvagens. “Considerada por Catão (*De Re Rustica*, 156, 1), o vegetal mais saudável, a couve, nas suas diferentes variedades, teria sido uma das primeiras espécies selecionadas pelo homem”. Por vezes, em saladas, os legumes usavam molhos avinagrados.

<http://pt.scribd.com/doc/60141391/7/EM-TORNO-DA-MESA-DA-ELITE-NA-ROMA-ANTIGA>

O prato mais típico era uma mistura de água e cevada, podendo juntar-se, na versão mais enriquecida vinho e miolos de animais. A carne

era usada pelas classes mais ricas, como o carneiro, burro, porco, ganso, pato ou pombo. Em Apício, na sua obra *De Re Coquinaria* são referidas inúmeras receitas com porco, centrando-se aliás a maioria delas neste alimento. Poderíamos ainda referir o faustoso “Banquete” de Petrónio, onde o porco recheado tem marcada a sua presença.

Só Apício nos dá 27 receitas para suídeos, 10 para javali e 17 para porco-leitão. Mas também Plínio, na sua *História Natural*, tem várias notas dedicadas aos suídeos Plínio (*História Natural*, VIII, 77, 209).

### A Cabra/bode



Fig. 65: Par de machos caprídeos. Medellín, Badajoz. Século I d. C. Exposição A Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos

Na mitologia, a cabra aparece associada a Zeus; Atena; Pã

Para os Gregos a cabra simboliza o relâmpago e é o animal que alimentou Zeus, a cabra Amalteia, sendo a sua pele usada no fabrico do *cilicium*, uma túnica usada em momento de oração, simbolizando a união com a divindade, cujo uso se prolongou até aos nossos dias em determinadas congregações ou seitas religiosas.

Nas orgias dionisíacas era também usada a pele de cabritos para cobrir as Bacantes.



Fig. 66: Lucerna com representação de bode. Córdoba: “Cordoba en Tiempos de Seneca”, 1996. Catálogo de exposição

Assim se refere Virgílio, nas suas *Geórgicas*,

*“É para expiar essa culpa que se sacrifica o bode em todos os altares de Baco, e se celebram as tradicionais festas nos teatros; que os descendentes de Teseu instituíram dádivas aos génios em todas as aldeias e encruzilhadas, e que, jubilosos, bebem e dançam, em cima de odres untados de azeite, nos prados macios.”*

Virgílio, *As Geórgicas*, LIV, II, 385

Num mosaico de Mértola, onde se identifica a cena mítica de Belefonte matando a Quimera, esta última tem representada nas costas a cabeça de uma cabra, saindo chamas de sua boca (LOPES, 2001).

Diz-nos ainda Virgílio:

*“Se é porém teu intento criar manadas de gado grosso, bezeros, ovelhas ou cabras de dente daninho, procura os bosques e as pastagens remotas da feraz Tarento, ou os campos como os que perdeu a malfadada Mântua, em que apascentam, no rio onde os juncos verdejam, cisnes cor de neve. Não faltarão aí aos rebanhos nem ervagem nem límpidas fontes: o pasto que eles roem num longo dia de verão, numa curta noite o repõe o gélido orvalho”.*

*“Outra tarefa necessária é tecer sebes, que vedem a entrada a rebanhos, sobretudo enquanto a parra é mimosa e mal afeita a tratos duros. Não só a aspereza dos temporais e a tirania do sol lhe fazem dano; também o uro bravo e a cabra de teimoso dente se comprazem em a destruir, e a rilham as ovelhas e as gulosas bezerras.”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Sá da Costa, Lisboa, 194 e 370

A cabra aparece associada a Zeus; Atena; Pã. Há inúmeras referências escritas à cabra, designadamente: Virgílio, *As Geórgicas*, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1948, pp. 73; 117; 119; 12; Plínio, *História Natural*, VIII, 199; Tertuliano.

Zeus, que havia esfolado a cabra Amalteia, que o amamentara quando Gea o escondeu de Cronos, e se serviu da sua pele para se proteger dos Titãs, tem como emblema a pele de cabra enfeitada, muitas vezes, com serpentes – a Égide. Atena também tem o mesmo emblema. Atributo de divindades, a Égide tornou-se, portanto, insígnia de reis e imperadores de Roma. Pã, filho de Hermes, era o deus-cabra.

A cabra é um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Miróbriga (CABRAL, nº 6, p. 457), e de Santa Bárbara (MAIA, 1997, p. 98). Neste último Sítio apareceram ainda vários exemplares com as Cornucópias da abundância,



que se trata do corno da cabra Amalteia (MAIA, 1997, p. 80).

No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, proveniente de Silves com a forma de cabrinha, datável dos séculos IV-II a. C. Também no Museu Nacional de Arqueologia há duas pedras de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresentam gravadas cenas campestres, constituída por um pastor com bordão e por uma cabras e árvores, bem como um camafeu com uma cena dionisíaca, onde um homem nu segura as pernas de uma cabra junto a uma árvore (“Um gosto privado – um olhar público”, pp. 130-133).

Também no Museu Nacional de Arqueologia há duas pedras de anel da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, que apresentam gravadas cenas campestres, constituída por um pastores com bordão e por uma cabras e árvores, bem como um camafeu com uma cena dionisíaca, onde um homem nu segura as pernas de uma cabra junto a uma árvore (“Um gosto privado – um olhar público”, pp. 130-133).

No célebre “Mosaico das Musas” proveniente de Torre de Palma e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia estão representados, entre as muitas figuras mitológicas, Sileno e Sátiro. O Sileno obeso apresenta-se nu, barba e cabelos com folhagem verde, e tem uma pele de cabra ou pantera à cintura. O braço esquerdo enlaça um Sátiro, também coroado de verdura.

O Bode aparece ligado ao deus Pã (Lupércio ou *Lupercus* em Roma) é o deus dos bosques, dos campos, dos rebanhos e dos pastores, na mitologia grega. Vagueava pelos vales e pelas montanhas, caçando ou dançando com as ninfas.

Normalmente é representado com orelhas, chifres e pernas de bode, trazendo consigo uma flauta, produzida com canas de vários tamanhos. Pelo seu aspecto terrífico era temido por todos aqueles que necessitam atravessar as florestas à noite, que assim podiam ser cometidos de pavores súbitos, de onde deriva o termo “pânico”.

Também Sátiro, na mitologia grega era um ser com o corpo metade humano e metade de bode. Equivale na mitologia romana ao fauno.

Virgílio, *As Geórgicas*, Sátiros

### Rã/Sapo



Fig. 67: Desenho Marcos Oliveira

A rã, que pouco se distingue do sapo, é um animal lunar, se bem que em muitas culturas esteja associada à renovação, ao despertar da natureza que se anuncia através do seu “canto”. Genericamente as rãs são associadas à Mãe-Terra, e à fecundidade materna, uterina. A divindade com cabeça de rã, Hécate, é uma deusa da terra, com poderes sobre a vida e a morte, senhora de poder dar vida ou envenenar alguém.

As rãs e os sapos têm sido associados ainda a bruxarias, pois é comum que os encontremos como ingredientes indispensáveis nas poções mágicas, ou em determinados cemitérios, fechando-lhes a boca, de molde a fazer mal a alguém.

Na Antiga Grécia o sapo parece ter simbolizado a luxúria e era o nome de uma sacerdotisa, a intérprete de Afrodite.

N' *As Geórgicas* de Virgílio assim são referidos:

*“Logo de início temos de ir à eira  
e de com grande rolo a nivelar,  
depois de revolvido o solo à mão  
e de também com greda endurecido  
para que o não domine erva nenhuma  
nem possa o pó vencê-lo e destruí-lo,  
ou possa um rato que não vale nada  
fazer debaixo a toca, com dispensa,  
ou a cega toupeira se abrigo,  
ou em buracos apareça sapo  
e tudo o que de estranho a terra cria  
como o gorgulho com o seu tesouro  
ou formiga com medo da velhice”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, I, Sá da Costa Lisboa

### Coelho/Lebre

Fig. 68: Detalhe de um fresco de Pompeia.  
Fotografia de Ancien Rome



Fig. 69: Mosaico com representação de coelho. Mérida. Fotografia  
Moreno Plana Torres



Fig. 70: Fragmento de caixa em marfim de Época Romana, proveniente  
da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Museu Nacional de  
Arqueologia

Apresenta, em baixo relevo, representação de uma lebre deitada sobre as quatro patas, circunscrito ao interior de uma moldura quadrangular simples

<http://www.matriznet.dgpc.pt/.../Objeto.../ObjectosConsultar.aspx...>

Era conhecida a abundância de coelhos em toda a Hispânia que foi salientada pelos Romanos, havendo referências a esse respeito em Estrabão.

Os coelhos aparecem ligados à noção de Fertilidade e, por isso, estão ligados à velha divindade Terra-Mãe.

De algum modo o coelho da Páscoa é a continuidade da ideia de regeneração da vida sob todas suas formas, como bem o definia Chevalier & Gheerbrant no seu “Diccionário dos Símbolos”.

Existem muitas referências ao coelho nos autores da Antiguidade, podendo referir-se: Virgílio, *As Geórgicas*, Sá da Costa, 1948, Lisboa; Plínio, *História Natural*, III, 78, VIII, 104, 218, 226, 270, XI, 196. Estrabão III, 2, 6, III, 5, 2; Santiago, *Diosas y Adivinas; As Geórgicas*, Sá da Costa, Lisboa, 1948, pp. 45; 125; *Diosas y Adivinas*, 155.

Também é um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Santa Bárbara (MAIA, 1997, pp. 101-102).

No Museu Nacional de Arqueologia há uma lucerna da colecção Barros e Sá, de proveniência desconhecida, que apresenta uma decoração no disco com um coelho e óvulos na orla, datável do século I publicado no catálogo da exposição “Um gosto privado - um olhar público”, p. 200.

Datável do século IV, é uma tijela decorada com uma peça de caça gravada à mão, proveniente de Torre de Ares, onde estão representados dois cães e duas lebres rodeando um cesto de fruta (“O Vidro em Portugal” e NOLEN, 1994, 179, 87).

Do Neolítico Final, datável da segunda metade do 4º milénio, proveniente da Gruta da Cova da Moura, existe uma pequena escultura zoomórfica representando um coelho ou lebre, executado numa pedra verde (variscite?) (“Lisboa

Subterrânea”, p. 179, ver “Mosaicos romanos con aves rapaces (halcones en escenas de cacería y águilas en escenas simbólicas) y con la caza de la perdiz”, ANAS, 1994-95).

As lebres eram frequentemente usadas em métodos divinatórios nas regiões germanas (MONTERO, 155).

*“É, todavia, este o tempo (o Inverno) em que se colhem as landes dos montados, as bagas do louro, as bagas cor-de-sangue da murta, e o fruto da oliveira; (...) em que se perseguem as orelhudas lebres”. Segundo Plínio, “... Ao género das lebres pertencem também os animais a que na Hispania se chamam “cunuculi”, de fecundidade inesgotável (...)”*

Plínio, *História Natural*, VIII, 217

Em Estrabão, as lebres são consideradas como “animais daninhos”:

*“Estes animais, como se alimentam de raízes, destroem plantas e sementes”. (...) uma invasão (de lebres) deste género ultrapassa as suas proporções habituais e propaga-se como uma peste, ao modo das pragas de serpentes ou de ratos campestres”*

Estrabão, III, 2, 69

Também num monumento epigráfico romano proveniente de Soure (HEp, 6, 1996, 1037), se salienta a importância da “representação, em baixo relevo, da cena de caça à lebre e o elevado interesse histórico-cultural da referência a laquearia, como elemento arquitectónico integrante do monumento” (ENCARNAÇÃO).

Existem também numismas, nomeadamente bronzes de Adriano que representam a Hispânia reclinada, tendo perto um coelho.



Também estão presentes “Sarcófago da Vindima” do MNA (MATOS, 1005, 100).

No mosaico emeritense da fotografia que se encontra actualmente a ser restaurado pelo Museo Nacional de Arte Romano está representado um coelho, entre muitos outros animais.

### Cavalo

Do ponto de vista simbólico o cavalo está associado à natureza instintiva, à energia vital.

O Cavalo aparece associado a Pégaso, Posídon, Apolo; Marte; Hades; a Vitória, que personificava o triunfo e a glória e que podia correr e voar em grande velocidade, e ainda às Bóreas.

Ver: Virgílio, *As Geórgicas*: 59, 101, 105, 107, 111, 115, 117, 123, 131, 133; Plínio, *História Natural*, IV, 116, VIII, 106, XVIII, 108, 166, VIII, 57, 166, XXXVII, 203; Estrabão, *Geografia*, III, 3, 7, III, 4, 15); Montero Herrero, *Diosas y Adivinas*; Mela; Varrão, *De Re Rustica*, II, 7, 15, refere a importância que os cavalos tinham, salientando o seu uso na guerra, transporte, caça, bem como as célebres corridas de cavalos no circo.

Posídon deve a sua ligação ao cavalo pelas qualidades ctónicas Bóreas, o vento do Norte, tomou a forma de um cavalo para se unir às éguas de Erictónio. Posídon também se transformou em cavalo para perseguir Deméter que se havia metamorfoseado em égua. É um animal representado com frequência nas lucernas romanas, como são os exemplares provenientes de Santa Bárbara (MAIA, 1997, pp. 100-102).

Por sua vez referia Plínio que o vento Zéfiro, deus do vento do Oeste, filho do Titã Astreu e de Eos, a deusa da aurora, irmão das Bóreas e Noto (ventos do Norte e do Sul) que engravidava as éguas “*Olissipo equarum e Favonio conceptu nobile*”.

Também o poeta Virgílio faz referência à fertilidade das éguas emprenhadas por Zéfiro:

*“Vede além no alto cerro a cena que aparece  
Todas as éguas ao Zéfiro voltadas  
Estáticas sorvendo as auras delicadas  
Basta aquilo, e acontece amiúde este portento,  
Sem cônjuge nenhum, grávidas só do vento...”*

Virgílio, *As Geórgicas*

O mesmo autor refere-se às corridas de cavalos do seguinte modo:

*“Todo o que cobiçar a palma olímpica  
por uma entrega à cria de cavalos  
e como todo aquele que à lavoura  
que ofertar novilhos mais robustos,  
ambos terão cuidado especial  
em escolher-lhes a mãe.*

(...)

*A mesma escolha em gado cavalari:  
cuidado atento com aquelas crias  
que destinas um dia a ser semente.*

(...)

*Não vês como saídos das cocheiras,  
arreatam os carros o terreno  
e no veloz correr, na brava luta,  
vai exaltando o espírito dos jovens?  
Palpitam na esperança da vitória  
E se abatem no medo de falhar.  
a chicote se incitam os cavalos  
e lhes soltam as rédeas, ardem eixos,  
ora sobem ou baixam como ao vento,  
ao assalto dos ares pelo espaço,  
sem demora nenhuma e sem repouso.  
A poeira amarela se levanta,  
os da frente molhados por espuma  
pelo resfolegar dos que atrás seguem,  
e pelo amor da glória como vão,  
o que fazem por gosto da vitória.*

131

*Erictónio foi deles o primeiro  
que ousou o dirigir quatro corcéis  
e manter-se de pé, já vencedor.  
Lépitais Peletrónios foram eles*

que primeiro montaram, deram freio,  
 fizeram voltear ou ensinaram  
 cavalo a suportar o cavaleiro  
 das armas revestido e galopando.  
 Custoso é conseguir o bom cavalo  
 para um ou outro fim, os criadores  
 antes de tudo querem juventude,  
 ardente coração, velocidade.  
 (...)  
 Mas, ao quarto Verão duns outros três,  
 comece nos volteios, passo acerte,  
 alternas curve as pernas nas corridas.  
 Aposte no voar mais do que o vento  
 e, como se sem rédea, mal as patas  
 deixem que marca for pelo terreno,  
 (...)  
 Aí voa Aquilão, ao mesmo tempo  
 varre campo lavrado e mar aberto,  
 se cobre de suor nosso corcel  
 para chegar às metas duma Eleia;  
 por galopar nas pistas, logo a boca  
 uma espuma sangrenta lhe desborda,  
 ou dócil o pescoço lhe aguenta  
 o carro que na Bélgica suspendem.  
 Logo que está domado já pode ele  
 ganhar mais corpo com um bom ferrejo,  
 pois se antes o tivesse o dono feito  
 altivo ficaria, já ninguém  
 para o trabalho dele disporia,  
 contra o chicote estava ou freio de puas”

Virgílio, *As Geórgicas*, III, Ed. 1948, pp. 95-100

Pégaso é também o cavalo de Zeus, portador do seu raio. Em algumas representações, Apolo aparece sobre um cavalo puxado por cavalos alados. Nos processos de adivinhação oníricos, sonhar com um cavalo pode simbolizar a mulher, assim como sonhar com javali ou com pombas (MONTERO HERRERO, Santiago, 1994, p. 200).

Segundo Pomponius Mela, a Hispânia era “abundante em homens, cavalos, ferro, chumbo, cobre,

prata e ouro; e é tão fértil que, também em alguns lugares que a falta de água torna mais estéreis e pobres, produz, não obstante o linho ou o esparto”.

Pomponius Mela, *Chorographia*, II, 86

Segundo Plínio “o vento (favonius) fecunda tudo o que vive sobre a terra, porque na Hispânia empenha até as éguas”.

Plínio, *História Natural*, XVI, 93

Também segundo informação de Plínio, na Lusitânia, perto de Olisipo “as éguas de viradas para a brisa do Favónio recebem um sopro fecundante e deste modo se gera uma cria muito veloz, mas que não ultrapassa os três anos de vida.”

Plínio, VIII, 166.14

Diz-nos Virgílio: “Se, porém, é tua predilecção criar cavalos para a guerra e para os esquadrões intrépidos, ou deslizar sobre rodas velozes pelas margens do Alfeu, o rio de Pisa, e lançar no bosque de Jove carros que pareçam voar, é necessário, em primeiro lugar que o potro se habitue a ver a bravura e as armas dos combatentes, a ouvir sem receio o som das trombetas, o gemido da roda do carro a que está atrelado e o retinir dos freios na cavalaria; e que se alegre, cada vez mais, com os afagos e as palmadas sonoras no pescoço, com que o cavaleiro o recompensa”

Virgílio, *As Geórgicas*, III, 190

Muito comum em *opera musiva* é a representação de cavalos puxando a quadriga de Apolo vencedor, como refere Maria Teresa Caetano, no trabalho que abaixo se refere, a exemplo de Apolo Auriga, na Casa dos Repuxos de Conimbriga, bem como em lucernas.



Fig. 71: Vitória alada no seu carro de cavalos. Ca 50 a. C. Herculano



“(…) as cenas das corridas de cavalos eram frequentemente usadas na decoração que, numa perspectiva evergeta, ornamentava igualmente edifícios públicos, quer fosse ao nível da pintura, da escultura, ou dos opera musiuu.

(…)

A iconografia alusiva à temática circense era também divulgada através de objectos de uso comum, como eram os produtos resultantes do artesanato “proto-industrial” então vigente, como as cerâmicas de mesa e lucernas, cujas cronologias recuadas conflituam com as teses ordinárias, ainda que se tenham mantido Império fora até épocas bastante tardias. De facto, o desmedido acolhimento dos ludi na Hispânia (e, de certa forma, por todo o Império) promoveu também a reprodução em série de objectos de uso comum ou decorativo que obtiveram grande aceitação, respondendo assim ao gosto de uma vasta clientela.”

Maria Teresa Caetano, 2018

Em Castro Verde, apareceram também dois exemplares com biga e quadriga (MAIA, 1997, pp. 92-93) e ainda dois exemplares com a representação de Pégaso (MAIA, 1997, p. 79), cavalo alado que nasceu do sangue da Medusa, quando esta foi degolada por Perseu que o montou imediatamente para fugir das outras duas Górgonas.

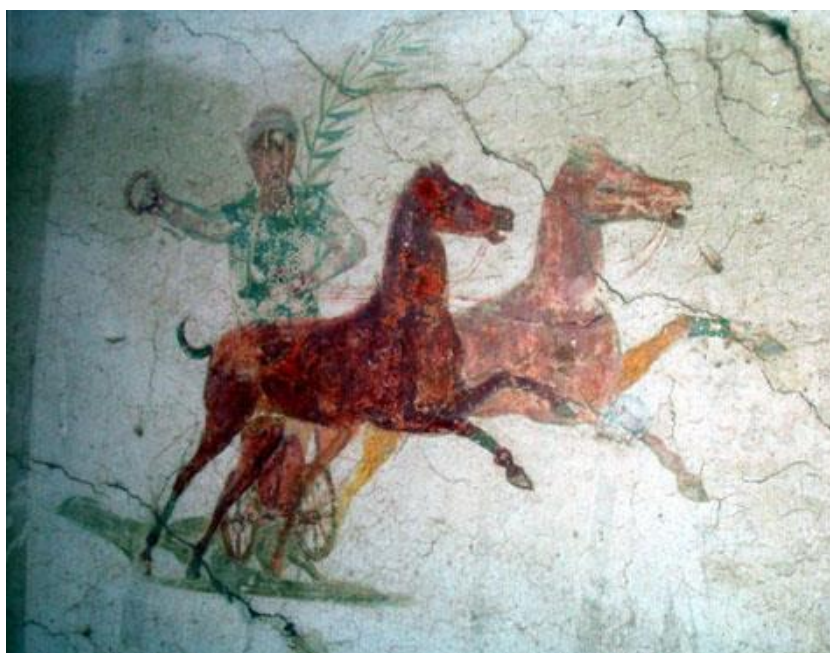


Fig. 72: Levantamento de numismas do MNA com representações de cavalos de Paulo Oliveira

Fig. 73: Pintura com representação de Auriga. Ostia. Fotografia a partir de: <https://pt.pinterest.com/pin/149181806378243666/>



Fig. 74: Fundo de garrafa com representação de cavalo. Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia de Paulo Oliveira

Inúmeros são os numismas onde aparece representado o cavalo, como é o áureo de Augusto cunhado na Hispânia, onde está representada uma quadriga triunfal, cujo carro está decorado com Vitórias. No anverso, César Augusto com coroa de louros (“La Mirada de Roma”, p. 118). No Museu Nacional de Arqueologia existem também vários exemplares com representações equestres, podendo citar-se, apenas a título de exemplo, o denário ibérico do Cabeço de Vaiamonte e o sestércio de Nero (Portugal das Origens à Época Romana, 1989, 67 e 73). De Torre de Ares provém ainda uma lucerna, onde no disco aparece representado uma biga (NOLEN, 1994, 44, lu. 48).

De Torre de Palma provém o célebre “mosaico dos cavalos” Hiberus, Leneus, Pelops e Lenobatis (LANCHA, 1994). Numa placa funerária de Lupus, proveniente do Monte de Vale do Vinagre, em Baleizão (IRCP 312) é visível um cavalo naïf. De assinalar, e apenas por curiosidade, a frequente representação de equídeos na arte

rupestre em território nacional, de que se pode citar a título de exemplo o Vale do Côa e a Gruta do Escoural (“Los Mosaicos de la villa romana de “Panes Perdidos”, ANAS, 1994-95).

Da Necrópole do Pombalinho, Santarém, provém uma garrafa quadrangular, cujo fundo tem uma marca moldada, “representando, dentro de um círculo, um cavaleiro de pé frente ao seu cavalo; sobre este, as letras CEH. O vidro é de cor verde-gelo. Esta peça provém de contexto funerário, tendo integrado o espólio de uma incineração”.

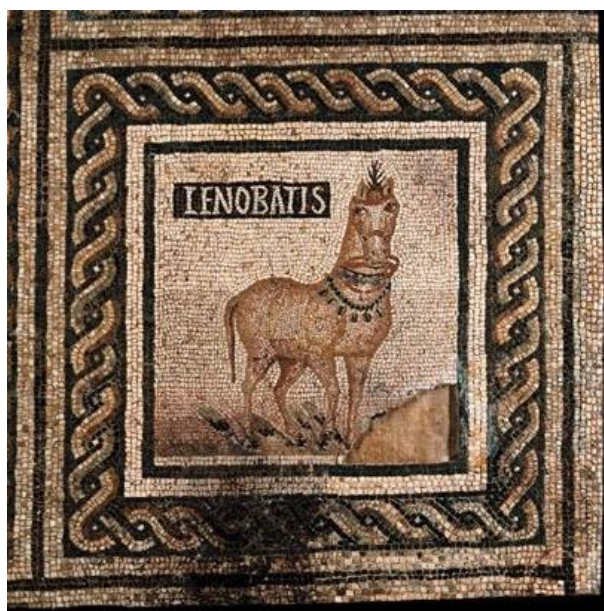
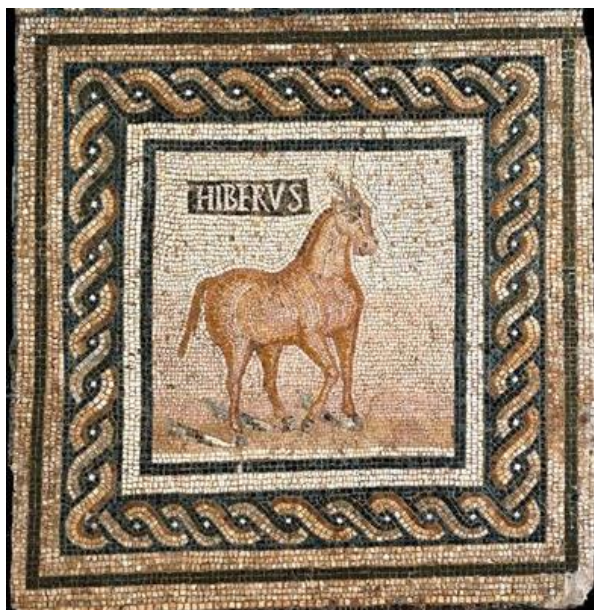
### Abelha

*“Tal como quando, nas colmeias abobadadas, as abelhas alimentam os zangãos, ocupados em obras menores - durante todo o dia, até ao cair do Sol, els Se afadigam, dia após dia, a fabricar a cera branca enquanto eles permanecem no interior dos favos, Enchendo o estômago com o fruto do trabalho alheio – (...)”*

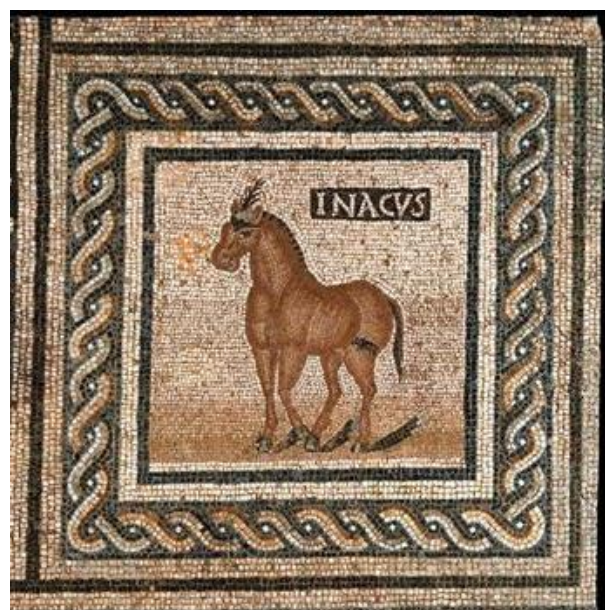
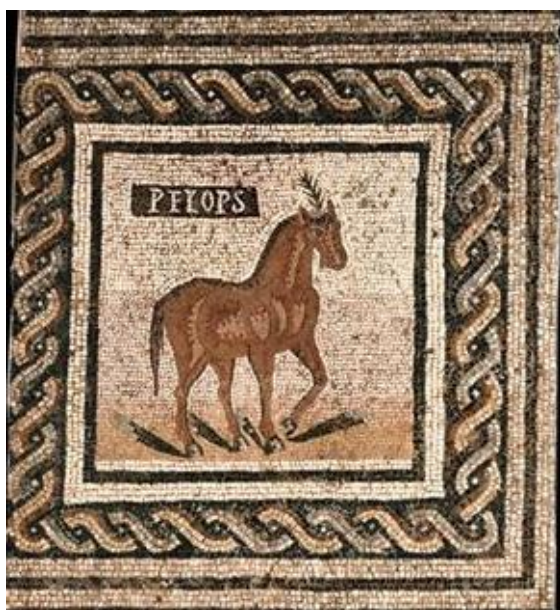
Hesíodo, *Teogonia*

*“Pois vou agora prosseguir cantando os dons divinos do celeste mel, peço Mecenas, que oiças o que digo de maravilhas de pequenas coisas, dos chefes dum inteiro povo, dos seus costumes, de seus interesses, espécies várias e de seus combates, tudo por ordem que lhe é devida. Pequeno é o trabalho, grande a fama, se é que uns adversos deuses não se opõem, se é que me escuta um invocado Apolo. Antes de mais, teremos que escolher, para dar às abelhas o lugar próprio a que não chegue o vento, pois os ventos não deixariam que elas recolhessem o que do pasto trazem, e também o que não venha perturbar a ovelha,*





Figs. 75-79: Mosaico dos cavalos de Torre de Palma. Fotografia de José Pessoa, Localização: DDF/DGPC <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119865>





*petulante cabrito esmagar flor  
e por onde não passem as novilhas  
que, vagabundas, vão pisando as ervas  
e sacudindo quanto orvalho haja.  
Longe estejam também de seus apriscos  
lagartos sarapintados e escamosos,  
ave que apanhe vespa, ou outro pássaro,  
mais que nenhum a Procne\* em cujo peito  
há os sinais de suas mãos sangrentas,  
já que estas aves levarão a tudo  
o que devastar podem com seus bicos,  
a própria abelha pegam quando voam  
e põem nos seus ninhos onde o filho  
dela faz alimento precioso”*

Virgílio, *As Geórgicas*, Livro IV

A abelha aparece associada a Ceres e a Priapo.

Inúmeras são as referências às abelhas, quer em Virgílio (*As Geórgicas*, Ed Sá da Costa, Lisboa, 1948, pp. 47; 91; 137) quer em Plínio (*Naturalis Historia*, XI, 18).

As abelhas podiam significar um mau presságio (Plínio *Naturalis Historia*, XI, 55). Segundo Plínio, as abelhas fazem cera com as flores das plantas, excepto algumas; “é erróneo exceptuar o esparto, pois na Hispânia há muitos meles que procedem de espartos e têm gosto a esta planta. Julgo igualmente engano esquecer a oliveira, porque é certo que a abundância de oliveiras favorece a multiplicação dos enxames” (Plínio, *Naturalis Historia*, XI, 18, XXI, 74).

Para Virgílio as abelhas possuem uma parcela da Inteligência divina. Segundo informação de Estrabão, “Da Turdetânia exporta-se trigo, muito vinho e azeite; este, para mais, não só em quantidade, como de qualidade insuperável”, bem como “cera, mel, pez” (Estrabão, III, 2, 6, <http://www.passeidireto.com/arquivo/2728810/-dicionario-de-mitologia-grega-e-romana/49>)

Ao que reza a mitologia, as abelhas receberam a incumbência de armazenar o mel que obtinham

a partir das flores. Irritadas porque todos queriam o mel que elas recolhiam, consta que se dirigiram a Zeus reclamando porque vinham todos roubar o seu mel. “Recusas dividir o que eu te preparei especialmente para fazer a colheita? Pois como castigo, de hoje em diante, quando picares algum animal, além de perder o ferrão, também morrerás em seguida!” Assim explica Esopo essa anomalia da ferroadada da abelha, como se tratasse de um castigo divino, eventualmente, por causa do egoísmo manifestado.

A abelha aparece também associada a: Eros/Cupido, Cibele, Diana, Reia e Artemis. Do que há conhecimento, foram encontrados em vários países do mediterrâneo vestígios de antigos cultos (3000 a. C.) de uma Deusa das Abelhas, mas sem que, contudo, se conheça a sua exacta identidade. Em gravações feitas em tábuas votivas provenientes de escavações no templo cretense de *Phaistos* a Deusa faz-se representar como uma abelha, com cabelos entrançados como serpentes e com um bico de pomba, combinando assim características de Athena, Ártemis, Afrodite e Medusa. Também desenhos encontrados no palácio de Knossos parecem corroborar a existência de uma Deusa das abelhas na antiga Creta minóica. Também a divindade cultuada na Anatólia (Ásia menor, 3500-1750 a. C.) era representada usando uma tiara em forma de colmeia; e o mel era considerado sagrado e utilizado para embalsamar os mortos enterrados em posição fetal em vasos chamados *pythoi*. “Cair no vaso com mel” era a metáfora usada para morrer e o *pythos* era o ventre da Deusa na sua manifestação como Pandora, a Doadora, cuja essência sagrada era o mel. “Vários mitos descrevem a restauração da vida após a morte com o auxílio do bálsamo de mel da Deusa. Deméter era chamada de Mãe Abelha e no seu festival *Thesmophoria*, reservado apenas às mulheres, as oferendas (*mylloi*) eram constituídas de pães de mel e gergelim em forma de órgãos sexuais femininos. O símbolo de Afrodite do Seu templo em *Eryx* era um favo de ouro e Suas

sacerdotisas eram chamadas Melissas, assim como também as que serviam nos templos de Deméter, Ártemis, Rhea e Cibele, nos cultos da Grécia, Roma e Ásia menor. Essas sacerdotisas exerciam funções oraculares, se alimentavam apenas com pólen e mel e recebiam o dom de falar a verdade da Deusa Abelha, que a sussurrava nos seus ouvidos. As abelhas eram consagradas à Deusa desde a antiga civilização matrifocal de Çatal Huyuk (Anatólia) e aparecem nos mitos gregos como “pássaros das Musas”, atraídos pelo aroma das flores do qual preparavam o mel, considerado um néctar divino. Acreditava-se que as abelhas eram almas das sacerdotisas que serviram às deusas Afrodite e Deméter, acompanhando a passagem das outras almas entre os mundos. O nome científico da classe das abelhas – *Hymenoptera* – que significa “asas de véu” refere-se ao *hymen*, o véu que ocultava o altar interno nos templos da Deusa, assim como sua contraparte no corpo da mulher, que é a membrana que veda a entrada para o seu santuário íntimo. A defloração era um ato sagrado realizado com a bênção da Deusa no seu aspecto de *Hymen*, a padroeira da noite de núpcias e da lua de mel, que tinha a duração de um ciclo lunar e menstrual. Acreditava-se que o noivo podia ter acesso à fonte de vida tendo relações sexuais durante o período menstrual da noiva, sacralizando assim o momento.

Tal como o azeite, o mel era utilizado nas civilizações antigas quer para a culinária, como para usos medicinais ou estéticos. Em Roma o *Mulsum* era um vinho misturado com mel, a exemplo do que já faziam os Gregos com o *Melicraton*, mas muitos outros pratos o utilizavam como aditivo. O latino Apício refere o seu uso para fins mais refinados: ensinava a engordar gansas com figos secos para logo depois matá-las dando de beber vinho e mel, fazendo patés e ainda noutros alimentos.

O mel constava a par do queijo e dos ovos, do leite e das frutas, da dieta dos romanos mais abastados.

## Formiga

Plínio o Velho, o escritor latino, refere-se a formigas venenosas (Plínio, *Naturalis Historia*, XXIX, 92, 47).

Recordemos também as divindades que se lhe associam, como *Amphisbaena*. “Anfisbena (Plural: Anfisbenas), Anfisbênia, Anfibena, Anfisbênio, *Amphisboena*, *Amphisbaena*, Anfista, Anfivena, palavra Grega, que significa “que vai em duas direções”, do (*amphis*), que significa “ambos os caminhos”, e (*bainein*), que significa “ir”, também chamado a Mãe das Formigas, é uma serpente mitológica, que come formigas e com uma cabeça em cada ponta”. Segundo a mitologia grega, Anfisbena terá nascido do sangue que gotejou da cabeça de Górgona, uma das três Medusas, quando Perseu sobrevoou o Deserto da Líbia, com ela nas suas mãos. Foi então que o exército de Cato a encontrou juntamente com outros ofídios. Anfisbena ter-se-á alimentado dos cadáveres deixados para trás. À lenda de Anfisbena como uma criação mitológica se referem Lucano, Caio Plínio Segundo, e outros autores de épocas posteriores como Isidoro de Sevilha, e Thomas Browne.

## Burro

Diz-nos Plínio que “É sabido que na Celtibéria as burras chegaram a produzir crias de valor de 40.000 sestércios” (Plínio, *Naturalis Historia*, VIII, 170). Aparece associado a Apolo, a Vesta, a Dioniso e ao seu tutor Sileno que muitas vezes é representado cambaleante em cima de um asno.

Se bem que sendo conotado entre nós representando a ignorância, a preguiça, a teimosia, a obstinação, o inconsciente, ele é, mais do disso, também o símbolo do obscuro, ou mesmo do maléfico, motivo pelo que Vesta, a deusa dos Lares, do fogo e da Luz, se faz, por contraponto, acompanhar dele em algumas representações.



Fig. 80: Representação de Vesta fazendo-se acompanhar de um burro. A partir de: <https://www.facebook.com/pages/Pompei-arte-storia-ed-archeologia/283085626261>

O burro é no “Asno de Ouro” de Apuleio essa personagem, Lúcio, que, metamorfoseado em animal, tem que viver mil peripécias e azares até que se possa regressar à sua condição de Humano. Ou seja, o burro faz uma viagem iniciática no sentido de se libertar do que o escraviza e não lhe permite atingir a felicidade sobrenatural e a pureza.

A expressão “orelhas de burro” vem da lenda segundo a qual Apolo terá transformado as orelhas de Midas nas de um burro, pois o rei

deixava-se encantar pelo som da flauta do deus Pã, em vez em vez de apreciar a música do templo de Delfos, ou seja, do ponto de vista simbólico, optava pelas seduções sensíveis em vez de escolher as do espírito e da alma.

Também por isso a usual expressão “orelhas de burro não chegam ao Céu”.

Sendo consagrado a Dioniso a quem eram sacrificados estes animais, é conhecida na mitologia a sua função como transportador do berço da mesma divindade.





Fig. 81: Mosaico com burro a ser alimentado, detalhe do lado nordeste. Palácio de Constantinopla. Fotografia a partir de: [http://www.wikiwand.com/pt/Grande\\_Pal%C3%A1cio\\_de\\_Constantinopla](http://www.wikiwand.com/pt/Grande_Pal%C3%A1cio_de_Constantinopla)

Curiosamente, Apuleio, no “Asno de Ouro”, depois do muito sofrimento que a sua metamorfose em burro lhe causou, faz eco de uma devoção lunar atribuindo ao asno uma oração dedicada à “Lua cheia resplandecente de admirável brilho” a quem confere uma

*“transcendente majestade, e que todas as coisas humanas se regiam por sua providência; que não somente o gado e as bestas feras, mas também as inanimadas, vegetavam pelo divino influxo de sua luz e divindade (...)”.* Suplica-lhe, então, apelando a atributos que lhe foram conferidos ao longo dos tempos:

*“Rainha dos céus, ou tu sejas Ceres criadora, primeira mão dos frutos, que alegre com o achado da filha removeste o alimento da antiga bolota própria das feras, e ensinaste uma comida mais suave, e agora habitas o terreno de Elêusis; ou tu sejas a celeste Vénus, que na primeira origem das cousas ajuntaste os diferentes sexos gerando amor, e propagaste a espécie humana de eterna descendência, e agora és adorada no templo de Pafos que, rodeado de mar; ou sejas a irmã de Febo que, favorecendo o parto das mulheres com brandos remédios, tens dado à luz tantos povos, e agora és venerada nos sumptuosos templos de Éfeso; ou tu sejas Prosérpina, horrível pelos uivos nocturnos, que reprimes com a triforme face os ímpetos dos espectros, e*

*encerras os arcanos da terra e, vagueando por diversos bosques, és aplacada com diferentes modos de culto: tu que alumias os muros de todas as cidades com a tua feminina luz, que crias as alegres sementes com teu húmido fogo e esparges uma luz incerta segundo as revoluções do Sol: por qualquer nome, quaisquer ritos e debaixo de qualquer forma que é lícito invocar-te, tu me socorre agora em minha extrema calamidade, tu consolida minha forma desbaratada, tu dá-me paz e repouso depois de tão cruéis desgraças sofridas”.*

Não querendo prolongar-me aqui na análise simbólico/religiosa desta prece, gostaria, no entanto, de mencionar o facto de Apuleio conferir a esta divindade atributos que serão comuns à iconografia cristã das Virgens e Santas:

*“Uma coroa multiforme de diversas flores lhe cingia o alto da cabeça e, no meio dela sobre a fronte, um disco plano, à maneira de espelho (...); dos lados direito e esquerdo, víboras entoadas a cingem com suas roscas, e por cima se estendem também espigas de cereais. Seu vestido era de muitas cores e tecido do mais fino linho (...). Pela orla bordada do manto e por toda a sua superfície cintilavam estrelas dispersas, e no meio delas a Lua dardejava seus chamantes fogos. Também por toda a borda deste insigne manto corria, aplicada com inseparável união, uma grinalda construída de todas as flores e de todos os frutos.”*

Apuleio, *Asno de Ouro*

### Salamandra

Os Antigos julgavam-na, por um lado, capaz de viver no fogo sem por ele ser consumida e, por outro, capaz de o extinguir. Por isso as legiões romanas temiam encontrá-las, pois receavam que apagasse o Fogo Sagrado e admitiam que isso tivesse um efeito nefasto em combate, ou seja o seu aparecimento era sempre um mau presságio. A salamandra, que se alimenta do fogo, de acordo com alguns, e a Fénix, renascida das suas cinzas, são das representações mais comuns do Bestiário

alquímico. A primeira simboliza a Pedra ao rubro, etapa final da Obra Alquímica, do processo de transformação; a segunda o eterno recomeço de um processo que não tem fim. Para a simbologia e na crença popular é, portanto, tratada como um ser elementar que tem sua morada no elemento fogo, para infundir-lhe vida e protegê-lo, conforme o refere Paracelso (1493-1541). No *“Physiologus”*, obra didáctica de origem grega anónima, do século II d. C., refere-se também uma curiosa tradição segundo a qual a salamandra surge como um pássaro frio (“o mais frio de todos os pássaros”) que viveria no vulcão Etna, sem, não obstante, se consumir. Provavelmente trata-se de uma alusão distorcida à lenda do outro animal mítico-simbólico a que nos referimos, pela sua associação simbólica, a Fénix.

### Rebanho (ovelhas, carneiros e cabras)

Virgílio, nas suas *Geórgicas* tem várias referências a rebanhos (Ed. 1948, 73; 85; 127; 129).

O gado ovino aparece associado a Pã, Ganimedes e Priapo.

Ganimedes era guardador de rebanhos nas montanhas à volta de Tróia quando o deus Zeus, em pessoa ou sob a forma de águia, o raptou e levou para o Olimpo, onde passou a desempenhar papel de escanção do néctar dos deuses. Cirene, uma ninfa caçadora, percorria as florestas do Pindo e matava todos os animais ferozes que se tentavam aproximar do rebanho do seu pai Hipseu, rei dos Lápidas. Em Santa Bárbara dos Padrões foi identificado um exemplar de uma lucerna com a representação de Ganimedes, caminhando sobre uma grinalda de folhagem (MAIA, 1997, 70).

Também nesse local apareceram dois exemplares de lucernas representado Sátiro, símbolo do poder vital da natureza. Por esse facto, as representações de Sáticos são sempre parcialmente zoomórficas, fazendo os cornos do bode parte integrante das figurações.



Pã, deus dos rebanhos e dos pastores, também filho de Hermes/Mercúrio, nasceu igualmente com cornos de bode e muito irrequieto. Os Romanos identificaram esta divindade com Fauno, também com cornos e pés de bode (MAIA, 1997, 75).

Em Santana do Campo, Arraiolos, sobrevivem os vestígios de um templo consagrado a *Carneus Calanticensis* (IRCP 410-412), divindade possivelmente relacionada com a criação de gado (MANTAS, 1998, 50).

### Ovelha

Quer em Virgílio (*As Geórgicas* Sá da Costa, 1948, 71; 73; 85; 119; 121; 125; 127; 129), quer em Plínio, (VIII, 199) e Estrabão (III, 2, 6), há variadíssimas referências às ovelhas.

Plínio informa-nos, no século I d. C., na sua “*História Natural*” que “*as melhores lãs de velo produ-las a Hispânia. (...) As da Hístria e da Libúrnica são mais pelo do que lã, impróprias para vestuário peliçado, e o mesmo acontece com as que Salácia, na Lusitânia, recomenda para tecidos axadrezados.*”

Plínio, *História Natural*, VIII, 191

Estrabão refere que a Turdetânia tinha lãs “*nada há que as supere em beleza*”

Estrabão, III, 2, 6

De Torre de Ares provém ainda uma lucerna, onde no disco aparece representada uma ovelha (NOLEN, 1994, 44, lu.46).

Virgílio, na sua obra “*As Geórgicas*”, assim refere:

*“Ensinar-te-ei também as causas e os sintomas das doenças dos gados. A repugnate ronha ataca as ovelhas quando a chuva fria e o áspero Inverno, com as brancas geadas, penetram profundamente, até aos órgãos vitais, ou quando, nas que foram há pouco tosquiadas, o suor mal limpo lhes adere aos corpos, ou as feriam os matos espinhosos. Em tais casos, os maiorais levam todo o rebanho a banhar-se nas águas puras de um rio, mergulhando os carneiros no sítio mais profundo, para que o velo fique todo molhado; ou, depois da tosquia, aplicam um unguento, como a amarga água ruça, litargírio, enxofre natural, pez do monte Ida, cera gordurosa, cebola albarrã, eléboro fétido ou betume negro (...).”*

Virgílio, *As Geórgicas*, III, 440

### Carneiro

Fig. 82: Cabeças de carneiro em mosaico escavado na Casa Romana em Daphne. Séculos V e VI d. C. Fotografia a partir de: Art, archeology and architecture.

<https://www.facebook.com/305694956238176/photos/p.683752785099056/683752785099056/?type=3&theater>





Do Cabeço de Vaiamonte (Monforte) provém um pendente em pasta vítrea, datável dos séculos VII a V a. C., em forma de cabeça de carneiro, nas cores negra, branca e amarela. A sua presença deve-se, provavelmente, ao comércio fenício (“O Vidro em Portugal” e “De Ulisses a Viriato”, p. 263). Ainda nesse Museu existe a cabeça de um carneiro, provavelmente de influência cultural tartéssico-oriental.

Também de Ferragial d’el Rei, Alter do Chão, é proveniente uma estatueta em forma de carneiro. Para além do seu uso alimentar, também é conhecido o seu uso sacrificial.

### Cervídeo

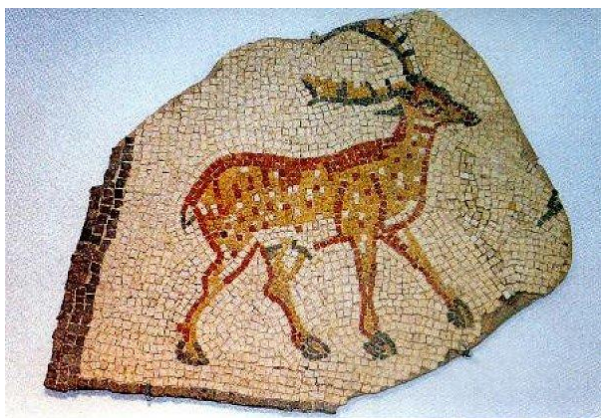


Fig. 83: Mosaico com representação de cervídeo. Villa Romana da Coutada, Arronches. Biblioteca de Elvas

O veado aparece associado a Artemis/Diana. No Museu Nacional de Arqueologia há uma estatueta de bronze, da coleção Bustorff Silva, de proveniência desconhecida, com a forma de cervídeo, datável do século VII a. C. (“Um gosto privado – um olhar público”, MNA, 1994) e uma cerâmica “paredes finas”, proveniente possivelmente da Necrópole de Belo, onde está representado um veado e dois corsos (?) (idem, p. 88). A corça, animal que acompanha Diana, está representado numa lucerna de Santa Bárbara (MAIA, 1997, p. 101). De Torre de Ares provém

uma tijela decorada com bandas de elementos vegetais e animais, como veados e pássaros, datável da época flávia (NOLEN, 1994, 91, sh.1).

Na festividade das Tesmofórias, dedicada a Deméter, o único animal que se sacrificava era o veado. Em território nacional há inúmeras representações de cervídeos na arte rupestre, podendo-se, a título de exemplo, referir os do Vale do Tejo, do Côa e do Escoural.

Mas os cervídeos também são comuns na iconografia romana, sendo conhecidas, para além das acima referidas, representações em mosaicos e também em lucernas, podendo referir os exemplares de *Ossonoba*, estudados por Carlos Pereira.

Diana era a deusa da lua e da caça. Ao que diz a Mitologia numa das suas aventuras, transformou cervo o caçador Acteão, porque a viu nua enquanto tomava banho. Distantemente do amor era caçadora infatigável, sendo cultuada em templos rústicos nas florestas, onde lhe eram oferecidos sacrifícios. Na mitologia romana, Diana era deusa dos animais selvagens e da caça, mas também dos animais domésticos. Filha de Júpiter e Latona, irmã gémea de Apolo, obteve do pai permissão para não se casar e se manter sempre a castidade. Júpiter forneceu-lhe um séquito de sessenta oceânides e vinte ninfas que, como ela, renunciaram ao casamento.

Diana foi identificada com a deusa grega Artemisa e depois absorveu a identificação de Artemisa com Selene (Lua) e Hécate (ou Trívia), de que derivou a caracterização *triformis dea* (“deusa de três formas”), como era referida na literatura latina e a que nos referimos no texto referente às espécies vegetais de Miróbriga.

Do ponto de vista simbólico o cervo identifica-se com a pureza, a velocidade e a fecundidade. Ao cervo está também associada a ideia de liberdade e velocidade. Ao que diz também a Mitologia greco/latina, Artemisa (Diana) conduzia com rédeas de ouro um carro atrelado com cervos.

Utilizando as palavras de Maria Teresa Caetano,

*“A iconografia de Actéon encontra-se estandardizada, desde há muito, conforme se patenteia, aliás, no baixo-relevo esculpido no friso do templo E de Selinonte (no Museu Arqueológico), datado da primeira metade do século V a. C. e, cuja tipologia se poderá enquadrar ainda no contexto da arte grega arcaica: a deidade desnudada permanece de pé, em posição frontal, com a cabeça a transmudar-se em veado, com as suas longas e trabalhadas hastes, a ser atacado pelos seus próprios cães, enquanto a vingativa Ártemis, envergando longa túnica e o cabelo comprido, amarrado por uma fita, observa, impávida, o triste destino do filho de Apolo. Esta mesma representação, em alguns casos, como o de Conimbriga, por exemplo, onde Actéon enverga uma túnica assumiu contornos distintos, mas em todas as representações o infeliz Actéon brande um pedum, com o qual tenta, infrutiferamente, proteger-se dos animais enfurecidos. Actéon, talvez pelo seu destino, acabou mais ou menos relegado para um canto relativamente obscuro da mitologia clássica, sendo rara a sua reprodução iconográfica na Hispânia, pois, em toda a bibliografia compulsada relativa aos mosaicos deste território, apenas lográmos encontrar, no mosaico conimbricense, uma figuração da sua metamorfose, ainda que tal mito se encontre também representado num candelabro que se encontra no Museu Arqueológico Nacional de Madrid. A presença do mito da transformação de Actéon (Iconographia n.º 72), no entanto, é relativamente o mito de Ácteon encontra-se presente, entre outros, em Ivajlovgrad, na Bulgária, numa uilla erigida durante o império de Adriano, em Óstia, do século III, em Circenster, de finais do século II ou começos do seguinte<sup>31</sup> e em Nimes, datado entre ao meados e os finais do século II. Nesta perspectiva, a representação musiva da mutação de Actéon num veado patente num dos mosaicos da “Casa dos Repuxos”, em Conimbriga, constituirá mais um elemento que nos permite caracterizar aquele conjunto de mosaicos deveras singular, onde sobrevive, ainda que envergando uma roupagem distinta, a representação deste mito da Hélade arcaica.”*

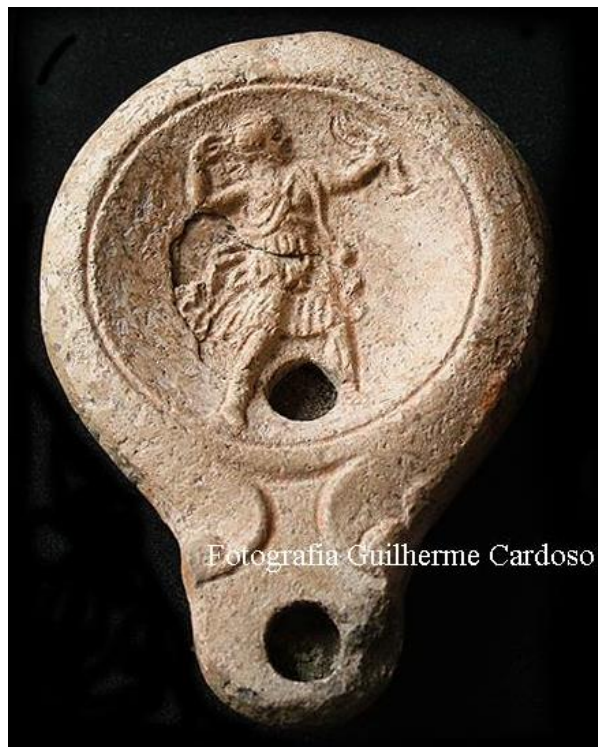


Fig. 84: Lucerna com representação da deusa Diana. Villa romana de Freiria, Cascais. Fotografia: Guilherme Cardoso

#### Gafanhoto



Fig. 85: Lucerna com representação de gafanhoto no disco e óvulos na orla, datável da Época Flávia. Fotografia a partir de “Um gosto privado: um olhar público”. Coleção Busttorff Silva. Museu Nacional de Arqueologia, p. 199





Fig. 86: Pormenor do mosaico dos bucrânios. Século I d.C. Mármore e pasta de vidro. © Musée de Valence, photo Paul Vesseyre. Fotografia a partir de: <http://www.museeavalence.fr/fr/decouvrir/collection-archeologie/valentia-territoire>

Fig. 87: Fresco com representação de Gafanhoto. Casa da Villa de Oplontis, Pompeia. Fotografia a partir de: <https://www.flickr.com/photos/goldenpixel/2397809003/>





O gafanhoto tanto é considerado um símbolo da boa sorte, da abundância, e da virtude, como aos azares.

Devido à sua reprodução rápida relacionam-no com a fertilidade e a prosperidade.

Através de um só salto, o gafanhoto consegue projectar-se até vinte vezes o seu próprio comprimento.

Contudo, nos textos Bíblicos aparece associado às pragas e calamidades, destruindo as plantações.

Por isso, muitas vezes também se liga aos aspectos simbólicos de destruição, voracidade, desordem ou desequilíbrio.

### Lince

Aparece associado a Deméter. Lince foi transformado neste animal, por Deméter, por punição.

### Urso

Árcade foi com sua mãe Calisto transformado neste animal e colocado entre as constelações.

O urso está representado em cinco lucernas de Santa Bárbara (MAIA, 1997, 102). Ao que consta na mitologia, Atalanta, foi exposta pelo seu pai Íaso que apenas desejava filhos do sexo masculino, tendo sido alimentada com o leite de uma ursa e recolhida por caçadores que a criaram.

### Lobo (*lupus*)

O culto de Sorano e Apolo-Licio estavam intimamente ligados a esta espécie.

Fig. 88: Mosaico da Piazza Armerina (Sicília). Caça ao lobo



*Luperco*, antigo deus itálico, amigo dos pastores e protector dos rebanhos contra os lobos, foi rapidamente assimilado pelos Romanos a Fauno.

A festa em sua honra, a *Lupercalia* era consagrada para evitar a esterilidade feminina e celebrada a XV *Kalendas Martias*, que corresponde hoje ao dia 15 de Fevereiro. Realizavam-na na gruta de Luperca, no monte Palatino.

Teria sido onde, segundo a tradição, Pã, também chamado *Fauno Luperco* (o que protege do lobo), em cuja honra se fazia a festa que tomou a forma duma loba e amamentou os gémeos Rómulo e Remo.

Lupercália era uma festa de fim de ano, acreditando-se que essa cerimónia servia para espantar os maus espíritos e purificar a cidade, bem como para liberar a saúde e a fertilidade às pessoas açoitadas pelos sacerdotes lupercos.

Mas também a figura do lobisomen, Mito-maldição, cruza o tempo e o espaço. Dos mais antigos e talvez o único verdadeiramente universal, existindo registos de Plínio, o Velho, Heródoto, Petrónio e Ovídio, entre outros.

*“Em vão, tentou falar; a partir daquele momento Sua boca espirava espuma e tinha sede. De sangue, enquanto vagava entre rebanhos E suspirava por matanças. As suas roupas transformaram-se em pelos, Seus membros ficaram atrofiados. Um lobo, mas ainda mantendo parte de sua expressão anterior, Grisalho como antes, sua fisionomia, furiosa, Seus olhos brilham selvagememente, a imagem da fúria.”*

Ovídio, *Metamorfoses*

*“O nome, derivado das Lupercais, festividades dedicadas ao deus Pan, na antiga Roma, alastrou-se também nas Américas Central e do Sul, via Espanha (Lubizon), Portugal (Lobisomem), e na do Norte, via França (Loup-garou), ou saxão (Werrwolf), depois de ter atingido toda a Europa. Registros indicam a existência do mito na China e no Japão e na África.”*

<https://bosquesonhador.wordpress.com/2011/03/02/deus-pan-e-seres-de-bosque/>

## Cigarra

Titono, símbolo da decrepitude por ter sido condenado à eternidade, mas não à eterna juventude, é transformado por Eos em cigarra.

## Lagarto

É o animal que simboliza Apolo, divindade que, entre os Gregos, assume primordial importância nas artes divinatórias.

A associação deve-se também ao facto de Apolo ser uma divindade solar e o lagarto gostar de estar estendido ao Sol.

## Escorpião

O escorpião foi o animal usado por Diana para matar Orion e aparece ligado ao Oitavo Trabalho de Hércules.

Mas também está associado ao deus Mitra, a quem auxilia no sacrifício do touro, picando-lhe os testículos, motivo pelo que se faz representar na sua iconografia.

O escorpião remete-nos a Órion, que, segundo a Mitologia, tentou violentar a deusa Artemisa.

Como castigo, Artemisa teria enviado um escorpião gigantesco para lhe morder o calcanhar, matando-o. Como recompensa pelo serviço prestado à deusa, o escorpião foi transformado em constelação.

Mas, ainda sobre o Escorpião, diz a mitologia que entre os doze trabalhos que Hércules/Hércules deveria executar, um deles, o oitavo, era destruir um terrível monstro que vivia numa caverna dentro de um pântano (a Hidra de Lerna) que era a guardiã dos Infernos.

Devido ao seu hálito, à sua volta percia instantaneamente a fauna e a flora.





Fig. 89: Relevô do Mitreu de Pisa. Author LoneWolf1976.  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mitreo\\_Pisa.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mitreo_Pisa.jpg)

Mas isso não demover Héracles que, destemido, desfechou flechas de fogo para que o monstro saísse da sua caverna.

Contudo, ao que reza também o mito, o terrível animal parecia indestrutível, pois por cada cabeça arrancada duas novas mortíferas nasciam.

Foi então que um caranguejo gigante se aproximou de Héracles e lhe mordeu os calcanhares, embora o herói o tivesse conseguido matar.

Com o auxílio do seu sobrinho Iolau, armado com ramos flamejantes da floresta que ardia nas proximidades, Héracles cortava as cabeças da

Hidra e Iolau queimava-lhes o pescoço impedindo assim que novas cabeças nascessem.

Depois, tirando o grande monstro da obscuridade da caverna onde vivia, fazendo-a encarar a luz, até que a mesma começou a sucumbir.

Os seus restos foram guardados por Héracles que os enterrou sob uma rocha.

Talvez por causa da bravura de Héracles/Hércules, a guarda pretoriana passou usar como símbolo o escorpião.

Em Santa Bárbara dos Padrões foi identificado um fragmento de lucerna com a representação de um escorpião (MAIA, 1997, p. 112).





Fig. 90: Fotografia e comentário a partir de:  
<https://www.ancient.eu/image/3725/cult-relief-of-the-mithraic-mysteries/>

*“Mithras looks away from the dying bull, up to the moon. Also, Mithras has a few little helpers that accompany him in taking the bull’s fertility: a dog and a snake drink from the bull’s blood, and a scorpion stings the bulls scrotum. A raven sits on the bull’s tail that ends in ears of corn. The raven could have played the role of a mediator between Mithras and the sun god Sol invictus, with whom Mithras will share the meat of the bull. He looks down at the scene from the upper left corner.”* (2nd or 3rd century CE. Römisch-Germanisches Museum, Cologne, Germany)

## Ouriço

É muito comum ver ao crepúsculo ouriços passeando-se pelas calçadas de Miróbriga.

Muito apreciados como iguaria, os ouriços-do-mar faziam parte das entradas dos grandes banquetes romanos, a par de mariscos e ovos; mamas de porco recheadas com ouriços-do-mar salgados; pasta de miolos com leite e ovos ou cogumelos cozidos com molho de peixe gordo apimentado, rãs ou ostras.



Fig. 91: Ouriços. Desenho de Marcos Oliveira

## Cão

O Cão aparece associado a Hades, Plutão, entre os Romanos, deus do mundo subterrâneo da mitologia, filho de Cronos e Reia, irmão de Zeus, Héstia, Deméter, Hera e Posídon, o latino Neptuno.

Hades dominava o reino dos mortos, tendo obtido esse domínio na luta contra os Titãs. Através dessa luta, Posídon alcançou o domínio dos mares, Zeus/Júpiter ficou com o céu e a Terra e Hades/Plutão com o domínio das profundezas.

A Cérbero já aqui nos referimos, quando tratamos a serpente e Equidna. Cérbero, “o cão de voz de bronze de Hades, com cinquenta cabeças, implacável e fero”, segundo Hesíodo e que segundo Olívio,

*“o veneno, dizem, provinha dos dentes do cão nascido da Equidna. Há uma caverna negra, de tenebrosa entrada.*

*Nela desce a vereda epinada, por onde o herói de Tirinto Arrastou Cérbero, agrilhado com correntes de duro metal, ele que resistia da luz do dia e do brilho dos raios solares”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VII

Para além das sombras e almas encontradas nos seus domínios, era também cuidadosamente vigiado pelo Cérbero que alguns autores diziam ter três cabeças e cauda de Dragão.





Fig. 92: Mosaico com cena de caça com a representação de uma lebre. Oderzo. Museu Civico

Fig. 93: Mosaico com representação de cães. Ruínas romanas de Conímbriga. Fotografia a partir de: "Cães representados nos mosaicos em Conímbriga". <https://mailchi.mp/c3e825d0d550/newsletter-conimbriga-092018?e=bdc74e5e1d>



Mas o cão simboliza, como é sabido, a lealdade e fidelidade, pois é guardião e protector e como tal é representado inúmeras vezes em Época Romana. Remetemos alguns dos exemplos para a recolha que aqui partilhamos de *Dogs in Ancient Roman Mosaic Art – Alexandria, Berlin, Gaziantep, Herculaneum, Istanbul, London, Naples, Paris, Pompeii, Rome, Sicily, Tunis & Volubilis*.

Proveniente de Córdoba (Paseo de la Vitoria) existe um mosaico com uma cena de *uenatio*, tema recorrente na iconografia de Época Romana.

### Caracóis

Os romanos comiam caracóis vulgarmente: eram criados em viveiros e, de acordo com as plantas que lhes davam para comer, tinham cores diferentes.

Numa carta de Plínio a Septício, o primeiro queixa-se que o amigo prometera vir jantar e lhe preparara um banquete de honra. Para cada convidado tinha previsto uma alface, três caracóis, dois ovos, etc., entre outras iguarias.

Os caracóis pois eram consumidos, existindo receitas para os mesmos, a exemplo da de Apício.

*“Apanhe os caracóis, limpe-os com uma esponja e retire-lhes a membrana para poderem sair. Deite-os num recipiente com leite e sal durante um dia, apenas leite nos dias seguintes, e limpe de hora a hora a sujidade. Quando estiverem gordos de modo a não entrarem na concha (...) frite-os em azeite. Junte garum de vinho. Podem ser igualmente engordados com papas.”*

Inês de Ornellas e Castro,  
*Livro de Cozinha de Apício – Um breviário do gosto imperial romano*

Fig. 94: Mosaico com representação de caracóis. Detalhe de mosaico paleocristão, século IV d. C., Basílica Patriarcal de Aquileia, Itália

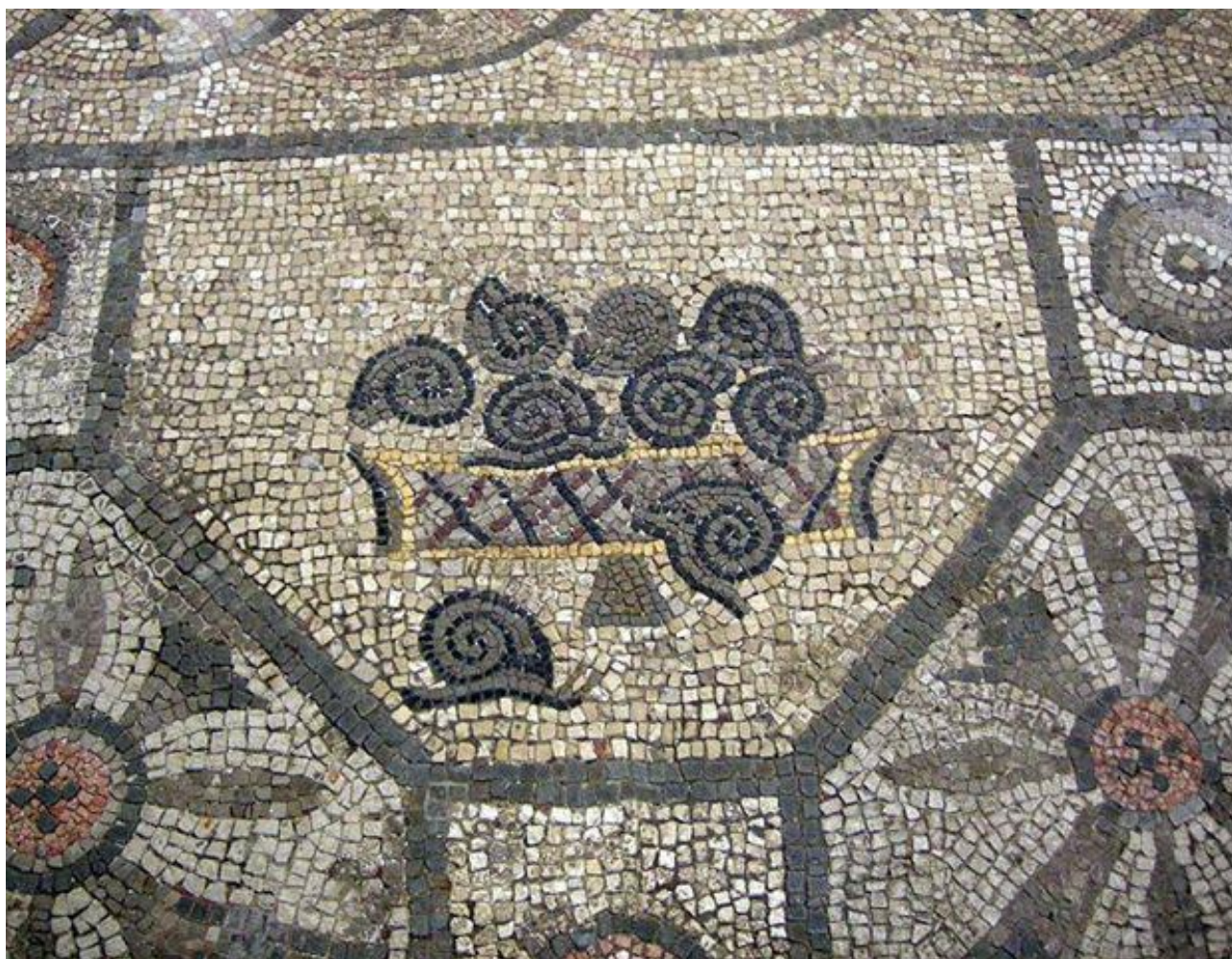






Fig. 95: Mosaico de um *Triclinium* da *villa* da época de Adriano no Aventino. Costuma denominar-se este tema como “chão sem varrer”. Atente-se, para além dos alimentos que espelham uma casa farta, o pormenor do ratinho e dos caracóis

## Rato

Nas *Geórgicas* de Virgílio (Liv. I) assim são referidos:

*“Logo de início temos de ir à eira e de com grande rolo a nivelar, depois de revolvido o solo à mão e de também com greda endurecido para que o não domine erva nenhuma nem possa o pó vencê-lo e destruí-lo, ou possa um rato que não vale nada fazer debaixo a toca, com dispensa, ou a cega toupeira se abrigo, ou em buracos apareça sapo e tudo o que de estranho a terra cria como o gorgulho com o seu tesouro ou formiga com medo da velhice”.*

Virgílio, *As Geórgicas*, I



Fig. 96: Mosaico com representação de noz e rato. *Villa Adriano*. Museu do Vaticano



Fig. 97: A roman bronze oil lamp circa 1st-2nd century A. D. With voluted nozzle, incised grape bunch between volutes, a crouching mouse on top of lamp, with erect ears, the fur incised, the tail curled to form ring handle 4½ in. (11.4 cm.) long Provenance: Professor and Mrs Sid Port collection, Los Angeles, 1980s. (Ratna) Fotografia a partir de: <https://www.facebook.com/Divine.Rome>

## Aranhas



Fig. 98: Fotografia a partir de: <http://httpaprendemos-mikasmiblogspotcom.dihitt.com/n/arte-cultura/2009/08/02/assim-surgiu-a-aranha-mitologia-grega>

A aranha simboliza o destino e o fio que tecem suas teias, o meio, ou suporte para seguir em frente.

É um Símbolo solar, e como animal predador, muitas vezes aparece associado ao perigo.

Contudo, ela é a tecelã e, por isso, representa a criatividade e a capacidade de criar os nossos próprios sonhos e realidade.

Na mitologia greco-romana, a teia da aranha associa-se ao mito de Aracne, a derrota de uma mortal que pretendeu rivalizar com os deuses.

Segundo o poeta romano Ovídeo nas suas “Metamorfoses” (Livro VI), Aracne tecedeira que morava na Lídia (localidade famosa por produzir alguns dos tecidos mais belos do mundo antigo) orgulhosa da sua arte de tecer.

*“(…) ela alcançara, pela sua aplicação, memorável renome, embora nascida em casa humilde e habitando na humilde Hipepes”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VI, Livros Cotovia, 2007

Arrogante Aracne atreveu-se a rivalizar com a deusa Atena que, na qualidade de protectora dos tecelões, viaja até à Lídia para se confrontar com ela, disfarçada

*“de velha: falsas cãs às têmeoras aplica, com uma bengala sustém os debilitados membros”*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VI, Livros Cotovia, 2007

Atena executou uma tapeçaria com imagens que prediziam o destino dos mortais que desafiavam os deuses e Aracne executou uma tapeçaria onde mostrava os amores dos deuses. A jovem tecelã foi tão perfeita durante a disputa que a deusa não encontrando uma falha sequer, irada feriu Aracne e rasgou-lhe a tapeçaria. A jovem ficou tão triste que tentou o suicídio.

*“A pobrezinha não o suportou e, por orgulho, atou ao pescoço um laço. Ao vê-la pendurada, Palas condoeu-se e ergueu-a dizendo: “Vive então, malvada, mas sempre pendurada”.*

Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VI, Livros Cotovia, 2007



Plínio, o Velho (século I d. C.), na sua *História Natural*, livro 11, 28-29, diz:

*“as aranhas são hábeis em tecelagem; suas teias são feitas de fio produzido em seus ventres.”*

Plínio, *História Natural*, Livro 11, 28-29

### Tartaruga

Para além de todos os outros animais aqui representados, atente-se na tartaruga.

Na mitologia grega, Quelone, era uma ninfa que foi convidada por Hermes tal como todos os outros deuses, homens e animais para o casamento de Zeus e Hera. Quelone recusou-se a comparecer, ficando em casa e mostrando o seu desprezo pelo grande evento divino (ou terá

comparecido, mas manifestou uma atitude impertinente, não acompanhando os seus passos por preguiça, tendo parado a meio do caminho). Quando Hermes tomou consciência da sua atitude, desceu do Olimpo, derramou água na casa de Quelone (localizado às margens de um rio) com a ninfa no interior e transformou-a em tartaruga, condenando-a ao silêncio eterno e a ter que carregar sua casa às costas.

Outra versão do mito diz que foi o próprio Zeus que a castigou por ter chegado atrasada, mesmo tendo Hermes ido buscá-la, e o Pai dos Deuses terá partido a sua casa com ela dentro, colocando-a dentro do lago fronteiro.

Fig. 99: Mosaico de Orfeu, Badajoz. Fotografia João Moita. Século IV. Proveniência: *Villa romana de Pesquero* (Pueblonuevo del Guadiana, Badajoz). Era o motivo central do mosaico de uma enorme sala



## Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (1970) – “Abraded and engraved late roman glass from Portugal”. In: *Journal of Glass Studies*. Nova Iorque: The Corning Museum of Glass, Volume XII, pp. 28-34
- APULEIO (1978) – *Burro de Ouro*. Editorial Estampa.
- APULEIO (1978) – *Asno de Ouro*. Publicações Europa-América.
- BARATA, Filomena Barata (1994) – “A propósito do Touro esculpido de Miróbriga”. In: *Vipasca*, Aljustrel.  
[https://www.academia.edu/1071460/\\_A\\_prop%C3%B3sito\\_do\\_Touro\\_esculpido\\_de\\_Mir%C3%B3briga\\_1994\\_Vipasca\\_Aljustrel](https://www.academia.edu/1071460/_A_prop%C3%B3sito_do_Touro_esculpido_de_Mir%C3%B3briga_1994_Vipasca_Aljustrel).
- BARATA, Filomena Barata (1995) – *El tesoro romano de Lameira Larga: mito y belleza en plata sobredorada*. Madrid, Zugarto Ediciones.
- BARATA, Filomena Barata (1997) – “O Promontorium Sacrum entre os escritores da Antiguidade”. In: *In Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa, Ministério da Cultura, IPPAR, pp. 117-133.
- BARATA, Filomena Barata (1999) – “As habitações de Miróbriga e os ritos domésticos”. In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 2, Número 2, pp. 51-68.
- BARATA, Filomena Barata (2013) – “A Propósito de uma Lenda da Europa” In: *Revista Incomunidade*. Ano 2, Edição 18.  
[https://www.academia.edu/10160697/A\\_PROP%C3%93SITO\\_DE\\_UMA\\_LENDA\\_DA\\_EUROPA.\\_Revista\\_Incomunidade](https://www.academia.edu/10160697/A_PROP%C3%93SITO_DE_UMA_LENDA_DA_EUROPA._Revista_Incomunidade)
- BARATA, Filomena Barata (2016) – *O Culto Mitraico e sua Representação em Portugal*.  
<https://ascidadesdalusitania.blogspot.com/2016/01/o-culto-mitraico-e-sua-representacao-em.html>
- BARATA, Filomena Barata (2017) – “A Saúde e a Medicina no Tempo dos Romanos: uma síntese”. In: *Cadernos de Cultura Medicina na Beira Interior – da Pré-história ao Século XXI*. Número 31.
- BARATA, Filomena Barata (2018) – *Da Serpe ao Mito*.  
[https://www.academia.edu/36453124/de\\_serpe\\_ao\\_mito.pdf](https://www.academia.edu/36453124/de_serpe_ao_mito.pdf)
- BARATA, Filomena Barata (s.d.) – *O Voo dos Pássaros e o Valo das Aves*.  
[https://www.academia.edu/21869245/O\\_VOO\\_DOS\\_PASSAROS\\_E\\_O\\_VALOR\\_DAS\\_AVES\\_Maria\\_Filomena\\_Barata](https://www.academia.edu/21869245/O_VOO_DOS_PASSAROS_E_O_VALOR_DAS_AVES_Maria_Filomena_Barata)
- BARBOSA, Paulo (2011) – *Um pouco sobre a Gastronomia romana*.  
<http://civilizacaoambiente.blogspot.pt/2011/01/um-pouco-sobre-gastronomia-romana.html>
- BARROSO, Maria do Sameiro (s.d.) – *As plantas medicinais entre os celtas*.  
[http://revista.triplov.com/Salao\\_do\\_Folhetim/Maria\\_do\\_Sameiro\\_Barroso/plantas.htm](http://revista.triplov.com/Salao_do_Folhetim/Maria_do_Sameiro_Barroso/plantas.htm)
- BLANCO, A. (1961-1962) – “El Toro Iberico”. In: *Homenaje al Profesor Caytano de Mergelina*. Madrid-Murcia, p. 163 ss.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María (1982) – “El Sincretismo en la Hispania Romana entre las Religiones Indígenas, Griega, Romana, Fenícia y Místicas”. In: *La Religion Romana en Hispania*. Subdirección General de Arqueología del Ministerio de Cultura, Madrid, pp. 179-221.
- BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José María (1994-1995) – “Mosaicos romanos con aves rapaces (halcones en escenas de cacería y águilas en escenas simbólicas) y con la caza de la perdiz”. In: *ANAS*. Volumes 7-8, pp. 107-116.

BLÁZQUEZ, José María (2007) – *El mito griego de Leda y el Cisne en los mosaicos hispanos del Bajo Imperio y en la pintura europea*. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

<http://www.cervantesvirtual.com/.../el-mito-griego-de-leda-y...>

CAETANO, Maria Teresa Valente da Silva (2010) – *Animalia quæ lacte aluntor: simbologia e estética nos mosaicos romanos da península ibérica*. (Tese de Doutoramento em História da Arte da Antiguidade, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa, Repositório da UNLFCSH, Volume II (Iconographia).

CAETANO, Maria Teresa Valente da Silva (2018) – *Animalia quæ lacte aluntor: simbologia e estética nos mosaicos romanos da península ibérica*. (Tese de Doutoramento em História da Arte da Antiguidade, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas). Lisboa, Editora Caleidoscópio, Volume II (Iconographia).

CHAPA BRUNET, Teresa (1980) – *La Escultura Zoomorfa Iberica en Piedra*. Madrid.

CHAPA BRUNET, Teresa (1984) – *La Escultura Zoomorfa*. Ministerio de Cultura, Madrid.

CHAPA BRUNET, Teresa (1986) – *Influjo griegos en la Escultura Zoomorfa Iberica*. Madrid.

CLAUDIANO (1991) – *O Rapto de Proserpina*. Editorial Inquérito.

CORREIA, Virgílio (2018) – “Cães representados nos Mosaicos de Conímbriga, Newsletter 09 | 27 de abril de 2018  
<https://mailchi.mp/c3e825d0d550/newsletter-conimbriga-092018?e=bdc74e5e1d>

CRAVINHO, Graça (2015) – *Espólio Funerário da Ammaia, a Joalharia*. Fundação da Ammaia.

EURÍPEDES (s.d.) – *As Bacantes*. Editorial Inquérito.

FERNANDES, Amélia e MATOS, José Luís de (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: coleção de escultura romana*. Instituto Português de Museus.

FERNANDES, Lúcia (1997) – *Iconografia Vicentina: o corvo como atributo ou o corvo como signo*. In: *História de Ciências Históricas*. Volume 12, pp. 41-53.

FRAGA DA SILVA, Luís (2007) – *Preceitos dos agrónomos latinos sobre as villas rurais. Comentários sobre a villa rural romana ideal. A propósito de uma leitura dos agrónomos e arquitectos latinos*.  
<http://imprompto.blogspot.pt/2010/07/preceitos-dos-agronomos-e-arquitectos.html>

GHEVALIER, Jean e CHEETBRANT, Alain (1982) – *Diccionario dos Símbolos*. Teorema.

GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Edições Colibri.

HESÍODO (2014) – *Teogonia*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

IPM/REPROSCAN (1995) – *Um gosto privado um olhar público (catálogo – exposição)*. Lisboa, p. 122.

LE GUENNEC, Marie-Adeline (2017) – *Les femmes et le vin dans la Rome antique. Bilan documentaire et historiographique*.  
<https://hospitam.hypotheses.org/621>

LOPES, Virgílio (2003) – *Mértola na Antiguidade Tardia: a topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.

LOPES, Virgílio (2008) – “A Arquitectura e os Mosaicos do Complexo Baptismal de Mértola”. In:



- Revista de História da Arte*. UNLFCSH, Instituto de História da Arte, Volume 6, pp. 32-46.  
[https://run.unl.pt/bitstream/10362/16603/1/RHA\\_6\\_ART\\_2\\_VLopes.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/16603/1/RHA_6_ART_2_VLopes.pdf)
- MAIA, Maria e MAIA, Manuel (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde, Cortiçol.
- MIKASMI (2009) – *Assim surgiu a aranha*.  
<https://aprendemos-mikasmi.blogspot.com/search?q=aranha>
- MONTERO HERRERO, Santiago (2007) – *Augusto y las aves. Las aves en la Roma del principado: prodigio, exhibición y consumo*, Publicacions i Edicions Universitat de Barcelona  
[https://www.academia.edu/638847/Augusto\\_y\\_las\\_aves.\\_Las\\_aves\\_en\\_la\\_Roma\\_del\\_principado\\_pr\\_odiogio\\_exhibici%C3%B3n\\_y\\_consumo](https://www.academia.edu/638847/Augusto_y_las_aves._Las_aves_en_la_Roma_del_principado_pr_odiogio_exhibici%C3%B3n_y_consumo)
- NOLEN, Jeannette (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares: Balsa*. Lisboa, I.P.M., SEC.
- ONTERO HERRERO, Santiago (1994) – *Santiago, Diosas y Adivinas*. Editorial Trotta, SA
- ORNELLAS E CASTRO, Inês de (2015) – *O Livro de Cozinha de Apício*. Relógio d'Água.
- OVÍDIO (2007) – *Metamorfoses*. Ed. Cotovia.
- OVÍDIO (2008) – *A Arte de Amar*. Ed. Cotovia.
- PEREIRA, Carlos (2012) – “Lucernas Romanas de Ossonoba, (Faro, Portugal). Um contexto ambíguo”. In: HABI<sup>S</sup>, Volume 43, pp. 119-147.  
<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/10173>
- PETRÓNIO (2000) – *Satíricon*. Edições Europa América. Livros de Bolso.
- RIBEIRO, Maria Goretti (2017) – *Imaginário da Serpente*. UEPB.  
 Editora da Universidade Estadual da Paraíba
- [www.uepb.edu.br/download/.../Imaginario-da-Serpente-de-A-a-Z.p...](http://www.uepb.edu.br/download/.../Imaginario-da-Serpente-de-A-a-Z.p...)
- RYKWERT, Joseph (2006) – *A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo*. São Paulo, Perspectiva, p. 98.
- SANTO AGOSTINHO (1996) – *A Cidade de Deus*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª Edição.  
<http://charlezine.com.br/.../upl.../Cidade-de-Deus-Agostinho.pdf>
- SCMIDT, Jel (2012) – *Diccionario de Mitologia Grega e Romana*. Edições 70.
- SILVA, Neemias Oliveira da (2013) – *Comer e Beber no Mundo Antigo: Os Rituais da Gastronomia em Apicius*.  
[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371237049\\_ARQUIVO\\_COMEREBEBERNOMUNDOANTIGO-textocompleto\\_1\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371237049_ARQUIVO_COMEREBEBERNOMUNDOANTIGO-textocompleto_1_.pdf)
- VIRGÍLIO (1948) – *As Geórgicas*. Ed. Sá da Costa.
- VIRGÍLIO (1997) – *Bucólicas. Obras de Virgílio*. Temas e Debates.
- V.V.A.A (1996) – *Cordoba en tempos de seneca (catálogo – exposiçã)*. Universidade de Córdoba.
- V.V.A.A (1995) – “La mirada de Roma: retratos romanos de los museos de Mérida, Toulouse y Tarragona”. In: Mérida by Museo Nacional de Arte Romano, Musée Saint-Raymond de Toulouse; Museu Nacional Arqueològic de Tarragona.
- ZANKER (1992) – *Augusto y el Poder de las Imágenes*. Alianza Forma, Madrid.
- Dogs in Ancient Roman Mosaic Art – Alexandria, Berlin, Gaziantep, Herculaneum, Istanbul, London, Naples, Paris, Pompeii, Rome, Sicily, Tunis & Volubilis*.

<https://mosaicartsource.wordpress.com/2008/09/09/dogs-in-ancient-roman-mosaic-art-alexandria-berlin-gaziantep-herculaneum-istanbul-london-naples-paris-pompeii-rome-sicily-tunis-volubilis/>

*La Túnica de Neso, Virgilio y las abejas:*

<https://latunicadeneso.wordpress.com/2017/01/24/virgilio-y-las-abejas/#like-25145>

[http://www.castrosyverracos.com/por/avila/introduccion\\_verracos.htm](http://www.castrosyverracos.com/por/avila/introduccion_verracos.htm)





# DE ABELTERIUM A ALTER

## ENTRESIJOS DE UNA EVOLUCIÓN SECULAR

Tomás Vélez López

(Instituto de Educación Secundaria Profesor Tierno Galván; tomasvelezlopez@hotmail.com)

### RESUMEN:

No cabe la menor duda de que el topónimo portugués Alter deriva de Abelterium, pero existen dudas acerca de cómo el topónimo latino pudo generar la forma portuguesa. Como resulta casi imposible admitir que el término fuese propagado por medio de las hablas galaico-portuguesas, lo más sensato es pensar que este se transmitiese a través de las hablas mozárabes, es decir las hablas de aquellos que, aún viviendo bajo dominio musulmán, profesaban la religión cristiana y hablaban romance. Únicamente teniendo en cuenta las características fonético-fonológicas de las hablas mozárabes podemos llegar a comprender la realidad del topónimo actual.

### PALABRAS CLAVE:

Alter, Abelterium, evolución, galaico-portugués, mozárabe.

### RÉSUMÉ:

Il n'existe aucun doute que le toponyme portugais Alter dérive d'Abelterium, mais des doutes subsistent quant à la manière dont le toponyme latin aurait pu générer la forme portugaise. Comme il est presque impossible d'admettre que le terme ait été propagé par le biais des parlers galiciens-portugais, il est plus sensée de penser qu'il a été transmis par le biais des parlers mozarabes, c'est-à-dire les parlers de ceux qui, même vivant sous la domination musulmane, professaient la religion chrétienne et parlaient une langue romane. Seule la prise en compte des caractéristiques phonétiques et phonologiques des parlers mozarabes permet de comprendre la réalité du toponyme actuel.

### MOTS-CLÉS:

Alter, Abelterium, évolution, galicien-portugais, mozarabe.

### 1. Introducción

La intención del presente artículo es dilucidar el origen y evolución del topónimo portugués Alter do Chão (región del Alentejo, distrito de Portalegre), y en especial del término Alter. Probada la identificación de Alter do Chão con el antiguo *Abelterium* tras el hallazgo de una teja en 2009<sup>1</sup>, nuestro objetivo será justificar la evolución fonética del término latino, que muy probablemente sea de origen celta, hasta el actual *Alter*.

### 2. *Abelterium* y *Alter*

Con pocas dudas podemos afirmar que *Abelterium* y *Alter* se nos presentan como dos

variantes fonéticas de una misma realidad lingüística pero en dos estadios muy diferentes y separados por varios siglos. ¿Cómo se produjo la evolución de uno a otro? Nuestro punto de partida será comparar la pronunciación latina y la pronunciación portuguesa actual de la palabra para intentar establecer las leyes fonéticas que permitan justificar el cambio.

La pronunciación latina del topónimo debió de ser [äbëltëřřüm] o bien [äbëltëřřüm]. La diferencia es la realización de una vocal tónica larga (ē) o breve (ĕ), aspecto sobre el que no tenemos noticia alguna. Que se sepa, no existe constancia de que el topónimo latino contuviera una u otra. La cantidad vocálica originaria en latín es una

---

<sup>1</sup> ANTÓNIO y ENCARNAÇÃO, 2009.

cuestión de especial relevancia para la evolución de las lenguas romances. Además, en *Abelterium* la presencia en la sílaba postónica de una *ĭ* breve (que pronto se convertiría en semivocal *yod*) acarreará consecuencias importantes sobre la mencionada vocal tónica, como tendremos ocasión de ver en el presente artículo, y esto marcará la evolución del término. Por otra parte, la pronunciación portuguesa actual del topónimo es [altér]. Entre ambas realizaciones median una serie de cambios que vamos a intentar desentrañar.

### 3. Hipótesis sobre la evolución lingüística del término

#### 3.1. La hipótesis del conducto de las hablas galaico-portuguesas

Parece completamente imposible que el actual topónimo *Alter* nos haya llegado por conducto de las hablas galaico-portuguesas implantadas en la región tras la reconquista cristiana y la posterior repoblación, ordenada por el rey Alfonso II, cuya carta de donación de las tierras alterenses a la Orden de Avis data de 1211 (primer documento escrito que se conserva de la época medieval)<sup>2</sup>. Si el portugués hubiera transmitido el topónimo latino hoy día diríamos *\*Avelteiro* o *\*Alteiro* o tal vez *\*Outeiro*, que jamás han existido. La prueba más inequívoca de lo que decimos es el desarrollo del diptongo tónico. Como ya hemos dicho, en *Abelterium* la vocal tónica va seguida de una sílaba que contiene una semivocal *yod*. En estas condiciones, el desarrollo de una vocal latina es sensiblemente diferente, puesto que la semivocal, fuertemente articulada, consigue cerrar un grado la vocal tónica, como se ve en los siguientes ejemplos: *VĪNDĒMĪA* > *vindima* (cf. español *vendimia*), *CĒRĒŪ* > *cirio* (cf. español *cirio*, catalán *ciri*), *SĒPIA* > *siba* (cf. español *jibia* [< mozárabe *xĭbia*], catalán *sĭpia*), *VĪTRĒŪ* > *vidro* (cf. español *vidrio*), frente a *HABĒRE* > *haver*, *VĪDĒRE* > *ver*, *VĪR(Ī)DE* > *verde*, *PĪLU* > *pelo*. En el caso que nos

conciene, como suele ocurrir con las terminaciones *-ARIU*, *-ERIU*, *-ORIU*, la semivocal *yod* pasa por metátesis a la sílaba tónica, de modo que se origina un diptongo por la unión de los dos elementos. Este fenómeno se da en toda la llamada *Romania occidental*. Así ocurre por ejemplo con el sufijo *-ARIUM*, pronunciado [-árju] > [-áĭru], de donde el portugués *-eiro*, español *-ero*, catalán y occitano *-er*, francés *-air*<sup>3</sup>. Por consiguiente, en *Abelterium* debió de producirse también este fenómeno de metátesis, tal como se produjo, por ejemplo, en *MŌNASTĒRĪŪ* > *mosteiro*. Por lo tanto, debemos partir de una forma protorromance terminada en [-ĕĭru] o en [-ĕĭru], según la vocal tónica fuese larga o breve (esto es, cerrada o abierta), cuestión que desconocemos (vid. supra). Sin embargo, lo más probable es que, en caso de haber existido, [-ĕĭru] se armonizara por asimilación en [-ĕĭru], por lo que al fin y al cabo no es relevante, en nuestro caso, que la vocal tónica fuese originariamente larga o breve. Nótese que si la *yod* hubiese persistido en su lugar sin sufrir metátesis, una *Ē* se habría cerrado en [i] como en *CĒRĒŪ* > *cirio*.

En el desarrollo posterior de este diptongo encontramos el primer escollo para explicar el topónimo por vía de las hablas galaico-portuguesas. Por todos es sabido que estas hablas conservaron los diptongos decrecientes, primarios y secundarios, aunque bien es cierto que en un grado avanzado: *AI*, *EI* > *ei*, *AU* > *ou*. Esto fue así al menos en los primeros estadios de su desarrollo, durante el medievo y aún hoy en las hablas más arcaizantes, incluyendo en ciertos casos la lengua estándar. En el caso de *AU* latino,

<sup>3</sup> Con otras vocales, los resultados divergen en la *Romania*: con *Ō* la cuestión es compleja. *CŌRIU* pasó a \*[kŏĭru], y este se desenvuelve en portugués tal cual (*coiro*, también *couro*), pero en español [ói], diptongo inexistente, se adaptó al muy común *ue* (> *cuero*), mientras que en catalán, occitano y francés \*[ŏi] se resuelve en diptongo o triptongo, luego reducido: catalán, francés *cuir*, occitano *cuer*. Con *Ū* los resultados son los esperados en cada romance según estas evoluciones: *A(U)GŪRIU* > *agoiro* (español *agüero*, occitano *aur*, francés antiguo *ĕur* [mod. *heur* [œ] por mala interpretación], *SALE MŪRIA* > *salmoura* (español *salmuera*, occitano *salmoira*).

<sup>2</sup> El primer fuero de *Alter do Chão* fue otorgado por D. Vicente, obispo de la diócesis de Guarda, en 1232.

el gallego moderno y el portugués antiguo ofrecen el grado avanzado *ou*, aunque actualmente en Portugal y en Brasil *ou* ya ha monoptongado en [o]: LAURU > *louro*, PAUCU > *pouco*, AURU > *ouro*; a veces hallamos el diptongo *ou* en el grado disimilado *oi*: TAURU > *touro* > *toiro*, CAUSA > *cousa* > *coisa* (cf. gallego *touro*, *cousa*). En oposición a este tratamiento, las otras lenguas románicas de la península ibérica ofrecen la monoptongación desde los orígenes: PAUCU > español *poco*, catalán *poc*, AURU > español *oro*, catalán *or*. El diptongo AI no existía en latín, pero se generó ya en latín vulgar por la síncope de -V- en los perfectos débiles de los verbos en -ĀRE: CANTA(V)I > CANTAI. Este diptongo evoluciona casi de manera paralela a AU primario o secundario: ofrece un grado avanzando en portugués (*cantei*), pero monoptonga en español y catalán antiguo (*canté*). Este diptongo también debió de formarse por la fusión de vocales primitivamente en hiato, como en LAĪCU (< griego *λαϊκός*) > portugués *leigo*, español *lego*, catalán *llec*. Pero ya en la etapa puramente románica surgieron una gran cantidad de diptongos AI secundarios, con frecuencia generados por la transformación de consonantes implosivas en semivocal yod. El caso más relevante es la C implosiva: FACTU > *feito* (cf. español *hecho*, catalán *fet*), LACTE > *leite* (cf. español *leche*, catalán *llet*). También surgieron otros diptongos secundarios como EI en LĒCTU > *leito* (cf. español *lecho*) y en RĒGNUM > *reino*, o como OI en NŌCTE > *noite*. Además, como ya sabemos, el paso por metátesis de una semivocal a la sílaba tónica también forma un diptongo: -ARIU > *-eiro*. Es pues evidente que la ausencia de diptongo *ei* en *Alter* < ABELTERIUM es una enorme dificultad para admitir una posible vía galaico-portuguesa.

Otro obstáculo para considerar que el topónimo fuese transmitido por hablantes de portugués es la ausencia de la vocal final. Desaparecida la -M final latina en el habla popular ya a finales de la época republicana (s. I

a.C.), debemos considerar como sonido final la vocal Ū. Como en casi toda la Romania, las vocales finales velares tienden a confundirse (ya sea en [o] o en [u]), si bien en muchas lenguas de la familia desaparecieron. Se conservan en iberorromance (español y portugués), y muy parcialmente en catalán. El portugués antiguo, como el gallego moderno y el español, conservaron el timbre [o], aunque bien sabemos que el portugués moderno cierra esta vocal en [u]: ŌCŪLŪ > *olho*, FACTŪ > *feito*, CANTŌ > *canto*, CĚRVŪ > *cervo*. Por consiguiente, la ausencia de -o final en *Alter* desvirtúa la consideración de una posible vía de transmisión puramente portuguesa.

### 3.2. La hipótesis del genitivo

En la toponimia de los países románicos no es raro encontrar ejemplos de nombres de lugar basados en el antiguo caso genitivo. Aunque este caso desapareció, junto con el resto de la declinación, pudo conservarse en determinadas expresiones fosilizadas, desprovisto ya de su valor. Caso fundamentalmente adnominal, el genitivo se conservó en numerosas lexías complejas, en las que uno solo de los elementos iba en genitivo. En ellas, uno de los componentes podía desaparecer, por lo tanto puede ocurrir que solo quede el término en genitivo. Destacan, por ser casi panrománicos, los días de la semana, como (DIES) JŌVIS “día de Júpiter” > gallego *xoves*, español *jueves*, catalán y occitano *dijous*, francés *jeudi*, italiano *giovedì*, rumano *joi*. Además podemos citar FĪLĪ ECLĒSĪÆ “hijos de la Iglesia” (vocativo + genitivo) > portugués *freguês*, español *feligrés*, TERRÆ TUBER > italiano *tartufo*, PEDIS UNGŪLA > español *pezuña*, (DIES) \*CANDELŌRUM (por CANDELĀRUM) > francés *chandeleur*, COMITE STABŪLI “conde (dignidad palatina del Bajo Imperio), encargado del establo del Emperador” (bajo latín) > portugués *condestável*, español *condestable*, catalán *conestable*, francés *conétable*, italiano *con(t)estabile*, etc.

Como decíamos, también existen topónimos basados en un genitivo: VĪLLA (GO)THŌRUM >



*Villatoro* (España), RĪVĪ ANGŪLU > *Riaño* (España), MONTE(M) MARTYRUM > *Montmartre* (París, Francia), PODIUM FRANCŌRUM > *Puigfrancor* (España), (CAPUT) FRUMENTŌRUM > *Formentor* (España), PORTU(M) VĒNĒRIS > *Porto Venere* (Italia), MONTE(M) VĪRGĪNIS > *Monte Vergine* (Italia), etc. Entre ellos, abundan los topónimos donde se omite una palabra referida al topónimo mismo, con frecuencia CAMPUS, URBS, VILLA, MONS, PODIUM, PORTUS, ECCLĒŠĪA, etc. como (ECCLĒŠĪA) SANCTI QUIRĪCI > *San Quirce*, (ECCLĒŠĪA) SANCTI EMETĒRII > *Santander*, (ECCLĒŠĪA) SANCTI FELĪCIS > *Sanfelices, Sahelices*, etc.

Algunos topónimos utilizan como base el nombre del primitivo señor del lugar, como señala Menéndez Pidal<sup>4</sup>. De esta manera surgieron en la península topónimos del tipo MARCIUS + *-ena* > *Marchena*, MARATIUS + *-ena* > *Maracena*, LUCIUS + *-ena* > *Lucena, Luchena*, MARIUS + *-ena* > *Mairena*, MACARIUS + *-ena* > *Macarena*, etc. De la misma manera se puede pensar que otros topónimos pudieran proceder de sintagmas del tipo “la casa de campo de...”, “la villa de...”, “la quinta de...”, “el campo de...”, etc., presuponiendo que el origen de todos estos lugares fuese una villa romana. Así es como algunos autores proponen que el origen de *Alter* se remonta supuestamente a una expresión del tipo (VILLA) ABELTERĪI “la villa de Abelterio”: *do baixo-latim [Villa] Abelterii, ‘a quinta de Abeltério’*. O topónimo *Alter do Chão* refere-se ao local plano onde se formou; no mesmo concelho há *Alter Pedroso*, situado num local rochoso, como o nome indica<sup>5</sup>. Admitiendo esta hipótesis, algunas de las dificultades fonéticas desaparecen, pero habría que admitir consideraciones de todo punto inadmisibles. Para empezar, habría que admitir que \*ABELTERIUS (nótese el cambio al género masculino) es un antropónimo, cosa inaudita, pues en ningún documento ni resto epigráfico, ni

antiguo ni medieval, aparece como nombre propio de persona. En segundo lugar habría que admitir que *Abelterium* fue solo una casa de campo o una quinta en vez de un núcleo de población con su estatus jurídico propio, con sus edificaciones diversas (públicas y privadas), espacios comerciales, calzadas, etc., tal como se desprende de todos los hallazgos arqueológicos.

Desde el punto de vista puramente formal, podría existir una dificultad fonética a la hora de admitir el genitivo. No nos referimos en este caso a la vocal al final ni a la ya comentada existencia de la semivocal yod, pues en un genitivo del tipo ABELTERĪI la lengua clásica habría admitido la fusión vocálica ABELTERĪ, al unir vocales contiguas de idéntico timbre. Pero en este caso tenemos que considerar la vocal tónica (larga o breve): ABELTĒRĪ no supondría ninguna dificultad, pero ABELTĚRĪ sí, por el hecho de que, según las leyes de acentuación clásicas, el acento podía recaer facultativamente en la antepenúltima sílaba, y por lo tanto el punto de partida podría ser \*ABELTĚRĪ, que de ninguna manera habría dado lugar a *Alter*, sino a \*Aveltre o \*Eltre. Ya pasaba en (DIES) MĚRCŪRĪI “día de Mercurio” al hacerse MĚRCŪRĪ, origen de todas las formas románicas conservadas: gallego *mércoles*, español *miércoles*, catalán *dimercres*, occitano *dimecres*, francés *mercredi*, italiano *mercoledì*, rumano *miercuri*.

### 3.3. La hipótesis del conducto mozárabe

¿De qué otra manera se podría justificar la forma actual *Alter*? En nuestra opinión, admitiendo que llegó al portugués por conducto del mozárabe. En el aspecto puramente formal, el topónimo es compatible con la evolución fonética de las hablas mozárabes. Desde el punto de vista histórico, lo más probable es que el topónimo fuese transmitido, como tantos otros, por hablantes de un dialecto románico distinto del portugués, precisamente el dialecto de los hablantes cristianos que vivían en territorio musulmán. Recordemos que los musulmanes

<sup>4</sup> MENÉNDEZ PIDAL, 1940, pp. 1-36.

<sup>5</sup> PORTO EDITORA, 2003-2018.

ocuparon la península ibérica a principios del siglo VIII, y con ello se creó una nueva situación política y social, lo que supuso un cambio radical con respecto a la desplazada sociedad hispano-visigoda. En esa nueva sociedad, muy heterogénea, los originalmente musulmanes (árabes y bereberes) eran minoría, si bien los árabes ocupaban la cúspide social. Desde el punto de vista étnico, el grupo más numeroso eran los descendientes de los hispano-visigodos, seguidos por los bereberes, de origen norteafricano, rápidamente islamizados, que conformaban el grueso de los ejércitos de los Omeyas huidos de Damasco. Desde el punto de vista religioso, los musulmanes coexistieron con los cristianos, mayoritarios, y con los judíos. Desde muy pronto empezaron las conversiones al islam. A los conversos se los conoce como *muladíes*, mientras que aquellos que conservaron la religión cristiana se conocen como *mozárabes*. Tanto unos como otros adoptaron, en general, las costumbres y la forma de vida de los invasores musulmanes. En los epígrafes siguientes intentaremos justificar la evolución de *Abeltherium* a *Alter* por medio de las hablas mozárabes.

#### 4. La hipótesis del mozárabe

##### 4.1. Los mozárabes

La palabra *mozárabe* procede del árabe مستعرب (pronunciado [mustaʕrab]) “arabizado”. Como sabemos, los mozárabes eran los descendientes de los hispano-romanos o hispano-visigodos que vivían en territorio musulmán, profesaban la fe cristiana y hablaban romance. También sabemos que la estructura social de al-Ándalus estaba condicionada por el origen étnico de cada grupo y por la clase social: la clase dominante estaba formada principalmente por árabes, pero también por bereberes y muladíes (conversos), mientras que la clase dominada estaba integrada por no musulmanes (cristianos y judíos). Si bien el islam no reconoce más que una sociedad (la *umma* o comunidad de creyentes), los juristas islámicos fundamentaron el estatus social del individuo según la condición de hombre libre o esclavo.

Los mozárabes (y también los judíos) gozaban de libertad de culto, pero a cambio estaban obligados al pago de impuestos, de los cuales los musulmanes estaban exentos. Asimismo tenían autoridades propias, gozaban de libertad de movimiento y eran juzgados según su propio derecho. Sin embargo, estaban sujetos a una serie de limitaciones: tenían que vivir en barrios separados de los musulmanes, no podían ejercer cargos políticos, los hombres no podían casarse con mujeres musulmanas, se les prohibía hacer ostentación de sus cultos religiosos, no podían tener criados musulmanes y estaban obligados a dar hospitalidad a los musulmanes en caso necesario.

En el siglo VIII, la proporción de cristianos en al-Ándalus era, con respecto a los musulmanes, muy superior. Pese a las masivas conversiones y a las persecuciones que periódicamente se desataban, tras la caída del Califato (bien entrado el siglo XI) seguían siendo aproximadamente la mitad de la población. Esto nos da una idea de la importancia de las comunidades de mozárabes. Ciudades peninsulares tan importantes como Córdoba, Toledo, Sevilla, Mérida, Valencia o Lisboa contaban con numerosas e importantes comunidades mozárabes. En Portugal, además de en Lisboa, hubo importantes comunidades mozárabes en Estremadura, en Beira y sobre todo en el Alentejo (Beja, Elvas y Viana do Alentejo), y en el Algarve (Faro, Tavira, São Brás de Alportel y Cabo de San Vicente)<sup>6</sup>. Conforme la cultura islámica arraigaba en los territorios peninsulares dominados por los musulmanes, los mozárabes se fueron arabizando y muchos de ellos, por razones muy diversas, se convirtieron al islam. Los motivos eran de índole política, social, religiosa y fiscal, pues la única manera de ascender en la escala social era siendo musulmán. Por ello muchos dejaron de ser mozárabes y se convirtieron en muladíes. La prolongada presencia árabe en la península, el carácter

<sup>6</sup> AZEVEDO, 2015, p. 4.

inestable de las fronteras entre la cristiandad y el islam, y la heterogeneidad de la sociedad favorecieron la integración entre culturas muy diversas entre sí. Puesto que la sociedad islámica tiene un carácter eminentemente religioso, la progresiva integración de los mozárabes (lingüística y de estatus legal, pero también religiosa y cultural) se vio facilitada cuando los herederos de la sociedad hispano-visigoda adquirirían la consideración de musulmanes. La conversión representaba pues mucho más que un gesto religioso.

Sea como fuere, los cristianos fueron asimilándose progresivamente a la cultura islámica, de modo que los cristianos dominados por los musulmanes se arabizaron culturalmente; de ese hecho fundamental les viene el nombre de *mozárabes* “arabizados”. Estos aprendían el árabe por razones prácticas, y aunque continuaban hablando un dialecto romance y seguían profesando el cristianismo, adoptaron muchas de las formas culturales de los árabes, incluida su lengua, con lo que su manera de hablar romance se vio salpicada de incontables rasgos de la lengua semítica. Fue precisamente este biligüismo lo que les permitió asimilar gran parte de la ecléctica cultura del nuevo Estado andalusí, que, dicho sea de paso, era superior en muchos aspectos a la cultura de los reinos cristianos del norte.

Como bien podemos imaginar, la convivencia no siempre fue pacífica, y de hecho hubo graves conflictos. Por ello, no pocos mozárabes emigraron a los reinos cristianos del norte. Con ello, no solo difundían en gran medida la cultura árabe (elementos arquitectónicos, técnicas de construcción, innovaciones en la agricultura, etc.), sino que además eran difusores de sus propios rasgos lingüísticos como hablantes de un habla romance. Recordemos aquí que todo el valle del Duero fue repoblado con mozárabes procedentes de al-Ándalus y que la simbólica reconquista de Toledo, antigua capital visigoda, en 1085, trajo consigo grandes consecuencias en lo lingüístico, al

integrarse en el reino de Castilla su numerosa comunidad mozárabe. Los mayores expertos en lingüística histórica española coinciden en señalar que la progresiva integración de las comunidades mozárabes supuso un freno al “revolucionario” dialecto castellano, pues los mozárabes no solo integraron en él arabismos y palabras romances propias de sus hablas, junto a antropónimos e innumerables topónimos, sino que además imprimieron a las hablas que ganaban terreno desde el norte ciertas características de su conservador y a menudo arcaizante dialecto.

Por lo que se refiere a la lengua, el mozárabe necesita una aclaración: *stricto sensu*, el mozárabe se refiere a la lengua románica hablada por los cristianos de al-Ándalus, que por cierto carecía de unidad, pero el hecho de que fuera hablada no solo por los mozárabes sino también por los muladíes (conversos) y por todo musulmán culto que se preciase, hace necesaria una matización: gran parte de la sociedad andalusí era bilingüe, al menos hasta finales del siglo XI. La llegada de los almorávides (a partir de 1086) y sobre todo de los almohades (desde 1146), diezmó las poblaciones mozárabes. Aunque menguadas, hay testimonios de la pervivencia de pequeñas comunidades mozárabes durante los siglos XII y XIII. Sin embargo, en tiempos de la reconquista de Sevilla (1248), parece casi segura la inexistencia de cristianos en ella. A diferencia de las demás lenguas románicas, escritas en alfabeto latino<sup>7</sup>, el mozárabe se escribía usando el alfabeto árabe. Ejemplo típico son las *jarchas*, pequeñas estrofas finales de unas composiciones poéticas llamadas *moaxajas*, que en ocasiones usaban estribillos escritos en lengua romance.

Tanto en España como en Portugal, los topónimos transmitidos por los mozárabes revelan algunas de las características propias de estas hablas. En España son particularmente numerosos en Andalucía, en Castilla la Nueva, en

<sup>7</sup> El rumano se escribió hasta bien entrado el siglo XIX con caracteres cirílicos.



Aragón, en Levante y en las islas Baleares. En Portugal son numerosos en el centro y sur del país, y aunque escasos, también los hay en el norte, incluso más al norte del Duero. En ellos observamos muchas de las características que a continuación explicaremos. El análisis de los topónimos nos hace posible conocer en gran medida las características de los dialectos románicos hablados en Portugal antes de la implantación del gallego-portugués. De hecho, la presencia de población mozárabe en Portugal está testimoniada por la existencia de topónimos que hacen referencia a estas comunidades, como *Casal da Monservia* (Loures y Sintra), *Moçarria* (Santarém), *Monçaravia* (Alenquer), *Vila Nova de Monsarros* (Anadia), *Monte de Monçarves* (Viana do Alentejo) -cf. español *Monsalve(s)*-, y en la antroponimia antigua.

#### 4.2. Características de las hablas mozárabes y su reflejo en la toponimia

##### 4.2.1. Características fonéticas

##### 4.2.1.1. Vocales

▪ Diptongación de Ě y Ŏ tónicas. Es uno de los temas más controvertidos del mozárabe. En amplias regiones se producía esta diptongación, que daba lugar a los diptongos crecientes *ie*, *ia* / *uo*, *ue*, *ua*. En este rasgo se equipararía al castellano y al leonés, que también diptongan, en contraposición con las hablas galaico-portuguesas o catalanas. Parece ser que la diptongación no llegó a las áreas más periféricas (Cataluña, Levante, Baleares, Alentejo, Algarve), donde no está documentada o es embrionaria. Pero la convivencia de formas con y sin diptongo en zonas marcadamente mozárabes hace que esta cuestión sea un tanto polémica: PÖNTE > *Alpuent(e)* o (*Pinos*) *Puente* frente a *Alponte*, SĚRRA > *Serra* frente a *Sierra* o *Xierra*, CASTĚLLU + FĚRRU > *Castel de Ferro* frente a *Avenfierro*, sufijo -ŎLU -A > -ol / -uel (*Buñol* frente a *Albuñuel*, *Oriola* frente a *Orihuela*), etc. En Portugal, en los *Fueros* de Castelo Rodrigo aparece un *Castiel* como posible testimonio de una diptongación de estirpe mozárabe.

▪ Los diptongos AI y AU, primarios o secundarios, pueden conservarse en su forma originaria, pero también en un grado avanzado *ei* / *ou*, como en galaico-portugués: TAURELLU > *Taurel*, TALPINU > *Taupine*, PAULU > *Pawlo*, AUT > *au* (jarchas), MARIU + sufijo > *Mairena*, SEMITARIU > *šemtayr*, FEBRUARIU > *febrayr*, CARBONARIU > *qarbonayr*. La toponimia portuguesa ha conservado algunos de estos diptongos: *Aivada*, *Candaira*, *Plaina*, etc. La forma evolucionada *ei* también se daba originalmente en las hablas mozárabes: SEMITARIU > *šenteyr*, CARBONARIU > *qarboneyr(o)*, FA(CĚ)RE HABĚO > \*FARE AIO > *fareyo* (en las jarchas, cf. portugués *farei*, español *haré*), cosa que es evidente en la toponimia granadina (*Ferreira*, *Pampaneira*, *Capileira*) o balear (*Unqueira*, etc.). La evolución del diptongo *ei* es muy relevante en portugués, no solo en toponimia, sino también porque en ciertas regiones portuguesas centrales y meridionales hay una marcada tendencia, al menos en las hablas tradicionales, a la monoptongación en [e] (cf. *ou* > [o]). En nuestro caso, será relevante analizar esta cuestión para Alter.

▪ Oscurecimiento del timbre de las vocales finales. Aparte de los casos de oscurecimiento de -A final (SALIVA > *salivre*, CRISTA > *qriste*, muy abundante en los plurales -AS > -es), o del cambio de timbre vocálico (CORTĪCE > *corcho*), aquí nos referiremos en concreto a la vocal final -o. Documentalmente encontramos soluciones diferenciadas. Existen numerosos ejemplos en los que se conserva la vocal final: OCŬLU > *walyo*, *welyo*, MARĪTU > *marito*, CARU > *caro*, FĪLIU > *filyo*, FORMO(N)SU > *fermoso*, etc. Junto a estos casos hay un sinfín de ejemplos en los que la vocal se pierde: SEMITARIU > *šemtayr*, CARBONARIU > *qarbonayr*, BELLU > *bell*, QUANDO > *kand*, CIRCARIU > *chiqueyr*, SALTU > *xaut*, etc. En la toponimia, incluida la portuguesa, se da en numerosos casos: PINELLU > *Pinhel*, PORCELLU > *Porcel*, y además *Barcel*, *Verdel*, *Martichel*, *Aljustrel*, etc. También se observa en el alomorfo -im del sufijo -inho < -ĪNU, como en MARINU >

(Castro) *Marim, Alcoutim*, etc. A veces la -o final se muda en -e: MONTE \*CICU > *Montachique* (Lisboa), *Ourique*, etc.

#### 4.2.1.2. Consonantes

- Conservación de F- inicial latina, como en galaico-portugués y catalán, pero no como en castellano: *Feliche, Avenferro y Abenferro, Castel de Ferro*, etc.

- P inicial. Los dialectos mozárabes conservan, por lo general, este fonema latino. Pero como en árabe no existía, por esta misma influencia algunas palabras se transmitieron con el fonema sonoro correspondiente, [b]: PACE > *Beja*, PALMAS > *Balmas* (España). A veces se da alternancia de ambas consonantes: VALLE AMPLU > (*Alto de*) *Palanche, Balancho*.

- GE-, GI- y J- iniciales. Estas consonantes, todas palatalizadas en latín vulgar, sufrieron tendencia a la eliminación en dialecto castellano, pero no así en galaico-portugués. No obstante, hay evidencias de vacilaciones en un período temprano de la formación de la lengua (cf. GERMĀNU > *irmão*). En mozárabe, la tendencia general es a la conservación: *Yelves, Yusto, Santa Yusta*, etc., pero también se observa cierta tendencia a la supresión, como en castellano: GENĬSTA > *enesta*, JŪNCARIA > *Unqueira* (Mallorca), GENŪCŪLU > *enolyo*, JULIĀNU > *Ulyan*, etc.

- La L- inicial latina parece ser que se palatalizaba, al igual que en las hablas catalanas. La transcripción en caracteres latinos de algunas palabras y topónimos con *ly-* se debe, según todo indica, a la imposibilidad de escribir, en árabe, el sonido [l] como *ly-* en posición inicial.

- Conservación de los grupos CL-, PL- y FL- iniciales frente a la palatalización del castellano, del leonés y del galaico-portugués: PLANU -A > *Pla(i)na* (Portugal), *Plan* (Sevilla), LOCU PLANU > *Locoplan* (Mallorca), FLORENTIA > *Folorença*

(Toledo), etc. También existe tendencia a la colocación de vocales epentéticas: CLAUSTRU > *qalawstoro*, PLANA > *palana*, CLOCCA > *qaloca*, y en topónimos tenemos FLORENTIA > *Folorença*, PŌPŪLU > \*PLOPPU > *Polop*, etc.

- CE, CI latinos evolucionan hacia [č] (africada palatal sorda), como en la Romania oriental (italiano y rumano). Este resultado, supuesto para todos los romances al menos en una fase primitiva, se tornó en la africana dentoalveolar [ts] en la Romania occidental: CÆLU (pronunciado con [e]) > portugués *céu*, español *cielo*, catalán y occitano *cel*, francés *ciel*, en todas ellas [ts] en la Edad Media, frente al italiano *cielo*, rumano *cer*, con [č] hasta nuestros días. Posteriormente, en todas las lenguas occidentales la africana se convirtió en fricativa [s], salvo en castellano: portugués *céu*, francés *ciel*, pero español moderno *cielo*, con [θ]. Las hablas mozárabes parecen ancladas en la etapa palatal [č], transcrito como *ch*: DECĚMBRE > *dechember*, MONTICĚLLU > *Montichel*, CĚNTU > *chento*, CONCĬLIU > *Alconchel*, ILĬCE > *Elche*, MARCIU + sufijo > *Marchena*, etc. Sin embargo también tenemos testimonios en los que CE y CI pasan a [ts], como en el resto de los romances occidentales, de ahí los resultados actuales: *Lucena* frente a *Luchena*, *Aracena* frente a *Archena*, etc. También parecen haber llegado al resultado palatal [č] > [ts] los grupos T + yod y C + yod: MARATIUS + sufijo > *Maracena*, \*CALAPACCIA > *qalabach*, JUDICIU > *judičiyo*, FACIE > *fach(e)*, TERTIARIU > *terçero*.

- Las consonantes sordas intervocálicas. Otra cuestión compleja del consonantismo mozárabe es la posible conservación o la sonorización de las consonantes sordas intervocálicas del latín, P, T, C + a o u, F. Como en toda la Romania occidental, parece lógico pensar que las consonantes sordas intervocálicas sufrieran sonorización hacia B, D, G y V, como ocurre en LŪPU > portugués, español *lobo*, AMĀTU > portugués, español *amado*, JŌCĀRI > portugués *jogar*, español *jugar*,

PRŌĪCTĀRE > portugués *aproveitar*, español *aprovechar*, como supone Menéndez Pidal<sup>8</sup> y vemos en varios ejemplos del bajo latín hispánico: INMUDAVIT por IMMUTAVIT (Mérida, s. II), PONTIVICATUS por PONTIFICATUS (Guadix, s. VII), EGLESIE por ECLESIAE (Bailén, s. VII). Los muchos testimonios mozárabes de palabras que presentan las consonantes sordas pueden deberse a una evolución realizada ya en árabe y no como resultado de las leyes fonéticas del romance mozárabe, puesto que ciertas consonantes sufrieron ensordecimiento en lengua arábica.

- Conservación de -N- y -L- latinos intervocálicos. Todos los dialectos mozárabes conservan estas consonantes intervocálicas, incluyendo los de la antigua Lusitania. Solo después de la reconquista se conocen casos de pérdida debido a la influencia de las hablas galaico-portuguesas de los conquistadores venidos del norte. En la toponimia portuguesa quedan numerosos rastros de ellas: \*MYRTŪLA > *Mértola*, GLANDŪLA > *Grândola*, MOLĪNU > *Molinos*, SALĪNA > *Salinas*, FONTANA > *Fontanas*, Fontanal, GENESTA > *Genestoso*, etc. Probablemente también se deba al dialecto mozárabe la conservación de [n] de WADI “río” + prerromano ANA(S) > *Guadiana* (= *Odiana*).

- Los grupos -LL-, L + yod y -C'L- ofrecen resultados diferentes. El primero de los grupos parece haberse conservado intacto en mozárabe, mientras que los dos últimos ofrecen la palatal [ʎ]: VILLA > *billa* frente a ŌC(Ū)LU > *welyo*, FĪLIU > *filyo* (en este caso, todos los romances peninsulares difieren).

- Conservación de -D y -T finales latinas. La 3ª persona del singular de los verbos está caracterizada con una -d final en mozárabe: QUÆRIT > *kiered*, EXIT > *yexed*, VENIT > *venid*, \*SANĀRE AT > *šanarad*, etc. Además se conserva en la conjunción ET > *ed* y en la preposición AD >

*ad*. Este es un rasgo de gran arcaísmo del mozárabe.

- Otros rasgos de las hablas mozárabes son: la vocalización de L implosiva, aunque no es generalizada (SALTU > *xaut*, ALT(Ĕ)RU > *awtri*, frente a ALBU > *albo*), conservación de los grupos -MB- y -ND-, en contraposición a lo que ocurre en castellano y catalán, como en *Santa Qolomba* (Toledo) u *Onda* (Valencia), y conservación de los grupos románicos -m'r-, -m'n-, -m't-, -b't-, -t'l-: *Qamrellos*, *omnes*, *qomte*, *qobtil*, *qabidlo*.

#### 4.2.2. Características morfosintácticas

- Conservación de la -e final en los infinitivos (*amare*, *dormire*) y del final -ay(o), -ey(o) en la 1ª persona del singular del futuro de indicativo (*fareyo*, *sanareyo*(o), etc.).

- Conservación, para el complemento indirecto, de los dativos latinos MIHI > *mibi* y TIBI > *tibi*.

- Plurales femeninos en AS > -es, que tendrán mucho reflejo en la toponimia de toda la península: *Garriques*, *Cabriles* (Almería), *Perules*, *Siles* (Jaén), *Gelves*, *Brenes* (Sevilla), *Prunes* (Cádiz), *Fornes* (Granada), *Llames* (Málaga), *Naves* (Cáceres), *Cheles* (Badajoz), *Yeles* (Toledo), *Clares* (Guadalajara), *Sagres*, *Silves* (Algarve), etc.

- Interferencias morfosintácticas entre la lengua romance y la árabe, que lleva a la aglutinación de dos bases de orígenes diferentes, una hispánica, otra árabe. Destacan los compuestos de (i)ben “hijo” y wadi “río” con otro elemento de origen romano o prerromano (cf. *Guadiana*, *Guadamar*, *Guadalupe*, etc.).

- Anteposición, en muchos casos, del artículo árabe *al*.

#### 4.3. Hipótesis 1. De *Altarium* a *Alter*

Esta primera hipótesis se basa en un origen distinto para el topónimo actual *Alter*, aunque sí

<sup>8</sup> MENÉNDEZ PIDAL, 1972, p. 252 y ss.



sostiene la intervención de las hablas mozárabes como vehículo de transmisión del topónimo al portugués actual. Es lo que sostiene la Sra. Dra. Seabra Marques de Azevedo en su tesis doctoral<sup>9</sup>. Según esta hipótesis, *Alter* no derivaría del hispano-latino ABELTERIUM sino del bajo latín ALTĀRIUM “altar, lugar donde se hacen sacrificios”, variante del clásico ALTĀRE ídem. Esta última palabra es un derivado de ALTUS -A -UM “alto, elevado”, y esta a su vez deriva del verbo ĀLO ALĒRE “alimentar, nutrir” (cf. *alimento*), puesto que originalmente hacía referencia a la mesa de los sacrificios que se ofrecían a los dioses (como alimento). En este caso, ALTARIUM daría origen a *Alter*, y sería equivalente de la palabra galaico-portuguesa *outeiro* “elevación de terreno”, aunque habría llegado, como ahora explicaremos, por conducto del mozárabe. Para el portugués *outeiro* se acepta, por lo general, esta etimología (así lo piensan Coelho, Vasconcelos, Nascentes<sup>10</sup> y Meyer-Lübke<sup>11</sup>). La evolución de ALTARIUM hasta *Alter* sería muy fácil, pues basta justificarla con la aplicación de la *imala* y la pérdida de vocal final. Se llama *imala* o *imela* (del árabe *imāla* “inflexión”) al fenómeno fonético propio de ciertos dialectos árabes (antiguos y modernos) por el que la [ā] tónica se eleva en determinadas circunstancias a [ē] o [ī], palatalizándose. La *imala* era ciertamente frecuente en la Hispania musulmana, en particular en el dialecto árabe hablado en el Reino de Granada. En español y portugués existen muchos ejemplos, tanto en los arabismos incorporados como en la toponimia: *al-bannā* “el constructor” > *al-bannī* > *albañil*, *al-ḡulḡulān* “el sésamo” > *al-ḡulḡulīn* > *ajonjolí*, *al-kirā* “el alquiler” > *al-kirē* > *alquiler*, etc. Entre la toponimia de raíz arábiga podemos destacar: Ḡayyān > Ḡayyēn > Jaén, Bāb ar-Ramla “puerta de la arena” > Bīb ar-Ramla > Bibarrambla o Bib-Rambla (plaza de Granada), Wād Āš “río Ash” > Wād Īš > Guadix (Granada). Pero este fenómeno también se conoce

entre los topónimos de raíz romance: HISPALIS > \*HISPALIA > Išbiliya > Sevilla, TAGUS > \*Taḡu > Teḡu > Tejo (en portugués), PACE > Beja, MONS SACER / MONTE SACRU > Montejícar (Granada), Monchique (Algarve), etc. Lo mismo valdría para ALTARIUM > Alter do Chão, Alter Pedroso y Fonte de Alter, todos ellos en el distrito de Portalegre.

Sin embargo, este origen puede tener, era nuestra opinión, varios puntos débiles. En primer lugar, la palabra bajolatina ALTARIUM apareció en una fecha bastante tardía<sup>12</sup>, y como hemos dicho equivalía al común ALTĀRE, del que derivan todas las formas románicas (portugués, español, catalán, rumano *altar*, occitano *autar*, francés *autel*, rético *uter*, italiano y sardo *altare*). Muy probablemente surgiría como singular rehecho sobre el plural clásico ALTĀRIĀ. Sorprendería pues que este raro derivado tardolatino se hubiera conservado al mismo tiempo que la palabra matriz y con el mismo significado primitivo de “altar”. Solo después habría pasado a significar “lugar elevado”, ya fuera como referencia a un templo colocado en altitud, o como sentido figurado (“lugar de elevación [espiritual] hacia los dioses paganos o al dios cristiano”). Una vez que la palabra hubiese adquirido este sentido (real o figurado) entonces podría haber dado nombre a la población de Alter, en referencia al lugar elevado donde actualmente se halla el castillo. También sería posible, pero muy poco probable, que la variante bajolatina ALTĀRIUM hubiese suplantado a la clásica ALTĀRE (recordemos, conservada en toda la Romania), para designar un importante altar situado en la localidad, tan importante que hubiera hecho olvidar a la población el antiguo y tradicional topónimo de ABELTERIUM. La

<sup>9</sup> AZEVEDO, 2005, p. 205.

<sup>10</sup> NASCENTES, 1955, p. 370.

<sup>11</sup> MEYER-LÜBKE, 1911, p. 25.

<sup>12</sup> Aparece a finales del siglo IV en las *Epístolas* de San Jerónimo: *Heri in amphitheatrum, odie in ecclesia; vespere in circo, mane in altario* (carta 69 a Océano, 9). De todas maneras, en algunas fuentes aparece la forma *altari*, que puede deberse a un posible error de los copistas, al olvidar la -o del ablativo de ALTARIO, o simplemente porque usan la forma clásica de ablativo, ALTARI.

constancia de que dicho templo o altar existiera es nula: no se ha encontrado ningún resto arqueológico que haga pensar en tal posibilidad, y no hay fuente escrita que lo confirme. Por tanto, hemos de pensar que, si alguna vez ocurrió, el cambio de nombre de ABELTERIUM a ALTARIUM debió de producirse cuando esta palabra ya significaba “lugar elevado, montículo, otero”, puesto que la orografía de lugar sí da pie a ello. En este caso, habría que basarse en la etimología que algunos hacen del portugués *outeiro* y del español *otero*. Para el español *otero*, en cambio, se cree que deriva de *alto* por medio del sufijo *-ero*, ya que nunca en la historia de las lenguas iberorrománicas ha guardado relación con ningún aspecto religioso<sup>13</sup>. Es por tanto muy probable que tanto *outeiro* en portugués como *otero* en español sean derivados de las antiguas formas románicas procedentes de ALTUS -A -UM (cf. portugués antiguo *outo* “alto”, gallego dialectal *outo* ídem, gallego *outón* “hastial; pared que termina en ángulo y soporta el techo a dos aguas” y *Outón* -apellido-, español antiguo *oto*). Por lo tanto, ya no habría lugar para pensar en el ALTARIUM bajolatino con significado de “otero, elevación del terreno”, para justificar la existencia ni de *outeiro* ni de *otero* ni de Alter.

#### 4.4. Hipótesis 2. De *Abelterium* a *Alter*

A nuestro juicio, el topónimo Alter deriva directamente del antiguo ABELTERIUM hispano-romano. Analicemos ahora como evolucionó hasta el nombre actual por el conducto de las hablas mozárabes.

##### 4.4.1. Pérdida de la consonante intervocálica [b], y posterior reducción del hiato *ae*

La -B- intervocálica clásica, oclusiva bilabial sonora, se hacía fricativa [β] ya en siglo I de nuestra era. Este es el sonido que presentan exactamente las palabras españolas *haba*, *abogado*, *ave* o *hervir*. En inscripciones bajolatinas

encontramos grafías incorrectas como *AMABI* por *AMAVI*, y la *Appendix Probi* nos recomienda: *PLEBES*, *non PLEVIS*, *TOLERABILIS*, *non TOLERAVILIS*, *TABES*, *non TAVIS*, lo cual nos muestra cuán temprana es la lenición o suavización de [b] intervocálica. Pero este fenómeno no es aislado. El nuevo sonido [β] coincide en latín hablado con el sonido semiconsonántico [w], escrito V como en *AVIS* o *BREVIS*, que se desredondea y se desvelariza haciéndose también fricativa bilabial sonora [β] en el siglo I, con lo que las confusiones en latín vulgar serán innumerables. Este fenómeno de cambio consonántico y confusión de [b] y [w] en [β] se denomina en lingüística betacismo.

Las confusiones epigráficas entre los fonemas /b/ y /w/ muestran que ambos convergieron en un mismo sonido [β], en principio difícil de catalogar como fonema. Ya en el siglo I d.C. se lee en un documento de un tal Euno *IOBE* por *IOVEM* y *DIBI* por *DIVI*, y la *Appendix Probi* reprueba: *BRAVIUM non BRABIUM*. En toda la Romania se consume esta confusión y en la mayor parte de los dominios<sup>14</sup> el sonido [β] se convierte en [v], fricativa labiodental sonora, y se consolida como nuevo fonema en el sistema, opuesto por el rasgo de sonoridad a /f/ (portugués, francés, italiano y rumano). Por tanto, en portugués hallamos la solución [v], pero no en español, gallego y catalán, que presentan [β]: *HABĒRE* > *haver* (cf. occitano *aver*, francés *avoir*, italiano *avere*, rumano *avea*) pero gallego y español *haber*, catalán *haver* [β], lo mismo que *NŌVA* > *nova* (cf. occitano *nova*, francés *neuve*, italiano *nuova*), pero gallego y catalán *nova*, español *nueva* [β].

El nuevo sonido [β] > [v] no tiene especial tendencia a caer, pero hay casos de caída ya en latín vulgar, y las lenguas romances en ocasiones también lo pierden. En primer lugar, ante vocales velares está documentada una fuerte tendencia a

<sup>13</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001; COROMINAS y PASCUAL, 1954-57.

<sup>14</sup> Esto no ocurre en aquellos dominios donde la fricativa [β] termina siendo variante combinatoria del fonema /b/ (español, catalán y sardo).

la caída. Ya en la *Appendix Probi* tenemos RIVUS, non RIUS, AVUS, non AUS, FLAVUS, non FLAUS, PAVOR, non PAOR. Comparemos algunos resultados romances: RĪVU > portugués *rio*, español *río*, catalán y occitano *riu*, francés antiguo *rieu*, italiano dialectal *rio*, PAVŌRE > catalán *paor* > *por*, francés *peur*, italiano *paura*, AVŪNC(Ū)LU > catalán y francés *oncle*, rumano *unchi(u)*. En otras ocasiones el sonido bilabial también desaparece, como en francés antiguo \*NUBA (por NUBES) > *nue* (moderno *nuage*), \*HABŪTU > *eu*. En otras lenguas románicas, no es raro que [β] > [v] desaparezca. Tal es el caso de varios dialectos del sardo (logudorés y campidanés) y del rumano: CABALLU > dialectos sardos *caddu*, rumano *cal*. En occitano también es muy común la pérdida: ABŪNDĀRE > *aondar*, PROVINCIA > *Pro(v)ensa*. Por supuesto nos queda que referir aquí la pérdida de -B- en las desinencias del imperfecto. Al parecer estas pérdidas se originaron en situaciones de disimilación (HABĒBAM > \*[aβéβa] > \*[aβéa]), pero se extendieron a todos los verbos de la 2ª, 3ª y 4ª conjugaciones: DORMĪĒBAM > \*DORMĪBAM > portugués y catalán *dormia*, español *dormía*, francés *dormais* (< \*DORMĒBAM), italiano antiguo y dialectal *dormia*. En otros casos, se puede perder por vecindad de otro sonido labial: BĪBĒRE > italiano *beere* > *bere*.

Visto todo lo anterior, no es de extrañar que la [β] intervocálica pudiera desaparecer, en la lengua oral, en Abelterium. Consumado este cambio, las vocales *a* y *e* entrarían en contacto formando un hiato. En romance hubo y hay una gran cantidad de ellos, y eran particularmente frecuentes en la etapa medieval: VĪDĒRE > portugués, español y catalán antiguos *veer* (cf. francés antiguo *veeir* > *veoir*), SEDĒRE > portugués y español antiguos *seer* (cf. francés antiguo *seeir* > *seoir*), RĒGĀLE > portugués y español *real* (cf. italiano *reale*), MAGĪSTRU > portugués, español e italiano *maestro*, LĒGĀLE > portugués y español *leal*. Los hiatos llegaron a ser muy frecuentes en portugués antiguo: BALĪSTA > *beesta*, DOLU > *doo*, PŌPŪLU

> *poboo*, CĒNA > *cĕa*, CUNĪCŪLU > *cōelho*, LŪNA > *lūa*, MONASTĒRIU > *mōesteiro*, DEVĪNĀRE > *devĭar*, DĒNĀRIU > *dĕiro*, VĪNU > *vĭo*, VĪCĪNU > *vizĭo*. La mayoría de estos hiatos se redujeron en la Edad Media. Los procedimientos para que el hiato se deshaga son: la conversión en diptongo mediante la fusión de ambos elementos vocálicos (convirtiendo en yod o wau alguno de ellos y modificando la carga acentual, si es necesario), la desaparición de uno de los dos elementos vocálicos o la reducción vocálica si ambos elementos tienen igual timbre: LEGĒRE > *ler*, CRĒDĒRE > *crer* (*creer* y *leer* se conservaron en español por el carácter semiculto y litúrgico de ambas), VĪDĒRE > *ver*, SEDĒRE > *ser*. En los anteriores ejemplos, el portugués moderno ofrece: BALĪSTA > *besta*, DOLU > *do*, PŌPŪLU > *povo*, CUNĪCŪLU > *coelho* [kwélu], MONASTERIU > *mosteiro*, LEGENDA > *lenda*, PALŪMBA > *pomba*. La formación del diptongo se ve favorecida por la presencia de las vocales extremadamente cerradas [i], [u], favorables a la conversión en semivocal: LĪGĀRE > *liar*, LŪNĀRE > *luar*, CUNĪCŪLU > *coelho*, MONĒTA > *moeda* [mwéðv], CREĀRE > *criar*, SŪDĀRE > *suar*<sup>15</sup>. El hiato *ae* formado en *A(b)elterium* se redujo conservando el timbre [a], cosa que no es de extrañar porque la vocal inicial es la vocal átona que se pronuncia con más intensidad. Las vocales iniciales son, entre las átonas, las más persistentes, porque se pronuncian más clara e intensamente. Portadora, según parece, del acento tónico en latín preliterario, en el latín clásico la vocal inicial era la receptora de un acento secundario que coadyuvaba además a la delimitación de la margen izquierda de la palabra. Por ello algunos lingüistas llaman a la vocal inicial vocal

<sup>15</sup> En otras ocasiones, los hiatos persistieron. En este caso, lo normal es que se genere un sonido antihático entre los dos elementos, cosa que ocurre frecuentemente en portugués: CĒNA > *cĕa* > *ceia*, DEVĪNĀRE > *devĭar* > *devinhar*, DĒNĀRIU > *dĕiro* > *dinheiro*, VĪNU > *vĭo* > *vinho*, VĪCĪNU > *vizĭo* > *vizinho*, TĒLA > *tea* > *teia*, CRĒDO > *creo* > *creio*, MEDIU > *meo* > *meio*, FCEDU > *feo* > *feio*, AVĒNA > *avĕa* > *aveia*, PLĒNU > *chĕo* > *cheio* (cf. italiano RUĪNA > *rovina*, VĪDŪA > *vedova*, MANTŪA > *Mantova*, JENŪA > *Genova*, \*MĪNŪĀRE > *menovare*).



*deuterotónica*. En A(b)elterium, el hecho de que [a] fuera la “frontera” izquierda de la palabra la reforzaba aún más, de modo que fue este sonido el que permaneció, del mismo modo que fue [o] y no [e] en MONASTĒRIU > *mōesteiro* > *mosteiro* la vocal que se conservó.

#### 4.4.2. Conservación de la consonante implosiva [ɬ]

Ya hemos tenido ocasión de mencionar el comportamiento de L implosiva en las hablas mozárabes, que no difiere del tratamiento que recibe en portugués o español: la vocalización de L implosiva no es generalizada (SALTU > *xaut*, ALT(Ĕ)RU > *awtri*, pero ALBU > *albo*). Este doble tratamiento se da pues en toda la península salvo en las hablas catalanas. La razón fundamental de la vocalización es la más que probable articulación velar de la L implosiva ya en latín [ɬ] (conservada en portugués), de pronunciación más oscura que [l] alveolar, y de articulación más retraída, pues el dorso de la lengua sube hacia la zona del velo del paladar. Esto puede generar una semivocal velar [u], formándose así un diptongo secundario. Este fenómeno se vive hoy día en el portugués brasileño: *Brasil* [brazíɬ] > [brazíu].

En iberorromance, esta vocalización solo afecta a la secuencia [a] + [ɬ], y no en todos los casos. El diptongo *au* resultante monoptonga en *o* en español, mientras que en portugués se queda en el grado intermedio *ou*: ALTĔRU > portugués *outro*, español *otro*, SALTU > portugués *souto*, español *soto*, CALCE > portugués *couce*, español *coz*. En la Edad Media esta tendencia no alcanzaba a todas las palabras (cf. AL(Ĭ)QUOD > portugués y español *algo*) o vacilaba: ALTU > portugués y español *alto* (antiguos *outo* y *oto*), pero en la toponimia española encontramos ECCLESIA ALTA > *Grijota*, MONTE ALTU > *Montoto*, lo que demuestra claramente el doble tratamiento incluso en una misma palabra. En el caso que nos ocupa, la L implosiva de *Abelterium* permaneció inalterada.

#### 4.4.3. Creación del diptongo [ei], y posterior monoptongación

Ya decíamos antes que la vocal tónica de *Abelterium* va seguida de una sílaba que contiene una semivocal yod. Además, sabemos que esta semivocal tiene tendencia a pasar a la sílaba tónica por metátesis, como ocurre de ordinario en la secuencia vocal tónica + R + yod + vocal (cf. -ARIU > [-árju] > [-áiru]). En *Abelterium* se produjo también la metátesis (cf. MŌNASTĒRĪU > portugués *mosteiro*). Por lo tanto, la pronunciación de la ciudad en latín vulgar debió de ser \*[aβeltérju] > \*[aβeltéiru]. Si sumamos a esto la caída de [β] intervocálica y la reducción del hiato entonces tenemos \*[aeltéiru] > \*[altéiru], que es la pronunciación más probable en bajo latín (durante la fase final del Imperio romano -siglo V- y durante la etapa visigótica -siglos V a VIII-). A partir de la invasión musulmana de la península (711), la población cristiana (mozárabes) seguiría pronunciando \*[altéiru].

Por lo que sabemos, las hablas mozárabes son especialmente conservadoras en lo que concierne a los diptongos, primarios o secundarios, como debió de ocurrir en nuestro caso. Estos diptongos tienden a preservar su forma originaria. Pero no es menos cierto que las hablas mozárabes también conocieron un grado avanzado [ai] > [ei]: SEMITARIU > *šemtayr* > *šemteyr* (cf. portugués *sendeiro*, español *sendero*). Además sabemos que en algunos documentos incluso aparece el monoptongo: TERTIARIU > *terçero* (en un documento toledano; cf. portugués *terceiro*, español *tercero*). Es más, debió de haber reducción del mismo diptongo [ei] > [e] en un topónimo de estirpe mozárabe tan clara como MŌNASTĒRĪU > Almonaster (Huelva). Empero, lo más común es que los diptongos se conserven. Las razones por las que *Alter* no conserva su diptongo pueden ser varias. En primer lugar es posible que la población mozárabe transmitiera ya un grado muy avanzado de reducción del diptongo que equivaldría al monoptongo [e], como en el caso de Almonaster. Otra posibilidad es que los

mozárabes sí transmitieran a través de su dialecto el diptongo [ei], análogo por completo al de las hablas portuguesas, por lo que en principio no hay razón para pensar que los hablantes de portugués se deshicieran de él. Pero es muy probable que estos hablantes encontraran ese diptongo en una secuencia fónica completamente inaudita. No debemos olvidar que el topónimo perdió su vocal final -o, con lo que en principio los mozárabes podrían haber transmitido el nombre de \**Alteir*. Si esto fue así, la secuencia fónica -*eir* debió de resultar extraña a los cristianos provenientes del norte, ya que no existía en su lengua. Por lo tanto, cabe la posibilidad de que rápidamente la redujeran a -*er*, terminación esta sí muy usual en las hablas portuguesas (cf. -*er*, infinitivo de todos los verbos de la 2ª conjugación). Recordemos aquí además que las hablas populares del centro y sur de Portugal han tendido tradicionalmente a la monoptongación de los diptongos *ei* y *ou*.

#### 4.4.4. Pérdida de la vocal final [o]

Sabemos que es normal la pérdida de la vocal final -o en las hablas mozárabes (para ejemplos, vid. supra). Por lo tanto no es de extrañar que nuestro topónimo *Abelterium* se deshiciera de la vocal final [-u] > [-o] a lo largo de su larga historia. No hay duda de que en el tiempo de la reconquista el topónimo ya era *Alter*.

### 5. Conclusión

En este artículo hemos intentado demostrar que el topónimo *Alter* procede del latino ABELTERIUM (de probable origen celta) y que fue adoptado por el habla de los pobladores portugueses en tiempos de la reconquista por el conducto de las hablas mozárabes. Desechada la idea de que la palabra sea vernácula en las hablas galaico-portuguesas (pues ABELTERIUM habría desembocado en \**Avelteiro*, \**Alteiro* o bien \**Outeiro*) y rechazada la idea que defiende que el término pudiera derivar de una expresión que contuviera un genitivo (del tipo \**VILLA ABELTERII*), la vía mozárabe es la única que nos

permite justificar, a la luz de los datos de que disponemos hoy día, la realidad del topónimo actual.

### Bibliografía:

ALVAR, Manuel *et alii* (1996) – *Manual de dialectología hispánica. El Español de España*. Barcelona, Ariel.

ANTÓNIO, Jorge y ENCARNAÇÃO, José d' (2009) – “Grafito identifica *Alter do Chão* como *Abelterium*”. In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, Vol. 12, Nº 1, pp. 197-200.

AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de (2005) – *Toponímia moçárabe no antigo Condado Conimbricense*. [dissertação de doutoramento]. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de (2015) – *Moçarabismo e Toponímia em Portugal*. Academia das Ciências de Lisboa.

CANO, Rafael (1998) – *El español a través de los tiempos*. Madrid, Arco.

CANO, Rafael (Coord.) (2013) – *Historia de la lengua española*. Ariel letras. Barcelona.

COROMINAS, Joan y PASCUAL, José Antonio (1954-1957) – *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid, Gredos.

LAPESA, Rafael (1980) – *Historia de la lengua española*. Undécima edición. Madrid, Gredos.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1940) – *El sufijo -en. Su difusión en la onomástica hispánica*. Emérita VIII, pp. 1-36.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1972) – *Orígenes del español*. Madrid, Espasa-Calpe.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1911) – *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Universidad de Heidelberg, p. 25.

NASCENTES, Antenor (1955) – *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Río de Janeiro.

PORTO EDITORA (2003-2018) – “Alter”. In: *Dicionário infopédia de Toponímia*. [em linha]. Porto. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Alter>. [accedido em 24.02.2018, 17.09h].

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (2001) – *Diccionario de la Lengua Española (DRAE)*. Edición vigésima segunda, Madrid, Espasa-Calpe.

VALLVÉ BERMEJO, Joaquín (1996) – “Toponimia de España y Portugal”. In: *Boletín de la Real Academia Española de la Historia*. Nº CXCIII, pp. 199-235.





# ESTADO NOVO E OLIVENÇA

**Carlos Eduardo da Cruz Luna**

(historiador, carlosluna@iol.pt)

## RESUMO:

A reivindicação do Estado Português sobre Olivença, mantida desde 1815-1817, foi influenciada pela vigência de duas ditaduras nacionalistas, em Portugal (1926/33-1974), e Espanha (1936/39-1975). Seria de esperar, por parte da ditadura portuguesa, uma reivindicação mais acentuada do que antes, mas a ditadura espanhola, ainda que aliada do regime português, promoveu uma mais intensa descaracterização colonialista do território, sem que Salazar, o ditador português, fizesse algo de assinalável para o contrariar. Pelo contrário, reprimindo quem em Portugal defendia a devolução do território a Portugal, facilitou a tarefa a Franco. Estranha ironia num regime que se definia, antes de tudo, como patriótico.

## PALAVRAS-CHAVE:

Olivença, colonialismo, Franco-Salazar, repressão, descaracterização, falsificação.

## 1. Olivença, uma prioridade para o Estado Novo?

Pareceria que o Salazarismo, pelo seu apregoado pendor nacionalista, se iria debruçar sobre a Questão de Olivença de forma decidida. Muitos dos apoiantes do novo regime eram, aliás, conhecidos por se terem aqui e ali, debruçado sobre o problema.

Na verdade, o governo nada fez, desde 1928, quando Salazar se tornou a figura dominante, no sentido de levar a cabo qualquer ação que prenunciasse a abordagem da questão. Em relação a Espanha, há um quase total silêncio. Alguns partidários do Estado Novo eram, aliás, simpatizantes da Ditadura de Primo de Rivera.

## ABSTRACT:

The Portuguese State claim over Olivença, kept since 1815-1817, was influenced by the of two new coming nationalistic dictatorships, in Portugal (1926/33-1974), and Spain (1936/39-1975). It would be expectable, on the part of the Portuguese dictatorship, an accented claim of the region, but the Spanish dictatorship, despite allied of the Portuguese regimen, promoted one more intense colonialist acculturation of the territory. And Salazar, the Portuguese dictator, did nothing remarkable to oppose it. He even did worth, restraining those in Portugal that defended the devolution of the territory to Portugal, taking easier the Franco's task. Strange irony for a regimen which defined itself as a mostly patriotic one.

## KEY WORDS:

Olivença, colonialism, Franco-Salazar, repression, de-characterization, falsification.

Em 1931, e após uma votação maioritária em partidos declaradamente republicanos (11 de abril), cai a monarquia em Espanha, com a proclamação da República em 14 de abril. Em geral, tal mudança foi vista como ameaçadora para os princípios conservadores do já perspectivado "Estado Novo", e várias notas dão conta de alguma hostilidade.

Registe-se uma curiosa notícia de 8 de janeiro de 1933 ("Notícias Ilustrado", série II, n.º 239, ano V), citado na "História de Portugal" de Joaquim Veríssimo Serrão, vol. XIII (1997), pág. 246, segundo a qual se iria realizar um Primeiro Congresso Alentejano na vila de Olivença, em abril seguinte. Não surgem referências posteriores a este anúncio, pelo que tudo não terá passado

duma frustrada intenção, se não mesmo de uma provocação cirúrgica ao regime republicano espanhol.

A relação entre Portugal e Espanha foi tensa entre 1931 e 1936. Salazar acusava a República espanhola de dar guarida aos opositores do Estado Novo, e um clima de desconfiança foi-se instalando. Em 1936, a vitória da Frente Popular lançou o terror em Lisboa.

## 2. A Guerra Civil de Espanha e a questão de Olivença (promessas frustradas)

Não é totalmente possível aclarar o que se passou depois. A revolta golpista de direita de 17 de julho de 1936 mereceu o apoio de Salazar desde o início. O General Sanjurjo, chefe escolhido para a mesma, estava refugiado em Portugal. O seu avião, ao levantar voo, despenhou-se, matando-o, e Francisco Franco passou a ser visto como o seu sucessor.

E, de alguma forma, o governo salazarista e Franco chegaram a um acordo sobre Olivença. Logo em pouco tempo. É Carlos Consiglieri, no seu trabalho de 2012 sobre a colonização de Olivença, que nos esclarece (e passo a citar): «Segundo o Prof. Dr. Freitas do Amaral, nos informa no seu livro "Memórias", o Dr. Lumbralles ter-lhe-ia confidenciado que Salazar teria proposto que o apoio do governo português seria em troca da devolução de Olivença ao que Franco assumira. Porém, três dias antes da data acordada as tropas franquistas irrompem em Olivença (17 de Agosto), espezinhando o acordo feito.

Talvez por se conhecer em Olivença este acordo a bandeira portuguesa já estava içada e a população preparava-se para receber as tropas portuguesas que, entretanto, tinham estado em manobras em terras de Elvas. As tropas franquistas, dirigidas por Carlos Blanco, entraram em Olivença e reprimiram severamente. Apoiando-se nas denúncias de patrões agrários, alguns dos quais se encontravam presos "por precaução", são feitas muitas detenções. Por outro lado, as novas "autoridades" apelam à

colaboração de determinados proprietários e comerciantes. Exige-se que os "furtivos entregassem as armas".»

A citação resume o que se passou. Note-se que, posteriormente, poderá ter havido ordens para poupar os refugiados oliventinos que alcançassem Portugal. Em vez de serem entregues a Franco, como espanhóis (e muitos destes foram fuzilados em Badajoz, incluindo mulheres e crianças), os oliventinos podiam, se pronunciassem corretamente palavras portuguesas como "cinza" e "janela", ficar a salvo. Muitos se salvaram, mas alguns poucos houve que, denunciados como comunistas, não tiveram essa sorte.

O grave em tudo isto é que o Estado Novo estava a violar o Direito Internacional, apoiando os rebeldes. Pior ainda, continuou a apoiá-los, quando estes faltaram ao prometido. E deixou que a repressão se abatesse sobre aqueles que, no discurso oficial, eram gente portuguesa!

No contexto da Guerra Civil, há a registar ainda um outro episódio de recusa do regime de Salazar em acudir a Olivença. A 22 de Março de 1938, o comandante de Caçadores 8, de Elvas, convidou particularmente oficiais e sargentos para lutarem ao lado de Franco. Foi então que um homem, o Tenente Pereira Botelho lavrou a seguinte resposta: "Tendo sido dirigido o convite pelo Ministério da Guerra aos oficiais desta unidade (Caçadores 8), com vantagens materiais consideráveis aos oferecidos para tomarem parte na Guerra Civil Espanhola, e sendo OLIVENÇA e seu Termo pertença de Portugal indevidamente em poder da Espanha, oferece-se o declarante para tomar parte em qualquer acção para a posse de facto do território oliventino, sem mais regalias do que aquelas que actualmente usufrui./ Quartel em Elvas, 23 de Março de 1938."

Em anexo, seguia um minucioso plano de operações, e tal propósito (o de avançar para Olivença) tinha o apoio de numerosos praças e oficiais. O Comandante da Unidade recusou o pedido, ao que parece por ordem de Salazar. O Tenente Pereira Botelho teve então alguns problemas. E grande parte do regimento,



incluindo o Tenente, estavam nos Açores em poucos dias.

As posições do Estado Novo em relação à reivindicação portuguesa sobre Olivença encontram-se sintetizadas num documento revelado no livro de Cândido de Azevedo (*A Censura de Salazar e Marcelo Caetano*, Caminho, Lisboa, 1999), nas páginas 418-419. Citando: «(...) A este cuidado extremo que a Censura então dedicava às relações de Portugal com a Espanha não escapava naturalmente a Questão de Olivença, como se infere da circular de 6 de Maio de 1939: "Ainda acerca das nossas relações com a Espanha, recomendo que seja suspensa para despacho desta Direcção toda a matéria relativa à actividade da comissão Pró-Olivença". Esta recomendação não abrange os artigos correctos em que o assunto relativo a Olivença seja estudado sob o ponto de vista histórico, SEM CARÁCTER DE REIVINDICAÇÃO, cuja justiça e oportunidade apenas o Governo sabe e pode apreciar, visto só ele dispor dos elementos indispensáveis ao esclarecimento de questão de tanta delicadeza no momento presente: Esta recomendação substitui as anteriores" - escreve o director da Censura, a concluir esta circular.»

Portanto, a reacção de Lisboa aos atropelos ao combinado em 1936 foi de... nada fazer... e esperar. A menção à Comissão Pró-Olivença requer que se abra um parêntesis. E, neste campo, convém dar a palavra a dois autores: Vítor Luís Eleutério, num texto publicado na revista do Correio da Manhã em 19 de novembro de 1995 ("Amigos de Olivença (Tão Amigos como Dantes)"), e António Manuel Bandeira de Oliveira, "História do Grupo dos Amigos de Olivença (II), de 9 de junho de 2001," publicado em várias revistas, para além das publicações do Grupo dos Amigos de Olivença. Os dois autores serve-se de ampla bibliografia, referida no final dos trabalhos, e os mesmos são extremamente cuidadosos...

### **3. A sociedade "Pró-Olivença" e o oliventino Ventura Ledesma Abrantes**

O que nos diz Vítor Luís Eleutério? «Em plena Guerra Civil de Espanha, corria o ano de 1937, o memorial dos Restauradores foi pela primeira vez, nesse 1.º de Dezembro, alvo de particular tipo de decoração feita em cartazes cujas legendas saudavam Olivença como território português administrado por Espanha.

Em torno deste acontecimento cresceu um movimento de opinião com o fim de contrariar a ideia de que Olivença não era portuguesa. No Porto, o Prof. Eleutério Cerdeira, Manuel Rodrigues da Conceição, Comandante Cameira e Veríssimo Alves Moreira encabeçavam a campanha, enquanto em Lisboa o oliventino Ventura Ledesma Abrantes agitava outro grupo de irreverentes.

A tradicional oposição de um dístico "Saudemos Olivença" no monumento dos Restauradores na data que os consagra, passou a ser legal no dia em que Ventura Abrantes e o então tenente-aviador Humberto Delgado solicitaram autorização oficial para o fazer. As personalidades que os secundavam nesse acto eram, invariavelmente, Francisco Velez Conchinha, Jacinto Fernandes Palma e o engenheiro João Roma. (...) Tão afinçado amor por uma nesga de terra levou a que, já durante o Salazarismo, em 15 de Agosto de 1938 (?), se fundasse a Sociedade Pró-Olivença, projecto reivindicativo a que se juntaram Octávio Rodrigues de Campos, Flório José de Oliveira, Virgílio Baião, Rodolfo Santa Roxo, Atalaião Rui de Andrade, capitão Passos e Sousa, Amadeu Rodrigues Pires, Francisco de Sousa Lamy, Odorico Simões e Saul Horácio Ventura, sendo impossível referir todos os que então se sentiram atraídos pela questão que envolve umas centenas de quilómetros quadrados e que, corre tese, não se troca por nada. (sede na Rua Victor Cordon, n.º 31-2.º).»

Vejam os que sobre este assunto nos diz António Manuel Bandeira de Oliveira: «A Sociedade Pró-Olivença extinguiu-se, mas a acção mobilizadora de Ventura Ledesma Abrantes levou à criação, em 21 de Novembro de 1945, do

Grupo dos Amigos de Olivença. O oliventino conseguiu que nele ingressassem nomes como Queiroz Veloso, Hernâni Cidade, Mário Neves, Sidónio Muralha, Luís de Almeida Braga, José Pontes, Luís Lupi, Humberto Delgado, Tomé Feteira, Cupertino de Miranda, Hipólito Raposo, Paulo Caratão Soromenho, Jaime Cortesão, Raul Machado, Ferreira Martins, Raul Lello Portela, Gustavo de Matos Sequeira, Domingos de Sousa e Holstein (Duque de Palmela), Sarmiento Rodrigues, Mendes Cabeçadas, ou ainda, curiosa e exoticamente, o Batalhão de Metralhadoras n.º 3, do então Capitão Sousa e Castro (!!!). Gente ilustre dos mais diversos quadrantes políticos, como se vê, convicta de que Olivença era, e é, para muitos, uma causa nacional ainda não sublimada. E é também, pode-se afirmá-lo, uma empresa de monta quer pela passividade e quase inércia do Estado Português, quer pela tradicional inflexibilidade espanhola, muito raramente posta de parte. (...) «Há que falar um pouco mais do homem citado em primeiro lugar, Ventura Ledesma Abrantes (Olivença, 1883- Estoril, 1956). Exilado em Lisboa devido à perseguição de que foi alvo na sua Olivença natal, desde o início do século XX que retomou com entusiasmo a questão oliventina, quase ignorada pelo poder político, galvanizando a opinião pública, atraindo à causa figuras de escol, nomeadamente, de sectores militares e universitários, mais tradicionalistas, mas também sectores "avançados" do Republicanismo. Ao seu dinamismo, e notável patriotismo, de que deu sobejas provas, juntava-se uma pena brilhante e uma oratória emotiva e arrebatadora, logrando, pelo prestígio entretanto alcançado, contagiar a comunicação social da época. [note-se que o seu nome é ainda um tanto mal visto em Olivença; é voz corrente que "foi um homem que praticou um crime". Crime que ninguém sabe qual foi...]»

#### **4. Ainda Ventura Ledesma Abrantes e o Grupo dos Amigos de Olivença**

Ventura Ledesma Abrantes viria a escrever um notável livro sobre Olivença. Decerto percebeu

que o franquismo iria tentar destruir o que de tradicional e lusitano havia na sua terra de origem. Já com poucos recursos, pois perdera quase tudo para ajudar oliventinos refugiados da Guerra de Espanha, aceitou escrever, para a Fundação da Casa de Bragança, um livro intitulado "O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença" (1954). O título, talvez não por acaso, é enganador. De facto, após pouco mais de cem páginas com a descrição de herdades, surgem mais de quatrocentas de etnografia oliventina, levada a extremos. O Autor fez questão de registar lendas populares, figuras populares, anexins, lugares, ditos... e sabe-se lá que mais. É por esse livro que nos é possível reconstituir, quase nos mínimos detalhes, Olivença e as suas gentes nas décadas de 1920 e 1930.

Retomemos o fio cronológico, de que nos afastámos um pouco. E a 1936 e aos anos posteriores, em Olivença.

A repressão que se abateu sobre Olivença foi, como é de calcular, bastante feroz, e, por enquanto, inquantificável. Só em 2017 se exumaram 155 corpos numa fossa comum junto do cemitério. E se, neste ponto, Olivença não teve sorte muito diversa de tantas outras localidades, e se, humanamente, todas as vítimas numa barbárie devem ser respeitadas e lamentadas, ficará por saber quantas, como murmuravam em voz baixa vários idosos na década de 1990, terão sido vítimas das suas simpatias por Portugal. Para as vítimas, não faz diferença. Para a História, concreta, de Olivença, seria algo a assinalar!

Voltemos a Carlos Consiglieri e ao seu trabalho de 2012 sobre a descaracterização de Olivença. «O espelho de miséria do povo de Olivença é dado pelo livro de "La Farrape" onde a pobreza, prostituição e marginalidade reveladas são enormes. A situação é tal que as autoridades espanholas, acabarão por aceitar, ou, melhor, fechar os olhos à oferta da vinda de grupos de crianças oliventinas para "colónias de férias" em Portugal, algumas delas através do Grupo os Amigos de Olivença. O Boletim do Grupo

reproduz fotografias de dezenas de crianças, na antiga Colónia de Férias de "O Século".» Até que, em 1956, o Estado Espanhol proibiu tais vindas, promoveu inquéritos e perseguições para saber até que ponto tinham sido "aportuguesados" os oliventinos (e oliventinas), e, como curiosa compensação, passou a enviar, \*mais ou menos às suas custas, as crianças em questão para colónias de férias... espanholas, naturalmente!

Causa alguma indignação verificar como o Estado Novo procedia como Pilatos. Nada via, de nada sabia, não respondia a queixas. Apenas na Comissão de Limites do Ministério dos Negócios Estrangeiros se negava a reconhecer a região de Olivença como legalmente espanhola, indiferente aos esforços de quem tentava fazer algo para ir mais além, como indiferente ficava às notícias de repressão e sofrimento!

Temos, aqui, de voltar a falar de Ventura Ledesma Abrantes, pois a sua história espelha toda esta hipocrisia. Começando por destacar que Ventura Ledesma Abrantes fez parte do CONSELHO REGIONAL da CASA DO ALENTEJO durante muitos anos consecutivos. Na década de 1930, foi mesmo nomeado representante de Portugal nas Exposições Livreiras de Sevilha, Barcelona, e Florença. Mas... uma grande luta que travou foi a de conseguir a Nacionalidade Portuguesa de forma natural, e nunca como "espanhol naturalizado". Após uma polémica legal com o Poder do Estado Novo que, confrontado com pareceres jurídicos favoráveis à pretensão de Ventura Ledesma Abrantes, procurava sempre eximir-se ao cumprimento da Lei e à concessão da referida nacionalidade, um aliado surpreendente resolveu a questão: Cavaleiro Ferreira, Ministro da Justiça entre 1944 e 1954. Foi promulgada legislação, mais ou menos ainda em vigor, que dava aos oliventinos o direito de cidadania portuguesa, com a averbação no Bilhete de Identidade da expressão "nascido em Olivença, Portugal. Tal preceito era, mesmo assim, um tanto dúbio, pois empurrava a decisão final para o ministro da Justiça. Vale a pena citar a Lei (Artigo 117, L. 37 666, 19 de Dezembro de

1949): "Fora dos casos de naturalização, é da competência do Ministro da Justiça decidir as questões relativas à legalidade da aquisição, perda, ou reacquirição da nacionalidade portuguesa ou esclarecer as dúvidas que a esse respeito se suscitarem; # único. Das decisões do Ministro cabe recurso para o Supremo Tribunal Administrativo, nos termos da lei geral." (Diz-se que Salazar, mesmo assim, ainda hesitou em colocar a sua assinatura. Estranha forma de ser nacionalista, na verdade...)

### 5. A Espanha franquista e Olivença

Entretanto, a Espanha franquista ia continuando a sua política. Deve-se a Ana Vicente, no seu livro "Portugal Visto pela Espanha", mais uma revelação significativa. O diplomata Franquista José Ibañez-Martín escreveu, em 16 de Setembro de 1959, no final de uma informação para Madrid: (...) "a nossa preocupação no interior da Espanha deve ser, como é de facto, cuidar ao máximo da Cidade de Olivença para que ninguém possa objectar no sentido de que, se fosse portuguesa, estaria melhor cuidada, e, no que respeita ao interior de Portugal, esperar que o tempo vá, a pouco e pouco, varrendo o que realmente não é outra coisa senão um problema artificial." Ignorância... ou confiança na inação portuguesa?

Um outro elemento de espanholização se verificaria nesta década de 1950. Buscando a autarcia, a Espanha franquista levou a cabo um plano de regadio, que chegou a Olivença, e que consistiu na construção de duas aldeias "de colonização" nas terras da antiga freguesia rural de Ramapalhas: São Francisco e São Rafael (do nome de duas altas figuras do regime)... ambas "de Olivença". Independentemente do valor desta reorganização agrária, e sem juízos políticos, os novos moradores, alguns de origem bastante humilde, com acesso a terras, e quase todos da região, tinham de se mostrar afetos ao Franquismo. Aumentavam-se assim os apoios à espanholização de Olivença. Curioso é ver que não foi autorizado acrescentar estas duas novas



aldeias nos mapas da região de Olivença existentes no Ministério (português) dos Negócios Estrangeiros, embora, pelo que se sabe, não tenha havido protestos contra o que se estava a fazer, e que constituía uma clara violação do Direito português (e internacional, na interpretação de Lisboa).

#### 6. Um parêntesis: o General Humberto Delgado e Olivença

A campanha do General Humberto Delgado, como opositor ao regime, em 1958, e o seu assassinato, em 1965, vão ter de ser brevemente referidas aqui, pois ligam-se à problemática oliventina. Na verdade, Humberto Delgado apoiou os movimentos a favor da portugalidade de Olivença desde o início (décadas de 1920 e 1930), e visitou a localidade mais de uma vez, ainda que evitando dar nas vistas. Na sua campanha de 1958, referiu Olivença, e, numa entrevista dada ao "O Mundo Português", em 28 de setembro, logo após a derrota eleitoral, referiu-se uma vez mais à "Questão de Olivença" («O MUNDO PORTUGUÊS - Considera o caso de Olivença um caso local em relação à ordem geral, ou um caso geral em relação ao caso universal?/ General Humberto Delgado - É uma pergunta um pouco embaraçosa... Mas, como sabe, passo rápido sobre os embaraços... Claro que, semelhantes ao caso de Olivença, haverá outras, embora menos típicas. Visto assim, entraria pois na categoria do caso geral. Contudo, apresenta um saber especificamente local, pois que oferece diminuta importância territorial, comparada ao «espinho sentimental...». Esta característica sentimental resume clara da sua posição geográfica além do Guadiana, rio que poderia tomar-se como fronteira natural. De fato, porém, Portugal é muito mais uma unidade política do que geográfica, por mais que cientistas ou sonhadores nos queiram convencer da existência de uma evidente zona geo-morfológica no jardim ocidental da Europa...»)

Aliás, Humberto Delgado fazia parte da Direção do Grupo dos Amigos de Olivença. A sua

morte (1965) foi envolvida em algum mistério desde o início, e ainda hoje circulam erros sobre o assunto, em parte nascidos à época. Na verdade, ele não foi "martirizado" em Villanueva del Fresno, mas sim em "Los Almerines", quatro quilómetros em linha reta a norte de Olivença, embora na margem norte da Ribeira de Olivença, e, portanto, em terras do município de Badajoz. O seu cadáver, bem como o da sua secretária, foram levados, escondidos, de carro, cruzando Olivença, até à herdade de "Malos Pasos", entre Villanueva e a fronteira portuguesa de Mourão, onde foram abandonados e ocultados. Sabe-se que Humberto Delgado, um lutador heroico e algo romântico pela democracia em Portugal desde a sua "derrota" de 1958, foi atraído a uma armadilha, naquele ano de 1965, ao local onde faleceu em grande parte graças ao uso do nome Olivença. O General simpatizava com a causa da luta contra a espanholização de Olivença, e, ao ser-lhe dito que a reunião de opositores a Salazar (na verdade, agentes da P.I.D.E. sob disfarce) teria lugar em Olivença, a sua credulidade aumentou, o que acabou por lhe custar a vida.

À ampla desinformação que tristemente ainda reina sobre este assunto atribuo a repetição constante do erro do local da sua morte. Aliás, ficou provado, logo na época, que o lugar do assassinato fora em "Los Almerines". Um dos homens que assistiu às investigações ainda é vivo, e mora em Olivença. Todavia, este era um tema muito polémico tanto para Salazar como para Franco, e tornou-se comum falar na morte em Villanueva. Olivença era um espinho cravado entre os dois nacionalismos extremados da Península Ibérica. A morte de Delgado, em Olivença, vinha claramente criar problemas a Salazar, no que toca, não só à sua relação com Franco, como, a nível nacional, por aumentar a popularidade da reivindicação e a força do semiclandestino Grupo dos Amigos de Olivença. (recorde-se que, depois do 25 de Abril, houve um julgamento, e ficaram conhecidos quase todos os detalhes e os culpados. Haverá alguns interesses menos claros que os escondam, e que façam

continuar a circular a informação, nomeadamente em muitos "sites" na "Internet", de que Delgado foi assassinado em Villanueva del Fresno, mesmo após o filme recente mostrar a verdade? O ridículo vai ao ponto de se dizer corretamente que foi morto em "Los Almerines", mas acrescentar-se que fica nos arredores de Villanueva. O dislate geográfico é evidente, pois a distância entre ambos é de mais de quarenta quilómetros!)

### 7. Amigos de Olivença e regime, uma relação conflituosa

A história da relação do Estado Novo com Olivença prende-se, e muito, com a História dos Amigos de Olivença. Voltamos a dar a palavra a Vítor Luís Eleutério: «Foi em 21 de Novembro de 1945, pelas 14 horas, que tomaram posse os elementos que constituíram a Comissão Directiva do recém-criado "Grupo dos Amigos de Olivença".

Tomada como sede provisória a Casa do Alentejo, elaboraram-se os estatutos e procedeu-se à legalização da instituição.

Era então governador civil de Lisboa o capitão de Mar e Guerra Nuno de Brion. A 19 de Outubro de 1946 foi-lhe feita a entrega do requerimento e dos estatutos. A Direcção Administrativa Política e Civil do Ministério do Interior apreciou-os. Subiram à Secretaria da Presidência do Concelho (Conselho?) e entraram em ciclo-vicioso do qual jamais saíria a desejada legalização.

Salazar nunca permitiu a aprovação dos estatutos embora, com uma certa "frieza cavalheiresca", tolerasse a actividade da associação mas com algumas reservas. Santos Costa foi pior. Enquanto Ministro da Defesa, militar que ele soubesse pertencer aos "Amigos de Olivença" era por ele passado compulsivamente à reserva.

A linguagem anticolonialista dos elementos do grupo, alertando para o facto de haver uma colónia na Europa, administrada pela Espanha, assustou Salazar. Aceitar as razões do Grupo significava um risco que não queria correr uma vez que punha em perigo a sua política colonial.

A denúncia de uma situação de colonização com repressão cultural e linguística à mistura era factor de incomodidade para o Estado Novo. Pois essa denúncia foi sempre feita pelos "Amigos de Olivença".

O presidente do Conselho criou um ambiente de isolamento em torno do grupo que continuou a desenvolver uma intensa actividade para a formação de uma consciência nacional sobre a questão oliventina, embora reconhecendo que as perspectivas políticas para a resolução do conflito eram pouco animadoras. (...)»

É António Manuel Bandeira de Oliveira, no seu já citado trabalho, que nos dá mais informações sobre as actividades do grupo: «Uma das mais originais iniciativas deste diferendo foi promovida pelo Núcleo do Porto do Grupo dos Amigos de Olivença, em 27 de Julho de 1954: o "Dia de Olivença", na Rua do mesmo nome no Porto, onde se concentraram as bandeiras das colectividades de Cultura, Recreio, e Desporto da Cidade do Porto e dos Concelhos vizinhos de Vila Nova de Gaia, Maia, Gondomar, etc., as quais alinharam por toda a artéria. Organizou-se um cortejo, e ouviram-se grandes aplausos dos moradores e do público. Não foram proferidos discursos, já que Salazar não era particular simpatizante desta Causa.»

Note-se que foi comum, nessa época, procurar que vários municípios aceitassem passar a incluir uma "Rua de Olivença" na sua toponímia, o que sucedeu de norte a sul do País.

Mas... e em Olivença? Como decorriam as coisas?

### 8. Denúncias de repressão e indiferença

A espanholização e a repressão prosseguiram. E há mesmo relatos de repressão. Um deles constitui um comunicado do Grupo dos Amigos de Olivença, de 1960, que apelava a que o Governo Português tomasse medidas de protecção aos oliventinos: «Senhor Ministro do Interior/Excelência/ O "Grupo dos Amigos de Olivença" pede licença para roubar a Vossa Excelência um pouco do seu precioso tempo, para

pôr no vosso conhecimento factos e atitudes que julgamos antipatrióticos, devendo evitar-se a repetição de uns e procurar remediar-se outros./(...)Excelência:/ *Vinham há anos a Lisboa, trazidos pelo nosso "grupo", contingentes de crianças oliventinas a estagiar na "colónia balnear infantil de "O Século"" e essas crianças, acarinhadas por nós, que lhes proporcionávamos passeios, visitas, recepções e lanches na Casa do Alentejo, falando correctamente o português, empunhando bandeirinhas nacionais e dando vivas a Portugal, ao regressarem a Olivença eram outros tantos arautos a apregoarem, ali, com a alma transbordante de lusismo, as belezas e as riquezas da nossa terra e a afabilidade, a ternura, a amizade, mais que amizade, o amor dos seus irmãos portugueses./Ao aperceberem-se os espanhóis da influência lusófila que esses estágios exerciam na população portuguesa de Olivença, proibiram, em absoluto, a vinda, a Lisboa, de novos grupos de crianças w a sua reacção violenta, mesmo feroz, como ladrão que receia ficar sem o produto do roubo, vai ao ponto de proibir agora, até, que os oliventinos falem português; que excursões portuguesas visitem Olivença; algemam e desterram os oliventinos que manifestem sentimentos lusíadas, estabelecendo o terror entre a população; deixam arruinar, propositadamente, as nossas relíquias monumentais; picam as armas portuguesas, dos escudos dos monumentos; arrancaram o nome à antiga praça de Portugal e, não lhes bastando tudo isto, ainda se está fazendo nas escolas de Olivença uma campanha de descrédito contra Portugal, que apresentam às crianças como um país insignificante, pobre, sem importância mundial, província desgarrada da Espanha, ao mesmo tempo que apresentam esta como uma nação grande, próspera, feliz, de enorme projecção mundial que em nada se compara com Portugal.»*

O comunicado dava mostras de indignação: «Com bastante mágoa temos visto as nossas autoridades raianas do Alentejo, província a que Olivença pertence, visitarem frequentemente Badajoz e, em atitude que parece reear um amuo dos espanhóis usurpadores, nem uma só vez se deslocarem a Olivença, a levar àqueles nossos irmãos, forasteiros na própria terra natal, um

pouco de alento, conforto moral, alimentando o se sentir lusíada, ao mesmo tempo que, mostrando aos espanhóis, em resposta à sua raiventa reacção contra nós, que Olivença não está esquecida e continuamos a pensar no seu regresso à Pátria-Mãe.»

### 9. Censura e atitudes incongruentes

A resposta do Estado Novo foi... o silêncio. Ou talvez não! Veja-se, nos arquivos da Censura, este artigo, que não saiu, porque foi cortado pela Comissão de Censura (uma grande cruz azul, e um carimbo: *Serviços de Censura / Comissão de Lisboa//14//Visado; e outro carimbo: Serviços de Censura / Séde / cortado*) 22-11 (Novembro)-1961 / *Jornal República / Rubrica Miradoiro* / Olivença / «Olivença é, para todos os portugueses, uma perene lembrança, uma vivíssima saudade. Vizinha de Elvas, da qual dista apenas uns vinte quilómetros, está, de facto, ainda mais perto, muito mais perto, do nosso coração - pois anda, inclusivamente, dentro dele.../Mas, como amor com amor se paga, os oliventinos jamais esqueceram, não esquecem também Portugal. Continuam a exprimir-se no idioma do Mestre de Avis e de Camões, trajam como os alentejanos, não obliteraram velhas usanças, festejam os santos populares com fogueiras e balões, celebram as «maias», e, se a bolsa consente, não falta sequer nas bodas um pratinho de arroz doce ilustrado a canela.../Contra a determinação do Povo, heróico e eterno, só aparentemente vingam os decretos, resultam as leis, valem os tratados injustos. Podem transcorrer mil anos, e a «ausência» dos oliventinos dura há 180, que um afecto de raiz não se extingue, não morre. O tempo só afervera, de resto, os sentimentos, requintando-lhes a pureza./Num destes dias, um amigo, recém-chegado de Espanha, contou-me um episódio tão singelo como expressivo ocorrido em Badajoz. No hotel, para agradecer a uma jovem empregada qualquer pequeno serviço, entendeu preterir o portuguesíssimo "Obrigado" em favor do castelhano "Gracias". Mas, com surpresa mesclada de emoção, logo ouviu retorquir:- Não tem de



quê.- É portuguesa?!/- Sou de Olivença.../Não faltaremos à verdade se dissermos que duas lágrimas assomaram aos olhos do nosso amigo, que nem por viajado e culto deixara de receber uma inesquecível, uma singular lição daquela oliventina humilde, duma grácil flor do Povo, que, bem no íntimo, e à semelhança dos seus conterrâneos, porfia em ser portuguesa, não quer ser uma «exilada»./Que o exílio é triste, como duras são as algemas!.../JOÃO SARABANDO»

Mais uma vez há que tomar nota: o regime Salazar não beneficiou as reivindicações portuguesas sobre Olivença! E, todavia, nunca o Estado português abdicou da posse do território. Em 24 de janeiro de 1967, em Diário do Governo, a Ponte da Ajuda, manuelina (c.1520) sobre o Guadiana, entre Elvas e Olivença, por decreto, foi considerada Monumento (português) de Interesse Nacional. Nessa lógica, o Dicionário Jurídico da Administração Pública continuava a afirmar as reivindicações portuguesas. («o terceiro, constituído pela parte da fronteira que vai da confluência do Caia com o Guadiana até ao rio Cuncos, que se acha por definir por acordo com Espanha em virtude da questão de Olivença.(...) A razão desta delimitação proveio do facto do troço de fronteira ao sul do Caia até ao Rio Cuncos, correspondendo à região de Olivença, nunca ter sido reconhecida por Portugal que, desde 1815, contestou a posse de Olivença pela Espanha. (...)»).

Por outro lado, prosseguia a aculturação de Olivença. Os professores, funcionários, polícias, eram todos gente estranha Olivença. E, se é verdade que o mesmo fazia o franquismo por toda a Espanha, em Olivença, perante uma realidade cultural bem distinta, o significado e a gravidade desta situação eram particularmente preocupantes.

Não se pode negar ao regime salazarista uma certa habilidade diplomática. Como, em 1968, a Espanha levava à O.N.U. a sua reivindicação sobre Gibraltar, tudo leva a crer que não foi por acaso que se lançaram as bases da posse portuguesa das águas do Alqueva, então um projeto sem data previsível. Assim, veja-se o estipulado...em 29 de

maio de 1968: «Instrumento de ratificación del Convenio y Protocolo adicional entre España y Portugal para regular el uso y aprovechamiento hidráulico de los tramos internacionales de los ríos Limia, Miño, Tajo, Guadiana y Chanza y sus afluentes, firmado en Madrid el 29 de mayo de 1968. Article III states: El aprovechamiento hidráulico de las siguientes zonas de los tramos internacionales de los restantes ríos mencionados en el artículo primero será distribuido entre España y Portugal de la forma siguiente: [...]E) Se reserva a Portugal la utilización de todo el tramo del río Guadiana entre los puntos de confluencia de éste con los ríos Caya y Cuncos, incluyendo los correspondientes desniveles de los afluentes en el tramo.»

Eis a Questão de Olivença definitivamente ligada a um projeto económico que, para dele se tirar o máximo rendimento, subentende a posse legal (e total) das águas do Guadiana! E amarrou (e amarrará...) o Estado português! Por outro lado... veja-se uma outra determinação: «*Secretaria de Estado da Informação e Turismo/Direcção dos Serviços de Censura/Boletim n.º 6/69/Lisboa, 5 de Agosto de 1969/Confidencial (a vermelho)/Vila de Olivença/ Recomenda-se muito especialmente a todas as Comissões e Delegações destes serviços que não deve ser autorizada a publicação de quaisquer artigos ou notícias que versem, sob qualquer aspecto, reivindicações sobre a vila de Olivença, os quais deverão ser SUSPENSOS e enviados a esta direcção para resolução./O DIRECTOR, (ilegível; parecem ler-se um M, um T, e um V)»*

Em trabalhos históricos, devem-se evitar juízos. Mas convenhamos que Maquiavel teria apreciado este jogo político...

## 10. A caminho do fim do Estado Novo

Os anos imediatamente anteriores à queda do Estado Novo são de alguma monotonia, já cidade que se sucederam as visitas dos Amigos de Olivença à cidade que reivindicavam, os maus colhimentos, e as queixas constantes e vãs junto do Governo. Hernâni Cidade, o Presidente do

grupo, e Ricardo Rosa y Alberty, secretário, opositoristas ao regime, desesperavam. Segundo uma neta de Hernâni Cidade, algumas das reuniões da direção do Grupo eram rodeadas da maior cautela e algum secretismo.

Nos finais de 1973 e começos de 1974, funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros e algumas figuras de destaque referiram, uma e outra vez, que, na Comissão Internacional de Limites, a delegação espanhola tinha considerado em geral corretas as pretensões portuguesas sobre Olivença. Permanece por saber o que se passou, e porquê. Uma nova orientação do regime, no consulado de Marcelo Caetano? Como esta informação surgiu em Manuais Escolares da época, algo passou seguramente. Haverá registos?

O 25 de Abril de 1974 encheu naturalmente de esperança a Direção do Grupo dos Amigos de Olivença. O seu anticolonialismo ia, pensavam os seus membros, deixar de ser um obstáculo!

## Bibliografia

ABRANTES, Ventura Ledesma (1954) – *O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivença*. Lisboa, Edição de Álvaro Pinto.

AZEVEDO, Cândido (1999) – *A Censura de Salazar e Marcelo Caetano*. Lisboa, Dom Quixote.

LUNA, Carlos Eduardo da Cruz (1994) – *Nos caminhos de Olivença*. Fronteira, Gráfica Fronteirense (Teixeira), Edição do Autor.

ELEUTÉRIO, Vítor Luís (19.11.1995) – “Amigos de Olivença (Tão Amigos como Dantes)”. In: *Revista do Correio da Manhã*. Lisboa.

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO/DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CENSURA (05.08.1969) – “Vila de Olivença”. Lisboa, Boletim N.º 6/69.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1997) – “Do 28 de Maio ao Estado Novo”. In: *História de Portugal*. Lisboa, Verbo, Vol. XIII (1926-1935).

VICENTE, Ana (1992) – *Portugal Visto pela Espanha*. Lisboa, Assírio & Alvim

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA



ALTER DO CHÃO



FOICIDADEMUITOOPPULENTANAANTIGUI  
DADEOSROMANOSAFUNDARAMPELOSAN  
NOSDOMUNDO3800(204ANTESDEJESUSCHR  
ISTO)OUTROSASUPPÕEMFUNDAÇÃO MUIT  
OMAISSANTIGA(DOSTURDULOSOUDOSCEL  
TAS)EQUEOSROMANOSSÓAAMPLIARAMEA  
FORMOSEARAMCOMTEMPLOSEEDIFICIOS